



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO DE PESQUISA CURRÍCULO E FORMAÇÃO (FORMACCE)**

**ÓRFÃOS DE ANCESTRALIDADE:  
UMA *TEORIA LOCAL* SOBRE SOFRIMENTO PSÍQUICO  
ENTRE UMA *BRANQUITUDE CRÍTICA* JOVEM UNIVERSITÁRIA**

**Fábio Giorgio Santos Azevedo**

**Orientador: Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo**

**SALVADOR**

**2024**

Fábio Giorgio Santos Azevedo

ÓRFÃOS DE ANCESTRALIDADE:  
UMA TEORIA *LOCAL* SOBRE SOFRIMENTO PSÍQUICO  
ENTRE UMA *BRANQUITUDE CRÍTICA* JOVEM UNIVERSITÁRIA

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor ao  
Programa de Pós-graduação em Educação  
da Universidade Federal da Bahia.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo

Salvador

2024

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Azevedo, Fábio Giorgio Santos.

Órfãos de ancestralidade [recurso eletrônico] : uma teoria local sobre sofrimento psíquico entre uma branquitude crítica jovem universitária / Fábio Giorgio Santos Azevedo. - Dados eletrônicos. -2024.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Educação-Aspectos sociais. 2. Ancestralidade. 3. Branquitude Crítica. 4. Saúde mental. 5. Juventude. 6. Universidades e faculdades. I. Macedo, Roberto Sidnei. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação. III. Título.

CDD 370.115 - 23. ed.

## DEDICATÓRIA

*Aos meus avós, às juventudes, e ao meu filho - esse vasto mundo peito adentro*

*af(l)ora.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa, Carol Cunha, e a Benjamin, meu filho, pela espera, e por me ensinarem a arte da paciência, do sorriso e de amar o necessário;

Agradeço à minha mãe, pela generosidade com que me lançou ao mundo, feito coração fora do peito; e ao meu pai, pelo exemplo de amor à sabedoria, aos livros, e ao silêncio;

Agradeço às memórias legadas por dona Auxiliadora, avó da minha esposa, que nos deixou na pandemia, e através dela, a todas as nossas famílias de sangue e agregadas;

Agradeço à galera da CISMA (*Comunidade Itinerante de Saúde Mental*), e, em nome dela, a todas/os/es as/os estudantes com os quais pudemos conviver nesses dezoito anos de docência, sem os quais a vida seria menos instigante;

Agradeço a tio Lero, e em sua memória, aos meus antepassados, conhecidos e aos que nem sei, por esse gosto nostálgico do futuro, que há de ser, voltar pra roça;

Agradeço ao professor Roberto Sidnei Macedo, meu orientador, pela confiança e pela coragem com que acompanha e estimula a aventura da pesquisa, e acolhe os riscos do *autorizar-se*;

Agradeço à professora Jaileila Araújo, pela presença em nossa banca de qualificação, quando pôde expressar sua gentileza com o *problema* alheio, e sua sensível argúcia crítica;

Agradeço aos amigos Leonardo Silveira e Leonardo Cunha, por terem me proporcionado viver a solidão da escrita, no aninho bruto da Terra, e de beija-flores e besouros, coqueiros, ventania, música, chuva, escuridão. Trovoadas, vinho tinto, oração. Imbassá, Lençóis, Capão;

Agradeço a todas/os/es que trabalha(ra)m por mim, para me alimentar e vestir, enquanto me dou/dava ao luxo laborioso de ler e escrever;

Agradeço ao privilégio de estar vivo, e com alguma “saúde mental”, apesar da pandemia e do pandemônio dos últimos anos no Brasil;

Agradeço ao Mato das Águas, ao Poço das Iaras, às visagens, ao Nordeste semi-árido do *sentirpensar* feito encantaria.

Viva São João, Xangô menino!

## RESUMO

A despeito das diferentes modalidades e condições de sua aparição, nos últimos anos, o sofrimento psíquico no cotidiano da Educação, e a necessidade de cuidar da “saúde mental” de estudantes, vêm ecoando feito bordão. Em contextos universitários, e fora deles, e em tantos outros dentro e foras que enfeixam em gomos os traçados do mal-estar na atualidade, algo resvala na formação acadêmica. Convivendo com uma *branquitude crítica* (CARDOSO, 2010), jovem e privilegiada, em um curso de psicologia de uma faculdade particular, compusemos uma *teoria local* ao redor de suas aflições. Desviando o olhar para longe, concebeu-se o sofrimento não como algo que se reduziria ao “psiquismo”, e sim como um “trauma do esquecimento” (BRASILEIRO, 2022), quase-causa de um “desvio existencial” (SIMAS; RUFINO, 2019) impetrado pelo colonialismo. Nesse sentido, para abordar o sofrimento das/os estudantes, a noção de “saúde mental” e “sofrimento psíquico” foram vergadas ao encontro de outras cosmologias e concepções de “humanidade”. Permanecendo em uma *zona epistemológica liminar*, pusemos alguns elementos expressos em cosmologias afro-diaspóricas, e cerzidos pela *lógica da ancestralidade* como princípio organizador (OLIVEIRA, 2021), em contraste com a *desencantada* cosmovisão ocidental, para pôr em perspectiva os valores que subjetivam as experiências da jovem branquitude crítica em tela. Fiado em experiência própria, e nos rastros-cicatrizes deixados no correr do tempo, a pesquisa enlaçou memórias do pesquisador quando jovem estudante, e do agora professor, mesclando tempos e acontecimentos deslocados e condensados. As inspirações para o modo de proceder com a pesquisa, certamente traídas pelas inflexões operadas sob pertinência, foram variadas, ao modo de uma “bricolagem metodológica” (MACEDO, 2016): *autoetnografia* (SANTOS, 2017), *etnobiografia*, *etnoficção* (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012), *autoficção* (KLINGER, 2012; NORONHA, 2014), *pesquisa acontecimental* (MACEDO, 2016), *conversa* (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018), *pensamento liminar* (BARRENTO, 2012). Para compor a estilística do texto, foram encorajadoras as autoras: Glória Anzaldúa (2000), bell hooks (2019) e Grada Kilomba (2019). Para acudir o sofrimento provocado pela ocidentalização desencantadora da vida, cultivar a *espiritualidade* ao modo de ativar uma *ancestralidade expandida*. Rebobinar em si os próprios valores, perscrutar sua constituição *sensível*, procedendo a uma espécie de auto-análise “cultural” de si, a contrapelo das histórias oficiais. Cismar com os elementos históricos que constituíram e constituem nossa sensibilidade e conhecer trajetórias que nos antecederam, e refazer, ou inventar, eles perdidos. Compor a si um *laço com a Terra*, desbordando o humanismo ocidental, ampliando o foco, ou desfocando o *cogito, ergo sum* rumo ao seio da Terra, aos entes não-humanos e extra-humanos. Alastrar, universo afora, nossa capacidade de identificação e pertencimento. Imantar a ambiência universitária com um “clima” propício ao refazimento dos laços esgarçados pelo desencanto. Ciência e poesia reatadas em seus elos rompidos, constituindo um *regime poético*. A *sensibilidade* a preceder a epistemologia. Um *regime poético* na academia como assunção do entrelaçamento entre vida e conhecimento, como atenção privilegiada à *relação* como substrato e componente decisivo de uma utopia-mundo.

Palavras-chave: ancestralidade; branquitude crítica; sofrimento psíquico; juventude; universidade.

# **HUÉRFANOS DE ANCESTRÍA: UNA TEORÍA LOCAL SOBRE EL SUFRIMIENTO PSÍQUICO ENTRE UN JOVEN UNIVERSITARIO CRÍTICO BLANCO**

## **RESUMEN**

A pesar de las diferentes modalidades y condiciones de su aparición, en los últimos años, el sufrimiento psicológico en el día a día de la Educación, y la necesidad de cuidar la “salud mental” de los estudiantes, viene resonando como un eslogan. En los contextos universitarios, y fuera de ellos, y en tantos otros dentro y fuera que aglutinan las líneas generales del malestar actual, algo se deslizó en la formación académica. Conviviendo con una blancura crítica (CARDOSO, 2010), jóvenes y privilegiados, en un curso de psicología en una universidad privada, compusimos una teoría local en torno a sus padecimientos. Mirando hacia otro lado, el sufrimiento fue concebido no como algo que pudiera reducirse al “psiquismo”, sino más bien como un “trauma del olvido” (BRASILEIRO, 2022), casi causa de una “desviación existencial” (SIMAS; RUFINO, 2019) provocado por el colonialismo. En este sentido, para abordar el sufrimiento de los estudiantes, se alinearon las nociones de “salud mental” y “sufrimiento psicológico” con otras cosmologías y concepciones de “humanidad”. Permaneciendo en una zona epistemológica liminal, colocamos algunos elementos expresados en cosmologías afrodiaspóricas, y zurcidos por la lógica de la ascendencia como principio organizador (OLIVEIRA, 2021), en contraste con la desencantada cosmovisión occidental, para poner en perspectiva los valores que subjetivan experiencias de blancura crítica juvenil en la pantalla. A partir de la experiencia personal y de las huellas dejadas en el tiempo, la investigación vinculó recuerdos del investigador como joven estudiante y del ahora profesor, mezclando tiempos y acontecimientos desplazados y condensados. Las inspiraciones para la forma de proceder de la investigación, ciertamente traicionadas por las inflexiones hechas bajo la relevancia, fueron variadas, en forma de “bricolage metodológico” (MACEDO, 2016): autoetnografía (SANTOS, 2017), etnobiografía, etnoficción (GONÇALVES ; MARQUES ; CARDOSO, 2012), autoficción (KLINGER, 2012; NORONHA, 2014), investigación de eventos (MACEDO, 2016), conversación (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018), pensamiento liminal (BARRENTO, 2012). Para componer la estilística del texto se apoyaron los autores: Glória Anzaldúa (2000), bell hooks (2019) y Grada Kilomba (2019). Para aliviar el sufrimiento causado por la desencantadora occidentalización de la vida, cultive la espiritualidad para activar una ascendencia ampliada. Rebobinar los propios valores, escudriñar su constitución sensible, realizar una especie de autoanálisis “cultural” de uno mismo, a contrapelo de las historias oficiales. Pensar en los elementos históricos que constituyeron y constituyen nuestra sensibilidad y conocer las trayectorias que nos precedieron, y rehacer, o inventar, vínculos perdidos. Componer un vínculo con la Tierra, ir más allá del humanismo occidental, ampliar el foco o desdibujar el cogito, ergo sum hacia el corazón de la Tierra, hacia los seres no humanos y extrahumanos. Difundir, por todo el universo, nuestra capacidad de identificación y pertenencia. Inmanar el ambiente universitario de un “clima” propicio para reconstruir los vínculos desgastados por el desencanto. Ciencia y poesía reunidas en sus vínculos rotos constituyendo un régimen poético. La sensibilidad precede a la epistemología. Un régimen poético en la academia como presupuesto del entrelazamiento entre vida y conocimiento, como atención privilegiada a la relación como sustrato y componente decisivo de una utopía-mundo.

Palabras clave: ascendencia; blancura crítica; sufrimiento psicológico; juventud; universidad.

## **ANCESTRY ORPHANS: A LOCAL THEORY ABOUT PSYCHIC SUFFERING AMONG A CRITICAL WHITENESS YOUNG UNIVERSITY STUDENT**

### **ABSTRACT**

Despite the different modalities and conditions of its appearance, in recent years, psychological suffering in the daily life of Education, and the need to take care of the “mental health” of students, has been echoing like a catchphrase. In university contexts, and outside them, and in so many other insides and outsides that bundle together the outlines of current malaise, something slipped in academic training. Living with a critical whiteness (CARDOSO, 2010), young and privileged, in a psychology course at a private college, we composed a local theory around their afflictions. Looking away, suffering was conceived not as something that could be reduced to the “psychism”, but rather as a “trauma of forgetfulness” (BRASILEIRO, 2022), almost the cause of an “existential deviation” (SIMAS; RUFINO, 2019) brought about by colonialism. In this sense, to address the suffering of students, the notion of “mental health” and “psychological suffering” were aligned with other cosmologies and conceptions of “humanity”. Remaining in a liminal epistemological zone, we placed some elements expressed in Afro-diasporic cosmologies, and darned by the logic of ancestry as an organizing principle (OLIVEIRA, 2021), in contrast to the disenchanting Western worldview, to put into perspective the values that subjectify experiences of young critical whiteness on screen. Based on personal experience, and on the traces left over time, the research linked memories of the researcher as a young student, and of the now professor, mixing displaced and condensed times and events. The inspirations for the way of proceeding with the research, certainly betrayed by the inflections made under relevance, were varied, in the form of a “methodological bricolage” (MACEDO, 2016): autoethnography (SANTOS, 2017), ethnobiography, ethnofiction (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012), autofiction (KLINGER, 2012; NORONHA, 2014), event research (MACEDO, 2016), conversation (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018), liminal thinking (BARRENTO, 2012). To compose the stylistics of the text, the authors were encouraging: Glória Anzaldúa (2000), bell hooks (2019) and Grada Kilomba (2019). To alleviate the suffering caused by the disenchanting Westernization of life, cultivate spirituality in order to activate an expanded ancestry. Rewinding one's own values, scrutinizing their sensitive constitution, carrying out a kind of “cultural” self-analysis of oneself, against the grain of official histories. Think about the historical elements that constituted and constitute our sensitivity and learn about the trajectories that preceded us, and redo, or invent, lost links. Composing a bond with the Earth, going beyond Western humanism, expanding the focus, or blurring the cogito, ergo sum towards the heart of the Earth, towards non-human and extra-human beings. Spread, throughout the universe, our capacity for identification and belonging. Immanate the university environment with a “climate” conducive to rebuilding ties frayed by disenchantment. Science and poetry reunited in their broken links, constituting a poetic regime. Sensitivity precedes epistemology. A poetic regime in academia as an assumption of the intertwining between life and knowledge, as privileged attention to the relationship as a substrate and decisive component of a world-utopia.

Keywords: ancestry; critical whiteness; psychological suffering; youth; university.

## SUMÁRIO

### 1. COSMOGÔNICA

1.1 Maldição e aprendizado .....	10
1.2 E se fez tese .....	15
1.3 Ousar “erguer a voz” .....	18
1.4 Uma <i>teoria local</i> .....	21
1.5 Dedicatória-perfil de uma juventude .....	27
Carta de Apresentação .....	33

### 2. FIGURAÇÕES DO SOFRER

2.1 Miséria do mundo .....	46
2.2 Tempo, excesso, esgotamento .....	50
2.3 Miséria da experiência .....	54

### 3. ESCRITA COMO PRÁTICA DE CUIDADO

3.1 Escrita e colonialismo .....	58
3.2 O ficcional como vetor de subjetivação .....	64
3.3 Cuidado de si, escrita e <i>autorrecuperação</i> .....	67
3.4 <i>Autoficção</i> .....	74
3.5 Das “escritas de si” à <i>autoficção</i> .....	77
3.6 A atualidade (perigosa) da <i>bioficção</i> .....	83
3.7 Escrita e endereçamento .....	86

### 4. SOFRIMENTO PSÍQUICO, UMA CONCEPÇÃO APÓCRIFA

4.1. “Conflito de zona fronteiriça”.....	90
4.2 O “Trauma do esquecimento” .....	96

### 0. MARCO ZERO

0.1 <i>Mea culpa</i> .....	102
----------------------------	-----

0.2 Uma viragem na sensibilidade .....	107
<b>5. APRENDIZ DE FEITICEIRO</b>	
5.1 Sala de aula .....	110
5.2 Avaliações .....	116
5.3 Cismar o currículo .....	120
5.4 A <i>CISMA</i> .....	123
5.5 <i>Diário de Quarentena</i> .....	124
5.6 Da <i>CISMA</i> feita comunidade .....	127
<b>6. ANCESTRALIZAR, VERBO EM TRANSE</b>	
6.1 A busca pelo avesso .....	140
6.2 O avesso da busca .....	144
6.3 Cultivar a “espiritualidade” .....	148
6.4 <i>Ancestralidade expandida</i> .....	152
<b>7. POR UM REGIME POÉTICO NA ACADEMIA</b>	
7.1 Universidade para que? Para quem? .....	161
7.2 Um regime poético para bem (con)viver .....	164
<i>ALUCINAÇÃO</i> .....	168
<b>8. REFERÊNCIAS</b> .....	170
<b>9. APÊNDICE</b> .....	176

*O planeta terra não pode se sustentar sem a chuva. Luz do sol. Ele não produz o sol, o vento. Ele não produz o vento. Tudo que nosso planeta produz são os corpos mortos da humanidade. Tudo mais vem do espaço sideral, de regiões desconhecidas. A vida humana depende do desconhecido. O conhecimento é ridículo quanto atribuído ao ser humano.*

Sun Ra

# 1 COSMOGÔNICA

## 1.1 Maldição e aprendizado

Em 2020, assombraria os terráqueos a pandemia da COVID-19. Decretado o distanciamento social pelas autoridades governamentais, no Brasil, na segunda quinzena de março de dois mil e vinte, o sofrimento transbordaria por todos os lados e maneiras. O pavor do contágio e da morte. O medo do outro repaginado e justificado. Foram praticamente dois anos saindo apenas para o essencial, sob o privilégio caseiro de uma nova rotina conflagrada à revelia. Tornariam-se habituais o sobressalto do medo, a angústia e a incerteza. Vida de pontacabeça. “Reinventar-se” viraria palavra gasta. Esgarçada até não mais poder.

Na faculdade onde leciono as atividades seriam interrompidas a 17 de março de 2020, se a memória não falha. Cerca de um mês depois retomáramos as aulas em modo Educação Digital, à distância. Nas “salas de aula” telepresenciais, câmeras quase todas desligadas, o olhar boiava à deriva em busca de cais, enquanto o pensamento insistia em escapar. Teriam ouvidos, coração e outros sentidos, as pessoas planas atrás das paredes mudas de cristal líquido?

Expressão que fez moda, o “novo normal”, uma loucura que se impunha pelo costume. Mortes, mortes, mortes. Pessoas distantes, estranhas, estrangeiras. Pessoas conhecidas, amigos, parentes. Fechar os olhos, tapar nariz e ouvidos. Nada adiantava: o barulho enorme do silêncio da noite escura, o ranger de dentes, a insônia, o sobressalto do pesadelo, o mal cheiro da política genocida. A fome escalando os patamares do absurdo, o “negacionismo” e a “pós-verdade” escancarando a desilusão com a (des)ordem democrática<sup>1</sup>. Um horizonte não se vislumbrava, feito em noite sem candeeiro quando se caminha floresta densa. Algo se rompera. E não retornáramos ao velho mundo, quanto mais a um novo normal.

### Quando soa a nossa voz

---

<sup>1</sup> “De certo modo a eleição de Trump confirma, para o resto do mundo, o fim de uma política voltada para o alcance de uma meta factível. Não se trata de uma política da ‘pós-verdade’, mas sim de uma política da pós-política, ou seja, literalmente sem objeto, na medida em que ela rejeita o mundo que reivindica habitar”. (LATOURE, 2020, p. 34)

o mundo velho  
    ainda não desabou  
de vez. o mundo  
    novo já emite alguns  
sinais. não há  
    intervalo entre o que  
morre e o que  
    nasce - dentro da mente  
(entre o que vê  
    e o que não vê).  
o mundo novo  
    é do velho mundo  
a outra face.  
    os dois são de uma  
semelhança atroz.  
    viver talvez seja questão  
de ser capaz  
    de perceber qual  
deles fala quando  
    soa a nossa voz.

(Ricardo Aleixo<sup>2</sup>)

\*

Com a pandemia, não houve plano que não modificasse. Até quem planejava ficar vivo precisou repensar, e se perguntar, sobre as condições em que a vida na Terra seria desejável, ou mesmo possível. E se alguns velhos e insustentáveis hábitos valeria a pena manter sob pena da extinção planetária. À baila, sempre e outra vez, o *valor dos valores*. O pensamento, sujo de terra do deslizamento moral da *civilização*, revolvia-se à procura de uma saída da poça sem fundo para a qual a vida fora dejetada, por usura.

Ainda que em bolhas, uma pletera de cosmovisões que a empresa colonial quisera, e quer, silenciar e destruir, viria à bóia, feito achado arqueológico de um relicário ancestral. Na pandemia, talvez como nunca, circularam fabulações e sabedorias, a quem se interessasse e

---

<sup>2</sup> ALEIXO, 2022, p. 19.

pudesse acessar, em *lives*, *streamings de vídeo* e *podcasts*. Um revide, um refluxo. Uma lufada de esperanças revoava na espiral do tempo ancestral, mais outra vez ofertada, pela paciência dos antigos, em honra dos mortos. Com vidro e corte na língua, outras palavras ao ouvido da nação nunca ainda realizada.

Ter notícias dessas sabedorias que nos concernem, ainda viva e vibrante, quando a um mínimo de necessidades a vida havia se reduzido, fazia recobrar o ânimo, esperar, como se dizia. Verdadeiros tesouros em botijas a pandemia revelava, preciosidades imateriais arrancadas do ancestral chão, com argúcia, compaixão e determinação - apesar do mal feitiço civilizatório que gostaria de nos envenenar com o ressentimento<sup>3</sup>, esse *carrego colonial*<sup>4</sup> inda em curso.

Nas disputas intestinas da academia, novas narrativas, novos argumentos, novas performances, para dar sobrevida, ainda que por ignorância, a velhos afetos tristes herdados do Velho Mundo.

Passava o tempo e todo projeto depunha-se impreciso, como se nada mais fosse do que a máscara mortuária de sua intenção, parafraseando Benjamin, o Walter. Dois anos e meio de doutorado. Um ano e meio de pandemia<sup>5</sup>. O cotidiano revirado, alianças puídas, prioridades revisitadas, ou esquecidas. Em minha autóctone melancolia gentia, os tons ternos *blasé* dos humores ressaltavam, igual a quando se *ama o necessário*, ao contrário do envenenamento niilista a conta-gotas. Sem a alienação platônica cristã da felicidade como sentido de vida, mas com um singelo contentamento trágico para não desistir de inventar possíveis no impossível cotidiano.

Um dia após outro. O corpo suturado no absurdo<sup>6</sup>. Médias móveis informadas no telejornal não representavam, nem comoviam, o sentimento do horror diário das mais de mil mortes. O corpo vergava sem quebrar, apesar do desconsolo que minara os alicerces arquitetônicos dessa utopia improvável de nação, ora ainda chamada Brasil. O que havia planejado para os anos de doutoramento perdia sentido a cada alvorecer, diante da tragédia

---

<sup>3</sup> Sobre o ressentimento como sintoma social no Brasil, ver: KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. 4 ed. - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

<sup>4</sup> A expressão se encontra no livro de Luiz Rufino (2019), pedagogo e curimba, *Pedagogia das encruzilhadas*.

<sup>5</sup> Setembro, 2021.

<sup>6</sup> Ver Apêndice: Texto 22.

planetária, a que o Estado nesse país intensificaria em sofrimento e política de morte propositados, com a anuência programática do (des)governo da vez.

Atravessamentos, desconexões, distrações, devaneios. Em sobressalto e assombrado por estranhos temas, prefigurações e intuições. Tantos assuntos urgentes, tantas demandas emergentes, tanto sofrimento pungente, e a mortandade tamanha. Quando a pandemia escancarou e aprofundou desigualdades estruturais, ao sonho, sucederam pesadelo e insônia. A esperança para uns, era a vingança sonhada por outros. Tornara-se privilégio vergonhoso a pretensão a doutor, o luxo da escrita, o trabalho resguardado em casa.

Apesar do desgosto, e com pesar, procurava fincar pensamento em objetivo, ao menos ao modo de encontrar, para o doutorado, alguma pertinência “da hora”. Perguntava-me, dia após dia, sobre a relevância social da pesquisa e sua potencial capacidade em tocar a carne crua de alguma tangível realidade compartilhada.

Não se tratava de, por empaco em beco sem saída, soçobrar ao utilitarismo do “pra que serve”, esse voluntarismo herdado de um tipo de humanidade buliçosa e que pensa-que-sabe o Bem. Graças aos longos anos atuando como psicólogo em comunidades, havia superado alguma benevolência ingênua, cínica ou romântica, de quem quer salvar os outros, assim como a arrogância dissimulada, à esquerda, dos que pretendem conscientizar alienados. Afinal, não fora a usura capitalista, em conluio com o utilitarismos científico e a resiliência cristã, a nos colocarem nesse vexame nomeado *civilização*, com sua ordem e seu progresso lustrados pelo Estado e apontados para o fim do mundo? Não seria, por exemplo, a tão almejada *inclusão social* no mundo civilizado, ao molde cristão-capitalista-democrata, essa utopia progressista de esquerda modernosa, a exclusão simbólica - a exclusão material é mais fácil perceber - de outras bem mais antigas e sábias cosmológicas?

Nada é simples quando se lida com crenças e valores em meio a uma guerra de narrativas. Para alguns, a torre de marfim da academia lhes sobe à cabeça, enterrando-se na bolha, restando uma estabilidade *fake*. Chegaríamos ao ponto de precisar defender a Ciência, mesmo sabendo de sua contribuição na empresa colonial em curso, racionalizando o Absurdo da escravização e do tráfico de pessoas africanas, e da catequese e do genocídio indígenas. A miúdo, do problema também sentia-me parte: branco na certidão, declarado pardo, não como papel, mas como os gatos são à noite.

\*

A primeira morte por COVID-19<sup>7</sup> no Brasil que teria notícia, seria a de Rosana Aparecida Urbano. Cinquenta e sete anos, “trabalhadora doméstica”, segundo circulou nas mídias, teria sido contaminada pela patroa que retornara de viagem da Europa, da Itália - país europeu que à época registrava o maior número de mortes pela COVID-19 no globo terrestre<sup>8</sup>.

A notícia ampliou o horizonte de imbróglis que a pesquisa já me fazia espiar. Nada de novo. Incontornável não rememorar a dizimação das nações indígenas originárias por doenças infectocontagiosas transmitidas pela balbúrdia que foi a invasão dessas *plagas* por europeus. E desde então, o programático genocídio “invisível”, perpetrado desde o século XVI por fazendeiros, criadores de gado, grileiros, garimpeiros, destilando doenças como armas biológicas, estuprando e extinguindo povos inteiros.

Um avião sobrevoa os campos e despeja dos céus brinquedos infectados pela gripe. Criadores de gado atraem uma tribo desavisada a um povoado que enfrenta uma grave epidemia. Fazendeiros largam estrategicamente pelo chão mudas de roupa contaminadas com varíola<sup>9</sup>.

Ficara inevitável, mesmo imprescindível, buscar um modo de infletir nossos planos privilegiados de pesquisa ao encontro das vozes ancestrais, talvez as únicas capazes de nos fazer conseguir escavar, no presente, a sabedoria memorável feito dádiva da experiência incorporada, que se deveria passar para a frente. Vozes que, entanto o prestígio em suas comunidades, clamam aos poderes constituídos pelo Estado (mais essa herança colonial), por justiça na Terra, por uma vida menos iníqua.

Ficara incontornável, tanto quanto intolerável, mirar o colonialismo e enxergá-lo na raiz-de-todos-os-males. Seria no mínimo estranho não se perguntar a que serviria essa pesquisa. E quando a resposta sobreveio, límpida, foi preciso distender as pretensões iniciais.

---

<sup>7</sup> Doença respiratória grave causada pelo coronavírus Sars-cov-2.

<sup>8</sup> Fonte: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em 05/02/2021.

<sup>9</sup> Fonte: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53452614>>. Acesso em 05/02/2021.

## 1.2 E se fez tese

*Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?*

Walter Benjamin

Como disse, durante a pandemia, até certo ponto, libertaram-me da clausura as janelas que se abriram em forma de *lives* e *podcasts* nas redes sociais. Posta a questão do “fim do mundo”, não foram poucos os prognósticos vindos de diversos campos, das neurociências às cosmologias ameríndias. Até parecia que finalmente havíamos reencontrado o mais próximo, o sempre ao lado, mas que, como água para o peixe, era o mais difícil enxergar. Buscava saber, ocupar a cabeça e o coração na instiga de outros pensamentos, outras palavras. Não era de hoje que me interessava por estudos “históricos” e “antropológicos” ao redor dos brasis e sua (de)formação controversa, suas misturas forçadas, seus amálgamas cínicos sob um fundo de pilhagens e trapaças mortíferas. E as criações - redescobertas.

O interesse pelas cosmologias ameríndias e afro-diaspóricas agora surgira feito um “não te disse”, e, como nunca antes, obrigava-nos a calar e escutar sabedorias milenares, no mais das vezes silenciadas, desmerecidas, charlatanizadas, ou meramente alçadas a fetiche de uso facultativo e exótico pela *intelectualia* acadêmica de “vanguarda”. Era como se um portal houvesse sido aberto para quem o pudesse alumbrar, e uma profusão de referências não canônicas por ele passaria, aos bocados.

A convivência em família intensificaria problematizações acerca dos papéis de gênero e da dominação patriarcal indefensável. Meu interesse pelo feminismo, suas razões e perspectivas, passaria a ser pauta cotidiana, levado a uma espécie de auto-análise constante, burilado por conversas e controvérsias com minha companheira, e leituras de autoras feministas negras.

Quando dei por mim, conheci Glória Anzaldúa, bell hooks e Grada Kilomba. Mulheres negras, com um estilo de escrita intimista, pessoal e, ao mesmo tempo, política.

Todas tematizaram a escrita como cerne em sua trajetória existencial, pessoal e acadêmica. O contato com essas autoras me faria rever o modo como pensava a escrita da tese e, ao mesmo tempo, fortalecia intuições sobre o sentido da escrita acadêmica como ato estético e político<sup>10</sup>.

Essas mulheres infundiram coragem para assumir o que já havia feito em um livro<sup>11</sup>, quando aliamos experiência pessoal e conhecimento científico. Aliás, o flerte entre arte e ciência, escrita acadêmica e literatura, há muito me ocupava. Ler as vozes dessas mulheres apaziguou o desconforto de, em certa medida, trair a ciência hegemônica que concebe uma escrita pessoal e poética como algo superficial, ao largo de sua importância política e epistemológica. Quando lêem esse tipo de escrita, nada mais percebem do que serem narcisicamente belas, talvez porque reduzem o poético ao beletrismo, esquecendo (?) que a força poética consiste exata em sua aspereza, e na insurreição que provoca ao desalojar sentidos bem acomodados<sup>12</sup>. “... a poesia não é uma diversão nem uma exibição de sentimentos ou de belezas. Ela também informa um conhecimento que não poderia ser atingido pela obsolescência”. (GLISSANT, 2021, p. 109) Entendem ainda a prosa poética em textos acadêmicos como penduricalho estilístico, sem interesse heurístico, posto que faltaria “profundidade” e generalidade. Fazem parecer que misturar o existencial e o científico seria maneira de contornar o desafio da neutralidade e da objetividade, pela saída “fácil” do mergulho na própria experiência, *localizada*, incomensurável e irreduzível a um escrutínio rigoroso e padronizado - únicos meios pelos quais mereceriam o selo de conhecimento válido.

As intelectuais *negras*, contrariando o academicismo conservador, (re)nomeariam a si e aos seus *locais* de fala, e de escrita. Construiriam seus discursos a partir de “suas” próprias realidades, criando um novo discurso com uma *nova linguagem*, pessoal e poética.

O discurso das/os intelectuais *negras/os* surge, então, frequentemente como um discurso *lírico* e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de bell hooks. (KILOMBA, 2019, p. 58-59, *grifo nosso*)

---

<sup>10</sup> Ver Apêndice: Texto 1.

<sup>11</sup> AZEVEDO, Fábio Giorgio. *Das botijas da civilização: uma etnografia com a Fundação Casa Grande*. Salvador: Edufba, 2021.

<sup>12</sup> Ver: João Cabral de Melo Neto (2015): “uma poesia áspera”. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=S4D26DlxQ94>>. Acesso em: 19/05/2024.

A escrita feita ato político de descolonização, seria veículo capaz de realizar a passagem da posição de *objeto* para o lugar de *sujeito*, usufruindo a pessoa do direito de definir sua própria realidade, estabelecer sua própria identidade e nomear sua própria história. Foi o que disseram. (hooks, 1989, p. 42 apud KILOMBA, 2019)

Para uma escrita como ato político, uma epistemologia que inclui o pessoal e o subjetivo, pontos de partida e chegada legítimos ao discurso acadêmico. “Pois *todas/os* nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas - não há discursos neutros”. (KILOMBA, 2019, p. 58, *grifo nosso*) O discurso “neutro”, “objetivo” ou “universal”, afinal, nada mais seria do que o lugar “dominante”, visto que *todas/os* falaríamos de um lugar específico, *local*. O mesmo quanto à teoria, “sempre posicionada em algum lugar e escrita por alguém”. (KILOMBA, 2019, p. 58)

Para Kilomba, o ato de descolonização operado em sua escrita fôra um *ato político* de *reinvenção de si mesma*. O que implicara em atribuir uma nomeação da realidade desde a sua experiência, realidade “que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada”. (KILOMBA, 2019, p. 28) A sua escrita seria a expressão de um duplo desejo: “o de se opor àquele lugar de ‘Outridade’ e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo”. (KILOMBA, 2019, p. 28) Daí a escolha em narrar as emoções e a subjetividade como parte do discurso teórico em seus ensaios. Escrever se configuraria como uma forma de *tornar-se sujeita*, indo além da oposição (ao racismo), e agindo de modo afirmativo para preencher um vazio aberto. (hooks, 1990, P. 15 apud KILOMBA, 2019)<sup>13</sup>

Nos ensaios publicados no livro, Grada Kilomba expressaria a realidade *psicológica* do racismo cotidiano, baseada em relatos *subjetivos*<sup>14</sup>, *autopercepções* e *narrativas biográficas*. (KILOMBA, 2019, p. 29) Mas Kilomba não escreveria *sobre* as mulheres negras que lhe confiaram suas histórias. Se se trata do ato político de *reinventar-se* através da escrita, utilizando-a como resposta afirmativa ao racismo cotidiano, Grada mergulha em sua própria experiência e a envolve com as narrativas das mulheres, falando na primeira pessoa do plural: “em *nosso* próprio nome”, “sobre *nossa* própria realidade” e a partir de “*nossa* perspectiva” (*grifos nossos*).

---

<sup>13</sup> Ver Apêndice: Texto 2.

<sup>14</sup> Ver Apêndice: Texto 18.

### 1.3 Ousar “erguer a voz”

Outra inspiradora feminista negra, lida por mim durante a pandemia, foi bell hooks.

No prefácio à edição brasileira de *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black* (1989), Mariléa de Almeida contaria sobre seu primeiro contato com o livro de bell hooks, em 2015, por ocasião do seu doutorado-sanduíche na Universidade de Colúmbia. Havia planejado ler o livro na biblioteca do campus, mas de tal maneira fora interpelada pela narrativa que precisou ir para casa. “No meu quarto, pude chorar, respirar, voltar a ler, chorar de novo. As experiências narradas por bell hooks mesclavam-se às minhas”. (hooks, 2019, p. 9, grifo nosso)

Embebido em carga emocional, *Talking Back* seria o primeiro livro acadêmico onde bell hooks escreveria sobre aspectos íntimos. Para Mariléa, com *Talking Back*, bell hooks teria radicalizado a máxima feminista “o pessoal é político”, articulando “dimensões privadas às teorizações feministas”. (hooks, 2019, p. 10)

Entanto, para Mariléa, o “falar de si” em bell hooks não deveria ser compreendido como “um ato narcísico de autopromoção, mas como um exercício de *autorrecuperação*”. Expressão de uma ética no *cuidar-se* que não estaria apartada do cuidado com os outros, conforme enfatizara Foucault a respeito da “atitude *parresiástica*” em seus estudos acerca do *cuidado de si* na Antiguidade pagã ocidental. (hooks, 2019, p. 13-14)

No prefácio à edição brasileira de *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*, bell hooks lembraria que, em seu primeiro livro, achara necessário seguir à risca o treinamento acadêmico de não focar no pessoal, buscando manter um erudito tom. Mas, ao passo que seu engajamento com o pensamento e a prática feministas progrediram, começaria a questionar “a noção dessa voz acadêmica que soa mais neutra”. E, desejando atrair um público amplo e diverso, perceberia a importância em “manter uma voz na escrita que me fortalecesse para falar sobre questões de uma maneira mais ampla, quase *conversacional*”. (hooks, 2019, p. 18, grifo nosso)

Percebera que nos livros anteriores não havia falado muito sobre si mesma - Gloria Jean, nome de batismo. Seu mal-estar passava por revelar o pessoal e inscrever-se no papel, com a escrita. Sua relutância e o seu incômodo refletiam experiências vividas desde a

infância, machucada que fora ao dizer verdades, por falar do seu jeito - “chocante, indomável e sagaz”. Seu mal-estar era uma espécie de *resto* do medo da punição, sempre à espreita. (hooks, 2019, p. 24)

Esses entendimentos fariam bell hooks pensar sobre a distinção público e privado, e no quanto tal oposição estaria relacionada a práticas de dominação cotidianas. E então optaria por conectar os dois, fazendo-os convergir. (hooks, 2019, p. 25)

Escrever sobre coisas *pessoais* a fazia temer romper com relações importantes (dentro e fora da família), posto que falava acerca de coisas sobre as quais não se deveria falar em privado, muito menos em público. hooks identificaria no “culto à privacidade” uma maneira de silenciar mulheres negras. De modo que encontrar a (*própria*) voz seria, para ela, “uma das formas mais poderosas de mudar vidas por meio do pensamento e da prática feministas”. *Encontrar uma voz* seria uma maneira de transformar o *eu* e a sociedade. (hooks, 2019, p. 21)

A traição que significava *erguer a voz* para contar suas histórias, parecia-lhe uma rebelião contra a dominante autoridade. “Parecia adequado, então, que eu chamasse este livro de *Erguer a voz*, pois seria a primeira publicação em que eu *vincularia a narração da minha história com a escrita teórica*”. (hooks, 2019, p. 20, *grifo nosso*)

Sua auto-exigência em ser verdadeira consigo mesma, e compartilhar feridas, expressaria um esforço *político* de falar abertamente sobre as “dores causadas pela dominação e exploração e opressão”, como uma maneira de *curar-se*. Vincular ideias e teorias a experiências pessoais seria um modo de *autorrecuperação*. Ser sincera, estar bem e falar a verdade, para bell hooks, se mostraria como “pôr os cacos partidos do coração no lugar mais uma vez”. (hooks, 2019, p. 25)

Por outra, se o *cuidado de si* implicaria cuidado com os outros, narrar suas experiências pessoais, somadas a ideias e teorias, em modo conversacional, pretendia conseguir tornar o abstrato tangível, possibilitando que outras pessoas se identificassem e se agarrassem a algo que pudessem levar consigo. (hooks, 2019, p. 26)

Tratava-se de ser genuína, e de ser *real* (“como o que as pessoas negras querem dizer quando falam ‘cair na real’”). Ser *real* como exigência por reparação e transformação de uma história colonial de traições, mentiras e enganações. Expor a “falsa realidade” reiterada cotidianamente pela história colonial, através de uma verdade que adviria de contar o passado,

“como aprendemos no boca a boca, contando o presente como o vemos, sabemos e *sentimos em nossos corações* e com nossas palavras”. (hooks, 2019, p. 26-27, *grifo nosso*)

## 1.4 Uma *teoria local*

Recolhendo e regando esses ensinamentos de hooks e Kilomba, busquei seguir suas pisadas, à minha maneira, e em outro chão - aliás, muito dessemelhante.

Em uma perspectiva que considere *confluyente*<sup>15</sup> com outras pautas (até mais) urgentes, pus-me a praticar uma imersão tática entre as lutas, desde o meu lugar de ofício, imaginando desferir mais um vetor na Grande Luta - por justiça, equidade, liberdade e dignidade a todos os existentes. Em minha vida cotidiana nos últimos dezenove anos, a docência fôra, e continua a ser, um lugar privilegiado para insistir na luta. Não se tratando de hierarquizar sofrimentos, caberia a cada um/a reconhecer, construir e ampliar o seu território entre-lutas, e se lançar ao desafio que lhe seja próprio e para o qual sinta pertença como *missão* de existência.

A princípio, tomaria parte em compor uma *teoria local* ao redor do “sofrimento psíquico” de uma *branquitude crítica* (CARDOSO, 2010)<sup>16</sup>, classe-média, privilegiada, universitária. Para tanto, personagens e situações seriam ajuntadas de memória, compondo uma espécie de harmônico, feito em música<sup>17</sup>. Fiado em experiência própria, e nos rastros e cicatrizes deixados no correr-tempo, haveria muita gente mesclada, muitos tempos e acontecimentos deslocados e condensados, autores e teorias. Também coisa cavucada e puxada na memória, quando inda era um jovem universitário. E lanceada pra frente, agora docente.

A poética da pesquisa não seguiu, digamos, a forma aristotélica do enredo. Nada foi linear, nem neutro. Protagonista e coadjuvante seriam faces de um mesmo rosto em permanente desalinho, cacoete e dissonância. Aqui não se tratou de representações cravadas

---

<sup>15</sup> Nêgo Bispo.

<sup>16</sup> Lourenço Cardoso distingue, “dois tipos de branquitudes distintas e divergentes: a branquitude crítica que desaprova o racismo “publicamente”, e a branquitude acrítica que não desaprova o racismo, mesmo quando não admite seu preconceito racial e racismo a branquitude acrítica sustenta que ser branco é uma condição especial, uma hierarquia obviamente superior a todos não-brancos. (...) Portanto, ciente da tarefa complexa que é desvelar a dissimulação do preconceito racial e do racismo por parte dos brancos em nossa sociedade, somente considere branquitude crítica aquela que desaprova o racismo publicamente”. (CARDOSO, 2010, p. 611-612)

<sup>17</sup> "No ramo da acústica, um harmônico é uma onda de frequência específica de vibração, que tem como consequência causar o fenômeno de ressonância". Fonte: < <https://www.aprendateclado.com/harmonico/>>. Acesso em 19/10/2023.

em letras, tentando reapresentar, classificar e interpretar, os enigmas brutos e corrosivos fervidos na boca do estômago do vivido, quando a palavra mal gesticula e silencia. O que *restou* foi a reimaginação dos efeitos de acontecimentos e encontros entre vidas que mobilizaram, ativaram memórias e emoções, restando a necessidade de algo dizer. Um espelho atravessado, posto na encruza, como se diz, esse texto seria o *resto*, as sobras recolhidas no gesto de palmilhar ruína, caminhar e deixar rastro. Serrar osso de experiência para afiar tempo na costela da paciência e na coragem da incerteza do ponto de chegada. Quem sabe, uma anunciação ao modo de florir quem possa.

As *inspirações* para o modo de proceder, certamente traídas pelas inflexões que impus, foram variadas, ao modo de uma “bricolagem metodológica” (MACEDO, 2016): *autoetnografia* (SANTOS, 2017), *etnobiografia*, *etnoficção* (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012), *autoficção* (KLINGER, 2012), *pesquisa acontecimental* (MACEDO, 2016), *conversa* (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018), *pensamento liminar* (BARRENTO, 2012).

A moral dessa história se foi fazendo em suas personagens: o professor pardo, como a noite são os gatos, sertanejo-caboclo-indígena, a se saber branco na certidão, desejando a consciência mais pretejar. A personagem principal, se há, traçada na comunhão refratada de um feixe de múltiplas subjetivações encorporadas, memórias escavadas, revividas, reinventadas. O autor, mirando em si o atingimento de outrem, e vice-versa, no revolto vai-e-vem do rebuliço do mundo e dos encontros, cultivando uma percepção *obliquada*, prismática, através de sua própria juventude vivida nos anos 1980-90, justaposta em perspectiva com o que lhes contaram, leu, viu, vive e viveu com uma certa juventude de agora.

Uma *pesquisa vital*, recalcitrante a qualquer gramática geral de Ciência, com suas fórmulas, definições e conceitos essencializantes. Uma pesquisa que tentou apaziguar uma nossa própria ansiedade madura, podre ou encarquilhada, ante o imprevisível da incerteza e da impermanência.

Ao longo dos últimos anos (2017-2024), convivi com cerca de quinhentos estudantes, quatrocentos e sessenta e sete na graduação e trinta e três na extensão<sup>18</sup>, com idades entre dezenove e vinte e dois anos. Sob o signo da paciência, distraído e atento, interesse

---

<sup>18</sup> Informações fornecidas, respectivamente, pela secretaria da graduação e pela Pró-reitoria de Extensão.

desinteressado por imediatez, desejei com a pesquisa aproveitar para perfilar algum *saber de experiência* e compartilhar, em desalinho com certa objetividade, mas apontando para um alvo preciso. *Saber algo com* essa juventude seria uma aquisição misteriosa, frutificada com a alteridade, mas mantendo uma *ética da opacidade*<sup>19</sup>: nem tudo precisa (ou tem) explicação, e nem a todos precisamos compreender para respeitar. Da espera ao mistério revelado de uma verdade, debulhados os despojos escondidos da guerra, dos amores e da violência cotidianos, chegaria até a imaginar outras *humanidades*, bem aqui, no miúdo de cada dia, em cada conflito e praguejo, afago e bocejo, desconfiança e soslaio.

Apesar de haver entrado na Instituição de Ensino Superior onde perfiz a pesquisa em 2013, apenas em 2017 começaria atinar para os problemas que aqui desbordam. Acontecimentos e encontros orientariam um devir próprio a ser perscrutado em retrospectiva. (MACEDO, 2016, p. 33)

Com o passar do tempo, descobriria que as questões empunhadas agora estavam a baila bem antes. Quero dizer, a pesquisa se iniciara, sem o saber, antes de sua formalidade. Posso afirmar que as inquietações foram similares as que me acompanhavam já no mestrado, ou mais longe ainda, no primeiro estágio em psicologia escolar em uma escola em Fortaleza/Ceará, nos anos de 1995. Experiências seminais para a minha formação, essas que vivi na interface psicologia e educação, por ocasião dos problemas que me colocava ainda ao entrar na juventude adulta. *Pesquisa vital*.

No mestrado<sup>20</sup>, estudaria o caso de uma organização da sociedade civil, a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri. Lá se utilizam histórias e lendas da nação Kariri como uma espécie de iniciação das crianças à ancestralidade do seu *Lugar*. Envolvidas no encanto das lendas, as crianças, quando as visitei, pareciam se sentir, elas próprias, a continuidade viva, encarnada e atualizante do mito originário, e a organização da sociedade civil, a Fundação Casa Grande, se transfigurava em uma espécie de cosmogonia cotidiana, um território mítico ancestral - a lagoa encantada onde a nação nascera.

Naquela ocasião, per-segui respostas: como se molda gente? O que faz a pessoa tomar gosto pela vida? O que subjaz e sustenta a substância do sujeito? Onde, e como, a gente *segura*

---

<sup>19</sup> Ver: GLISSANT, 2005.

<sup>20</sup> Ver: AZEVEDO, 2021.

*a cabeça* quando a *coisa* pega? Como se desbasta sensibilidade? Como se coze vínculo? Onde na pessoa nascem crença e verdade?

Desde então, no ofício da docência, deparava-me imaginando respostas, testando dispositivos, inventando teorias de bolso a partir do cruzo com experiência. No fundo da cabeça, com algumas indagações, seguia os problemas que desbordavam da experiência *localizada* como docente.

A pouco e pouco, um saber *molecular* fermentaria, e, passado algum tempo, sob a agitação das ondas e modas acadêmicas por afirmações peremptórias, decantariam muitas dúvidas, e algumas pistas. Algum conhecimento parecia ter sido extraído, não de um método predefinido, e sim de uma ética, a *busca* obstinada por alguma solução *local* a um problema que suspeitava ser mais geral.

Apesar de ser uma pesquisa envolvendo uma juventude em sofrimento, não se tratou de compreendê-las, interpretá-las, nem explicá-las, sobretudo a elas mesmas, ou muito menos querer salvá-las de um mundo vão - às vezes uma vontade egoísta do adulto de afastar a própria angústia, travestida de altruísmo ou empatia. Tratou-se de provocá-las, deixar que se mostrassem, e escutá-las em sua sabedoria inconformada. Era o que vinha fazendo, aliás, desde quase o princípio da docência, sem reflexividade de pesquisa, mas para honrar ofício de educador.

Também não se trataria de falar *sobre* as juventudes. Mas revisitar o que tocou, e toca, nas delgaças do corpo, como uma dádiva que se recebe, e apor às suas narrativas (orais e escritas), reunidas de memória (minha e do computador), aquilo que se passou comigo, e obrigou a *sentirpensar*.

Para ajudar com a rememoração, o procedimento foi revisitar registros (principalmente os textos escritos dos estudantes em contextos de avaliação), produzidos desde um período em que sequer pensava em doutorado, como disse, e muito menos que poderiam vir a ser um material para utilização em pesquisa formal. Coisas *parciais* e *situadas*. (HARAWAY, 2009)

Nos últimos sete anos, seriam diversos os formatos e as propostas avaliativas<sup>21</sup> para *fazer falar* a juventude com a qual convivo, e que por mim transpassa a minha própria. Em

---

<sup>21</sup> As inquietações que geraram as propostas avaliativas (temáticas, critérios de avaliação, formatos), ao serem revisitadas, ao modo de sistematização, foram a estrela-guia da deriva pesquisante. Assim como os textos das/os estudantes funcionaram para orientar a pertinência das inspirações teóricas utilizadas.

sala de aula, ou em projetos de extensão, o intuito fora estar em meio, ou *gerar*, *acontecimentos*, para então escutar, ler e meditar juntos/as/es. Parturejar a expressão de suas experiências, ao propiciar encontros “pedagógicos” suficientemente profícuos. Encontros onde buscaria mesclar alguma intencionalidade com erráticas divagações de momento; proposições programáticas com o acolhimento do imprevisto; aulas expositivas com rodas de conversa; preleções teóricas com anedotas de vida. Até que um acúmulo de achados foram como que grudando em mim, mostrando-se pertinentes, pela persistência, ou pela repetição, semestre após semestre, nas diferentes turmas, e em suas variadas composições humorísticas.

Tanto mais focado, maior deveria ser a abertura. Dessa calibragem dependeriam os resultados, mas, sobretudo, a qualidade do caminhar e a singularidade dos achados. O grau de determinação para realizar um projeto planejado, pode ser, para efeito de precisão, diretamente proporcional à deriva do pensamento em sua reflexividade forasteira, portanto, à criação. E para *transcriar* em texto, algo vivido com a passagem dos afectos por dentro do corpo, seria necessário captar o corte, e encontrar uma *sensibilidade* técnica, para tatuar as cicatrizes (experiência) na letra escrita da palavra.

No transcurso de um problema que se delineia, encontros de toda sorte podem acontecer. Mas os encontros com as autoras e os autores acabam por vir sempre depois do problema instalado. Fora assim nosso proceder: identificados pela reciprocidade de interesses e temáticas, as/os autoras/es foram considerados pertinentes ao uso também pela atmosfera que emanavam, pelo estilo e pelo tom, além da argúcia reflexiva. As citações de autores, aqui, são como o testemunho de encontros, vividos *textualmente*. Encontros na forma de uma afinidade (con)sentida. Autores que pegam o problema pelo pé e nos auxiliam a afirmar o necessário.

Na zona de liminaridade vida/arte/ciência, e ao ignorar fronteiras disciplinares *a priori*, o próprio “problema” imbuído na pesquisa revelaria solução: solução de continuidade com a vida - que transcorre em tudo o tempo todo, enquanto se pensa e faz: lavando banheiro, louça, roupa, fazendo o almoço, ou roendo o osso das preocupações mais anódinas.

No meio de tudo enquanto não para, uma tese.

Por fim, se esse pensamento de *rastro* e *ruína* aqui incrustado ensejasse algum mérito, pensava, que fosse, em modo docente, o de procurar não ter impingido ainda mais dores

àquelas sentidas pelas juventudes, quando as fissuras abissais do vivido inominado nos sobrevoa trágico.

*Para quem se escreve, na academia? A resposta a essa pergunta está condicionada à função primária e operacional da escrita. A escrita pode ser um relato, uma comunicação, um ensaio, um postulado, uma reflexão, uma instrução ou um debate – entre tantas outras possibilidades. Cada um desses tipos de escrita acaba se configurando em razão de um interlocutor diferente. O “para quem” da escrita é constituinte da própria escrita. O destinatário da escrita é, ao mesmo tempo, um sujeito realmente existente e um sujeito possível. Realmente existente porque toda escrita dessa natureza pressupõe um leitor, e esse leitor deve ser tomado como referência para o endereçamento das ideias. Suas características, repertório e posição são indicadores para a escolha de estratégias enunciativas e para a escolha do vocabulário. Mas também é um sujeito possível no sentido de se considerar que a escrita deve atravessar o tempo e durar. Portanto, vale investir em um sujeito que ainda-não está lá para ler, tanto no sentido de alguém que ainda-não existe porque não nasceu como alguém que ainda-não chegou ao campo ou não acedeu àquele lugar de interlocutor desse texto.*

Marcos Pereira

## 1.5 Dedicatória-perfil de uma juventude

Essas linhas em desalinho e aprumo, dedico aos jovens com os quais me encontrei nos últimos sete anos de docência, aos de antes e aos que virão. Mas não todos, “todo mundo é muita gente”<sup>22</sup>.

Essas linhas, retas, tamanho doze, espaçamento 1,5, que encalacram os redemoinhos, as curvas, as depressões e as anábases, os aclives e as catábases; desejo que encontrem a gente jovem, humilde e sincera; às vezes altiva, há vezes, vivendo de misérias afetivas. Jovens feito pétalas delicadas que dobram ao premido leve do orvalho, que debulham a própria carne como semente. Jovens que tremem ao olhar materno, ou por falta dele. Tremem ao horror paterno, ou contra ele. Essa tese é para os que temem.

Para quem se culpou por ser quem é, ou por não conseguir deixar de ser<sup>23</sup>. Por roubar tempo dos quefazerer práticos, úteis e urgentes do dia a dia, para devanear mundos improváveis, também conhecidos como *esperança*. Essa escritura fará sentido aos que se emocionam numa tarde quente qualquer, sem saber motivo, talvez imaginando um milhão de amigos. Talvez sentindo um gosto de sol no suor, ou na lágrima, sal da terra. Essas linhas miram aqueles que se abalam, ao pensar no futuro, ou em sua ausência.

Essas linhas se endereçam a uma *branquitude crítica*, jovem, classe-média, maioria branca, educada conforme a Norma, letrada e, em alguns casos, culta, certa de suas prerrogativas e direitos. Por vezes rebelde, apesar de privilégio, e às vezes até por isso. Uma juventude progressista e antenada, imagino crescida entre TV, videogame, tablet, celular, e, às vezes, sem o usufruto de um olhar suave-certeiro a alumiar. Aquela juventude preparada para vencer, mesmo sem brilhar. Levada nas rédeas, no mais das vezes religiosas, de uma moral pesada, sem fundamento que lhes assente, que faça sentido, mas cheia de Verdade, interpretação e julgamento. Jovens castrados da tranquilidade, do direito de errar - por distração ou intenção. Desconfortáveis com a onipresença do Deus, no quarto trancado, ou enquanto realizam suas abluções no vaso sanitário. A imagem onisciente e esfuziante de um

---

<sup>22</sup> Ver Apêndice: Texto 20.

<sup>23</sup> Ver Apêndice: Texto 3.

velho, branco, barba longa, cajado, sorriso, abraço... e uma arma oculta na mão<sup>24</sup>. Aos esmagados pelo embuste do livre arbítrio, que liberta com castigo à espreita, sem dó. A piedade como negociata do Bem.

Dedico essa travessia com palavra sem cuspe.

Salve os injustiçados na escola, preteridos, subjugados, motivo de chacota e *bullying*, como se diz hoje, só por serem de *um jeito assim*. Por terem nascido? Por permanecerem vivos<sup>25</sup>.

Aos jovens não identificados com uma ancestralidade congênita, genética ou genealógica<sup>26</sup>. Que se rebelam com o lugar de privilégios que herdaram, por sorte e pilhagem<sup>27</sup>. Jovens que não se reconhecem, nem se orgulham, do passado criminoso de suas gerações. Nem mesmo na história de “superação”, ignorante ou cínica, que contam pais e avós, alienados no embuste do mérito e da vitória individual, que um liberalismo importado, meia-boca e perverso, os fizera acreditar.

Jovens por suas famílias nomeados “problemáticos”. Desajustados, perdidos ou “artistas”. Traíras do conforto (moral) que tanto custara aos antepassados conquistar. Esses disciplinados, sobretudo, pela fé no trabalho, pela resignação, e a escassez que desejam esquecer a qualquer preço. Gente honesta, fervorosa, moralista, logo (tudo leva a ser), preconceituosa. Gente que seria capaz de tudo para defender os seus em detrimento dos “estranhos”, com quem não se deve falar, sequer olhar. Esses “estranhos”, aproveitadores do sucesso (mérito individual, deliram) dos que pagam impostos para bancar a indolência via Bolsa Família, dizem uns.

Essas anedotas teóricas, dedico, aos “rolha de poço”, às “chupetas de baleia”, aos “capacete de astronauta”, pelo cabelo “duro”, feito eu. Aos “palitos de fósforo”, esqueléticos. Aos caolhos, aos zarolhos, aos “quatro olhos”, feito eu. Aos baixinhos, “tampinhas”, aos “tamboretas de gigante”, feito eu. Aos branquelos, aos chamados de “índios” pelos modos “esquisitos”. Aos bonzinhos, honestos, e aos cdfs, admirados de longe, entre a inveja e o

---

<sup>24</sup> Ver Apêndice: Texto 6.

<sup>25</sup> Ver Apêndice: Texto 4.

<sup>26</sup> Ver Apêndice: Texto 7.

<sup>27</sup> Ver Apêndice: Texto 8.

desdém. Aos “educados” (tidos como “sensíveis”, pouco “homens de verdade”), aos “intelectuais” - porque usavam óculos ainda muito crianças, e se impunham a ansiedade dos grandes momentos, por reconhecimento, feito eu. Aos líderes de classe, aos tímidos, aos párias das notas baixas e comportamento reprovável - todos em foco de acusação. Aos que discutiam com o professor e saíam de sala. Aos carequinhas, aos palhaços, aos mancos, aos “ceguin”, feito eu. Aos que saíam pra fumar, à turma do fundão, inteligente e bagunceira, feito a minha. Às meninas que só serviam para ser amiga, e às que só serviam para “comer”, “ficar” e zoar pra geral dia seguinte. Às vadias, às putas, às sem-vergonha. Corajosas matriarcas da liberdade e do amor<sup>28</sup>.

Aos que só pisaram chão limpo, liso, reto, tipo taco, lajota ou porcelanato; e não ousaram pisar descalçados o fresco de um cimento queimado. Sem tropeço, sem espinho, coitados de nós. Sem odores invasivos, a paisagem sonora estável e previsível, sem estampidos nem tombos secos que anunciam a presença da morte. Iluminação satisfatória, transporte, saneamento, internet, itens básicos, sem maiores novidades, tudo funcionando. Longe da lama, do caos, indefesos, defendidos de tudo.

Aos que dissolvem com a morte do bichinho de estimação, luto legítimo, desejo que também tomem conhecimento da criança morta no genocídio à Palestina e aos povos originários na Amazônia, dos negros, das mulheres, e todas as pessoas dissidentes algures, às vezes na casa ao lado. Às filhas e aos filhos de pais desquitados, como se dizia. Aos de família “desestruturada”, “ruim das pernas”, empobrecidos. Aos com motorista, central de ar condicionado, copeira e jardineiro, nenhum afago de pai, e a mãe exaurida, solitária e depressiva. Às “bichinhas”.

Aos que sempre viveram em apartamento, meninos e meninas de *playground*, feito eu. Aos que não conseguiam correr no calçamento, andar em pé nas costas do muro até topar no telhado de telhas de cerâmica, feito eu. Aos que não sabiam dançar, por timidez ou por vergonha da alegria tomar corpo e o pecado valer a pena.

Aos que têm porteiro, servente, doméstica, e tantas garantidas formas subalternas de serem servidos, que não pensam sobre de onde vem sua suposta legitimidade para o mando. Coisa tipo carta marcada. Aos que moram em condomínios artificiosos demais, descolados de

---

<sup>28</sup> Ver Apêndice: Texto 5.

tudo o que seria natural do cotidiano em um país perversamente desigual: o susto, a imprevisibilidade, o imprevisto, a presença de espírito no jeito de corpo. Tem graça só o ganho pelo ganho, sem o imprevisto certo do jogo? Tudo pronto, antecipado, pago, serviço entregue, missão cumprida, mas nada de reciprocidade, intimidade, sobretudo no elevador? Uma *descomunidade*.

Fino trato, lábia e relação? Ao contrário, o golpe premeditado, resultado arranjado, tudo pago. Des-envolvidos, privilegiados podem amargar o medo por fraqueza. Denegam no revide. Uma bolha balouçando no abandono do olho-a-olho. Aliás, saber invisibilizar é aprendizado valoroso para o exercício da exclusão, ou para o apaziguamento da inefável culpa que se pretende dissimular. Entrar, sair, ser servido a gentilezas, sem trocar olhar e sorriso com a subalternidade. Certeza de privilégio, prerrogativa da branquitude, se disse. (BENTO, 2022)

Cabeça erguida, mas dignidade bem pode estar acabrunhada; frangalhos inauditos, egos comprimidos, há os que se sentem feito um brinquedo quebrado, ou como um empreendimento, a que os pais, tendo investido, cobram o retorno esperado, a relação reduzida ao custo-benefício. O privilégio pode amolecer, uma moleza que agasta, uma morrinha que acovarda e periga enfraquecer.

Dedico esses percalços aos que cresceram com medo de bruxa, de assombração, de macumba, que só suportavam ouvir tambor tocado na banda da vez, fervido e pasteurizado. Aos que se pelavam de medo de tudo quanto viesse do Impronunciável, do cabrunco, da maldição, da Morte, das visagens, das almas penadas, do transe, do sacrifício, da brincadeira do copo, do espiritismo, da cachaça, dos alucinógenos, da “magia negra”. Tudo coisa do demônio, coisa de gente má, estranha, esquisita, se disse.

A todo esse tipo de gente que foi plantada nos fundamentos de uma moral trapaça, que aposta na desgraça, no sadomasoquismo resignado de (se) ver sofrer e suportar, para ascender à Iluminação. Menos os católicos não-praticantes, mais aqueles criados sob o condão da ética protestante, e suas linhagens neopentecostais, desencantadas e racionalizadas, rigorosas na letra da Lei; a fé obreira no afinco cotidiano do trabalho, unguindo as dobraduras do sujeito com aquela obtusidade tranquila, e a sujeira embaixo do tapete. Os que se criaram sob o signo

de uma benignidade imerecida, pedindo perdão por terem nascido, desconfiados de existir, assustados com o desejo pecaminoso e a “maldição” de Eva a justificar patriarcado.

Às vítimas privilegiadas do tal pacto narcísico que, sem perceber, beberam na fonte onde minara brasilidades: no cinismo, na chanchada, água envenenada, o veneno na xicrinha<sup>29</sup>.

Esse vivido sofrido, nas mil formas da soberba, da violência ao escárnio, refluiria em algum momento, a qualquer preço, de qualquer parte. Com outros requintes de sofisticação, outrora sublimados pela polidez na aparência e pela racionalização do ressentimento, agora escancarado e cru na brutal naturalização dos racismos genocidas.

O pacto da branquitude convém tácito contra os negros<sup>30</sup>, mas não exatamente faz “brancos” comungarem além de utilidade interesseira. E interesse sem afeto de irmandade, é farinha pouca<sup>31</sup>. A paleta de cores, ao passo que escurece, esmaece a fraternidade, murici<sup>32</sup>. Prerrogativa de privilégio não envolve olhos nos olhos, reciprocidade, solidariedade por gratuidade. Polidez de aparência, traição espreita: *Ubuntu* feito herança privada traz maldição. Solidão, desmesura, descarrilho. Não há pacto que garanta irmandade sincera por inteiro quando o objetivo final é a usura de consumir o outro como valor agregado.

Endereço ainda, essas bem traçadas dúvidas, àquelas e àqueles que, assim como eu, dedicam tempo, em corpo e imaginação, para ajudar a imolar o melhor destino dos mais jovens. Educadores, psicólogos, pais, anciãos; mestres e irmãos mais velhos. Nem todos. Algumas mães, algumas irmãs. Nem todas.

De resto, sirvam-se os jovens com algum mantimento para o farnel de abre-caminho. Bebam do caldo suculento e agridoce das experiências vividas, secadas e curtidas n’alguma matéria de carne e sangue na moenda do Tempo, essa garapa para adoçar vossa boca, e a boca dos que vêm. Não todos, nunca unânime. Às vezes, engulho de travo e amargor, feito sumo de casca grossa de mezinha, será o que fica - se não se souber sentir de outro jeito, destravando o

---

<sup>29</sup> Allan da Rosa. < <https://www.youtube.com/watch?v=aPOnQTdE0Ys>>.

<sup>30</sup> Ver Apêndice: Texto 19.

<sup>31</sup> Dito popular: “farinha pouca, meu pirão primeiro”.

<sup>32</sup> Dito popular: “é tempo de murici: cada um cuida de si”.

desgosto remoído na língua. Quando assim for, será o jeito mastigar banana, e jogar um punhado de farinha na boca, para limpar o ardor da (af)lição, e conseguir dormir<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Ver Apêndice: Texto 9.

*A articulação entre trajetória de pesquisa e de vida precisa ser cada vez mais valorizada no espaço acadêmico, esse é um importante movimento de descolonização da produção do conhecimento, que implica nos reconhecermos no globo (geopolítica da produção científica), na universidade (as políticas de dentro) e em nossos afetos e mobilizações para a pesquisa (produção de si).*

Jaileila Menezes / Wanderson Vilton

*Acho que vocês nunca se preocuparam em organizar uma narrativa para mim. Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes de minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. [...] Para isso, não me limito ao que vocês me contaram, nem ao que estes objetos me dizem sobre você. Não acho que devemos lidar apenas com a lógica dos fatos. Prefiro uma verdade inventada, capaz de me pôr de pé. Eu sei que esta história pode estar apenas na minha cabeça, mas é ela que me salva.*

Jeferson Tenório

## CARTA DE APRESENTAÇÃO

*Salvador, cidade da Bahia, séc. XXI, Afropindorama, Brasil*

*Cara/o/e jovem leitora/e,*

quero lhes escrever escrevendo com vocês em mim. Inscrever-me na letra, reimaginando aqueles dias algo inominados de afetividades sortidas, para lhes dar notícias do que foi essa *aventura pensada*<sup>34</sup>.

Pretendi escrever rente àquelas/es que fizeram, fazem ou farão, da vida acadêmica uma *travessia*, inventando pontes para pôr os pés, pequenas tábulas de flutuação contra o fundo caudaloso da ignorância, e de suas figurações refletidas ou projetadas.

Escrever, desde os tempos de juventude, fora forma de limar arestas do sem-nome. Esburacar no casco da angústia alguma porosidade. As agendas que utilizava para escrever, com capas confeccionadas com recortes de imagens fortes, adesivadas com papel *contact*, serviam como vomitório e relicário das travessias enjoentas no mar encrespado da adolescência. Não havia muita elaboração, salvo alguma rima ou ritmo, e o corte seco nas frases para arremedar o desenho rústico da experiência em pretensão de verso. Uma tentativa de *escrita automática*<sup>35</sup>, pulsional, com a força e a violência do regurgito quando a Náusea intragável assoma incontida. Em menor intensidade, havia também a escrita romântica, com objetivo de extrair a doçura de um coração barbarizado.

Seja como fosse, arrastar a caneta esferográfica sulcando a folha de papel, a intenção em alinhar pensamento e palavra, surtiam algum efeito de alívio imediato. Sim, ainda não havia o *personal computer*, nem de mesa, muito menos *laptop*, *tablet*, ou *smartphone*.

Na faculdade, quando os textos solicitavam explicação, algo abstrata, fria e calculista, a (des)graça era outra. Ainda sinto o sofrimento, se lembro quando escrevia texto acadêmico.

---

<sup>34</sup> MACEDO, 2016.

<sup>35</sup> "Escrita automática é o processo de produção de material escrito que objetiva evitar os pensamentos conscientes do autor, através do fluxo do inconsciente. É um método de escrita criado pelos dadaístas, mais especificamente pelo posterior líder do movimento surrealista, André Breton, no ano de 1919 ou por Tristan Tzara. Ou seja, para a literatura, se trata somente de um método literário defendido, principalmente, pela vanguarda surrealista". Fonte: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita\\_automática](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_automática) >.

A colonialidade operando no cânone, como se diz ultimamente. Sob a justificativa de meros “aprendizes de feiticeiros”, e de nada termos a dizer, deveríamos contentar em reproduzir autores consagrados, sem gracejos, ao modo claro e direto, objetivo. A modorra da reflexão com vistas a convencer sufocava o possível impacto afectivo da palavra, sua magia de encanto, quando parida de silêncio e experiência que atordoam.

Na vida acadêmica, buscava permanecer, entanto, ancorado e leal a uma escrita que, desejava, fosse veículo para um encontro, comigo e outrem. Retirava do mais íntimo a circunstância e o argumento que fizessem par com o que lia e aprendia nas aulas, para versar na palavra escrita. Perceberia, afinal, seria essa possível liga da teoria com a vida mesma, em sua ordinária interpelação por sentido, o que me faria permanecer na universidade. Concebendo-a qual *lugar de travessia, terceira margem* capaz de iluminar pontos cegos, fora possível melhor passar, com o auxílio luxuoso de vagalumes saídos dos livros, d’algumas aulas, e das conversas com os espíritos geminados que conhecia pelo caminho, alguns poucos professores e colegas que se fizeram amigos.

As indagações emudecidas pela religião e pela família, para as quais todas as respostas já haviam sido dadas, permaneciam intactas em sua potência de angústia e violência, combustíveis para o pensamento. Procurava alguma paz longe do quietismo dogmático. Ansiava pela sabedoria que apazigua das intermitências da vida, suas alegrias e seus dissabores. E a escrita, feito punhal na carne do mundo, fazia-me tatuar algo-em-mim na carne do *Outro*, e a cicatriz em sua pele era como uma linguagem em braille, que me fazia compreender(-me) pelo avesso da pele. Naquele tempo, mantinha confiança que a universidade seria enfim a comunidade onde sustentaríamos o céu<sup>36</sup>.

A escrita me fazia vir à boia, mesmo se nada por fora do oceano de sensações transmutasse; mesmo se o princípio de realidade insistisse, imponente e recalcitrante aos meus caprichos românticos de juventude. Algo se passava, algo se fazia passar. Algo acontecia e, após encravar unha na carne da palavra, não era mais o mesmo. Sob o véu do mistério, alguma alquimia agia. Era certo. E, talvez agora, chegara o momento para pôr às claras essa espécie de travessura terapêutica, esse *feitiço* que age através da escrita ao bordar a cerzidura originária da pessoa: corpo, linguagem & vida; a ponto de cruz, bilro e labirinto. Sobretudo

---

<sup>36</sup> Alusão ao livro “A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami”, de Davi Kopenawa e Bruce Albert.

em situações limite, em momentos de urgência. Ou mesmo na laboriosa e lenta incursão literária nas florestas da linguagem e da experiência. Ou ainda, na excursão dentro a-f(1)ora<sup>37</sup> do labirinto de espelhos da ficcionalidade, quando pletora a invenção de *eus* circunstantes e se fecunda um mundo possível, ou se lhe adia o final.

A todo tempo, nessa travessia que foi a pesquisa, a minha própria juventude, involuntariamente, tomava-me a lembrança de assalto, e *algo* (de) novo me interpelava. Como se, através do espelho de minha juventude, fosse abordado em reverso por você, e as juventudes com as quais convivi, em um jogo contínuo de aproximações e distanciamentos em perspectiva, que mo faziam traçar um horizonte e linhas derivadas, que compunham, sob certo enquadre, uma paisagem prismática de uma *sensibilidade* juvenil.

A *autoficção* passaria a figurar como um procedimento de escrita que me fazia debruçar sobre um duplo, projetado no estudante, e refratado na perspectiva de agora, *corpo próprio* ao docente que me tornara. Flanar na narrativa, ao tempo em que se sente nos nervos, como se diz, nela projectado, de maneira oblíqua (*eu-mim-outro*), feito uma personagem real.

Chego a imaginar que, talvez, pela distância geracional, possa exercer o privilégio do contraste de época, com todas as camadas do tempo complicadas e implicadas nos encontros com as juventudes de agora, e a que fui, e algo partilhar como retribuição.

Destituir o adulto em mim, pondo-o entre parênteses, sob a forma de uma escuta, ou leitura silenciosa, que deseja o grau zero, o Neutro, a *totalidade irrealizável* (GLISSANT, 2021).

\*

Descobri que, ao olhar do escrivão que lavrou minha certidão de nascimento, sou branco. Sinto-me pardo, não como folha de papel, mas como à noite todos os gatos são. Único filho. Primeiro neto parte de pai. Uma avó costureira, outra professora. Um avô carpinteiro, outro agricultor. Analfabetos, sabiam assinar o nome, como se diz. Mas de uma coisa todas e todos estavam seguros: o valor da educação, da Escola, para na vida vencer, pra gente virar.

---

<sup>37</sup> Evocação à música “A terceira margem do rio” (1991), de Caetano Veloso e Milton Nascimento.

De um lado e outro, minha família migraria de cidades pequenas do interior da Bahia para a periferia de Salvador. Barrocas, Muribeca; Madre de Deus, Periperi, Plataforma, Capelinha de São Caetano; Brotas. Migração para capital, intenção melhorar de vida. Pôr os filhos pra estudar, “ser alguém na vida”, como ainda se diz. Aposta em *futuro* melhor, pra deixar de herança. Meu avô, parte de mãe, até iniciara os estudos, mas não concluíra: em tempo de colheita, meu bisavô Ioiô o retirava da escola, para cuidar do mais importante: o de comer. Até que desistiria de estudar.

Minha mãe contava das latas de água na cabeça, ainda juvenzinha. Desciam um barranco íngreme e longo, até toparem num poço de água parada, turva e esverdeada, empoçada da chuva. Deitavam devagar o fundo do balde na água, e faziam um movimento circular, para afastar o grosso que se acumulava na superfície - feito gordura de feijoada dormida, ou molho velho de pimenta. Enchiam o balde e subiam o barranco de volta, a força nos braços e na moleira quase insuficientes, água desbordando, chegavam em cima todas molhadas. E novamente desciam, e subiam, e desciam e subiam, a perderem a conta. Ninguém ouvira falar em Sísifo, mas que parecia, parecia. (Verdade de mito é coisa que gira mundo com nome modificado, sem que o cidadão precise saber, mas hora encarna e se vê possuído. Não esqueçam).

Contava ainda minha mãe das galinhas chocas, embaixo da cama, que era obrigada a pegar. O pai a metia debaixo da cama e a galinha bicando, e ali ficavam, moídos um no outro, até ela, ele e a galinha cansarem.

Nas noite sem luz e sem lua, relembrava o pavor das assombrações, das histórias de mortos-vivos e outras aparições do Além. O medo de ter o dedo do pé puxado, após enterro de parente velado na sala da casa. A reza alta do pai rebojando nas telhas, esperando resposta, e ai de quem cochilasse: era peia de cipó. E quantas levou.

Meu tio-avô, Lero (Valeriano, na certidão), sempre contava das secas, da terra que nunca dava água, apesar de duas tentativas de poço artesiano cavadas, e o dinheiro jogado fora, pra só topar em pedra. Contava de ver os animais morrerem de fome e sede, apesar de os alimentar com palma, não dava conta. Por compaixão, sacrificava na pedrada os filhotes de cabra que o carcará tihoso tinha comido a língua. Caminhava légua e meia para estudar, sem

cabeça de concentração, pra levar não sei quantos bolos de palmatória por dia. Inda assim, viraria gente. E que gente!

No tempo dos meus avós, botar filho pra estudar era a fê com obras, certeza de boa colocação profissional, resolvia prumo de vida. Não se pensava em faculdade, nem sonhando. Se tanto, cursar Escola Técnica<sup>38</sup>, era a trajetória digna e almejada, sobretudo para quem a universidade não era costume vislumbrar, ao se levar em consideração a concorrência desleal imposta pelo racismo estrutural do sistema brasileiro de ensino (ALMEIDA, 2019). Um curso técnico, naquela época, anos 1960-70, garantia emprego certo, era suficiente, o sujeito estava feito. No tempo áureo do Polo Petroquímico de Camaçari<sup>39</sup>, na Região Metropolitana de Salvador, por exemplo, ser contratado em multinacional, oxalá a Petrobras, era sonho cultivado a bananada com leite Ninho e adoçada com goiabada. Vem dessa *modernagem*<sup>40</sup> a história da abafabanca<sup>41</sup>. O que se ouvia, e via, era gente comprando geladeira, cordão de ouro, fazenda de tecido vinda da capital, e outros mimos de pôr inveja e desejo ao povo da roça. A eletricidade chegara apagando visagem e plantando novas necessidades de consumo no coração das gentes sonhando com ordem, progresso e vida civilizada. Espanou-se o cheiro do óleo, silenciou-se o barulho do motor pra carregar bateria. Quem podia, mandava calçar a estrada de terra vermelha, e finalmente alguma brancura na roupa se podia esbanjar, ao modo de esmero e elegância, na cidade. Aos poucos, o cimento queimado seria trocado pela lajota, e depois, pelo porcelanato.

De modos que na minha família não havia “cultura acadêmica”. Pelo lado materno, ninguém, precedendo todas as gerações, havia ascendido ao dito “nível superior”. Lado paterno, meus três tios mais novos e uma tia, sim. Meu pai e seu irmão mais velho, não. Apenas idoso, aposentado, meu pai colaria grau em sonho realizado de ser advogado, com carteirinha da OAB, mas sem exercer ofício. Questão de honra, após o dever cumprido de criar filho e vencer na manutenção da família, assim lhe pareceu.

---

38 “Com a criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, pela Lei 11.892/2008, todas as ETF's foram suprimidas e passaram a compor algum IFET”. (Fonte: Wikipédia)

39 “O polo iniciou suas operações em 29 de junho de 1978. Foi o primeiro complexo petroquímico planejado do país”. (Fonte: Wikipédia)

40 Cutuco o que li do Allan da Rosa no ensaio “Modernagens, pretices e a semana de 1922: Estéticas entre salões, várzeas e pesadelos”, *In Ninhos e revides: Estéticas e Fundamentos - Lábias e Jogo de Corpo*. São Paulo: Editora Nós, 2022.

41 Faz o suco, coloca na cuba de gelo e leva ao congelador.

Seria minha mãe, apesar dos seus pesares, quem me levaria para prestar o primeiro vestibular, na Universidade Estadual do Ceará, em 1993. Mesmo se não soubesse bem o porquê, meio a contragosto, o fez, resignada, por alguma dúvida ou intuição inconfessadas, quem sabe. Pois intuía que a universidade me tiraria do rumo da religião, coisa que se confirmou.

Minha mãe, quando casou, largaria o curso Normal para assumir-se “prezadas do lar”<sup>42</sup>. Conta que meu pai foi quem sugeriu, em tom ponderado e bondoso, como lhe é peculiar, para que ela se dedicasse à família *full time*, enquanto ele proveria sem nunca nada deixar faltar. Ela aceitou. E hoje se arrepende.

Então, os afazeres domésticos (lavar, engomar, faxinar, cozinhar) e a criação do filho (levar à escola, ensinar as tarefas, o miúdo cotidiano da educação doméstica), ficaram com ela. Meu pai seria bancário toda a vida, desde os dezesseis anos, quando iniciara carreira como *contínuo*. Uma vida fatiada em dois expedientes, de segunda a sexta. No correr do tempo, ascendera degraus de carreira, alcançando cargos de chefia, aposentando-se em emprego público, algo hoje inimaginável, aos quarenta e quatro anos. Orgulho e exemplo.

Desde antes de eu nascer, e até hoje, meus pais são religiosos. Religião ao modo desencantado, fundada nos Estados Unidos, linhagem da reforma protestante. Interpretação da Bíblia ao pé da letra. Realizam estudos semanais da Bíblia, a ponto de poderem citá-la de cor, e terem sempre um versículo em mente para edificar conduta no bom caminho da salvação. Respeitosos, tolerantes com as demais religiões e modos de vida, guardam para si, e para os seus, as críticas, e a distância, mantendo alguma compaixão para com os *mundanos*<sup>43</sup>, mas com a certeza de que estão com a Verdade. Ninguém mais.

Mesmo dispostos à desobediência civil, em casos que lhe firmam a fé<sup>44</sup>, cumprem os desígnios do governo dos homens. De modo que são honestos, trabalhadores, cumpridores das leis humanas, mas não se envolvem com a política, pois cultivam a certeza de que o fim de

---

<sup>42</sup> Minha mãe concluiria o Normal, à época tido como curso tipicamente feminino, eu já cursando a faculdade. Dizia ter se arrependido de ficar dependente a vida toda do marido, “prezadas do lar” - era assim que, à época, donas-de-casa se identificavam nos crediários.

<sup>43</sup> Amizades fora da religião.

<sup>44</sup> Por exemplo, não pegavam em armas, logo, não se alistavam para o serviço militar, do qual eram eximidos sob alegação de motivos religiosos, e então perdiam os direitos civis.

todos os males virá com o Reino de Deus, através do Armagedom, o Apocalipse, o juízo final, sempre iminente, desde que me entendo por gente.

Rígida na disciplina, conforme aprendera na bíblia, quando criança, e até a adolescência, minha mãe proibia amizade minha com *mundanos*. “Más associações estragam hábitos úteis”, era praxe da Bíblia recitar. Não podia convidar colegas para minha casa, tampouco ir à casa deles. Salvo em raras ocasiões para trabalhos da escola, quando, zelosa, minha mãe acompanhava e ficava esperando, enquanto lia a Bíblia, ou algum livro nela baseado.

Não podia assistir filmes que não fossem para minha idade<sup>45</sup>, nada de novela, nem dormir tarde, isto é, após as dez. Nenhuma comemoração, fosse aniversário, ou qualquer outra data comemorativa do calendário *pagão*. Apenas a morte de Cristo celebra(v)am.

Na escola seria sempre tenso. Em meados de 1980, logo após a ditadura militar, havia o hábito de hastear a bandeira do Brasil e cantar o Hino Nacional antes de entrar para a sala de aula. De uma idolatria patriota como essa, não podia participar, apesar da reprimenda certa da professora, e da chacota dos colegas. Apesar de bom goleiro, sempre cotado para compor o time da turma no recreio, também não podia participar das olimpíadas: conforme a Bíblia, a religião dos meus pais condena a competição. De formas que, ir à escola era motivo diário de ansiedade - sem ainda haver esse nome.

Quando aconteciam aniversários de colegas na escola, não podia participar dos parabéns, nem comer as guloseimas. Tudo justificado na Bíblia. Honrar pai e mãe era caminho certo para a vida eterna, no paraíso vindouro, sempre às portas. Se tivesse juízo, salvação era certa.

O que a mim salvava mesmo era a comunidade religiosa. Fazendo parte, desde que nasci até as portas da juventude, tudo parecia ser como tinha que ser, tudo normal. Como se diz hoje, vivia na bolha. Nas reuniões, nos congressos, as ocasiões de encontro da religião, sentia-me em casa. Conhecia todo mundo, todos me conheciam. Meu pai ocupava cargo de destaque, então lhe sobrava o prestígio, que em mim transbordava. Além do que, éramos *classe média*, quando a maioria dos *irmãos* - como se chamam entre si - eram pessoas

---

<sup>45</sup> Na época, ainda vivíamos os estertores da ditadura, aparecia na TV a censura do filme indicando a idade adequada: “Proibido para menores de 18 anos”.

*humildes*, como dizem. Até a adolescência não percebi meus privilégios de classe, cor e gênero. Parecia tudo em seu lugar. Não percebia qualquer inquietação dos *irmãos*, vinda de algum tipo de reivindicação ou inconformidade com as desigualdades sociais. Toda a iniquidade do mundo era justificada pelo pecado original, e se apaziguavam com a esperança da vida eterna no paraíso vindouro, às portas, após o Armagedom.

As questões morais sempre foram o principal motivo para os desentendimentos. De modo que escolhia minhas amizades na comunidade religiosa pelo grau de “mente aberta”, como se dizia, com a cumplicidade de pequenos pecados à vista grossa. O mais fundamental era manter as aparências e parecer ser fiel às Escrituras.

Tirando o cabresto moral que, ao passo que crescia, apertava minha mente, como se diz, vivia em mundo onde me sentia seguro, com limites e modelos de conduta bem marcados, convivendo com pessoas também seguras de si, sem dúvidas, apenas respostas e a tranquilidade de quem se sabe com a Verdade, e no caminho certo rumo ao paraíso. Todos os *irmãos* e *irmãs* a mim eram pessoas confiáveis, do Bem, do que advinha uma paz e uma tranquilidade desde então nunca mais experimentadas. Mesmo pessoas que acabava de conhecer eram como se sempre estivéssemos convivido lado a lado. Às vezes, meus pais hospedavam *irmãos*, vindos de outro Estado, ou mesmo país, sem nunca terem visto, só por serem *irmãos*. E vice-versa, éramos recebidos onde fôssemos, com a hospitalidade que se recebe velhos amigos ou amados parentes.

Essa sensação de *pertencimento*, de ter um lugar no “seio do vínculo social”, de fazer parte de uma família expandida, com parentes espirituais em qualquer lugar do mundo com os quais poderia contar, a qualquer tempo, em qualquer situação, seria um dos meus alicerces mais consistentes, talvez uma das pedras fundamentais de minha força vital, mesmo quando deixei de partilhar daquelas crenças, e precisei re doar significado e valor à existência. Provável, nesse sentido, a maneira como sinto a universidade, e a vida acadêmica, terem algo de *sagrado*.

\*

Aos vinte anos, meio sem querer, meio por acaso, entraria na faculdade. Como disse, por meus pais, curso técnico em um Instituto Federal seria mais que suficiente. Concurso, um emprego estável, carreira, família, tudo certo. Cidadão comum. Cristãos destemidos que eram, temiam ver seu único filho sucumbir às filosofias pagãs, e se desgarrar em desatino de inventar caminho próprio, feito formiga quando cria asa, diz o ditado, quer se perder.

Por suposto, a religião me havia antecipado todas as respostas, ao modo “claro e distinto”, feito moda cartesiana. Mas quando entrei na universidade, não havia explicação nem convencimento que fossem capazes de me fazer embrulhar *desejo* em pacotes de moral e boa conduta que não me conviessem. Feito sapato velho, as respostas não mais cabiam. Restava-me o golpe contra a disciplina pela disciplina. Em chave *nietzscheana*, dar uma de *legislador* e forjar alguma explicação de mundo que me fornecesse argumentos para justificar meus valores e meu modo de vida. No tempo, e no *saber de experiência*, pretendia cultivar para mim uma ética. Quem sabe alguma sabedoria. Nessa tarefa, a princípio solitária, de criar para mim uma espécie de *nome próprio*, as *humanidades*, o conhecimento secular, apresentariam-se feito *pharmakon*.

Filosofar sobre-de-um-tudo, passaria a ser, evocando o poeta, minha maneira disfarçada de suspirar. Os livros me inspiravam em rascunhos heréticos, riscados para inscrever o ensaio inacabado, errático e sinuoso de uma vida. Uma verdadeira *iniciação* acontecia, sem que o soubesse.

A situação periclitante em que me encontrava, consequência de anos sob o jugo de silêncios forçados, ou punido pela palavra solta, talvez tenham feito o revide de interpelar cada aula e cada livro, cada prosa de bar, cada trilha caminhada, cada *burrinho* de cachaça, como se essas coisas fossem dispositivos de análise de um trauma muito além da margem familiar. Uma *terceira margem*, depois saberia.

Ainda sem cais à vista, à deriva, seria preciso depor a pulsão de morte das velhas crenças. E os livros, as aulas e alguns professores, fariam as vezes e as provocações para uma (auto)análise interminável. Ou melhor, seriam como que os elementos rituais de uma *iniciação*. Minha diáspora existencial, uma travessia sobre o fundo caudaloso do Oceano de existir, feito uma nau sem instrumentos de precisão para navegar. A princípio, apenas o céu, as

estrelas e um aprendizado-risco para ligar os pontos da experiência da travessia, erguendo os olhos para as constelações celestes, afim de me orientar.

Aos poucos, a vida acadêmica substituiria a vida religiosa em promessa de fornecer sustância e molde para um *novo nascimento*. Em contraparte, uma nova (concepção de) espiritualidade<sup>46</sup> adviria, e com ela outros métodos, outras palavras, outra comunidade de pertencimento, distinta da religiosa, que, devo confessar, às vezes relembra com saudade.

Talvez daí uma intuição: a universidade poderia ter uma função espiritual, como uma *agricultura celeste*: a de preparar o solo pra assentar *gente*<sup>47</sup> na horta da Vida, para facilitar a busca e o encontro da *pessoa* (semente) com *uma* verdade útil para realizar o transcurso de sua própria destinação; e legar um sentido pro agora, não exatamente um Propósito, como se diz à moda; antes que a morte, essa pantera<sup>48</sup>.

\*

Quando criança, em casa de tio e tia, parte de pai, imperavam as enciclopédias. Na época, idos de 1980, ia o vendedor porta em porta. Sim, o vendedor - nunca vi mulher nesse ofício. Barsa, Delta, Mirador, a depender das posses. Aquela caixa de papelão pesada, o mostruário cheirando a novo, capa dura com letras douradas, as gravuras coloridas em *ofsete*. Na casa dos meus avós paternos, havia duas obras completas: Jorge Amado, em capa dura vermelho-vinho com letras brancas; e o *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, hoje redescoberto racista. Havia também Malba Tahan, *O homem que calculava*, do qual minha avó, professora aposentada, guardava gosto especial.

Em nossa casa, os livros que compunham a estante eram quase todos bíblicos. Qualquer caminho levava ao Deus cristão, em sua onisciente e onipresente sabedoria. À exceção, havia um livro sobre a história do automóvel. E outro, *A máquina humana*, com

---

46 Foucault conceberia, ao ressão da Antiguidade, a *espiritualidade* como “o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade”. (FOUCAULT, 2010, p. 15)

47 Ser que brilha. “Gente”, Caetano Veloso.

48 Augusto dos Anjos.

gravuras em branco e preto e coloridas. Algumas fotos de parto chamavam atenção, pelas entranhas e o vermelho sangue. Mas era proibido ver.

Saída da Reforma Protestante, a religião na qual fui criado, desde o nascimento, mais secularizada impossível. Professava o esteio da fé plantada em explicações racionais, com o devido assentimento do raciocínio lógico, da persuasão e do convencimento, muita vez amparados em comprovação científica, quando convinha. Por sua força exegética, os argumentos são considerados um trunfo contra o mistério, por exemplo, o sobrenatural e a magia de outras religiões, como o Kardecismo, mas em especial as politeístas afro-diaspóricas. Entre a Bíblia e a Ciência<sup>49</sup> extraem seu convencimento e sua certeza. Orgulhosos por distinção, iluminados pelo “verdadeiro conhecimento”, afirmavam superioridade, confortados na realidade compartilhada das ideias reveladas e fundamentadas em doutrinas feitas dogmas. Sobre as demais religiões, afirmavam estarem lastreadas em falsas crenças e superstições. Em idioleto próprio, como disse, nomeiam *mundanos* aquelas pessoas obnubiladas pelos *desejos da carne*, tentadas e sucumbidas a interesses *terrenos*, mesmo se tidos como nobres, como a política. Se não se vêem como parte deste mundo, nem dependentes do destino do governo dos homens, fadado ao fracasso, também não problematizam qualquer racismo, colonialidade, desigualdade. Apenas acidentes decorrentes do “pecado original”.

Só quando entrei na faculdade, tive a impressão de ter contato com livros de verdade, livros como abertura de caminho, feitos corações fora do peito “apontando pra expansão do universo”<sup>50</sup>. Diferente do que aprendera na Bíblia, uma Babel bem poderia ser mais que confusão e desentendimento. Poderia ser convivência na diversidade, um politeísmo não-religioso, uma espécie de materialismo místico untando a práxis. Uma Babel de livros lançando mundos no mundo<sup>51</sup>, tantos quantos a imaginação fosse fulcro, era o que naquele tempo imaginava fazer a Ciência.

Desde o princípio da vida acadêmica, a teoria me serviria igual formão, para o entalhe do *sentimento de mundo*, ferramenta para extrair da *cultura* que me foi legada, o sumo, e

---

<sup>49</sup> Entenda-se, “ciências naturais”. As “ciências humanas”, representadas e reduzidas à filosofia, eram mal vistas, posto consideradas potencialmente desencaminhadoras, com suas teorias evolucionistas, ateias.

<sup>50</sup> Verso da música “Livro”, do álbum homônimo de Caetano Veloso, 1997, Mercury Records.

<sup>51</sup> *Idem*.

dispensar o sobejo. A teoria acabaria operando como *terapia*, espécie de autocuidado; elaboração, sempre provisória, da angústia diante do inefável das sensações da experiência. Sem o saber, fazia par com bell hooks, que sentia a teoria como “local de cura”<sup>52</sup>.

Seria na convivência acadêmica, bebendo das *humanidades, artes e letras*, que encontraria refúgio para forjar e entesar, sob uma espécie de materialismo místico, alguma lógica íntima para meu jeito de viver.

A primeira alegria que senti com as ciências humanas, fora palmilhar minha história, e perceber as viseiras que me foram legadas, os óculos, como se diz, que começara a usar desde que nasci, no seio de uma família religiosa. Qual mundo fora editado com essas lentes e enquadramentos? O que ficara de fora, o que entrara no jogo?

De tudo, sentir-se em casa no Mundo seria o que ficaria como lembrança. Esse clichê realizado na convivência, na intimidade, a existência legitimada pela comunidade. Onde um lugar era certo ter. Desde que. Mas qual comunidade não pede o seu preço? Toda crença compartilhada não cobra fiança, modo de proceder e valores a seguir?

Era natural, fazer por merecer. A conduta medida à régua e compasso. O contrário de invenção. Só decalque. Mas se o conseguisse, perfilado e perfeito, era a glória. Era essa a promessa e a motivação. A glória por merecimento próprio? Qual fosse. Ao mesmo tempo, manter-se no enquadre moral da comunidade: somos para tu seres. Um contentamento. Doar para merecer. Ao fim, moendas, culpas e trocas.

---

<sup>52</sup> hooks, 2017, p. 83.

*ENSACADO*

*Moinhos não movem ventos  
Partidas não são só lenços  
Saudades não são soluços  
Nem solução pra espera*

*Nem salvação dos pecados  
Tristezas não lavam pratos  
Resguardam restos, desejos  
Flores e frutos do mar*

*Por isso muito cuidado  
Queime de febre e não dobre  
Não quebre nunca, não morra  
Não corra atrás do passado*

*Nem tente o ponto final  
Aguente firme a picada  
Da abelha, daquela velha  
Melada melancolia*

*Segure a barra, quente  
O caldo da sopa fria  
Vá cultivando a semente  
Até que um dia arrebente o saco cheio de sol.*

Cátia de França, 1979

## 2. FIGURAÇÕES DO SOFRER

### 2.1 Miséria do mundo

A despeito das diferentes modalidades e condições de sua aparição, nos últimos anos, o sofrimento psíquico no cotidiano da Educação, e a necessidade de cuidar da “saúde mental” de estudantes, vêm ecoando feito bordão. Em contextos universitários, e fora deles, e em tantos outros dentro e foras que enfeixam em gomos os traçados do mal-estar na atualidade, algo resvalava na formação acadêmica. *Sensação de vazio, de não ter lugar*<sup>53</sup>, *ausência de propósito para lançar-se na vida, decepção*<sup>54</sup> e *falta de gosto pelo mundo adulto*<sup>55</sup>.

Fosse apatia, fosse pela fragilidade dos vínculos entre (nós, docentes, e) eles, em sala de aula, um mal-estar por algum motivo, mesmo se não explícito, poderia surpreender. Fosse a dificuldade dos/as professores/as em encontrar a linguagem e o modo com que tratar o intolerável. Ou a nossa soberba, por vezes fundada em teorias que se desmancham no ar, dia após noite, a cada rotação do *zeitgeist*, ou a cada desmanche das condições dignas para existir. Dos problemas atravessados em dezenove anos de carreira docente, não lembro de algo haver mobilizado tanto nosso cotidiano, e de forma tão persistente, quanto o chamado *sofrimento psíquico* das/os estudantes. Tem sido comum ter notícia de automutilações, suicídio, depressão, uso abusivo de substâncias psicoativas, ansiedade<sup>56</sup>.

No Brasil, vivemos nos últimos anos retrocessos de toda sorte. E a trôpega, e *jovem* (vejam bem qual lugar-comum assunta *juventude*), como se diz, democracia brasileira, permaneceria mal consolidada e sob constante ameaça. Para não variar, desde que o Brasil usurpou Pindorama, difícil dormir e acordar. Evocar o sonho viraria clichê, uma espécie de súplica ao desamparo sem arremedo. Intolerâncias morais e políticas, corte de direitos sociais, crise e desconfiança com as instituições, da Religião ao Estado, passando pela família. O recrudescimento da violência contra mulheres, racismo e machismo estruturais

---

<sup>53</sup> Ver Apêndice: Texto 10.

<sup>54</sup> Ver Apêndice: Texto 11.

<sup>55</sup> Ver Apêndice: Texto 12, 13 e 14.

<sup>56</sup> Ver Apêndice: Texto 15.

desavergonhados, intolerância vil com orientações de gênero e *corpos dissidentes*, e as consequências aterradoras da imposição de um novo regime climático pela Terra como vingança à usura desmedida dos terráqueos.

Essa agonia, intensificada nos últimos anos, passaria a ser considerada de fato intolerável, ao que parece, quando se abateu também contra privilegiados progressistas, mas que nem sempre nos envolvíamos. Há tempos são os jovens que adoecem<sup>57</sup>, e há tempos o encanto está ausente, e há ferrugem nos sorrisos - em especial nos jovens com cor e CEP marcados pelo anjo da *necropolítica*. Há pelo menos quinhentos anos a empresa colonial chicoteia lombos retintos e suas tonalidades vizinhas. Desmata indígenas e assassina florestas. A escravização permanece rija em trauma, revide e ressentimento. Em corpos mais alvos, a empresa colonial em curso arruina e corrói pelo esquecimento do passado-presente.

O fato é que, para certos jovens, o *sofrimento* se sente qual arrebenção e ressaca na praia do corpo em uma diáspora interna, sem destinação ou cais. O chamado “mundo adulto” mais parece uma máquina de produzir desertos, como disse, certa feita, uma estudante. Ao largo da força jovem, vivida e testemunhada na universidade, havia também quebranto e silenciamento. Um desamparo atônito, aqui e alhures, irrompendo feito mal agouro de herança. Olhares mirando paredes, pousados no vazio, descontraídos de futuro. Desconfiados se desejam, desobrigam-se de se envolver com um mundo terrivelmente competitivo e interesseiro. A força diluída em expectativas que não (se) cumprem, a busca por um reconhecimento improvável, senão impossível. Como se todo esforço para firmar-se no mundo, para encontrar ou inventar um lugar para si, um *semblante*, um *nome próprio*, ou, quem sabe, um novo nascimento, não passassem de ledó engano embrulhado em celofane - uma trapaça colorida e brilhante que ouvem farfalhar sem saber exato de onde soa, e com a qual, sobretudo os adultos, estaríamos comprometidos até o talo. Alguns privilegiados, ainda iludidos com a farsa do mérito, não atinam para injustiças e simplesmente se entregam à competição e à produtividade, feito sina de propósito. Outros são acometidos por uma espécie de atitude *blasé*, nem torpor, nem ternura (VIANNA, 1999), talvez como forma de proteção contra a profusão desmedida de obrigações e afazeres que se esgotam no fazer por fazer. A

---

<sup>57</sup> “Há tempos”, Legião Urbana. Álbum: “As quatro estações”. 1989.

vida mais lhes parece uma gincana, e a correria cotidiana, para uns ‘críticos’, um esforço para alcançar o vento, como dissera o sábio rei Salomão<sup>58</sup>.

\*

Nada serena na poça sem fundo onde se agita a cosmovisão ocidental. A água que dá vida e revigora & também inunda e afoga, nunca decanta, jamais assenta límpida, sempre turvada do remeximento de uma humanidade buliçosa. Humanidade forjada no 'Norte global', como se disse, trabalhada à imagem e semelhança de um Deus que lhe teria dado de presente para usufruto a Terra, agora dividida em *Cultura versus Natureza*, feito um objeto para lhe servir - permitido dominar e explorar. Belligerantes, fazemos da Terra um baldio. Possuídos por uma espécie de comichão alimentado pelo medo da finitude e da impermanência, não deixamos quietos, nem o mundo, nem os seres, nada enfim. Sempre querendo o que não é, sempre em atividade, sempre mobilizados e voluntariosos.

Enquanto isso, alguns jovens privilegiados, que não estão engajados n'alguma luta social, se perguntam como fazer para mudar o mundo. A desconexão com a Terra, com uma comunidade ancestral, e o individualismo, naturalizados pela *modernagem* ocidental, suscitariam uma sensação de solidão e desenraizamento, de não-pertencimento, responsáveis por destruir a capacidade política do agir humano. O capitalismo esvazia e despolitiza a vida pública em face de urgências materiais, seja pela mera sobrevivência, seja pelo vício do consumo. Devido à incapacidade, ou impossibilidade, de agir na vida pública, decorreria que a preocupação com as “necessidades vitais” (entre elas o consumo de objetos) teria ganho tamanha proeminência que a vida humana “enquanto tal” estaria sendo descaracterizada. (GURSKI, 2012, p 24) E a sensação de impotência de agir sobre o mundo para modificá-lo para melhor, ou seja, com vistas a um bem comum, estaria reorientando os fins da própria existência - da política para o consumo.

Em um cenário de despolitização da vida pública, a exterioridade da subjetivação como valor social e, paradoxalmente, a “centralidade da posição do Eu”, estariam convocando o desejo e seus destinos em uma direção exibicionista, e as trocas inter-humanas se

---

<sup>58</sup> Eclesiastes 2: 11, 22.

encontrariam esvaziadas. O narcisismo de algumas *timelines* bem demonstrariam o que acontece quando estão ausentes projetos sociais compartilhados: “o sujeito da cultura visual e do espetáculo parece ver o outro como mero objeto de seu gozo, instrumento para seu prazer”. (GURSKI, 2012, p. 28) Talvez daí a violência e o terror impetrado por adolescentes e jovens em idade escolar, que emergem das redes sociais para metralhar a vida aqui fora.

Por outra, o excesso de possibilidades “do ponto de vista imaginário”, circulando no “mercado de representações” ofertado pela cultura, estaria esvaziando a experiência das juventudes (ao menos aquela privilegiada, sobre a qual Gurski também se debruçara). “Imagens e representações que parecem não ‘colar’, como se as vestes do *tempo de agora* fossem insuficientes para representar o sujeito na esfera pública e social”. (GURSKI, 2012, p. 32)

Os estudantes privilegiados com os quais convivo, narram sensações semelhantes. São tantas as referências que lhes chegam, tantas as possibilidades para se identificarem, tantas imagens intrusivas que escolhem acessar/são acessados, que há dificuldade para se localizarem em um mundo ao qual pertençam. Um pouco como “o mal-estar da pós-modernidade”, caracterizado por Zygmunt Bauman: angústia, não mais pela repressão da cultura, mas pelo excesso de possibilidades e a insuficiência de modelos identificatórios consistentes. (BAUMAN, 1998)

O miraculoso acesso a tudo-no-mundo, através das *big techs* multinacionais - redes sociais, *streamings*, *e-commerce*, computação em nuvem, inteligência artificial -, estaria fazendo operar, como que por livre e espontânea vontade, uma subalternizada colonização da sensibilidade aos valores desencantados e utilitaristas do ocidente.

## 2.2 Tempo, excesso, esgotamento

Sob o condão de “anjos tronchos”<sup>59</sup>, a antes festejada e auspiciosa nova era da “sociedade da informação e do conhecimento”, vê-se agora funcionar como um moedor de carne, feito na ópera rock do Pink Floyd, *The Wall* (1979), quando crianças e jovens estudantes entram e saem de uma imensa e colossal máquina de moer carne, transformadas em massa, moídas e ultraprocessadas.

Na “era da informação”, entre os estudantes universitários com os quais convivo, a (auto)exigência sobre tudo-enquanto-terem-opinião, sobrevém feito maldição. Alguns jamais cogitariam um “não sei, preciso pensar”, como resposta. Quando se pretende mostrar a sabedoria *clínica* invocada pela assunção do “não-saber”, sente-se no ar, e nos rostos, a decepção. Aspirantes a especialistas, a certeza sem titubeios lhes parece um *a priori*, a alma do negócio, em ciência. Por sua vez, se argumentos lhes são pedidos à guisa de fundamento para suas opiniões, identifica-se uma fragilidade no rejunte entre o cognitivo e o existencial das informações, sem lastro de *experiência* que permita, por exemplo, ilustrar o que dizem com casos ordinários. Ausenta-se a sabedoria prática que faria da informação um conhecimento encarnado e útil à vida, uma *sabedoria*. Afinal, cacos de imagens, textos e vídeos, subindo e descendo incessantes em *timelines*; *lives* com influenciadores gurus ao modo *coach* distribuindo respostas e receitas, necessitariam de ‘linha e agulha’ para cerzir corpo, tempo e experiência, e serem alinhavados em alguma organicidade existencial.

Vivendo em constante estado de alerta, obcecados pela informação, em permanente preocupação sobre a (in)suficiência do que conhecem e sobre o que deveriam opinar. “Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que adquirir e processar informação”. Um modo de vida galvanizado por “metáforas cognitivistas, seguramente também totalitárias, ainda que revestidas agora de um *look* liberal democrático”. Estar informado, “saber coisas”, estar “por dentro”, ainda que nada faça sentido, nem suceda em transformação existencial. Obsessão contemporânea pelo excesso de informação: a bem dizer, uma “antiexperiência”. (LARROSA, 2002, p. 21-22)

---

<sup>59</sup> Expressão que dá nome a uma música de Caetano Veloso, no álbum “Meu coco” (2021).

Daí uma dificuldade, ou mesmo incapacidade, para elaborar o vivido. O fluxo contínuo de imagens operaria como efeito empobrecedor do pensamento e da reflexão, surgindo um modo de pensar que operaria na “literalidade das observações e vivências, como se das vivências não decantassem experiências”. (GURSKI, 2012, p. 75-76)

Na lógica que opera para reduzir a função social e cultural da universidade a uma instrumentalização profissional, estudantes são instados a correr, a não perder tempo e a se graduar o quanto antes. Cumprir as metas e o cronograma do seu “projeto de vida” é para muita gente uma questão de sobrevivência (física e simbólica). Para outras, obrigação de retribuir privilégio de herança. Interessa o que é “objetivo”, o conteúdo útil, fácil e imediatamente entendido para ser posto em prática.

Em permanente solicitação e dispersão, ansiosos pela novidade, pela notícia da hora, pelo furo na realidade que poderia suplementar o oco da experiência ausente, algumas acabariam por sucumbir em confusão mental, em uma espécie de amnésia pelo excesso; e o tédio sempre à espreita como vontade de nada, apesar da permanente intranquilidade.

Ora, quando se supõe que saber é “saber coisas”, e a informação está, literalmente, ao alcance das mãos, o corpo parece se tornar indisponível, senão dispensável. A paciência, essa sabedoria do Tempo, transtorna-se em ansiedade. Sem suportar, ou mesmo desejar, aquela situação de perigo e mistério que envolve a aquisição *pari passu* de um *saber de experiência*, às pressas, jovens soçobram à opinião informada que apenas reforça a crença naturalizada em sua bolha<sup>60</sup> - às vezes forma suprema da arrogância travestida de conhecimento.

E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que (...) um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência. (LARROSA, 2002, p. 22)

Soma-se ainda a exaustão, provocada pelos dispositivos tecnológicos em suas variadas formas de atenção e formatos, veiculando invejosas promessas e modelos inverossímeis de vida feliz. Uma atenção tensa e dispersa entre afazeres, um estar sem estar. A cabeça a mil no mundo *ciber* e o corpo flácido de ânimo para o suor do *tête-a-tête*. A presença acintosa e urgente do *fora* sempre à espreita, roendo no *smartphone* pousado sobre a mesa. A ausência da presença de pessoas de carne e osso, pulverizadas em *pixels*. O corpo estilhaçado entre variados discursos, perfomances e sortidas etiquetas, a cada tele-situação. A convergência

---

<sup>60</sup> Ver Apêndice: Texto 21.

fragmentária de vivências audiovisuais estocadas na cabeça, o corpo estático, o peito comprimido, o cérebro expandido, tempo que mal se sente passar por dentro de si.

Quando, por exemplo, instados em sala de aula a caracterizar a juventude que são, evocam um imediatismo, uma pressa geral. Levantam como hipótese estarem sendo como que abduzidos pelo *timing* dos dispositivos eletrônicos, incorporando na pulsação com que medem a passagem das horas um tempo maquinal: o tempo que uma página da internet leva para abrir, o tempo de um *download*, o tempo que se pede (e chega) comida por aplicativo, o tempo do transporte por aplicativo... Sentem dentro de si o coração batendo no ritmo dos *shorts*. Certa feita, uma estudante em sala partilhou, meio irônica consigo mesma: *de tanto ouvir mensagens em velocidade 2x, comecei a perceber que ando inclusive pensando em 2x, uma loucura*. Imagine a agonia, a taquicardia psíquica, tique-toque, consumindo as entranhas do corpo. Muito mais veloz e barulhento que o tic-tac anacrônico que marcava o tempo do relógio analógico, e que já nos assustava gerações passadas onde, até na hora do amor, tiquetaqueava no fundo da cabeça. Paulatina e silenciosamente, transplantou-se um coração digital na carne das gentes.

Certa feita, em um colóquio<sup>61</sup>, ouviria uma anedota<sup>62</sup> cômica, não fosse trágica, contada pelo psiquiatra e professor de Psicologia Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Sergio Zaidhaft: a então diretora da faculdade solicitara aos professores que selecionassem os conteúdos que consideravam imprescindíveis para a formação médica. E deveriam assinalar quanto tempo seria necessário para que os tais imprescindíveis conteúdos fossem ministrados:

Chegaram as respostas, somou-se o tempo ‘imprescindível’ de todas e o tempo do curso seria de 23 anos. Repito: 23 anos somente com as atividades presenciais, sem contar o tempo de estudo fora da faculdade. (Após contar esse fato a uma turma, disse um aluno: ‘*agora entendi. Vocês embutiram as matérias de 23 anos em 6!*’). (Zaidhaft, 2019, p. 91)

Num contexto de gincana estrutural como esse, o que sobra a ser vivido? Ou, como se encontra tempo para viver?

... perguntei a alguns alunos dos dois cursos em que leciono quanto tempo por semana dedicavam à Medicina, incluindo permanência na faculdade e

---

<sup>61</sup> No “Colóquio Interdisciplinar Outras Palavras em Saúde: narrativas e humanização”, promovido pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

<sup>62</sup> Algum tempo após o colóquio, localizei a história publicada no artigo: “A saúde mental dos estudantes de medicina: reminiscências e conjecturas de um mestre-escola” (2019).

tempo de estudo fora dela. Algumas respostas: de 2a a 6a feira são 8 horas/dia na faculdade. O turno livre? Ocupado, por exemplo, com disciplinas eletivas (eletivas sim, mas com número obrigatório de créditos a cumprir), programa de iniciação científica, monitoria, liga acadêmica (...) Em casa: para os que chegam por volta de 18 horas, um pequeno descanso, jantar e, depois, 3 horas de estudo toda noite, ou seja, mais 15 horas por semana: 55 até agora. Fim de semana? Acordar cedo, como nos dias úteis, e estudar das 7 às 19 com pequeno intervalo para almoço. Ou seja, mais 12 horas sábado e domingo: 24 horas. Total: 79 horas por semana. Média por dia: quase 12 horas! Estes números se referem aos que moram com suas famílias, não têm que cozinhar, arrumar a casa, lavar a própria roupa, pagar contas, enfim, tudo que alguém que mora só ou em companhia de colegas tem de fazer. 12 horas por dia incluindo fim de semana. Vocês não sei, mas não é de estarrecer? A duas jovens alunas com este ritmo de estudo, perguntei se saíam para algum programa com amigos, se namoravam. Uma disse que sim, que seu namorado ia à sua casa nos sábados à noite, mas, então, ela já está cansada de estudar, tem que acordar cedo no dia seguinte e antes das 10 o namorado vai embora e ela vai dormir. A outra não namora, “e você sai?” perguntei, “sai uma vez neste semestre. Uma sexta- feira de noite em fevereiro, na primeira semana de aulas, mas fui embora logo. Tinha que acordar cedo no sábado para estudar”. “Sai uma vez em fevereiro”: a conversa foi no final de abril. Jovens nos seus 20 anos com esse tipo de vida 10 meses por ano (as alunas citadas acima estavam no 6º período, tinham 2 meses de férias/ano, e assim é até o internato). Oitenta horas por semana, e isso quando não dão plantão de 12 horas mais à frente no curso. Isto é razoável? Independentemente da idade e da profissão, isto é razoável? Alguém pode “realizar suas habilidades” (OMS) desse jeito?

(...) o tempo para viver (a pergunta é irresistível: se o tempo fora da Medicina é o de viver, o tempo na Medicina é de quê? De morrer?) é sempre experimentado com um sentimento de culpa, ou seja, em vez de sair, namorar, se divertir, deveriam estar estudando (...) Sabem como eles se sentem durante o curso? Como se estivessem numa corrida de obstáculos a serem suplantados e cada um que se transpõe é menos um. (ZAIIDHAFT, 2019, p. 89-91)

*Sempre em frente.* Seguir e seguir, em aceleração constante<sup>63</sup>, insatisfação idem. Incapazes de silêncio, obsedados pela novidade, mergulhados em um fluxo contínuo e incessante de informações, opiniões, imagens, demandas<sup>64</sup>. Na vida acadêmica e profissional, a muitos se impõe o pretexto da formação continuada, da atualização constante: a famigerada “reciclagem” (acho que já se achou nome “melhor”), consentida e justificada, como se objetos em obsolescência programada as pessoas fossem. E cada vez mais parecem tender a ser. O “tempo de viver”, administrado, otimizado, cronometrado, planejado, focado. Sensação de tudo dominado, tudo sob controle. Uma miséria - sem legitimidade simbólica para sustentar uma existência, mas por vezes justificada na trilogia sagrada do ocidente: Estado, Família, Religião.

---

<sup>63</sup> Ver Apêndice: Texto 16.

<sup>64</sup> Ver Apêndice: Texto 17.

## 2.3 Miséria da experiência

*Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?*

Walter Benjamin

No conhecido ensaio *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, Larrosa definiria *experiência* como “o que nos passa”, “o que nos acontece”, “o que nos toca”. E, ao nos passar, nos forma e transforma. (LARROSA, 2002, p. 21) Por sua vez, um *saber de experiência* concerniria na “elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece”. Um tipo de *saber* que se encarnaria constituindo a pessoa, sem poder dela ser separado. Muito ao contrário, por exemplo, do que reivindicaria um conhecimento científico canônico em sua sanha por objetividade, imposta a um sujeito que se pretende manter à distância, abstraído, desencarnado. Um *saber de experiência* encorparia sentido através do modo como configuraria uma personalidade, ou melhor, uma *sensibilidade*, “uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)”. (LARROSA, 2002, p. 27)

Muito antes, em *Experiência e pobreza* (1985), Walter Benjamin já desvelara essa “nova forma de miséria”, surgida com o monstruoso desenvolvimento da técnica, a pobreza de experiências. Uma “nova barbárie”.

Em um mundo onde o legado cultural se vê abandonado e desmoralizado em troca da “moeda miúda do ‘atual’”, o lugar da experiência perderia ancoragem. Como na atitude expressa no estribilho do poema *Cartilha para os cidadãos*, de Bertold Brecht: “Apaguem os rastros!”. Para Benjamin, estaríamos impelidos a um eterno (re)começo, partindo sempre do zero, com o olhar fixo à frente.

Açodados por uma desilusão radical, nada a fixar. Tampouco a fruição de um tempo sutil, da observação contemplativa e do repouso, e a possibilidade de sentir o transudar d’alguma *aura* das (horas nas) coisas.

A vida diminuindo a fresta por onde se escapa para curtir a lenta passagem das horas que apazigua. Impossibilitados de “perder” tempo para auscultar a respiração silenciosa do mundo-esfinge, envoltos em uma espécie de invisível bolha de vidro onde tudo transparece, a racionalidade ocidental se apresenta inimiga do mistério e do não-sabido, e nos tornamos filhos do cansaço e da fadiga das “complicações infinitas da vida diária”. (BENJAMIN, 1985, p. 115-119)

A prima tese do já batido texto de Walter Benjamin, “O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, afirma: seriam “cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente (...) como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. (Benjamin, 1987, p. 198)

Para explicar o declínio da arte de narrar, Walter Benjamin assinala algumas condições bem características do tempo atual. Uma delas seria a ausência de um certo estado físico, o tédio - verdadeiro terror entre a maioria dos jovens que convivo. “Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência”. (BENJAMIN, 1987, p. 204)

Outra, a perda de uma singular relação com o tempo, a *paciência*. Benjamin cita Paul Valéry:

Antigamente o homem imitava essa paciência.(...) Iluminuras, marfins profundamente entalhados; pedras duras, perfeitamente polidas e claramente gravadas; lacas e pinturas obtidas pela superposição de uma quantidade de camadas finas e translúcidas... - todas essas produções de uma indústria tenaz e virtuosística cessaram, e já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado. (BENJAMIN, 1987, p. 206)

Dada minha afinidade com a escrita, comecei a imaginar que seria factível inventar um dispositivo para auxiliar a juventude em tela a constituir para si uma “voz”, através da escrita, para expressar o vivido, e elaborar suas vivências, a ponto de decantarem em *experiência*, propiciando sua inscrição no laço social de um modo, quem sabe, menos sofrível e mais consistente.

Mas, antes de contar como procedeu essa história, vejamos como a cosmovisão ocidental, caracterizada acima de passagem, se expressaria na maneira em que a ciência

hegemônica concebe sua linguagem, debruçando-nos um pouco sobre a escrita acadêmica e seus possíveis efeitos em uma juventude universitária.

*“O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como ‘outro’ - o escuro, o feminino”.*

Gloria Anzaldúa

*Essas palavras me dão esperança de um dia escrever a mim mesma  
Rabiscar o meu nome e dar contornos ao meu corpo fugidio e fugaz  
Com as palavras entrelaço memórias fragmentadas  
De muitos tempos e espaços que se sobrepõem e já nem existem mais  
Com as palavras faço amor com homens, mulheres e comigo mesma  
Com elas faço gemidos, gargalhadas e gritos  
Com elas invento quem eu sou  
E desenho na areia da praia quem eu quero ser  
Com uma palavrinha à toa que se materializa na folha  
Me agarro à vida  
Revogo um contrato de morte  
E já não sou tão só*

Cidiane Vaz

### 3. ESCRITA COMO PRÁTICA DE CUIDADO

#### 3.1 Escrita e colonialismo

*Uma dica para quem começou a escrever artigos acadêmicos: não seja criativo(a). Guarde a criatividade para a pesquisa; tire ela do texto. Eficácia é o princípio que organiza a escrita acadêmica. A informação deve ser transmitida de maneira simples, direta e sem distrações<sup>65</sup>.*

(alvarobianchi (@alvarobianchi) *tweetou*  
às 9:50 AM on sex, jun 19, 2020)

Nas cercanias da academia, a relação com a escrita é quase sempre algo controversa. Seguindo uma gramática predominante que deve orientar a estilística dos textos, realiza-se uma escrita “propositalmente arranjada para produzir efeitos de verdade”. (PEREIRA, 2013, p. 214) Na escrita acadêmica, tende-se a apagar o sentido político das normatizações dos gêneros de escrita e mesmo das escolhas temáticas. No cânone acadêmico, há a presunção de uma escrita limpa de pessoalidade, de caracteres íntimos, o máximo distante da (primeira) pessoa - pronome inversamente proporcional à validade do discurso científico hegemônico.

Quase nada que implique ambivalência, necessidade de decifração a partir de si mesmo, interessa. Dificilmente um texto que não responda a um problema de forma clara e distinta irá interessar ao leitor. Espera-se sair da leitura mais inteligente, com uma carga a mais de informação útil, pronta para ser utilizada de imediato na resolução do problema que levou o curioso leitor a levantar tal ou qual bibliografia.

Ignora-se que escrever, como dito, é ato político. E que explicar também pode ser um modo disfarçado de dominar. No terreno cercado pela ciência colonialista, escrever em prosa poética, e rente à corp'oralidade da experiência, seria pular cerca, ao encontro do vasto mundo do “senso comum”.

A universalidade abstrata que se quer construir com a política de escrita acadêmica, esvazia a consistência existencial: mina-se a capacidade das pessoas de encontrarem um modo de expressão próprio, e se reconhecerem no que escrevem, ou no que lêem. Ao operar a catequese do modo “correto” de escrever, segundo os mandamentos do cânone hegemônico, a

---

<sup>65</sup> <<https://twitter.com/alvarobianchi/status/1273961390752124929?s=03>>.

escrita acadêmica tenderia a operar como vetor de dessubjetivação e desposseção da pessoa. Com o tempo, os procedimentos de construção discursiva vão sendo introjetados como “a” norma, e um “sujeito acadêmico” vai sendo modelado a partir de um ideal autorreferente do que seria a linguagem acadêmica.

Mas a maneira como alguns docentes, em nome desse ideal (a universalização de um conhecimento local, através da padronização da gramática de sua difusão), lidam com a escrita, tem histórias. Vejamos uma.

\*

Desde a invasão europeia, a escrita teria sido associada à domesticação do pensamento: “destribalizar a língua para produzir certa consciência; suprir uma ignorância; buscar constância e uma unidade colonizada e evangelizada”. Diante do perigo da *inconstância da alma selvagem*<sup>66</sup>, o artifício da escrita deveria vergar sujeitos, modelados por efeito de obediência. A escrita seria tomada como expressão/revelação de uma existência (um modo de registro, comunicação e espelhamento do caráter e expressão do *self*), e transmissão de uma verdade do sujeito, por suposto, escondida em sua interioridade. (SCHULER, 2017, p. 234)

No processo de aculturação colonial no Brasil, a catequese teria operado como “controle do risco”, procurando impingir na alma e na consciência dos gentios, constância e unidade, a forma típica da *identidade* ao modo ocidental cristão. Para tanto, a leitura e a escrita seriam técnicas sobejamente utilizadas. Aliás, o vínculo entre religião e escrita no Ocidente seria um velho conhecido, desde a Reforma e a Contrarreforma. (SCHULER, 2017, p. 234-235)

A ideia da escrita como controle do risco, pela manutenção da unidade identitária, teria se fortalecido no Brasil lá por volta dos novecentos. Com a educação pública já em vias de organização, a alfabetização operaria como “importante meio de controlar os riscos de uma alfabetização doméstica, regulando o que se lê e o que se escreve”. (SCHULER, 2017, p. 235)

---

<sup>66</sup> Evocação à expressão que doa título ao livro do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002).

Como estratégia pedagógica de controle do risco, a maneira como se ocupava o *tempo* se revelaria aspecto relevante. Aliás, até hoje se ouve acerca da preocupação com a “desocupação”, com a “vadiagem” (“mente vazia, oficina do diabo”), e a importância *moral* em ocupar o tempo das crianças e das juventudes, sobretudo das periferias das grandes cidades, donde uma suposta inclinação à delinquência seria reforçada pelo ambiente e pelo convívio em contextos tidos como moralmente insalubres.

A atenção com a caligrafia e a ortografia, herdada das práticas de escrita desenvolvidas na Europa no século XVIII, expressaria uma preocupação com o *traço* - compreendido como uma espécie de alegoria do caráter do sujeito. A caligrafia como “ofício do aluno”, por exemplo, implicaria em modelar um sujeito para expressar retidão de caráter através de uma escrita “direita”, limpa e organizada. Para tanto, o ensinamento da escrita deveria incidir sobre o corpo, exigindo-se do aluno uma disposição específica dos movimentos e do tempo: “o que podemos ver ainda presente nos objetivos dos anos iniciais do ensino fundamental em escolas brasileiras quando trata da escrita (cuidar do caderno, caprichar a letra, etc.)”. (SCHULER, 2017, p. 235)

Apesar das críticas aos *métodos ativos* dos chamados *exercícios de correção* (como a cópia e o ditado), até o final do século XX, e ainda nos dias atuais, identificar-se-ia sua manutenção em salas de aula como forma de inculcar “facilidade, clareza e elegância na expressão” do aluno. Ademais, o crescente incentivo a uma escrita “pessoal”, ao “escrever sobre si” (um *si* que deve ser idêntico a “si mesmo”), faria pensar, ainda sob um fundo moral religioso revestido de laicidade, sobre a relação da escrita com o controle dos corpos e das mentalidades.

No século XIX, por exemplo, quando o Império organizava a educação na corte e em suas províncias, e a escrita, conforme solicitação do rei, passaria a ser instruída para que se pudesse comunicar com clareza, nas pequenas escolas brasileiras os conteúdos seriam:

... sentenças (sentenças morais), fragmentos de catecismo, extrato dos clássicos, grandes feitos da pátria, questionários com perguntas e respostas (respostas orientadas), cópias, ditados, composições corrigidas pelo mestre, tendo-se como objetivo a comunicação clara e rápida. (SCHULER, 2017, p. 235)

Conforme Schuler, devido à precariedade dos materiais impressos que circulavam nas escolas, para o trabalho didático, utilizavam-se textos elaborados pelos próprios professores,

além de documentos, cartas e outros textos que circulavam nas comunidades. Como esses materiais continham erros ortográficos e, por vezes, conteúdos considerados imorais, com a chegada dos paleógrafos e sua utilização da metade do século XIX à metade do século XX, a impressão de materiais considerados “adequados” para os alunos teria se tornado possível. As temáticas escolhidas para circular expressavam bem a preocupação colonialesca com o controle dos modos de vida: “valores cívicos, honra nacional, amor à pátria, heróis portugueses, bem como textos de uso comercial, heróis brasileiros”. (SCHULER, 2017, p. 235)

Na Europa do final do século XIX, as práticas de escrita valorizariam o conhecimento da gramática, com vistas a facilitar a *expressão* por meio da redação. A Pedagogia, por sua vez, atuaria para criar métodos com os quais “os alunos assimilassem com rapidez o melhor possível do que estava lendo e escrevendo”. (Chervel, 1990 apud SCHULER, 2017, p. 35)

Portanto, além do controle da “alma selvagem”, pela permanente submissão a exercícios de análise gramatical, ditados, memorizações e recitações, para “melhor” expressão e registro; as práticas pedagógicas eram atravessadas, como se disse, pela preocupação com o controle do tempo. Schuler relacionará tal controle, herdado das ordens religiosas, com a emergência da “sociedade disciplinar” e a penetrabilidade minuciosa do poder no corpo,

podendo-se pensar em uma relação de imanência entre o dispositivo da escrita escolar e os modos de subjetivação modernos, quando a rapidez é operada como valor e coloca em funcionamento um modo de existir. (...) Soma-se a isso uma anulação de tudo o que pode distrair, premiações para bons usos do tempo, constituindo-se assim a lógica da utilidade do mesmo. (SCHULER, 2017, p. 235-236)

Apesar de figuras como Comenius e Rousseau haverem criticado as práticas centradas na gramática e na ortografia, em prol de exercícios mais ativos, a internalização dessa crítica no Brasil teria ocorrido de forma tardia, “uma vez que ainda na metade do século XVIII há toda uma luta para o fortalecimento do ensino da língua portuguesa como modo de unificação nacional”. (Daher, 2004 apud SCHULER, 2017, p. 236)

Mesmo já no início do século XX, no Rio Grande do Sul, um movimento de renovação pedagógica ainda proporia que estudos envolvendo a linguagem contemplassem leitura, literatura, escrita, caligrafia, composição, gramática e ortografia:

A escrita escolar deveria ser operada como um instrumento para expressão e intercomunicação social para as crianças, bem como para a aquisição de

conhecimentos, orientação da conduta e ocupação proveitosa das horas de lazer (retoma-se certa utilização do tempo). Aparecia como um modo de organizar o mundo interior, de desenvolver boas atitudes, desenvolver gosto literário, bem como apreciar os grandes valores humanos. (SCHULER, 2017, p. 236)

Conforme demonstrariam documentos da Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Sul, nos anos 1930 teria havido grande enfoque na relação entre escrita e “organização corporal”, com o aperfeiçoamento da escrita perpassando forma, velocidade, legibilidade e o controle dos movimentos. A Escola Nova reforçaria "a necessidade da caligrafia muscular, uma didática racional da escrita entendida como expressão do pensamento, oferecendo aos alunos exercícios nos quais pudessem treinar e qualificar o traçado da letra". De modo que a chamada “boa escrita” deveria envolver eficiência corporal e de caráter: "boa caligrafia, rapidez, ordem, higiene, trazendo uma boa apresentação e disciplina mental". (SCHULER, 2017, p. 236)

A escrita escolar no Brasil, portanto, funcionaria para assegurar a constância, e facilitar o controle dos corpos através da fixação identitária. A escrita como “código a ser ensinado, como modo de comunicação e registro dos saberes escolares e de si mesmo, como prática cultural e desenvolvimento intelectual”, incidiria na condução disciplinada das condutas (caráter) e mesmo da gestualidade.

Uma escrita onde o registro do pensamento e a expressão do ser, teriam por objetivo uma espécie de confissão de verdade, do “sentido ‘em si mesmo’ do mundo, do sujeito, dos valores”. Um “dizer o mesmo” que implicaria “viver o mesmo”, isto é, o que lhe fora instruído, ensinado, inculcido. Uma escrita a privilegiar o intelecto e a Razão, uma metafísica representacional do sistema-mundo cognitivista em detrimento de outras racionalidades existentes ou possíveis. Uma escrita em que a vontade de verdade operaria para cumprir um modelo específico de *humanidade*, segundo os termos colonialistas do Homem do Velho Mundo. (SCHULER, 2017, p. 236)

Por outra, escavar o suposto sujeito racio-essencialista da modernidade ocidental, subjacente à escrita, desvelaria a arbitrariedade politicamente interessada das normas impostas para a efetivação de uma escrita como expressão/revelação de um *eu* tomado como identidade a fixar.

Mostra-se como [a escrita] vem operando como uma técnica do eu que coloca em funcionamento uma determinada relação consigo, como se houvesse uma verdade dentro de si a ser revelada e registrada via escrita. E mais do que isso, um sujeito, portanto, preso a sua verdade documental.

Essa perspectiva da escrita como revelação de si remete para um entendimento de que já se tem uma consciência, a qual precisa ser comunicada e registrada. (SCHULER, 2017, p. 237)

Schuler, entanto, poria na berlinda o que chamou “regime da revelação”, e vislumbraria na escrita uma técnica passível de problematizar regimes de verdade e modos de vida. Uma escrita “objetivando a criação de uma bela existência, que faz escapes quanto à escravidão, seja de si ou dos outros”. (SCHULER, 2017, p. 238)

Nesse sentido, a escrita poderia ser tomada como prática de “criação de si”, um exercício de pensamento que escaparia a um “conhecimento representativo ligado a um sujeito do conhecimento”, para se realizar como um “ato de pensamento” que possibilitaria a “transformação do que se pensa e dos modos de existência”.

Schuler aproximaria o conceito de “ficção” à escrita como “técnica de si”, propondo que se tomasse a própria linguagem como *ficção*.

Tomar a linguagem como ficção não significa dizer que há verdade, conhecimento, realidade de um lado, e ficção de outro, mas que a verdade e o conhecimento são ficções, produzidas a partir de específicas condições políticas de possibilidade [...] A ficção, em si mesma, assumida como invenção, é afirmação. Ou, ainda, a ficção não é uma falsificação, uma mentira, já que mentira implica verdade e a própria verdade é uma ficção: ficção é invenção, é arte. (SCHULER, 2017, p. 238)

Portanto, para se materializar como uma crítica efetiva ao cânone da escrita científica, a própria estilística da escrita acadêmica precisaria também ser considerada, como já anunciavam as feministas negras. Uma escrita que *constitua* a pessoa para que se realize com alguma singularidade, e não que a dessubjete em nome do controle moral por universais localizados numa cosmovisão eurocentrada.

Por outra, uma escrita que se pretenda libertadora e generativa (para quem escreve, mas também para quem lê), não deveria estar reduzida à mera reapresentação de conteúdos por uma consciência ciosa de si, que confessa (a si) o mesmo, agora com suas “próprias” palavras.

### 3.2 O ficcional como vetor de subjetivação

Ultimamente, com a ascensão da extrema-direita e uma velha nova ordem mundial de exceção, que utiliza notícias falsas como estratégia para minar o já erodido terreno da macropolítica institucional, quando se pretende deslegitimar algum argumento, retruca-se: *Isso é narrativa!*

“Narrativa” viraria sinônimo de mentira, de invenção falaciosa de uma determinada realidade em benefício próprio, e até contra fatos, tomados, quando convém, como “ideologia”. “Narrativa”, dita assim entre aspas, tretas e cancelamentos, tornaria-se sinônimo de manipulação. Em uma civilização erigida sob o signo religioso da Verdade, tudo que parecia sólido se desmancha no ar<sup>67</sup> em fração de segundos - numa postagem na internet, ou no compartilhamento de uma notícia editada em meme e posta em circulação via aplicativos de mensagem.

Uma famigerada sinuca de bico. Se antes nos posicionávamos a modo de pôr em crise uma concepção de Verdade com eme maiúsculo, universal e indiscutível (a menos que a própria ciência, em seu vicioso círculo, a pusesse em cheque), agora estaríamos obrigados a nos agarrar à promessa de que alguma verdade há, apesar das “narrativas” (interpretações “ideologicamente” informadas). A corda bambeia e talvez não saibamos se deveríamos afirmar, de uma vez por todas, que tudo é, e sempre foi, *narrativa*, e apostar na Ética como método de verificação da legitimidade das práticas discursivas, tendo como crivo analítico os seus efeitos ao interesse comum. Ou se deveríamos ponderar que existem narrativas mais verdadeiras do que outras (menos verdadeiros ou mesmo falsas), e elegermos, mais outra vez, métodos de verificação que lho atestem. Neste caso, novamente nos colocaríamos diante da necessidade da existência de tribunais da Razão para avaliar os métodos eficazes para encontrar e/ou comprovar a verdadeira verdade em cada caso, *ad infinitum*.

O fato é que talvez nunca tenha sido tão presente e premente lidar com questões relacionadas à velha oposição maniqueísta entre verdade/falsidade, realidade/ficção etc.. Quando parecíamos destruir a golpes de martelo os ídolos inventados pela modernidade

---

<sup>67</sup> Alusão ao título do livro de Marshall Berman, “Tudo que é sólido desmancha no ar”.

europeia, agora soaria prudente o alinhamento com alguns deles, por suposto, a Verdade e a Ciência.

Mas, o que implicaria dizer que conhecimento e verdade seriam ficções, sendo a própria linguagem uma ficção, como propusera Schuler, e que a ficção não seria uma falsificação, mas uma *arte* de constituição de *si*, do “humano”, através da linguagem?

Ao redor dessas indagações, parafrasearei alguns excertos da conferência “O papel das narrativas na construção do humano”, transcritos de ouvido; conferência feita pelo músico, escritor e professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo (USP), José Miguel Wisnik, no “II Seminário Internacional Arte, Palavra e Leitura”, ocorrido em março de 2019 em São Paulo<sup>68</sup>.

\*

Ao escrever ‘eu’, um ficcionista liberaria esse ‘eu’ do vínculo usual e do vínculo obrigado com a pessoa que escreve, posto que seria próprio da ficção suspender a relação referencial. Na ficção, *eu* seria um outro, *eu* seria um *ele*, diria Wisnik. O ficcionista usaria a palavra ‘eu’ de maneira parecida com aquela que as crianças usam. “A primeira relação que a gente tem com a gente mesmo é através desse ser de ficção que é a gente na terceira pessoa”. Sendo que *eu* seria a última palavra estrutural aprendida pela criança.

Por outra, a ficção não seria um disfarce, tampouco uma projeção, nem uma “distância”, assim como a criança não se disfarçaria quando está a se chamar ela mesma de *eu*. Ao contrário, ela estaria adotando essa forma de dizer como a criação de um *jogo*, um jogo poderoso que as crianças seriam as primeiras a fazer. Portanto, argumentaria Wisnik, ao praticar a ficção estaríamos a fazer alguma coisa que nos constituiu nos primeiros movimentos da vida e da nossa relação com a linguagem.

A ficção seria uma relação em que um ‘eu’ se transforma em outro, em outros. O ficcionista partiria dessa transformação, convidando os leitores a se colocarem como outros

---

<sup>68</sup> A fala pode ser vista no canal cedacvideos, em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PhyIEDIah5I>>.

que não são. A ficção faria viver vidas possíveis, vidas virtuais, vidas que remeteriam a outros mundos.

Na ficção, embarcaria-se em um jogo, esquecendo-se de si, fazendo de conta. O que não significaria perda da identidade, posto que *se sabe* que se faz de conta. Portanto, haveria uma consciência e uma inconsciência envolvida na ficcionalidade.

É esse o ponto, *diria Wisnik*, estou consciente que sou eu, mas ao mesmo tempo me torno outro esquecendo que sou eu. E isto se faz simultaneamente. Por isso, para a ficção, não importa mais a dicotomia verdade e falsidade. Ela é uma verdade de outra natureza.

*Uma verdade de outra natureza.* Uma verdade, ao mesmo tempo, consciente e inconsciente, objetiva e subjetiva, real e irreal. Uma espécie de *pacto mágico* onde *eu é um outro*, enquanto vive a ficção. Mas, ao mesmo tempo, um contrato esclarecido, posto que se sabe que não se é o outro. O que tornaria possível uma visão crítica, um *perspectivismo*, advindo desse fato de ver a *si* como *outro*.

De modo que, o uso da ficção como prática de cuidado em terreno de ciência, visando promover saúde através da liberação do *eu* a um campo de possíveis, se assentaria no fato de que a ficção não examinaria a realidade, mas a existência. Ao invés de contar alguma coisa tal qual aconteceu, a ficção sondaria o campo das possibilidades humanas, e de tudo aquilo que seria *passível* de acontecer.

Portanto, ao escapar à referencialidade, a ficção palmilharia o imenso campo das virtualidades que se abrem, e retornam, para fecundar o real e para transformá-lo. Nesse sentido, a relação literária não se constituiria como algo da ordem da abolição da referencialidade, e sim da *suspensão*, em uma relação ambivalente, que, sem se desprender de todo da referência, também não se limitaria a ela:

Ou seja, a referência, em literatura, não deixa de operar, mas agora não coincide mais plenamente consigo mesma, remetendo também a outra coisa, em aberto; marca a si mesma, mas também a sua inadequação, a sua abertura indeterminada a outros sentidos – a referência se converte no acesso a uma floresta densa de correspondências, na qual a relação entre palavras e coisas pode ser rearranjada. (NODARI, 2019, p. 7)

A partir dessas inspirações sopradas pela crítica literária, imaginei uma prática de “cuidado de si” através da escrita. Uma escrita como *invenção de si*, autoral, no sentido forte, que não responderia apenas à criação de uma voz singular (identidade), resgatada e expressa

em um texto. Mas se configuraria em um corpo-a-corpo com a linguagem, como *experiência estética* capaz de transfigurar aquele que escreve, por uma *obliquação* operada pelo *dar-se-com* a alteridade (de/em si, dos outros, do mundo). *Outrar-se* no corpo-a-corpo com a linguagem escrita em chave ficcional, com objetivo de *cuidar-se*. Imagine.

### 3.3 Cuidado de si, escrita e *autorrecuperação*

Um fenômeno cultural “próprio da sociedade helenística e romana (de sua elite, pelo menos)”, a cultura do *cuidado de si* teria percorrido toda a filosofia antiga ocidental até o limiar do cristianismo. “Um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro”. (FOUCAULT, 2010, p. 11) Expressaria uma atitude geral “para consigo, para com os outros, para com o mundo”, como sublinhara Mariléa de Almeida acerca da escrita de bell hooks como exercício de *autorrecuperação*.

O *cuidar-se*, conforme os antigos *pagãos* do Ocidente, implicaria em que o sujeito fosse capaz de acessar uma verdade. O *cuidado de si* implicaria em se encarregar das formas desse acesso, e, para tanto, o sujeito deveria se empenhar no cultivo da “espiritualidade”. Esta, por sua vez, deveria ser compreendida como o “conjunto de buscas, práticas e experiências (...) que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade”. A filosofia *antiga* ocidental, por sua vez, não teria sido mais do que a forma do pensamento que se pergunta sobre o que permitiria ao sujeito ter acesso à verdade - logo, sobre quais as condições e os limites para o acesso do sujeito à verdade. (FOUCAULT, 2010, p. 15)

A *espiritualidade* ocidental à voga antiga, anterior ao cristianismo, isto é, *pagã*, apresentaria os seguintes postulados como meios da busca pela verdade:

. A verdade jamais seria dada de pleno direito ao sujeito, pois o sujeito enquanto tal não possuiria capacidade de ter acesso à verdade;

. A verdade não se daria ao sujeito por um simples ato de conhecimento, fundamentado e legitimado por ser *aquele* sujeito, com uma determinada estrutura de sujeito;

. Para ter direito ao acesso à verdade, o sujeito teria que se modificar, se transformar, se deslocar; *tornar-se outro* que não ele mesmo, a ponto de ver colocado em jogo o seu próprio ser.

Para encontrar-se com a verdade, o sujeito deveria passar por uma *transformação*, uma espécie de *conversão*. Tal transformação deveria arrancar o sujeito de seu *status* e de sua condição atual, sob a forma de um *movimento*: movimento do *Éros* (amor) e um “trabalho de

si para consigo”, uma “transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese (*áskesis*)”. (FOUCAULT, 2010, p. 16)

Ao tomar distância e retornar à Antiguidade pagã, encontraríamos que a verdade nada teria a ver, por exemplo, com algo que se acessa através do conhecimento. “Creio que a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele”. (FOUCAULT, 2010, p. 18)

Foucault afirmaria haver uma imensa distância entre o “conhece-te a ti mesmo” socrático e a ressignificação que teria sido operada pelo “momento cartesiano”, quando se passou a entender o conhecimento de si como “forma de consciência”. (FOUCAULT, 2010, p. 15) Aqui já se percebe que, não sendo apenas de “conhecimento” ou “consciência” que se trata, tanto em sua linguagem, quanto em suas epistemologias, algo nas ciências “positivas” não *cuidaria* de nós. Assim como uma universidade centrada no conhecimento.

Ao contrário, a condição postulada pelos antigos pagãos, seria a de que o próprio sujeito fosse posto em questão, isto é, que a verdade - quando encontrada através da busca imposta pela espiritualidade - “retornasse” sobre o sujeito.

A verdade não é simplesmente o que é dado ao sujeito a fim de recompensá-lo, de algum modo, pelo ato de conhecimento e a fim de preencher esse ato de conhecimento. A verdade é o que ilumina o sujeito; a verdade é o que lhe dá beatitude; a verdade é o que lhe dá tranquilidade de alma (...) alguma coisa que completa o próprio sujeito, que completa o ser mesmo do sujeito e que o transfigura”. (FOUCAULT, 2010, p. 16-17)

De modo que, sem a transformação do sujeito - “não do indivíduo, mas do próprio sujeito no seu ser de sujeito” -, não se conseguiria ter acesso à verdade, visto que “um ato de conhecimento, em si mesmo e por si mesmo, jamais conseguiria dar acesso à verdade”. (FOUCAULT, 2010, p. 17)

Retornando à argumentação de bell hooks, quando justificara o fato de mesclar aspectos teóricos e pessoais em seu livro, poderíamos imaginar uma aproximação com a noção de *verdade* conforme a sabedoria pagã: uma verdade vivida como *experiência de conversão*, como transformação.

Aquela reunião de ideia, teoria e experiências pessoais em comum era o momento em que o abstrato se tornava concreto, tangível, algo ao qual as pessoas poderiam se agarrar e que poderiam levar junto com elas”. (hooks, 2019, p. 26)

Ao tratar do trabalho de libertação envolvido no processo de *autorrecuperação* (tornar-se sujeito) através do ato político de encontrar/constituir uma voz, bell hooks sublinharia ainda a necessidade em criar para si uma nova linguagem.

Para hooks, o contexto acadêmico bem deveria se apresentar como um lugar onde oprimidos se juntassem para falar sobre a saída da servidão e para escrever um “caminho em direção à liberdade”. Artigos e livros poderiam ir além do que apenas informar. Deveriam servir como *testemunhas*, veículos de testemunho da importância da luta e do esforço coletivo para transformar. (hooks, 2019, p. 74) Mas a academia, feita um dos dispositivos da colonialidade, carregaria em sua linguagem o “cheiro da opressão”. E a aprendizagem da linguagem do opressor teria por consequência possível assimilar o oprimido à hegemonia dominante, através das convenções do jargão acadêmico - assim como vimos a respeito da escrita escolar no Brasil colônia.

Partindo da premissa de que estaríamos “enraizados na linguagem”, bell hooks a identificaria como “lugar de luta”: para recuperar a si mesmo, o oprimido deveria lutar na/ com a linguagem para ler a si mesmo e “reescrever, reconciliar, renovar”. (hooks, 2019, p. 73)

Quando saíra de casa, bell hooks passaria a viver “com e entre pessoas brancas e seus saberes”, e teria aprendido a compreender a construção social do *eu* como um processo de “oposição a outro que deve ser destruído, aniquilado”. No senso prático da cosmovisão ocidental, o *eu* se afirmaria em detrimento do outro, em permanente confronto, com vistas a exercer o poder como forma de domínio, quando não, extermínio.

Entanto, em seu coração, quando buscou saber se o *eu* oprimido, dominado e desumanizado, seria capaz de recuperar as condições para a completude, hooks evocaria saberes não acadêmicos, outras epistemologias, portanto. Saberes aprendidos entre pessoas negras não escolarizadas.

Nós aprendemos que o eu existira em relação, era dependente, para sua própria existência, das vidas e das experiências de todas as pessoas; o eu não como “um eu”, mas a junção de “muitos eus”, o eu como a incorporação de uma realidade coletiva passada e presente, família e comunidade. A construção social do eu “em relação” significava, então, que conheceríamos as vozes do passado que falam em e para nós, que estaríamos em contato com o que Paule Marshall chama de “nossas propriedades ancestrais” - nossa história. (hooks, 2019, p. 78)

Para ela, escrever operou feito um “ato de restauração”, permitindo-lhe recuperar a completude do ser. Uma espécie de regresso à completude do eu, anterior à exploração e à opressão. *Autorrecuperar* tal “completude” significaria recuperar uma “voz coletiva”, através da qual “o indivíduo dominado e explorado experimentaria uma nova e diferente relação com o mundo”, por experiência própria. (hooks, 2019, p. 82)

Gloria Jean Watkins, como em uma espécie de novo nascimento, tomaria para si um outro nome, bell hooks, extraindo seu pseudônimo da bisavó materna. A razão? Constituir para si uma identidade-escritora e, por conseguinte, reivindicar uma voz própria que lhe fizesse desafiar e dominar os impulsos que a pudessem levar em direção ao silêncio. (hooks, 2019, p. 38)

À época, por volta dos dezenove anos, hooks identificara consigo duas inclinações de não muito fácil conciliação. “Eu me via como uma poeta que, embora abordasse questões políticas na escrita, não estava buscando uma voz pública”. (hooks, 2019, p. 326) Enquanto isso, assuntos sobre política feminista se tornavam uma nova paixão em sua vida. Como reconciliar a vida contemplativa, e a disputa interna pela “iluminação espiritual”, com a política?

Ao ler o manuscrito de quinhentas páginas de seu livro *Ain't I Woman*, bell hooks percebera que as vozes do texto variavam conforme o grupo sobre o qual falava, sem que houvesse uma voz que pudesse chamar de sua. O que lhe pareceu efeito daquele medo de dizer a coisa errada - inibição, segundo ela, frequentemente encontrada em membros de grupos explorados e/ou oprimidos, que “age suprimindo e reprimindo a criatividade tanto em termos de pensamento crítico quanto de expressão artística”. (hooks, 2019, p. 327) Aquele mesmo medo que se fez estratégia de sobrevivência, quando, desde a escravidão, as pessoas negras teriam aprendido a resguardar a fala para evitar a punição severa, ou mesmo a morte. bell hooks localizaria na infância a assunção desse padrão de expressão contida, quando com frequência era punida por dizer a coisa “errada” e por pensar de maneiras que os adultos ao seu redor consideravam inapropriadas.

Uma vez que a opressão racial permaneceu como norma social, pessoas negras ainda percebiam ser necessário limitar a liberdade de expressão, empenhar-se na autocensura (...) Frequentemente, nossos mais idosos diziam que nos puniam para nos ensinar nosso lugar, para nos manter na linha; assim não seríamos castigados por pessoas brancas, não seríamos destruídos. (hooks, 2019, p. 327-328)

Para enfrentar o medo e encontrar/inventar sua própria voz, bell hooks sentiria a necessidade de se descolar do confinamento em uma identidade, investida e fixada desde o seu nome de registro, e que lhe obrigara a se acostumar com formas de expressão “veladas, abstratas, pouco claras”. De modo que a escolha e o uso de um pseudônimo cumpriria, a princípio, uma espécie de “função terapêutica”, possibilitando reivindicar uma identidade que lhe garantisse o direito à fala. (hooks, 2019, p. 328-329)

Plausível inferir, a “função terapêutica” do pseudônimo operaria como um dispositivo para desconstrução/invenção de si ao encontro da própria voz, e da realização do desejo de ser escritora. Dito de outro modo, a criação de um pseudônimo possibilitaria a bell hooks a invenção de uma personagem, capaz de driblar o *eu* que se havia fixado em uma identidade determinada ao longo das suas experiências - sobretudo na infância - como mulher negra. Uma libertação íntima que, ao mesmo tempo, repercutiria na voz pública que viria a erguer e propagar. A invenção de um novo nome tornaria possível criar uma *distância* (entre o ‘eu’ e ‘si mesma’) e perceber como isso afetaria a maneira pela qual se via e ao seu trabalho.

Na busca pela constituição de uma voz própria, bell hooks acorreria ao pseudônimo, mas não um qualquer. A própria escolha do nome comporia a potência de que precisava para se firmar como escritora, mulher, negra.

Como dito, fora o nome de sua bisavó que escolheu: “uma mulher forte, uma mulher que falava o que vinha à cabeça”. Reivindicar tal nome para si seria uma maneira de vincular sua voz “a um legado ancestral da fala das mulheres - do poder da mulher”, e então garantir o direito à fala.

Eu era uma jovem garota comprando chiclete na loja da esquina quando realmente ouvi pela primeira vez o nome completo Bell Hooks. Tinha acabado de “responder” a uma pessoa adulta. Eu me lembro até hoje do olhar de surpresa, do tom malicioso que me inteirou de que eu deveria ser parente de Bell Hooks - uma mulher de língua afiada, uma mulher que falava o que vinha à cabeça, uma mulher que não tinha medo de erguer a voz. Reivindiquei esse legado de enfrentamento, de vontade, de coragem, afirmando minha ligação com mulheres ancestrais que foram destemidas e ousadas em suas falas (...) Bell Hooks, da forma como a descobri, reivindiquei e inventei, era minha aliada, meu apoio. (hooks, 2019, p. 38)

Ao que parece, mais do que uma lembrança que a fizesse seguir pegadas (por exemplo, procurando saber a verdade sobre o passado da bisavó, para conhecer quem fora

aquela mulher *de fato*), tratou de reimaginar, e mesmo *inventar*, a partir das histórias que ouviu, uma memória da ancestralidade que conviesse ao seu propósito: a libertação para encontrar(-se com) a própria voz. “Bell Hooks, como vim a conhecê-la através dessa contação da história familiar, na forma em que eu *sonhava* com ela e a *inventava*, tornou-se um símbolo do que eu poderia me tornar”. (hooks, 2019, p. 328, *grifo nosso*)

A invenção de um nome como “estratégia de empoderamento”, um pseudônimo cuja inspiração adviria de uma antepassada de força e poder, revelou-se como um dispositivo para *performar o eu* e possibilitar que bell hooks devolvesse a identidade-Gloria aos que a haviam assim nomeado em seu nascimento de carne. Identidade que lhe fora atribuída, e com a qual se habituou, através das convenções e condicionamentos culturais (im)postos por aqueles que a tinham criado. De modo que encontrar sua própria voz se tornou factível ao criar para si uma identidade outra, transfigurando-se com a força da invenção de um nome. (hooks, 2019, p. 329)

Uma decisão nada fácil, inventar um novo nome em detrimento do que lhe foi dado, um pseudônimo como estratégia de desapego da identidade como representação absoluta do eu. Para bell hooks, fora preciso recorrer à crença na “espiritualidade como uma força vital” para lhe incentivar na decisão:

Muito do pensamento religioso que me movia enfatizava o desapego, o abandono do ego, do sempre presente eu. Usar o pseudônimo era um lembrete constante de que minhas ideias eram expressões de mim, mas não eram a imagem completa (...) a hiperidentificação com ideias, vendo-as não meramente como expressões de um eu, mas como representações absolutas do eu, impedia a criatividade, o pensamento crítico e o crescimento intelectual. (hooks, 2019, p. 330)

Relembra que em muitas comunidades tradicionais do mundo, como os Inuíte e os aborígenes australianos, nomear seria fonte de empoderamento, “um importante gesto no processo de criação”. Lembra inclusive que muitos escravizados “afro-americanos” teriam se renomeado após a emancipação, como forma de encontrar um lugar no mundo.

Como em tradições folclóricas afro-americanas do sul dos Estados Unidos, um nome é percebido como uma força que tem o poder de determinar se um indivíduo será ou não completamente autorrealizado, se ela ou ele será capaz ou não de realizar o seu destino, encontrar seu lugar no mundo. (hooks, 2019, p. 336)

Em nossos termos, a adoção do pseudônimo por bell hooks bem poderia ser pensada como uma estratégia para manter sua fidelidade às emoções, aos sentimentos e às ideias, às suas experiências pessoais, enfim. Algo que aproximamos, para nossos fins, à fórmula de Doubrovski citada por Philippe Vilain (2014, p. 225-226), ao redor da *autoficção*: “Se tento me lembrar, invento-me”. Vilain conceberia a *autoficção* em sua escrita, como uma forma de junção entre fidelidade emocional e recriação factual: “Arrogo-me a liberdade de transformar os fatos, os acontecimentos, mas nunca as emoções”.

De modo que, além da possibilidade de expressar supostos conteúdos internos, e nomear emoções e sentimentos, pondo na linguagem sensações e mal-estares inauditos; imaginei tomar a escrita, ela própria, como *experiência*, capaz de operar uma espécie de *transfiguração* do sujeito, através da ficcionalização da sua própria vida, tomando-se a si como personagem.

### 3.4 Autoficção

Categoria controversa e ainda em curso de elaboração, a *autoficção* teria surgido no contexto da explosão contemporânea da “ego-literatura” nos anos 70, 80. Inserida no campo mais amplo das “escritas de si”, a autoficção compreenderia os discursos assinalados por Michel Foucault, mas também outras formas modernas, como: memórias, diários, autobiografias e ficções sobre o eu. A categoria da *autoficção* suplementaria o mero “registro do eu” como uma técnica de si que *constituiria* o próprio sujeito, *performando* a noção de indivíduo.

O conceito de autoficção, reformulado por Diana Klinger (2012), comporia o campo da chamada “constelação autobiográfica” e poderia ser resumido como um modo narrativo híbrido, ambivalente, no qual a *ficção de si* teria como referente o autor, “mas não como pessoa biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente”. Personagem que se exibiria “‘ao vivo’ no momento mesmo de construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre a subjetividade e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação”. (KLINGER, 2012, p. 57)

A categoria da autoficção, sem perder de vista a *experiência*, problematizaria a noção substancialista de sujeito - comum entre as pesquisas autobiográficas - e a existência *a priori* de uma suposta verdade escondida que poderia ser desencravada e expressa através da escrita, ao modo cristão colonial, da escrita como confissão da verdade do sujeito, como vimos com Schuler.

Por sua vez, o sujeito em questão na autoficção não seria aquele sustentado pelas teorias em torno da *constelação autobiográfica*, visto que a linearidade causal de uma trajetória de vida estouraria, em benefício de possíveis ficcionais. De modo que a ficção abriria um espaço de exploração que excederia a autorreferência do sujeito biográfico - como vimos com Wisnik e Nodari. A relação do relato com uma “verdade” prévia a ele, que o texto viria saciar, pouco interessaria na autoficção. Ao contrário, “a noção do relato como criação da subjetividade” permitiria pensar “a autoficção como uma *performance* do autor”. (KLINGER, 2012, p. 46)

Apesar do perigo, sobre o qual trataremos adiante, a noção de *autoficção* não precisaria recair em uma atitude relativista à moda “pós-moderna”, de negação de toda e qualquer possibilidade de verdade, ou de um deslizamento incessante da identidade, e a liquidez do sujeito. Afinal, renegar a facticidade do *dever* vivido por um sujeito localizado em um mundo seria absurdo.

Ao mesmo tempo, tal qual nas “escritas de si”, conforme palmilhadas desde a Antiguidade pagã por Michel Foucault, a *autoficção* levaria em conta um sujeito sendo constituído *através* da narrativa, o que significaria tomar a própria escrita como *experiência*. De modo que a noção de *autoficção* poderia funcionar como um operador conceitual chave para lavar o campo teórico das “escritas de si” e auxiliar na imaginação de uma práxis. Em nosso acesso *local*, a *autoficção* poderia inspirar o desenvolvimento de uma prática de cuidado onde a experiência seria elaborada como *performance do eu*, na escrita, possibilitando a constituição de um *outro de si* pela prática orgânica da escrita, desbordando efeitos na vida além do personagem de papel.

Para Klinger, a autoficção implicaria uma *dramatização de si* (analogia com o teatro), que suporia “um sujeito duplo, ao mesmo tempo real e fictício, *pessoa* (ator) e personagem [...] a dramatização supõe a *construção* simultânea de ambos, autor e narrador. Quer dizer, trata-se de considerar a autoficção como uma forma de *performance*”. (KLINGER, 2012, p. 49)

Imaginei a *autoficção* como dispositivo crítico-clínico (epistemológico) em potencial, uma categoria crítica da qual seria esperado extrair uma noção de sujeito, nem substancial, nem dissolvido. Pretendia desdobrar como uma tal noção poderia ser posta em funcionamento na escrita, de modo que a escrita, ela própria, atuasse, a um só tempo, como uma experiência de constituição/transformação de si e um veículo narrativo portando um *saber de experiência*.

Supunha que, ao se colocar em atitude *ficcional*, em uma espécie de “dois altos” com o regime epistemológico que opõe verdade e falsidade, realidade e fantasia, o sujeito, constituído através da escrita autoficcional poderia operar uma espécie de *liberação do eu*, facilitando a expressão de conteúdos represados pelo intenso sofrimento advindo da profusão de sensações que não se ousa dizer, ou para as quais sequer se encontrou um nome.

Poderia uma política da escrita de si/mundo, sob a poética do *desvio alterficcional*, funcionar como veículo de decantação/assentamento da experiência e, ao mesmo tempo, dar forma ao sofrimento, para melhor transladá-lo? Poderia a escrita *autoficcional* ser capaz de parturejar um *nome próprio e comum* a uma jovem branquitude crítica? Imagine.

### 3.5 Das “escritas de si” à *autoficção*

*... uma escrita literária, filosófica, artística que possa operar, em brechas, em dois movimentos: de dissolução do sujeito e também como uma técnica possível de subjetivação. Uma escrita como experiência que poderia atravessar microfisicamente os modos de pensamento e existência. Escrever não para contar de si, mas para compor-se. Escritas como encontros, eventos que deixam rastros. Escrever consistiria, assim, numa operação de alteração do que se pensa e, acima de tudo, do que se é.*

Betina Schuler

Você deve lembrar, ao tematizar a relação entre sujeito e verdade, per-seguindo a antiga filosofia pagã dos gregos, Foucault encontraria que a *askesis* filosófica (prática de si) teria como objetivo último colocar *a si* o sujeito *como fim de sua própria existência*. Nada a ver com *renúncia* - a este ou aquele aspecto do que se é, em nome da salvação messiânica -, ou subjuço. Por outra, tratar-se-ia de ligá-lo à *verdade* como momento de encontro consigo mesmo, como “fim e objeto de uma técnica de vida, de uma arte de viver”. Pois, sob o signo do inacabamento, a precariedade constitutiva da condição humana convocaria à tecitura de um “equipamento de defesa contra os acontecimentos possíveis da vida”.

De modo que a finalidade daquela ascese filosófica pagã, anterior ao cristianismo, mas em muito por ele saqueada e distorcida, teria sido assegurar a subjetivação de um discurso verdadeiro e útil à vida, que assentasse o ser do sujeito através de certas práticas (espiritualidade). Qual suporte permanente dessa ascese, no exercício de si sobre si, estariam a *escuta*, a *leitura*, a *escrita* e o próprio *ato de falar*. (FOUCAULT, 2010, p. 295-297)

\*

A respeito da escrita, Foucault identificaria três modalidades:

. os *hypomnémata* (“anotações que devemos fazer sobre as leituras, ou sobre as conversas que tivemos, ou sobre as aulas a que assistimos”);

. a *correspondência espiritual* (“correspondência de alma, correspondência de sujeito a sujeito, correspondência cuja finalidade não consistia tanto (...) em dar notícias sobre o

mundo político, mas em dar um ao outro notícias de si mesmo, indagar sobre o que se passava na alma do outro, ou pedir ao outro que desse notícias do que se passava com ele”);

. e a *autobiografia* (“a descrição de si no desdobramento da própria vida”). Esta última, embora tenha sido muito pouco praticada, quando se leva em consideração os textos dos séculos I e II (como nas correspondências de Lucílio ou nos tratados de Plutarco), retornaria no século XVI de modo central. Sob a influência do cristianismo (Santo Agostinho), a *autobiografia* seria movida por uma motivação confessional, como busca de salvação, a partir da obrigação que o sujeito teria em enunciar um “dizer-verdadeiro sobre si mesmo”, uma confissão de verdade, como se disse. Entretanto, esse tipo de relação com a verdade em geral, para encontrar a própria salvação, jamais teria existido na Antiguidade grega, helenística ou romana. (FOUCAULT, 2010, p. 321-326)

(Nossa opção, a princípio, pela escrita *autoficcional* se configuraria como um antídoto a essa tendência “natural” de uma “vontade de verdade”, que, muita vez se imiscui, subreptícia, nas pesquisas em chave autobiográfica).

Quando recorremos à história das “escritas de si” em sua relação com a subjetividade, temos que a escrita performaria a noção de sujeito como a conhecemos, da Antiguidade até hoje. Considerada uma das tradições mais antigas do Ocidente, a escrita de si, desde a Antiguidade greco-romana, se apresentaria como uma técnica que contribuiria para a *formação de si*. (KLINGER, 2012, p. 23) Em suas variadas formas, a *escrita* comporia o conjunto de técnicas relacionadas ao “cuidado de si”, configurando-se como um dos fundamentos para o cultivo da arte de viver.

Entanto, com o “momento cartesiano” na história moderna da filosofia ocidental, a valorização do conhecimento teria subsumido a preocupação primordial da Antiguidade com o cuidado de si. Ao invés de se manter ligada ao “cuida-te”, a máxima “conhece-te a ti mesmo” fora se descolando e ganhando autonomia, constituindo-se como uma das premissas do ascetismo cristão. O dever de conhecer-se a si mesmo seria um dos elementos centrais do ascetismo cristão, mas já não como um movimento que conduz o indivíduo a *cuidar de si mesmo*, mas como forma pela qual o indivíduo *renunciaria* ao mundo, desapegando-se da carne. Daí adviria uma concepção moral de sujeito fundamentada na renúncia, distinta daquela da Antiguidade pagã. Uma subjetividade “permeada pelos valores de culpa e pecado”,

que deveria ser forjada pela renúncia ao mundo terreno e diante da face de um Deus onipresente.

O sujeito passaria a manter uma relação umbilical com a categoria de verdade, sendo a confissão a técnica fundamental para a construção de si mesmo, “como caminho para a ascese purificadora da individualidade em direção à transcendência divina”. Ou seja, ao invés de uma ética do “cuida de ti mesmo” o cristianismo haveria forjado uma “moral do ascetismo” onde o “si” teria passado a ser a instância a rejeitar, e o “cuidado de si” algo suspeito ou mesmo imoral. (KLINGER, 2012, p. 25)

Durante a pesquisa chegaria a me perguntar se a dificuldade que muitos/as estudantes sentiam para comporem narrativas ficcionais, inspiradas em acontecimentos vividos, não seria um sintoma dessa relação cristianizada com a escrita, onde subsistiria uma necessidade moral em dizer ‘a’ verdade sobre si mesmo, sob pena de incidir no pecado da mentira. Por outra, tomar a escrita como exercício de subjetivação em modo *autoficcional* potencialmente poderia vir a liberar o sujeito de certos assujeitamentos identificatórios, que lhe afixaria em uma identidade, reduzindo o espectro de possibilidades do existir e de firmar um *nome próprio*, uma verdade para si. A dificuldade poderia estar relacionada à incompreensão, por incompetência didática minha, quem sabe, de fazê-los compreender o que seria a autoficção. Mas também poderia revelar uma possível ação moral da colonialidade.

Quando tratou da leitura, como uma das práticas da *espiritualidade*, Foucault admoestaria que sua finalidade não seria adquirir “conhecimento da obra de um autor; nem mesmo por função aprofundar sua doutrina”. Ao contrário. O povo antigo aconselhava que a pessoa aspirante à verdade lesse poucos autores, poucas obras; e, no que lia, escolhesse poucos trechos e apenas passagens consideradas importantes e suficientes<sup>69</sup>. (FOUCAULT, 2010, p. 317) Pois a finalidade da leitura, como prática “espiritual” de busca da verdade sobre si, seria chegar à *meditação*.

A função meditativa da leitura seria caracterizada pelo “*deslocamento do sujeito* com relação ao que ele é por efeito do pensamento (...) exercício do sujeito que se põe pelo

---

<sup>69</sup> Como exercícios envolvendo a leitura, Foucault destaca a prática de resumos e florilégios, “nos quais se reúnem, sobre um determinado assunto ou sobre uma série de assuntos, proposições e reflexões de autores diversos”. (FOUCAULT, 2010, p. 317-318)

pensamento em uma situação fictícia na qual se experimenta a si mesmo”. (FOUCAULT, 2010, p. 320)

A escrita seria um exercício físico de incorporação dos discursos recolhidos. A escrita, por sua vez, seria uma maneira de dar corpo àquilo que a leitura recolhera, e assimilar “a própria coisa na qual se pensa”: “Nós a ajudamos a implantar-se na alma, a implantar-se no corpo, a tornar-se como que uma espécie de hábito, ou em todo caso de virtualidade física”. (FOUCAULT, 2010, p. 321)

De modo que imaginei um entrelace entre a *função meditativa* da leitura e a *autoficção*, na medida em que a meditação teria como finalidade o “deslocamento do sujeito com relação ao que ele é por efeito do pensamento”. Na *autoficção*, assim como na meditação - repito, acrescentando -, tratar-se-ia de um exercício do sujeito em se por, pelo pensamento, em uma situação *fictícia* na qual se experimentaria a si mesmo como *outro*. Para tanto, o sujeito em modo autoficcional, ao partir, em sua escrita, de sua própria vida, de situações vividas e emoções sentidas, reativadas na experiência físico-existencial da escrita, teria, como finalidade precípua, *transfigurar-se*.

No fim das contas, retornaríamos à antiga acepção da espiritualidade, a que postularia “a necessidade de que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, torne-se, em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito a[o] acesso à verdade”. (FOUCAULT, 2010, p. 16)

Como *prática de cuidado*, imaginei a escrita operando uma urdidura nas cisões do *sentirpensar*, fragmentado pelos vetores de subjetivação dos dispositivos institucionais cartesianos que moldam a constituição da *pessoa* postulando a supremacia da Razão. A escrita autoficcional poderia ser ainda, um modo de eclipsar a transcendência de uma Verdade que insistiria em se abater como um Outro onipresente.

A fixidez identitária - que na juventude pode se impor como maneira “saudável” para responder às expectativas sociais, mostrando-se que se sabe quem é e pra onde vai, para se re(a)presentar no teatro das existências em busca de uma re-inscrição da sua personagem no laço social - costuma esconder camadas de sofrimento. Sob a máscara da co-incidência entre o *eu* e o *si-mesmo*, isto é, para se manterem idênticas, previsíveis, controláveis e aptas a cumprir o que socialmente se espera delas, por suposto, seria suficiente seguir os modelos de vida

apresentados no mercado *prêt-à-porter* das identidades (ROLNIK, 1997, p. 22), encontrando meios de sublimação através das identificações prepostas.

Mas existiriam as/os que não se conformam, que não se encontram, que não *sublimam*, que não atendem às expectativas - porque não querem, ou porque não podem.

Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas, do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós, e muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. Desde então estamos buscando aquele eu, aquele “outro” e umas as outras. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

Ou seja, a ideia de uma identidade fixa, substancial, se apresentaria em uma dupla face. Pode-se a sentir como um *eu* fixado fora de si, projetado e refletido por um outro com o qual se poderá, ou não, identificar-se. Mas, em outra face, esse exílio forçado poderia consistir em mergulhar na surpresa<sup>70</sup>, e encontrar, por exemplo, com a escrita, os meios para palmilhar esse mistério longe-perto do “exílio de si” e das potências como que submersas e latentes no próprio corpo.

Na escrita *autoficcional* como dispositivo de cuidado, imaginei se tratar da relação com a alteridade *na* pessoa: o *trânsito* entre o eu sempre em vias de se afixar, com passaporte carimbado pelas agências sociais, e aquele *eu migrante*, que levanta suspeitas, que não respeita fronteiras, forçado que foi a se constituir *na passagem*, no *transe* de uma diáspora existencial que não cessa de inventar cais e mar.

Talvez a escrita pudesse fazer irromper esse poder de *transfiguração* ao esculpir possibilidades narrativas para si, que limassem as estruturas encarquilhadas do cânone, da moral ou da posição social que embalsamam o corpo. Quando deglute convenções e identidade, e regurgita um *eu* transfigurado, mesmo se fugidio e perecível, a escrita poderia “reconciliar este outro dentro de nós”. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

Ou ainda, poderia sustentar a *convivência* entre *outros* de (dentro) *nós*. Uma convivência tensa, se o coração não apazigua: contraste com o modo da convivência com o inimigo nos dias que precediam o ritual antropofágico praticado por nossos ancestrais tupinambás: conta-se que, mesmo ciente da fatalidade que se avizinhava, era possível uma estadia digna em território inimigo, até que a morte ritual sobreviesse. Guardada a

---

<sup>70</sup> “Mergulhar na surpresa”, música de Maurício Pereira. Álbum: “Mergulhar na surpresa”, 1998.

incomensurabilidade do contraste, talvez caiba imaginar que a vida, vizinha de porta com a morte, requeira uma convivência com o inimigo em nós e o feitiço de um terceiro termo, resultado da transfiguração no embate imanente com a alteridade enovelada na multiplicidade de eus. Terceiro termo: um corpo *próprio* (um *nome*, uma *voz*) tecido em fios com uma *comunidade* (com a qual se encontra e/ou inventa). Um *nome próprio e comum*.

Entretanto, preciso ressaltar, se alguns indivíduos privilegiados teriam a possibilidade de *pensar-se* feito *outro*, em contrapartida, há pessoas (pretas, pobres, dissidentes) que se sentem fechadas em si, marcadas pelo estigma social de suas próprias circunstâncias, pela vida que levam, ou pelo corpo que são. Desprender-se das coerções de uma identidade que por vezes nos farta, eis a dor e a delícia do (privilégio de) desenraizamento. Mas, para escrever, apenas alguns poucos poderiam tomar para si o conselho de Montaigne, e reservar-se “um quarto de fundo totalmente nosso, aberto, no qual estabelecemos nossa verdadeira liberdade, lugar primordial de retiro e solidão”. (MONTAIGNE, 1969, p. 292 apud LE BRETON, 2018, p. 218)

### 3.6 A atualidade (perigosa) da *bioficção*

*O que chamamos atualidade  
não é em parte nada mais do que essa fugacidade das modas,  
levada a um extremo grau de exasperação  
por uma infinidade de agentes de brilho intenso.*

Édouard Glissant

Escritas que partem da experiência, e que propõem táticas de *deslocamento do eu* através da escrita, podem também ser interpretadas como mero “culto à personalidade”<sup>71</sup>. Certas “escritas de si” poderiam funcionar como um modo de libertação, como dissemos, ao desafixar uma vida dos moldes *prêt-à-porter* que circulam no mercado cultural das identidades. E fazer ver a falsa autenticidade representada por um nome “verdadeiro”, associado a uma personagem (da vida) real, que dissimularia, em verdade, a vontade de domínio (Estado<sup>72</sup>) sobre os corpos através dessa abstração (a Identidade) que, apesar de intangível, produz efeitos concretos a quem se vê individualizado para ser responsabilizado, culpado e, eventualmente, punido.

Como informa a estampa nas camisas da estação, *viver é político*. E, em tempos de negacionismo, mesmo a ficção tem lado. Logo, há que se considerar também os perigos relacionados a conceitos que bem podem ser identificados como fazendo parte da “ordem do discurso celebratório das poéticas de descentramento do sujeito contemporâneo”, como: “espaço biográfico”, “bioficção”, “conficção”, e mesmo a “autoficção”.

Denise Carrascosa, em “Pós-colonialidade, pós-escravismo, bioficção e con(tra)temporaneidade”, expõe a tensão “entre a simulação politicamente apropriada do lugar de sujeito e a capitalização neoliberal da existência fluida do sujeito”. (CARRASCOSA, 2014, p. 106, 109) Vê-se em posição de contínua “desconfiança e desconforto em relação às problemáticas e categorias teóricas que emergem e migram desde o além-mar europeu”.

---

<sup>71</sup> Sem que se possa deixar de levar em conta a obsessão narcísica com a personalidade e as “representações do eu”, intensificada em tempos atuais da vida-como-espetáculo-em-cartaz nas redes sociais.

<sup>72</sup> O termo “Estado” aqui se refere, não apenas à forma jurídica, mas a uma mentalidade comum à cosmovisão ocidental. Ressalte-se ainda que o Estado (como forma jurídica e mentalidade), ao lado do cristianismo e do racismo, são pilares fundantes do colonialismo e da colonialidade em curso.

Considerando uma citação de Ashcroft, segundo a qual as teorias europeias emergiriam de tradições particulares que foram escondidas sob a falsa ideia do “universal”, Carrascosa indaga sobre quanto de um *européismo universalista* ainda permaneceria, como traço residual, em categorias teóricas nomeadas a partir do desejo de *suspensão* de fronteiras entre realidade e ficção e da vontade de *dissolução* da unidade discursiva do indivíduo. (CARRASCOSA, 2014, p. 107) Seu conselho seria que as discussões em torno de conceitos como *bioficção*, ou *autoficção*, deveriam conectar as produções aos “diversos modos contemporâneos de produção econômico-simbólica da subjetividade, inclusive e principalmente aos subalternizantes”. (CARRASCOSA, 2014, p. 108)

Em tom retórico, indaga-se a autora se não estaríamos pensando a produção estética desarticulada do modo de produção econômico, “global e desterritorializado, assim como tantos sujeitos cujo nomadismo festejamos”. (CARRASCOSA, 2014, p. 109) E sugere mais profícuo pensar a *bioficção* e afins, como “funcionamento imbricado nas práxis sociais e produções culturais”. (CARRASCOSA, 2014, p. 111)

De modos que o desafio anteposto por Carrascosa sobre a problemática da subjetivação, seria “pensar localizadamente” e em “zona de diferença negociada”, pois os processos de escravidão e colonização operariam como “tecnologia de produção subjetiva dispersora e produtora de subjetividades utilmente despedaçadas, sem centro seguro de referência ou apoio sociopolítico”. (CARRASCOSA, 2014, p. 114)

Por outro lado, para enfrentar o racismo dos “regimes de subalternização pós-escravista e pós-colonial”, Carrascosa identificaria usos da *bioficção/autoficção* onde “a dobra pós-moderna do subjetivo se torna dobra da dobra; ou seja, [uma] recapitalização da capitalização de uma experiência de sequestro subjetivo, envolvido nos esquemas de subalternização”. (CARRASCOSA, 2014, p. 120)

Denise Carrascosa relembriaria, por exemplo, o “chão-território” semeado por Morrison para dar conta da ambivalência de seus sentimentos, através da construção de personagens que ela, ao mesmo tempo, deseja e odeia. (CARRASCOSA, 2014, p. 116) Cita ainda a inscrição *autoficcional* de Jamaica Kincaid e Elaine Potter Richardson, ao executarem “uma leitura de si contrapontual e ruidosa ao jogo colonial de silenciamentos”, quando interpelam a tecnologia estética do romance realista do século XIX e sua representação do

indivíduo burguês, tão útil ao império inglês. (CARRASCOSA, 2014, p. 118) Reconhece a técnica narrativa híbrida, e em constante oscilação, de *A question of power*, onde a narrativa transita “entre lugares de fala de racionalidade e irracionalidade/sanidade e loucura, primeira e terceira pessoas, perspectivas adulta e infantil/vozes de fê e ceticismo/representação realista e surreal”. Para Carrascosa, um tal modo narrativo se constituiria como um *catalisador de processo subjetivo* que não se deixaria flagrar em formas fixas de personagens. O que permitiria fazer valer um *sujeito fluido* sem que fosse pensado como um “quase nada liquefeito na ‘insanidade’ como categoria de uso e abuso da nossa conhecida ‘civilização ocidental’”. (CARRASCOSA, 2014, p. 119)

No fim, e ao cabo, Denise nos deixa a pensar sobre o que chama de práticas narrativas “con(tra)temporâneas”:

Uma linha de força de certas práticas que, para além de lidarem com a simultaneidade da tríade entre aquilo que está *no* próprio tempo, *contra* e *a seu favor*, subrepticamente fazem exceder aquele traço contrário, tensionador, deslocador das margens do pensamento, das representações e das produções cotidianas. (CARRASCOSA, 2014, p. 120)

### 3.7 Escrita e endereçamento

As considerações de Carrascosa sobre o perigo da "capitalização neoliberal da existência fluida do sujeito", fez-me atentar, ainda mais, para a *localização* do meu intento, qual fosse: elaborar uma prática de cuidado com uma *branquitude* crítica jovem universitária classe média. Na medida adequada, seria preciso temperar o uso da escrita autoficcional, de modo que não funcionasse apenas como um placebo para desafogar angústias “interiores” sem, efetivamente, engajarem-se nos problemas sociais, alguns elencados acima, que geram sofrimento.

Foi quando um “detalhe” saltou aos olhos: a questão do *endereçamento*, para “quem” se escreve. Para tratar disto, poderia retornar a bell hooks e Grada Kilomba, pois, como vimos, ambas têm muita nitidez quanto ao porquê, para quê e para quem escrevem. Mas irei me ater ao caso de Gloria Evangelina Anzaldúa (1942–2004).

Se não a conheces, Gloria Anzaldúa foi uma intelectual norte-americana, estudiosa da teoria cultural chicana, teoria feminista e teoria *queer*. Entre seus principais trabalhos, figuram o livro autobiográfico *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, uma obra que mistura prosa e poesia, na qual conta sua trajetória como acadêmica e mulher chicana<sup>73</sup>.

Escritora situada em uma zona fronteira, Anzaldúa poria em evidência as nuances das questões de gênero, complexificando a abordagem das *diferenças* no interior dos feminismos, perspectivando dimensões como classe e cor/etnia, ampliando a geopolítica do pensamento e deslocando as epistemologias então vigentes no feminismo estadunidense. Ser uma mulher do “terceiro mundo”, viver na fronteira, propiciara a Anzaldúa uma sensibilidade ímpar que apenas aquelas e aqueles que vivem entre-mundos são capazes de frutificar.

Teria contato apenas com sua carta-ensaio “*Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*”. Para quem, ainda no começo dos anos 1980, defendia a posição de que “mulheres de cor deveriam buscar meios para expressar suas ideias” e serem criadoras de suas teorias - e não mais meros objetos de estudo -, encontrar o *jeito* de dizer, saber *porque* escrever e *a quem* se dirigir, conformaria sua vida de escritora.

---

<sup>73</sup> Fonte: Wikipédia < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gloria\\_E.\\_Anzaldúa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gloria_E._Anzaldúa)>. Acesso em: 16/05/2024.

Logo de cara chamou minha atenção a força de amplitude e argúcia com que Anzaldúa considerava o que a levava a escrever:

1) *Autorrecuperação*: “Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo”; 2) *suplemento ao mundo*: “Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome”; 3) *invenção de si*: “Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia”; 4) *sentido de vida, força de objetivo*: “Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também”; 5) *tirar a limpo as histórias mal contadas, retirar de si o ressentimento inoculado pelo mal-dito*: “Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você”; 6) *afirmar-se no exercício de um poder até então solapado*: “Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias”. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

Mas a quem endereçava sua escrita? Anzaldúa se dirigia às *hermanas*. A preocupação com o endereçamento lhe faria, inclusive, escolher um gênero de escrita específico, a *carta*. Escrevia quase ao estilo do *diário*, como *jeito de driblar* o “touro sagrado” da forma, que ainda chifra com a língua colonial, ao pretender representar/construir o “universal”: molduras e metamolduras colocadas ao redor dos textos para dar a impressão de que o autor manteve “distância”, e apagado foi, em nome de uma supimpa “neutralidade”.

Ao mesmo tempo, ela própria era o “para quem” escrevia, remetente-destinatária. Se eram *hermanas*, era porque compartilhavam um sangue comum, ainda que não biológico, mas por serem “mulheres do terceiro mundo”, mulheres de fronteira, complicadas em sua complexi(denti)dade.

Fora preciso um mergulho ancestral para se conhecer e se cuidar. Um mergulho para fora, para longe - no passado-presente de um *território cosmo-existencial* que se desencanta (aparece), encarna e atualiza, toda vez que alguém re-conhece a gênese e o húmus de sua história coletiva.

Parecia-nos que, para uma escrita (re)generativa, seria necessário sair de si, e encontrar, ou mesmo inventar, uma comunidade como endereçamento. E então, feito uma cronista, partir do ínfimo singular, explodir sua clausura-de-situação e tecer (em si) o *comum*. Como se, para que operasse o efeito regenerador da escrita que *faz* (sendo ela própria) *experiência*, fosse necessário uma *comunidade* como Acontecimento propício e propiciador à

emergência de um saber-si, de uma busca a um passado, que se fia no desejo de relançar-se. Afinal, escrever *para*, seria também escrever *com* - esses outros do qual somos o que vamos nos tornando.

*O universo inteiro cortado em dois e somente em dois. Tudo tem um direito e um avesso nesse sistema de conhecimento. Somos o humano ou o animal. O homem ou a mulher. O vivo ou o morto. Somos o colonizador ou o colonizado. O organismo ou a máquina. Fomos divididos pela norma. Cortados em dois e forçados em seguida a escolher uma de nossas partes. O que chamamos de subjetividade não é mais que a cicatriz deixada pelo corte na multiplicidade do que poderíamos ter sido. Sobre essa cicatriz assenta-se a propriedade, funda-se a família e lega-se a herança. Sobre essa cicatriz, escreve-se o nome e afirma-se a identidade sexual.*

## 4. SOFRIMENTO PSÍQUICO, UMA CONCEPÇÃO APÓCRIFA

### 4.1 "Conflito de zona fronteira"<sup>74</sup>

A juventude em tela, e talvez alhures, parecia pressentir que não há pára-quadras colorido que a faça flutuar leve, sem o tranco dos pés a se lambuzar no tacho que nos coube. Tacho do opressor - do sacana, ou do covarde. Do bom samaritano, de classe média caridosa, benfeitor maldito<sup>75</sup>; servo da Lei, mas daquele “jeitinho”; solitário, agressivo-passivo, ou narciso sofredor; rebelde sem causa, impetuoso, mas sem persistência. Enfim, lambuzo no tacho do pacto narcísico - que não se assinou, mas do qual nos beneficiamos. (BENTO, 2022)

Alguns podem “preferir” manter o prumo da hipocrisia e do autoflagelo, condescendentes com as prerrogativas do pacto velado. Algum cinismo ingênuo, ignorante ou dissimulado, que faz que vai, mas nunca iria. Retorna da comunidade pobre alquebrado do juízo, mas aliviado - ao quadrado de porcelanato, ao condomínio fechado com *playground* e grama sintética verde, parquinho de plástico amarelo e vermelho, salão de jogos, academia, ares artificialmente climatizados, e vida que segue. *Fazer o que?, não fui eu quem inventou escravidão; não sou coveiro...* Mas aqui não se trata dessa branquitude acrítica, supremacista, racista.

Há uma música do *poeta-rockeiro*, Renato Russo (1960-1996), que chama *Clarisse*. A moça trancafiada no quarto de apartamento, prestes a se lançar, se cortando, esvaindo. Nenhuma conexão com futuro. Em casa, vazio absurdo, mas, por aparência, tudo certo: o dono da família, chefe da casa, nobre amigo, venerando esposo, pai admirável; a esposa cordata, prendas do lar, ou moderna à tripla jornada, desconfiada e odiosa com as feministas, língua nada celibata, mãe incorruptível. Enquanto isso, Clarisse debulha-se em vontade de morte.

---

<sup>74</sup> O conflito de zona fronteira, “representa, sobretudo, o branco anti-racista, que se encontra no grupo opressor ao mesmo tempo que se coloca contra a opressão”. (CARDOSO, 2010, p. 624)

<sup>75</sup> Ver Apêndice: Texto 24.

Em outro bairro, a que chamam “comunidade”, sempre a mesma cor de pele ceifada. Os mesmos territórios espicados. Talvez você se sinta sitiado, exilado no que chamam lar - numa paz que não quer<sup>76</sup>. Mas estamos situados em uma rua, em um bairro, em um distrito sanitário, jurisdição, paróquia... Não há sofrimento no vácuo da Terra. Não há vácuo, só buracos, orbitando a borda de expansão do universo terráqueo. Na rua, suor e outras secreções segregadas; nos becos, os cheiros, aquela morrinha, o fedor, o ar nojento, peguento, abafado. Os sons, a algazarra, o grito, o inseticida, ou melhor, chumbinho pra rato. O tiroteio. A erótica nada privada do geme-geme atrás da cortina de plástico do quarto-sala-banheiro onde se amontoam oito, às vezes com amor.

Essa jovem branquitude crítica, pareceu-me, experimentava algo próximo àquilo que Castiel Vitorino diagnosticara, como “caso brasileiro”, como *trauma do esquecimento* (BRASILEIRO, 2022, p. 24) Por conseguinte, uma forçada busca por Identidade<sup>77</sup>, revertida em violência retraída, difusa e descontínua, às vezes irrompendo contra tudo, todos ou si mesma. Embrulho e rebordosa de uma espécie de *diáspora existencial* em curso. Uma experiência do *desamparo* de não se sentir plantada em uma história enraizada, em um longo passado glorioso.

Quando na CISMA, ou em sala de aula, conversávamos ao redor da *ancestralidade*, ficava muito impressionado pela força com que a Coisa tocava as/os estudantes. Como se pensa no senso comum, a ancestralidade lhes parecia algo relacionada aos antepassados consanguíneos. Mesmo assim, alguns sequer haviam se dado a pensar em suas origens étnico-raciais, muito menos que seria possível encontrar nelas uma herança de valores e sentidos para suas existências - que não fossem apenas leis e dogmas, mandamentos; mas antes, princípios a partir do quais deduzirem uma conduta de vida, um proceder.

Alguns não conheciam as histórias dos antepassados da família, a dos avós, quando muito. Talvez não se apercebessem que somos criados por toda uma geração de contemporâneos, e antigos, que excedem, e incluem, nossos familiares. Por outra, um mal-

---

<sup>76</sup> O Rappa.

<sup>77</sup> “Nesse percurso, a identidade, pelo menos no que diz respeito aos viajantes ocidentais que formaram a massa dos descobridores e dos conquistadores, é, primeiramente, reforçada num modo implícito (“a minha raiz é a mais forte”), depois é explicitamente exportada como valor (“o ser vale por sua raiz”), obrigando os povos visitados ou conquistados à longa e dolorosa busca por uma identidade que terá, antes de tudo, de se opor às desnaturações causadas pelo conquistador. Variante trágica da busca pela identidade (...) a identidade para os povos colonizados será, em primeiro lugar, um ‘oposto a’, ou seja, em princípio, uma limitação. O verdadeiro trabalho da descolonização terá sido o de ultrapassar esse limite”. (GLISSANT, 2021, p. 40-41)

estar adviria da sensação de, reconhecendo-se classe média branca, imaginarem poder estar identificados com uma herança colonial injusta e opressora, por acaso e (má) *sorte* de ascendência privilegiada.

Ademais, uma juventude que herdou um mundo secularizado<sup>78</sup>, um mundo em que se provocou uma “imensa redução do sagrado na realidade”, despindo-o, tanto quanto possível, dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia. Um mundo onde “a realidade está polarizada entre uma divindade radicalmente transcendente e uma humanidade radicalmente ‘decaída’ que, *ipso facto*, está desprovida de qualidades sagradas”. (124) Um processo de secularização que deitaria raízes no Antigo Testamento, quando o antigo Israel teria surgido, e se definido, *contra* culturas cosmológicas, como o Egito e a Mesopotâmia. Culturas, como as afro-diaspóricas, onde não havia distinção clara entre as esferas humana e não-humana (ou “natural”).

Uma juventude assombrada pela santíssima trindade do desencanto - capitalismo, ciência, cristianismo -, sem uma cosmo-lógica que ligue os pontos e os sinais. Sem uma constelação que nos oriente, nem mistérios a decifrar, restou-nos apenas a letra fria do cálculo, sempre rumo ao futuro, sempre parcial, num mundo terrivelmente administrado. “Aliás, uma das limitações da ciência mais difíceis de aceitar é justamente essa sua incapacidade de nos salvar, de nos lavar a alma, de nos dizer o sentido da vida num mundo que ela desvela e confirma como não tendo em si, objetivamente, sentido algum”. (PIERUCCI, 2003, p. 158)

Uma cosmovisão *desencantada*, portanto, que imporia medo e culpa, e tudo o mais já sobejamente propalado sobre a decadência dos valores modernos do ocidente. O culto ao indivíduo, por exemplo. O cultivo de si como auto-empresendedorismo, esse humanismo (neo)liberal tipo *self-made man*, que atomiza e isola o sujeito, e faz peso sobre os ombros de uma juventude se perguntando se quer se tornar “adulta”. Afinal, o que herda(ra)m dos adultos, de matéria-prima *espiritual*, para uma edificação de si com sustância, além de um horizonte onde as expectativas são a felicidade pelo sucesso (duvidoso) material? Afinal,

---

<sup>78</sup> “Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. (...) Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos, nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo. (...) o Ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas”. (BERGER, 1985, p. 119-120)

mesmo para uma juventude privilegiada, que, supostamente, deveria estar bem ajustada à sociedade para a qual está sendo moldada, diga-se, com excelência, pode ser algo aflitivo lutar para retribuir a dívida social que contraem (os privilégios que possuem) com algum sucesso material (duvidoso).

Sofrem com (e através d) o desencantamento do mundo, o que, há vezes, se intensifica pelo pertencimento a alguma religião secularizada, ou pela fé na ciência, legado das famílias modernas, às vezes sem o contrabalanço da sabedoria.

É isso que a ciência moderna faz em última análise. É nisso que consiste a moderna atitude ou mentalidade científica: ela retira o sentido do mundo, agora transformado em “mecanismo causal”, em “cosmos da causalidade natural”, ou seja, em algo sem mistérios insondáveis, perfeitamente explicável em cada elo causal mas não no todo, fragmentário, esburacado, “quebradiço e esvaziado de valor”. (PIERUCCI, 2003, p. 159)

Mesmo os elementos da cultura aos quais têm acesso, e, nesse caso, pode não haver escassez, privilegiados que somos em participar dos artefatos simbólicos postos em órbita; mesmo assim, o que acessam não ampara suficiência para suplementar uma falta inominada, e sustentar a *cabeça* para bem viver.

A enxurrada *globalitarista*<sup>79</sup> de informações, derramando incessante, sobremaneira nas redes sociais, caras & bocas, fofocas e tretas, parece funcionar bem em distrair e manter o neocolonialismo cultural das sensibilidades. De tal modo que alguns sequer cogitam olhar para o mais próximo, como a “cultura brasileira”, como se diz - em verdade, sortidas cosmologias engendradas pelos povos originários, e na diáspora pelos africanos escravizados, em permanentes disputas, apagamentos, resistências e (re)apropriações com aquelas cosmovisões importadas e/ou invasoras. Aliás, enquanto alguns esclarecidos problematizamos o anacronismo da “identidade cultural” no Brasil, outros sequer ouviram falar de uma entidade como um Itamar Assumpção.

Pelo que me disseram, parece ainda atual a expressão cunhada pelo jornalista, cronista e teatrólogo pernambucano, Nelson Rodrigues, um tal “complexo de vira-latas” - essa admiração meio invejosa, inconfessada ou explícita, com o que vem do estrangeiro; esse

---

<sup>79</sup> SANTOS, 2000.

sentimento de inferioridade que nos faria sentir vergonha de nós mesmos, como brasileiros, evitando espelhos *made in Brazil*. Ouvi coisas assim das/os estudantes<sup>80</sup>:

*Todo mundo precisa saber falar inglês. O mercado de trabalho hoje exige saber inglês, é o mínimo. A universidade quer que a gente leia artigos em inglês, que são até mais valorizados, porque se eles são mais desenvolvidos tecnológica e cientificamente, fazem pesquisas de ponta, a maioria, e são publicadas em periódicos em inglês, que são os mais renomados. Desde pequeno nossos pais botam a gente no inglês, dizendo que hoje é básico. Tudo quanto é equipamento tecnológico, seus mostradores e tal, é em inglês. Nas redes sociais, agora tem uma moda de misturar palavras em inglês e português, feito uma terceira língua. Então como é que a gente se sente? Desde a escola a gente valoriza os Estados Unidos, a gente não se orgulha do Brasil. Na escola mesmo, os professores mais críticos metem o pau no Brasil, na política e nos costumes do povo, que dizem ser mal-educados. A gente vai entrando nessa cultura, sem nem perceber, sem nem saber que é uma cultura. É muito mais do que só palavras. Vira um jeito de falar, de pensar, de se vestir, de comer, de consumir as coisas... Olha as séries que bombam, os filmes... A cultura dos animes. Eu comecei a ver Naruto e ler anime com 5 anos! Os primeiros desenhos que eu fiz copiava de mangá. Ia pro Bonodori, o festival de cultura japonesa, comprava quimono, capa, espada, sabre... Até chiclete de melão, que eu detesto a fruta! Picolé de melancia. Odeio peixe, mas amo sushi! Como é que se explica? E todo mundo valoriza. Quando eu era criança e dizia que tava lendo anime, que gostava de Naruto, os adultos elogiavam - muito bem, gosta de ler -, mas não se tocavam que era uma outra cultura entrando em mim e deixando tudo que a gente pode chamar de "cultura brasileira" super sem graça. Sei lá, parece que entra por osmose. Eu me sinto muito mais identificada com um Naruto, faço cosplay e tudo, do que com um saci, por exemplo. Vai ser mais fácil um jovem querer aprender japonês do que iorubá, né?*

\*

---

<sup>80</sup> Comentários de diversos estudantes, mesclados, lembrados e transcritos por mim, horas depois de uma aula, quando conversamos sobre os mecanismos sofisticados do racismo (capaz de produzir a identificação da vítima com o algoz, ao modo como foi esmiuçado por Frantz Fanon em *Peles negras, máscaras brancas*), e as analogias possíveis com o chamado “complexo de vira-latas” brasileiro.

Se percebem que uma cosmologia ancestral fora algo que lhes roubaram, e lhes fizeram esquecer, seja negando, ou denegando; ambas as “opções” me pareceu lhes provocar um sofrimento inaudito e imperscrutável, por um esquecimento “civilizatório” produzido intencionalmente, talvez até inconscientemente, por alguns; algo forjado de forma velada. Não saberiam onde aportar essa ansiedade, essa angústia, essa melancolia - sensações com nomes demais, mas com poucas suplências a servirem de alívio (afora diagnósticos). Confundiriam a construção de um lugar-comum originário, a fazer as vezes de território cosmo-existencial, com a história de origem familiar consanguínea. Mas não atentariam que a própria família tem uma história bem mais longínqua e atravessada por tudo no mundo.

Quando se pergunta de onde vieram, a maioria tem os pés no interior, quando lá não nasceram. Os pais, os avós; os bisavós, sempre. O que significaria vir do interior? Interior de...? (Há quem chame de “Brasil profundo” - expressão, confesso não gostar. Acho melhor pensar que seja um Brasil na superfície da pele, pintada de sangue retinto, volta por cima, cocá e poeira).

*Uma árvore sem raiz flutuando no ar*, ouvi de um deles. Talvez por não haverem encontrado *algo* com legitimidade e força simbólica suficientes para lhes aterrar em uma longa história gloriosa, potente em gerar *sentidos* ao presente. Sem sequer terem conhecido o passado dos que lhes antecederam, mesmo que por laços consanguíneos, sobretudo aqueles que têm sua cor esmaecida pela classe social, ou a mentalidade empalidecida pela tez dos privilégios, há os que acabam embalados na farsa da meritocracia e do salário ideológico da cor como compensação. (BENTO, 2022)

## 4.2 O “trauma do esquecimento”

*Por isso afirmo a “brasilidade”  
como um trauma do esquecimento.  
O trauma é brasileiro.*

(BRASILEIRO, 2022, p. 24)

*Vocês ainda lembram quem são?*

(Ailton Krenak)

A psicóloga Castiel Vitorino Brasileiro, proporia reposicionarmos as racionalizações que respaldam o “desejo de aniquilação que ordena a expansão *branco-europeia*”: as ferramentas conceituais que nomeiam e classificam, tipificando as gentes, seriam “sintomas de uma civilização fadada à dissimulação taxonômica”. (BRASILEIRO, 2022, p. 14) A ontologia da modernidade teria organizado e descrito “níveis vitais” para os seres, com fins coloniais. Entretanto, essas dimensões (consciência, inconsciência, intuição, criatividade etc.), organizadas pelas psiquiatrias, psicanálises, antropologias, psicologias, não existiriam como fato universal, mas como “a forma que a modernidade escolheu para organizar/nomear os mistérios da espécie *homo sapiens*”. (BRASILEIRO, 2022, p. 23)

Atentando para o caráter de construto histórico de qualquer ontologia, diz Castiel: “Nenhuma civilização, reino, ou sociedade estava pronta, pois a história de um povo é a história de suas sobrevivências”. A especificidade da civilização ocidental teria sido construir sua memória através da aniquilação de outras histórias: “por isso afirmo a ‘brasilidade’ como um trauma do esquecimento. O trauma é brasileiro”. (BRASILEIRO, 2022, p. 24)

A branquitude crítica, posta em crise, aposta no amancebo dos afetos, mas também na pancadaria que ela mesma começa e se justifica como legítima defesa. Como em *A exceção e a regra*, a peça de Bertold Brecht: a branquitude, quando soberba, mas desconfiada dos privilégios, pode tomar para si todas as razões para se antecipar em exterminar aqueles outros, que, por sua vez, têm todas as razões para o ressentimento desbordar em vingança.

A esperança que a democracia empurra com a barriga, seria justo o esperar daqueles que não têm um momento de paz e tranquilidade. Mas os jovens a que me refiro, branquitude crítica em “conflito de zona fronteira”, por mais “pêra com leite” que seja se

dar a esse luxo, esses jovens estariam prestes a fecundar as sementes de novos tempos. Não por aquela suposição, ainda de agora, de que a juventude seria “o futuro da nação”. Senão pela assunção de sua fragilidade como “árvore que flutua sem raízes”, peito apertado de se sentir sobrar em espaço inabitado, atravessando desertos. Sofreriam da ausência de traços mnêmicos de uma comunidade ancestral que lhes preenchesse os vasos vazios com sentidos sanguíneos? Se têm alguma sorte, guardam os ruídos, as temperaturas e as mumunhas do corpo originário que lhe pariu, e as vibrações ao redor. Oxalá!

Essa modalidade de *sofrimento psíquico*, procurei pensá-la fora do cânone do campo da “saúde mental”. Não se tratou de ignorar os conhecimentos científicos ocidentais, que tentaram, e tentam, dar conta dos problemas criados pela própria civilização eurocristã. O lance é que as soluções criadas costumam operar na lógica da “vida como ela é”, das coisas como são, logo, trabalham no campo das possibilidades - o que não muda nada em termos estruturais, ou desloca muito pouco.

A questão é que quando nós articulamos qualquer tipo de conhecimento, estamos manuseando elementos da linguagem, através de palavras e conceitos que se inserem dentro de uma determinada lógica à priori. Nesse sentido, o curso de significados que as palavras percorrem acaba por nos colocar de novo dentro daquilo que estávamos querendo escapar. (SILVA, 2020, p. 99)

Ao passo que se tomamos distância, ao ponto que se faz quando perguntamos “e o que poderia ter sido?”, outros problemas se apresentariam, exigindo novas abordagens, concepções e teorias, localizadas em outras cosmológicas, e em outras epistemologias, talvez *pluri*, híbridas e fronteiriças.

Quando nos propomos a análises sobre ‘o que é’, estamos utilizando o suporte metodológico e linguístico que leva a crer que aquilo é. No momento em que pensamos no que poderia ter sido, é quando construímos uma abertura de pensamento que pode se organizar dentro de outra metodologia, que não é a mesma utilizada para explicar o que já existe. Ao pensar sobre ‘o que é’, não conseguimos nos mover e articular conceitos fora do modelo que conhecemos e que (achamos que) dominamos. Isso seria uma espécie de labirinto ou de areia movediça que nos imobilizaria. (SILVA, 2020, p. 99)

Estou a *imaginar* o que poderia ser uma certa psicopatologia das “doenças mentais” colocada na *encruzilhada*, como se diz, isto é, em uma esquina de abertura a possíveis ainda impensados. Afinal, não faltariam psiquiatras, psicólogos e psicanalistas, além de uma miríade de terapeutas, dos mais diversos naipes, com boas intenções para acolher e cuidar das pessoas, recolocando-as nos trilhos da “normalidade” do convívio e da produtividade de uma

vida útil. Ao lado dessas boas intenções necessárias, como uma espécie de “dois altos”, precisaria (me) ver de perto, suportar a dúvida e provocar estranhamento, no que escuto, observo e sinto, para então mirar a contra-luz do negrume, em tempos de iluminações, voluntarismos e transparências, nessa “cultura de vidro” em que um *big brother* seria o carro alegórico que abre alas à normalização do controle, da fofoca e da treta.

Desviar o olhar para longe, e conceber o sofrimento não como algo que se reduziria ao “psiquismo”, a um problema pessoal ou “mental”, e sim considerando a colonialidade como trauma originário, quase-causa do “desvio existencial” (SIMAS; RUFINO, 2019) que faria sofrer aqueles corpos que, por razões diversas, mais ou menos conscientes, não se dobram ao projeto civilizatório colonial implementado por suas valorosas instituições.

A diferença colonial não se instaura apenas no cerne das categorias do saber ocidental, mas dá-se como uma sujeição ou uma conformação internas, como expropriação interior, através das quais nós mesmos nos vemos e vivemos como um outro: a alteridade vivida como sujeição interior. (ALMEIDA, 2019, p. 51)

Nosso “pecado capital”, feito trauma originário do Ocidente, teria sido firmado miticamente na desobediência de Adão quando ousou desejar conhecer o bem e o mal, apesar da admoestação divina de que não o fizesse, mas apenas lhe seguisse os mandamentos. Foi castigado, e toda a sua prole, isto é, a civilização eurocristã monoteísta, herdaria esse *defeito de ser*.

O trauma originário, essa *memória de terror*, como ensinou o lavrador, pescador, quilombola Nêgo Bispo, fincada nos princípios da civilização eurocristã: vagando pelo mundo haveríamos que criá-lo, agora à nossa imagem e semelhança, e a despeito de um Deus que nos virara as costas, ressentido e vingativo. Vagar com o peso do mundo nas costas, imagem maldita, que aliás figuraria na mitologia greco-romana, de Sísifo ou Atlas, Procusto ou Prometeu. Desiludidos, decaídos e solitários, herdeiros de um legado maldito. Sob a égide do medo só restaria a tantos se entregar às palavras sedutoras de homens que, sob o pretexto de cuidar e proteger, por vezes escondem a sanha da usura, do domínio e do adestramento.

No mundo politeísta não existe pecado original, ninguém foi expulso do Jardim do Éden, ninguém tem memória de terror. Os deuses e as deusas são muitos e não temos medo de falar com eles. No mundo politeísta, ninguém disputa um deus, porque há muitos deuses e muitas deusas - tem para todo mundo. Como no mundo monoteísta só há um deus, é uma disputa permanente. O povo de Israel contra o povo da Palestina, por exemplo. Estão se matando na disputa por um deus. No nosso caso, não é preciso:

temos Exu, Tranca Rua, Pomba Gira, Maria Padilha... Se não estamos com um, estamos com outro. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 19)

As instituições moderno-ocidentais foram gestadas sob essa visão de mundo monoteísta que nos obseda em muitas dimensões. Se a família tradicional, com a psicanálise, mostrou-se a instituição *mater* de produção de sofrimento (neurose) psíquico, sobre a qual o campo “psi” se debruça há tanto tempo, seus fundamentos, sua configuração e seu funcionamento, e mesmo sua “função social”, foram obra de uma cultura informada por valores localizados no cristianismo patriarcal. Religião, Família, Educação - instituições gestadas e herdadas da empreita colonial, sobrepuseram-se (para ressignificar ou dissolver) violentamente sobre formas de vida e civilizações muito mais antigas, como as ameríndias, que se assenta(va)m em outras cosmopercepções e sensibilidades.

Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome (...) Há adestradores que batem e há adestradores que fazem carinho; há adestradores que castigam e adestradores que dão comida para viciar, mas todos são adestradores (...) Contudo, não são todos os animais que conseguimos adestrar. Alguns ficam atrofiados fisicamente - quando se exige do animal um esforço físico para além do que é capaz. Outros ficam *atrofiados mentalmente* - quando o animal recebe um choque mental violento.

De modo análogo, temos *peessoas atrofiadas*: pessoas que não foram adestradas para servir ao trabalho, mas que também não conseguem ser malandras. *Pessoas adestradas para que não tenham um imaginário*, para que não consigam fazer sua autogestão. Pessoas que não aprenderam a fazer nada nem aprenderam a extrair do que está feito. Pessoas atrofiadas que perambulam sem saber aonde ir. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 11-12, *grifo nosso*)

Essa “atrofia mental” seria a fruta apodrecida do trauma original, contagiando a civilização eurocristã com a doença da *cosmofobia* - essa “necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade”. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 27)

A humanidade se desconectou da natureza exatamente por ter cometido o pecado original. Seu castigo foi se afastar da natureza. Por isso Adão foi expulso do Jardim do Éden e o humanismo passou a ser um sistema, um reino desconectado do reino animal. Dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmofobia. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 18-19)

Graças à resistência incansável de civilizações não-ocidentais que nos antecederam, hoje, ao invés de nos debruçarmos apenas sobre fontes científicas, que falam sobre seus *Outros* a partir do próprio umbigo hermenêutico, podemos nos alegrar com uma *virada cosmológica*, e o crescente acesso a produções científicas e literárias, onde temos o privilégio de ouvir a voz divergente e *contracolonial* de culturas que se tentou/a silenciar.

De modo que para abordar o sofrimento das/os estudantes, a noção de “saúde mental” e “sofrimento psíquico” foram vergadas pela força do encontro com outras cosmologias e suas concepções de “humanidade”, muito antigas. O que legitimaria um tal *cruxo* entre cosmoepistemologias distintas, seria uma certa concepção do Tempo, essa matriz de mundos possíveis, que, segundo a sábia cosmologia africana, não corresponderia a uma linha evolutiva, qual uma “seta que se dirige para a inexorabilidade do fim e da origem”, como se o presente fosse um ultrapassamento qualitativo do passado; mas antes, um “tempo espiralar”, onde “o ilimitado passado, [seria] *per si* composto de presente, passado e futuro acumulados”. (MARTINS, 2021, p. 58).

Dito sob outra perspectiva epistemológica, se vamos ao passado em busca de respostas, é que, para verdadeiramente pertencermos ao nosso tempo, talvez não devêssemos com ele coincidir perfeitamente.

A contemporaneidade (...) é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é *a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela”. (AGAMBEN, 2009. p. 59)

\*

Durante a pesquisa, pressentimos uma experiência de vertigem, pela qual todas/os passamos, ou estamos prestes a passar, sempre, uma vez mais, mas de maneiras muito desiguais. A *Relação* que poderia nos unir a um lugar-comum, através do qual nos deslocaríamos em vida, adviria desse descentramento originário - esse *desamparo* -, dessa longa travessia onde, paradoxalmente, estamos e nos encontramos, todos/as aqueles/as que um dia flertaram com um abismo. Não o abismo da barca ou do mar, tampouco o de uma

comunidade imaginária perdida. Mas o abismo dessa experiência da *Relação* como “projeção e perspectiva de desconhecido”, como imaginara Glissant (2021), e que nos impeliria ao *Outro*.

Alguns até pressentem a necessidade de cultivarem o tão desejado sentimento de pertencimento, em uma possível conexão com uma ancestralidade, mas logo percebem que sequer sabem do que se trata isso exatamente. Os que não reduzem a compreensão de ancestralidade à ideia familiar de árvore genealógica, imaginam que a “cultura brasileira”, assim, em geral e no singular, poderia fornecer esteio de pertencimento. É possível. Ainda assim, desacreditam. Vêm-se céticos de virem a ser o que nem deveriam desejar, posto que tudo e todos parecem trabalhar para afastá-los de qualquer finalidade existencial que não seja vencer na vida, tipo, a vitória aferida pelo sucesso individual em carreira profissional, acima de tudo - assim como quando, no popular, referimos ao trabalho dizendo: *trabalhar para “ganhar a vida”*.

Se as juventudes desvelariam “a atualidade do mal-estar na cultura em cada tempo”, encenando, em pequena escala, os “esqueletos no armário de seu tempo”, e pondo em crise (crítica) o laço social (CORSO, 2012, p. 11), eis que a imagem que sugeriram sobre si insiste em obsidiar: uma árvore flutuando sem raízes. Careceriam palmilhar alguma *espiritualidade* com que alcançar a clarividência fulgurante da indissociabilidade entre os seres, quaisquer seres, irmanados em *uma comunidade ancestral* capaz de lhes suplementar um mundo onde o sentido evadiu?

## 0. MARCO ZERO

### 0.1 *Mea culpa*

Dá trabalho, leva tempo, desviar-se de si até topar com o outro. Desgrenhar paciente os enlaces da *modernagem*, alcançar e roer o caroço do pequi sem calcar com espinho, morder língua pra veneno. Certa feita ouvi de um *cismado*: "Você é muito inteligente, alguns dizem que você é casca grossa, mas eu acho que no seu coração cabe um amor imenso". Esgueira frágil pra contragolpe. Ódio curtido a frio, rebote de educação doméstica. Roçava navalha quente de acarinho cálido no fundo do ser.

Não tamo aqui pra brincadeira. Ou, que seja! Que seja na brinca, jogo, afinal, sempre o é. Mas há Regra, diversificada, a depender, mas a regra. Em defesa de quê? Expor os fundamento éticos das razões implícitas, tácitas e fecundantes do modo de proceder.

Após dezoito anos de docência, prima vez, uma estudante desafiava: não quero, não vou sentar com aquelas pessoas. Indicara duplas para um exercício, e as duas pessoas que sobraram, indiquei um para comporem um trio. A terceira, chega atrasada do intervalo, e estranha a rearrumação da sala. A amiga chama pra ser dupla. Intervenho: você fica ali, com aquela dupla. Crise, mal-estar, deselegância, ela diz: não quero sentar com aquelas pessoas. A despeito do constrangimento em que se colocou a própria estudante, de minha parte, depois pensei: forcei uma barra? Fui autoritário? Impus-me com uma necessidade estrangeira? *Colonizei?* Por ética me conduzia a importância da convivência, o fino trato, o assentimento qualquer, com reciprocidade e respeito. Era um misto, mix de sentimentos. A afronta batia forte. O revide encavalava a sobriedade. Sem perder elegância, a mola mestra, empunhava a régua da Regra.

Acolher não tinha a ver com aceitar, passar pano, ou a mão pela cabeça. Acolher, de alguma maneira, seria aceitar como se é naquele instante, passar mão pela cabeça, sim. Mas sem se abster da peia, não a física. Mas a palavra-peia, no olhar, no desconcerto a si, ou em forma de vergonha, alheia ao controle, segundo o povo julgar. Afrontar uma certa juventude meio fastiosa, desligada por hiperconectividade. Afrontar ao modo de rascar a pele do espírito. Circuncidar a culpa, crucificar o pecado. Excomungar a necessidade sem fundamento de

obrigação comum. Responder à imanência do inimigo com a doçura de uma chama acesa na ponta do punhal de sabença.

Mas, saibam: há vezes, seja o professor, seja o psicólogo, não sei o que fazer para abraçar esses vulcões em erupção que fervem em sala de aula, derramando e fazendo pipocar em mim certas feridas flamejantes de antes.

Com a reconhecida e propalada perda de legitimidade da simbólica “figura de autoridade”, a reboque do desprestígio do Nome do Pai (ora co(n)fundido com toda a miséria da dominação patriarcal), algumas prerrogativas institucionais e pessoais, até então quase sempre certas para fazer funcionar (legitimar) o vínculo pedagógico, decaíam sem eficácia. O que me fazia perguntar sobre qual seria a percepção desses jovens sobre o “mundo adulto”, considerando que a faculdade poderia operar como uma espécie de *rito de passagem*.

Se a figura de autoridade precisaria de uma espécie de admiração, acompanhando algum temor, para se legitimar, talvez fosse o caso perscrutar a percepção que tinham sobre essas figuras, em geral assentadas nas funções simbólicas paterna e materna, desempenhadas por pai e mãe biológicos, ou outras personagens reconhecidas como responsáveis por essas funções.

O fato é que passei a observar que a minha própria ideia de “figura de autoridade” estava calcada no que havia aprendido da cosmologia eurocristã. O Deus ao modo cristão como arquétipo do Pai, a Virgem Maria, da mãe. Os valores que informavam as qualidades dessas figuras sem dúvida haviam sido assimilados como caracteres exemplares a serem postos em funcionamento. Sendo um homem hétero cis, minha aparência, por si, funcionava como uma tela a serem projetados os valores cristãos relativos à figura de autoridade, invariavelmente ligada ao Pai: sobressaiam a prerrogativa para julgar e punir, proteger ou abandonar, instruir e exortar - tudo supostamente garantido pela obrigação do respeito incondicional. E jogávamos com isso. Ora ocupando o lugar, ora o esvaziando para demonstrar seu caráter arbitrário de convenção.

Na última década, vimos vivendo vertiginosas translações de mentalidade e comportamento na academia. Para o bem e para o mal, como se diz. E de tudo, talvez a impossibilidade do diálogo, ou melhor, a incapacidade para desejar ousar *erguer a voz*, tamanho o interdito da expressão, tenha sido um caractere dos mais traumáticos para uma

docência em chave dialógica e democrática. Fora preciso arrancar a própria pele, deixar-se apagar um tanto. Até porque a legitimidade que se confere à docência, como se sabe, é a mesma que se confere à democracia: em último caso, estará resguardada e conferida pela polícia, pela violência legítima que exerce com nosso consentimento. Apesar da falta de razão em alguns casos, houve o esparneio da vaidade, tentando evitar o turvo do brio, e manter alguma dignidade na viragem do aprendizado de uma nova sensibilidade. Mesmo supondo experiência no trato com gentes, inda assim, apalparia espinhosos tantos pontos obnubilados, quantos eram os privilégios naturalizados até cá, por folgada ignorância.

Com legitimidade, estudantes vociferavam ressentimentos sufocados a séculos pelos valores em funcionamento nas instituições modelares de gente no Ocidente e alhures, em suas colônias. Sentia-me na obrigação de ouvi-los, mesmo desconfiado de suas intenções: o entendimento ou o revide pelo revide como vingança? Estava valendo, pois sim. Esperança rima com vingança. Mas vice-versa também é o caso.

Não sem alguma violência, de parte a parte, mesmo quando achávamos estar ao lado correto das Histórias. Durante um tempo, senti-me igual ao arlequim descarnado da parábola de Michel Serres<sup>81</sup>, um rei nu desavisado, ora objeto de escárnio, ora de comédia. Era o imbróglio tenso que a universidade se tornara. Era uma estranha felicidade. Viver para ver se esburacarem os muros, os olhos e os ouvidos, o corpo, enfim, da universidade. Ainda que, santa contradição!, fosse preciso levantar bandeiras em defesa das ciências contra o negacionismo, correndo o risco de ser confundido com uma espécie de anticristo, dizendo amém ao cânone colonial para menos pior passarmos pelo absurdo da conversão do mundo à ultra-direita.

Ainda assim, sob todas as prov(oc)ações de um tempo em gira, entontecendo cabeças feitas nas dicotomias monoteístas dos maniqueísmos, sonhava ver revelada uma potencial *espiritualidade* no encontro acadêmico, capaz de o imantar, como “troca maleável de benefícios e favores, essa troca maleável de serviços da alma em que ajudamos o outro no seu caminho para o bem e para ele próprio”. (FOUCAULT, 2010, p. 322)

Como compreensão minimalista com que afrontar o intolerável com alguma promessa de alegria, recorria a ficções (teóricas). Como acadêmico, acreditava no *pharmakon* do

---

<sup>81</sup> SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

pensamento para suportar o mal-estar inominado. Afinal, desde o princípio da vida universitária, a teoria servira como uma espécie de formão para o entalhe de um sentimento de mundo, ferramenta para esculpir *isto* que nos é dado como obra em processo, as tradições. Algo como autocuidado; elaboração, ainda que provisória, da angústia ante o inefável da experiência. “Um local de cura”. (hooks, 2017, p. 83)

Lavrar, plantar, cultivar, cultivar. Contar consigo é pouco. Ninguém se cria sozinho, para o bem e para o mal. Ninguém perdura ausente de encontro. O tempo em que se passa uma vida abre a esteira onde assentam circunstâncias. Acontecimentos. Um conjunto de condições fortuitas e necessárias. Às vezes imaginadas mas imprevistas. A chuva, o sol, o vento, luz e noite, em suas medidas desmedidas. Remédio, biotônico, veneno. A pessoa: semente.

Terra semente raiz tronco folhas frutos

Vento

Estrume poda

Água chuva rio mar sol

Cogumelos

Noite dia estrelas lua

Pragas

Pedra seixos

Algas

Mato grama erva daninha

Abelhas

Polinizar o encanto no olho.

Fui palmilhando uma íntima ligação entre a docência e a agricultura, por convivência com minha companheira. Às vezes, basta não esmagar entre os dedos, as sementes ainda úmidas, indefesas. Às vezes, basta reconhecer o broto e proceder à poda, sem deixar de

borrifar o fumo com água e mel da admiração recíproca. Às vezes, ao modo de evitar o desvio de uma existência que se insinua sob a sombra de uma samaúma, basta apostar no Tempo onde tudo se fia, ainda que não nos seja permitido ver resultado. Às vezes, basta esperar e se desprender de garantia.

## 0.2 Uma viragem na sensibilidade

Nos anos 1980, na escola era preciso aguentar o tranco. Não existia o *bullying* no Brasil, vulgarizado feito conceito que nomeia uma prática abusiva e, ao fazê-lo, pode ser fator de proteção. Já a experiência de ser humilhado, mesmo sem nomear, sofríamos como algo inevitável, coisa natural da vida. Mesmo se, invariavelmente, cruel. Era espécie de teste iniciático, ou mera zoeira algo sádica.

Brigas, sair no braço, não era incomum. Quem for crescendo e engrossando a casca, bem. Só muito tempo depois viria constatar que alguns fortes ficariam pelo caminho. Lembro das colegas consideradas putas, porque perderam a virgindade cedo, ou porque ficavam com vários garotos. E serem comparadas às putas revelava bem o estigma que mulheres podem carregar. Lembro das filhas ou filhos de pais separados, ou que moravam com avós, concebidos como predispostos à delinquência, posto que frutos de famílias “desestruturadas”. Lembro dos “fodões”, porque ficavam com várias garotas, ou porque já namoravam sério ainda adolescentes. Isso, deveria ter uns 14, quinze anos de idade. Um homem não namorar, não “ficar”, não usar substância psicoativa - drogas, álcool ou outras, lícitas ou ilícitas -, não jogar futebol, era tudo sinal de fraqueza. Ai das pessoas gordas, com alguma deficiência, cabelos crespos, muito alta ou muito baixa. Ou qualquer uma que desafiasse a distinção do padrão de beleza e capacitismo normalizados. As piadas, os vilipêndios e as grosserias, feitos sem culpa e sem possibilidade de imaginar alguma reação ou defesa, posto que eram aceitos, como se merecimento da vítima legitimasse. Se algum adulto por perto, algum pudor. Havia também um/a ou outro/a colega que tomava partido, lado mais fraco, e, se houvesse prestígio, poderia intervir. Caso contrário, era triste.

Mas havia formas de afronta, de peitar. Uma boa surpresa, se alguém se insurgia e chutava o *status quo* da humilhação. A reação improvável poderia desencadear alianças, ali na hora, a depender da atitude de corpo, posta na resposta. Por isso se diz “peitar”, porque tem algo de vergar o corpo pra frente, movimentar-se em direção ao outro em desafio de confronto. E a roda iria colar em quem fosse mais cruel, mas com alguma temperança. Se a coisa pegasse fogo, quase sempre a medida era força e capacidade de suportar, ou dar, porrada. Não se podia ser muito covarde, nem altruísta, muito menos agir com empatia sem

outro argumento menos doce. A não ser que a roda rogasse, e então o sujeito sairia por cima, como benevolente. Mas, se os contendores fossem mesmo tope, então era ver o pau quebrar, e que vencesse o mais forte. Estado bruto da civilização, a violência sem ritual, sem diplomacia, sem propósito, a não ser o domínio, a humilhação, o exercício do poder pelo poder, para poder mais, e mais, e. Básico instinto. Traços do nosso tipo colonial.

Hoje, fico feliz em sentir a *viração da sensibilidade*, as juventudes mais atentas às sutis violações, de toda e qualquer sorte. Em meados dos anos dois mil, problematizava a emergência do *bullyng* como conceito. Identificava certa fraqueza em não assentir que tudo são relações de poder, e que o que resta é estar atento e forte ao que vier, e fazer amizades.

No frigrir com os jovens, fui percebendo em mim a naturalização de uma certa qualidade de violência como forma de educar. Lembro quando me compadecia com aquelas figuras carimbadas para serem abusadas, e delas tomava partido, procurando me impor pela oratória, inteligência e carisma. E às vezes também era humilhado, pelo meu cabelo “ruim” e por ser “baixinho”. E não tinha a quem recorrer, nem se cogitava, porque seria sinal de fraqueza, posto que suportar o sofrimento era considerado forma de ascese, logo, de lapidação do ser da pessoa. Para revidar, fazia-me amigo das meninas, tocava violão, lia poesia, e fazia as vezes de homem diferente, delicado e sensível, como se dizia. Para contrabalançar, entre os meninos, sentava no fundão, tirava boas notas, participava das aulas, era liderança de turma, intercedia pelos colegas junto aos professores e a coordenação...

Fazia minha parte, me virava, afinal, também corria o risco do meu quinhão de sofrimento e vergonha, devido ao fenótipo.

Hoje está diferente. Ao menos passou a existir outra camada de gente, mais-que-sensível, porque não dizer, in-crível, no sentido que não crêem que sofrer seja necessário. Quanto a isto, ainda carrego algumas dúvidas, até porque, para um trágico como eu, sofrer é o modo básico da vida. Mas, naquilo que se pode evitar sem perder o que aprender, parece justo que se deseje não sofrer.

Uma intensidade significativa de discursos e modos de proceder intolerantes com abusos vêm habitando cada vez mais a vida acadêmica, e a transformando. Quando me desloquei do *front* e percebi que não se tratava (apenas) de mim, mas de uma impessoal estrutura operando em mim, baixei a guarda. Quando consegui me desviar do ressentimento

que era provocado por colocar o *ego* à frente dos bois-da-virada, enxerguei o que não via: a sala de aula estava vibrando de outra forma, perigosa e convidativa, refratando outros prismas de vida. Era preciso *criar clima* para a infundir os corpos na mezinha de um *ethos*. Imaginava que dessa mezinha, preparada na confluência de afinidades a descobrir e criar, poderia surgir um outro sentido espiritual para a vida e a comunidade acadêmicas.

Dáí talvez pudéssemos nos entender melhor, docentes e estudantes, e pôr à prova as palavras de ordem com as quais nos blindamos para espanar dúvidas, deslindando os matizes e frutificando os paradoxos, uma forma melhor de abordar nossas complexidades existenciais.

## 5. APRENDIZ DE FEITICEIRO

### 5.1 Sala de aula

Ao passar dos anos, libertava-me, pouco e pouco, das amarras que supunha haver no conteúdo programático, autorizava-me a encarar a ementa como uma espécie de mapa de viagem, o plano de ensino planejado igual a um negativo (fotográfico): afeito ao espírito de aventura, o mapa assegura algo, mas pode ser intenso ampliar suas bordas, cortar estradas vicinais e adentrar vereda, quando da mera sinalização de uma irresistível beleza, ou simples curiosidade de ver onde o caminho vai dar.

*Ex-tender* a viagem de sala de aula ao imprevisível da aventura de *sentirpensar*, ainda que bordejado pela ementa, tem a ver com o que faço, supondo realizar, enquanto “aventura pensada”, na docência. *Bordejado pela ementa* significa dizer que não vale tudo, ainda que tudo valha - se a alma não for pequena. Exige prudência. E ressalta outra ressalva: há que se (poder) escolher um componente curricular ao qual se tenha aderência, como se diz. Para uma aventura pedagógica responsiva, parece fundamental que as temáticas e as problemáticas afeitas e endereçadas ao componente, também sejam compartilhadas pelo docente, em especial, no momento presente de sua vida.

De modo que mantinha, a cada semestre, a espinha dorsal da ementa e do conteúdo programático, acrescentando material pertinente, a depender da temática emergente, coisa que estava lendo, vivendo no cotidiano, e caía feito luva, por exemplo. Remanejava as fontes *pluri-epistêmicas* de referências - artes, ciências e não-ciências, saberes populares e “senso comum”. Retirava indicações, ampliava ou aprofundava reflexões, o que rasurava o plano de ensino e atualizava o plano de aula. A sala de aula como Acontecimento, abertura.

Permanência e impermanência mescladas a uma finalidade: perscrutar a vida dos/as jovens nos tempos de agora; aprender enquanto ensino, vice-versa, e além do previsto. Cadinho intergeracional. Ao fim, e ao cabo, quem sabe poderia responder, em aliança com meu ancestre, professor Felipe Serpa, orientador no mestrado, quando lhe perguntaram, final de uma entrevista, sobre sua carreira (cursos, livros publicados etc.):

Sou um professor, mais amante da juventude e de meu país do que do conhecimento. Estou desde 1954 vivendo universidade pública, primeiro como estudante (1954-1958) e depois como professor (1959 até os nossos dias) em várias universidades brasileiras (ITA, UFBA, UFC, UNB, USP e UFOP), sempre em dedicação exclusiva.

Não falarei dos trabalhos feitos durante esse tempo, porque julgo mais relevante, na minha carreira, os jovens que ajudei a formar e, enfim, a VIDA. VIVA!!!! (SERPA, 2004, p. 202)

Procedia com autoras e autores canonizados pela ementa do componente curricular, acrescentando dissidências emergentes nas querelas atuais que fossem pertinentes ao tema geral. Mas de um modo que os/as autores/as canônicos/as, funcionassem contra si mesmos, isto é, como *vectores distópicos* à hegemonia acadêmica da qual participam, ao tomá-los sob o crivo *descolonial*. E, ao trazer conceitos potencialmente críticos, por exemplo, como “experiência” e “corpo”, procurava fazê-los combinar com saberes dos/as próprios/as estudantes, desejando propiciar a construção/expressão de saberes *localizados*, e não apenas reproduções abstratas e genéricas de um suposto conhecimento pronto para ser depositado e digerido sem traições.

Temperava o rigor conceitual com a compreensão das condições histórico-sociais de sua emergência, o que implicava levar em consideração, inclusive, os marcadores sociais dos autores postos em tela - uma espécie de profanação das figuras sacralizadas pela tradição acadêmica, como que “humanizando-os” a ponto de poderem ser contraditos ou mesmo traídos. Um modo de aterrar a ciência, sem perder o rigor, mas, por sua vez, sem silenciar ou invisibilizar incômodos gerados pela inadequação da obra - no mais das vezes publicadas a décadas, ou mesmo séculos, e em outras paragens (sobretudo Europa e EEUU) - relativamente ao nosso tempo e lugar.

O *timing* de sala de aula nem sempre se faz suficiente para constituir um nível de vínculo significativo. Desfazer os nódulos do costume da “educação bancária” implica esforço *paulofreiriano* - me perdoem o desvio da precedência a Hércules. Conseguir desmontar parte da cena antecipada pelo dispositivo “sala de aula”, com seus poderes e lugares constituídos *a priori*, não é simples. Leva tempo. Nem sempre um semestre de quatro meses basta, para ativar a espontaneidade em colocar as cadeiras em roda, como imantação do espaço ritual da sala de aula. Alguns estudantes desconfiam que possam tomar parte no rumo da aula, mesmo quando o acordo é serem livres, e talvez por isso mesmo. Há muitos

fantasmas que habitam relações de autoridade assimétricas. E espantá-los não é da noite para o dia.

Percebi que o tempo e o dispositivo sala de aula não seria suficiente, apesar de todo esforço, para constituir um nível de vínculo suficiente ao propósito de “formar pessoas” (em uma arte de fazer, no caso, a psicologia). Além dos conteúdos, habilidades e competências, relativos à profissão de quem escolhe determinado curso superior, há uma pessoa no mundo, alguém que vive e sonha, sofre e aprende, que talvez comporte um ‘sentimento de mundo’ a partir do qual orienta sua vida.

De sorte, o trabalho do educador seria, ao menos como aprendi, declinar-se sobre/com a *sensibilidade* de uma pessoa, de modo a perceber, confirmar e fortalecer suas boas qualidades, seu *bom caráter*<sup>82</sup>. Uma tarefa dessa monta requer um tempo expandido, e uma ambiência acolhedora, confortável aos corpos.

Em sala de aula conheci, e conheço, pessoas interessantíssimas. Nem sempre comunicativas, ou intelectualmente treinadas na gramática da educação formal, digamos assim. Algumas muito tímidas, desconfiadas, assustadas até. Mas se lhes oferece algum intimismo, seja pela maneira de convidar a falar, seja pela conversa em particular, ou em esbarros de conversa pelos corredores, após a aula, pode acontecer desabrochar um mundo imperscrutável pelo dispositivo sala de aula.

Nos últimos dezoito anos de docência, invariavelmente, a arquitetura das salas de aula foi: sala quadrada, ar condicionado, paredes brancas, gelo ou creme, luzes brancas, quase sempre instaladas em calhas espelhadas, que propiciam aquela atmosfera *clean* como nas farmácias. Mesa do professor com (ou sem) computador; projetor, caixa de som, lousa de ardósia para giz, quadro branco para pincel-para-quadro-branco e, mais recente, lousa de vidro. A que, aliás, não acostumo.

Para o lado de fora da sala, uma espécie de escotilha, quando há, quadrada ou redonda, instalada no alto da porta. Nas salas em que há janelas, permanecem fechadas, algumas lacradas, o vidro emoldurado por esquadrias de alumínio e recoberto com adesivo *blackout*. Carteiras de madeira ou plástico, ocupando pelo menos dois terços do espaço (mesmo se

---

<sup>82</sup> Ouço e leio sempre Dra. Carla Akotirene, em seu perfil no Instagram, chamando atenção ao “bom caráter”, coisa versada na cosmologia afro-diaspórica e por ela sensivelmente pinçada.

fossem recolhidas umas às outras), dificultando a movimentação, a livre improvisação do contato.

Veza e outra, cheguei a arriscar uma roda, sentados no chão ou em pé, propondo alongamentos como intervalos à falação, instigando que “dinâmicas de grupo” fossem propostas e mediadas pelos próprios estudantes, sob meu auxílio de mais velho. Ficar descalçado era improvável, devido ao frio. Pedir para colocar em roda as carteiras, muita vez pareceu um suplício: arrastavam-se de má vontade, acostumados à inércia dos corpos esquecidos de si, afundados, escorados ou abufelados sobre o assento de madeira ou plástico, duro e espesso, aparafusado na estrutura de ferro, e corroborando, materialmente, com a finalidade do dispositivo: disciplinar o corpo sob a justificativa de moldar o espírito através da inteligência, do *cogito a la cartesiana*. Ao menos era assim que percebia.

Recentemente, em um dos componentes pelo qual sou responsável, consegui, por acaso (não havia planejado, mas esqueci de reservar com a antecedência necessária, e faltou sala), marcar todas as aulas do semestre em um Laboratório de Habilidades. Chão forrado por três camadas de EVA, encaixados feito quebra-cabeças, em uma sala ampla, com almofadas e rolos. Para entrar, deve-se descalçar os calçados, e, como não há cadeiras, sentar no chão. Pode-se escorar nas almofadas, encostá-las nas paredes, os rolos na cabeça. Grandes janelas de esquadrias de alumínio e vidro, sem *blackout*, com persianas que, em dias de sol, levantávamos, desligávamos o ar condicionado, abríamos as janelas e optávamos pela luz e pelo vento naturais. Em uma atmosfera assim, as “coisas” fluem diferentes, e o dispositivo sala de aula se dissolve, e outra ambiência pro encontro acontece. Os corpos se acomodam confortáveis, semblantes mais amenos, como se mais vulneráveis, e desarmados riem, *gargarinham*, desconsertam-se.

Fazia algum tempo, imaginava a sala de aula como uma espécie de terreiro de sítio, debaixo de mangueiras e castanholas, ou amendoeiras, como se diz aqui na Bahia. Pés no chão, mesmo com meias, um pressentido cheiro de terra no ar, mesmo condicionado. Para tanto, fui percebendo, o corpo era o chão a arar. Não necessariamente sob o modo *clássico* de exercícios, posturas, contatos. Aliás, por experiência própria, nos tempos de universidade, filava as aulas de “dinâmica de grupo” para fugir de constrangimento. Mas pensando ao avesso do espaço experimental científico das dinâmicas, seria suficiente permitir e propiciar

uma ambiência confortável e segura, onde cada qual pudesse estar, à sua maneira, sem forçações de barra, apenas deixando que o tempo mostrasse que cada corpo ali tem lugar.

Em sala de aula, procurava, e procuro, estabelecer um equilíbrio entre cognição e sensibilidade, com maior peso para o termo segundo. Por exemplo, ao invés de solicitar a reprodução de definições conceituais e explicações tais quais os autores estudados informam, as propostas avaliativas buscavam fazer com que as/os estudantes pusessem os conceitos em funcionamento. Para isso, entendi que o modo (estilo) de escrever/falar, e o ponto de partida (a fonte de referência) da escrita, ou da oralidade, seriam determinantes.

No *cruxo* entre autores canônicos e as experiências encarnadas das/os próprios estudantes, seria preciso constituir uma ambiência de confiança, reciprocidade, abertura e diálogo. De modos que a minha maneira de proceder em sala de aula deveria enfrentar alguns fantasmas relacionados à figura de autoridade como intimidatória e coercitiva, e alcançar uma tonalidade que se equilibrasse a uma tensão saudável entre o acolhimento e um rigor, e que se expressasse em uma ética responsiva, compromissada com o envolvimento e a participação, e com a construção de um conhecimento situado. Para tanto, a seriedade e o rigor eram mesclados à alegria e à criatividade.

As aulas buscavam provocar uma inflexão da teoria à experiência, através da reflexividade e do ‘mergulho’ do estudante em si próprio. Não exatamente um mergulho em uma interioridade “psicológica”. Mas sim, um mergulho que alcançasse a superfície da *experiência*, o ‘lugar’ onde o sentido do vivido aflora. A ideia de mergulho desejaria aqui expressar o escrutínio minucioso dessa superfície onde os elementos que interferem no modo de significar a experiência pudessem ser identificados. E a teoria, uma escultura artesanal que se faz com o problema, e geralmente fica pronta depois que o pior já passou.

Em sala de aula, o conteúdo teórico trabalho, em seus argumentos, como provocação a pensar; em seus conceitos, como um conjunto de operadores e ferramentas para os quais um ‘conteúdo’ existencial deve complementar feito matéria-prima.

Ao lado das sugestões programáticas, as temáticas pertinentes para tentar doar sentido ao programa, poderiam surgir de problemas e acontecimentos cotidianos de repercussão geral, assim como quaisquer acontecimentos fortuitos. Atento, escutando, observando, auscultando o ar nos pulmões do tempo, feito um corpo-estetoscópio. Eis a tarefa do educador? Um

constante estado de atenção, “antena fincada na lama”<sup>83</sup>, ouvindo os batimentos que surgem da terra do momento. Redes sociais, artigos, séries, filmes, peças de teatro, livros, memes, romances; tudo rejuntado e posto à prova, na roda da sala. Espaço de escuta sensível, provocações amorosas, lugar de cuidado, acolhimento e respeito às histórias de vida. Sim. E também de crítica e provocações.

Professor, psicólogo (e vice-versa), fico assim atento ao que desborda do conteúdo, ao largo de conversa estruturada. Fico ligado no preambular das aulas, aquele momento de burburinho que fazem as rodinhas de conversa, antes do começo formal da aula. Nesse entretempo, costumo deixar transitar assuntos, de modo a estabelecer momentos humorísticos ao sabor do encontro. Uma coisa puxa outra, uma palavra chama outra. Um olhar desperta outro, um sorrir altera o outro, seu semblante, sua disposição para-com.

Essa mania de tocar e se deixar ser tocado. O gosto pela relação, pelo jogo de cintura, jeito de corpo na dança com palavras e semblantes. Cultivo *sensível*.

---

<sup>83</sup> Salve Chico Science e o Movimento Manguê *Beat*.

## 5.2 Avaliações

O interesse por narrativas não vem de agora. Desde a infância, quando visitava parentes no interior, das melhores horas, era quando caía a noite e a gente ficava na beira da calçada, porta afora, todo ouvidos, e as histórias eram fiadas umas às outras, feito debulho de rosário. Biojoias passando pelas pontas dos dedos, feito imagens acústicas, não queria que acabassem.

Ao passar dos anos, interessaria menos aferir a reconhecimento de conteúdos em provas (discursivas) e seminários (feito jograis fastidiosos animados a *slides*). Interessava mais pelo que os estudantes conseguiam fazer *consigo*, ao tramar, com os conceitos e as teorias que estudávamos, a vida própria. De forma oblíqua, conteúdos na forma de conceitos e arcabouços teóricos eram identificados, mas recobertos por algo que deveria ser narrado por ter sido vivido e ter-se feito memorável. O que dava mais pulsação de realidade ao pensamento era atualizar o virtual possível das teorias à circunstância atual de cada (um de nós) estudante.

As propostas avaliativas utilizadas por mim na graduação, e que são parte do material sobre o qual me debrucei para esta pesquisa, foram pensadas para amalgamar conteúdos teóricos e existenciais, que deveriam ser apresentados em uma certa *poética e estilística* de comunicação, a narrativa, escrita ou oral.

Por exemplo, no caso do componente curricular Fundamentos do Humanismo, onde trabalhávamos entre a Fenomenologia (com ênfase em Merleau-Ponty e sua noção de “corpo próprio”) e a filosofia existencialista (de Jean-Paul Sartre), além de textos “decoloniais” (para abrir a perspectivação do Humanismo europeu, conforme modulado pelo que se chamou Renascimento, Iluminismo, Modernidade), solicitava que elaborassem um texto *autoral* (ficcional, ou um relato de experiência<sup>84</sup>), tomados por alguma “emoção” ou “lembrança”

---

<sup>84</sup> Gosto do Relato de Experiência. Um Trabalho de Conclusão de Curso, por exemplo: poderia ser uma oportunidade para a/o estudante elaborar suas vivências durante a trajetória acadêmica. Tramando alguma problemática existencial, que por ventura lhe houvesse sido relevante durante a graduação, com aportes teóricos. Aportes que, quem sabe, poderiam lhes servir como decante de vivências. De modo que um *trabalho* para concluir o curso também operaria como “trabalho psíquico”, elaboração/decantação das vivências em *experiência de formação*. Do que poderia decorrer às/aos estudantes produzirem, com as teorias e os métodos estudados, algum *sentido* pertinente à própria vida, e assim, além da mera reconhecimento de conteúdos e habilidades instruídas e treinadas, a incorporação de um *saber de corpo* como uma espécie de destinação vocacional aprendida, que não se ensina, mas se aprende.

evocada pela leitura das obras literárias que compunham a bibliografia<sup>85</sup>, e apontar o trecho/ momento da obra onde “algo” *lhe* aconteceu. Ou um texto narrando o que *se passou consigo* (pensamentos e sensações) durante e depois da leitura, e ao final do semestre, como última avaliação do processo.

Seguem alguns enunciados das propostas avaliativas, como exemplos:

. A partir de um acontecimento vivido por você, escreva uma narrativa ficcional mostrando como uma experiência mudou a vida da personagem;

. Escreva uma narrativa em primeira pessoa contando um acontecimento marcante (experiência) que ocorreu em sua vida. Inclua na narrativa considerações sobre qual foi o saber que você extraiu dessa experiência que narrou;

. Ao longo do semestre, você realizará articulações autorais entre os conteúdos teórico-conceituais, as rodas de conversas em sala de aula e o livro “Solitária”, de Eliane Alvez Cruz. As articulações deverão ser expressas em, ao menos, duas das seguintes linguagens: poema, mini-crônica, mini-conto, desenho, colagem, mini ensaio teórico;

. Ao longo do semestre, você realizará articulações autorais entre os conteúdos teórico-conceituais, as conversas em sala de aula, os livros e o filme indicados, priorizando aspectos que te tocaram e te fizeram pensar. Sugestão: após cada aula, e a cada leitura, tome nota dos aspectos que mais te tocaram e fizeram pensar, como se fora um diário, para não esquecer. As articulações deverão ser expressas em, ao menos, três das seguintes linguagens: poema, crônica, conto, desenho, colagem, ensaio teórico;

. Ao longo do semestre, você realizará articulações autorais entre os conteúdos teórico-conceituais, as conversas em sala de aula, os livros indicados, priorizando aspectos que te tocaram e te fizeram pensar. (Sugestão: após cada aula, e a cada leitura, tome nota dos aspectos que mais te tocaram e fizeram pensar, como se fosse um diário, para não esquecer). As articulações deverão ser expressas em, ao menos, três das seguintes linguagens: poema, crônica, conto, fotografia, colagem, mini ensaio teórico. Nas datas de AV 1 você deverá apresentar oralmente, e com projeção de slides, o que foi feito até ali, incluindo aspectos relacionados à leitura do livro “A terra dá, a terra quer”, de Nêgo Bispo. Nas datas de AV 2,

---

<sup>85</sup> Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Clarice Lispector, Fiódor Dostoiévski, Albert Camus, Franz Kafka, foram alguns dos autores em tela.

deve-se apresentar a compilação de todo o semestre e os resultados produzidos, também com slides, incluindo aspectos relacionados à leitura do livro “Solitária”, de Eliana Alvez Cruz. Para a primeira unidade, a construção do portfólio deverá considerar e responder às seguintes provocações: por que se poderia afirmar que a colonização não acabou? De que maneiras a colonialidade me afeta? Como a busca pela ancestralidade esquecida poderia (ou não) responder ao nosso “complexo de vira-latas” (coloque-se em análise como exemplo)?

\*

Os textos dos estudantes, alguns selecionados aqui, e postos na íntegra no Apêndice, em verdade são água e argila dessa tese. A partir deles fui esculpando um *construto* de pesquisa, bem como as linhas-guia que me orientaram, a linguagem que persegui, o algo mesclar-se reimaginando minha juventude acadêmica para pensar contra mim/*nosotros*.

Os gêneros solicitados para os textos pressupunham um endereçamento que me ultrapassava como docente responsável por avaliar. Procurava sair do foco do endereçamento, sem, entanto, perder de vista a constituição de um espaço transferencial, onde a/o estudante se movimentaria com vistas a atender certas expectativas, quiçá compartilhadas. Mas nem sempre se evitava uma espécie de solilóquio, feito um duplo de si, uma câmara de ecos, como destinatário.

Narrar acontecimentos (vividos e/ou imaginados) através de cartas e crônicas, seriam, nos últimos sete anos, as produções textuais que mais solicitei. Além desses estilos narrativos obrigarem a um exercício de si sobre si (do que desejava produzir uma espécie de meta-cognição em relação aos conteúdos), havia o movimento transcendental quanto à própria experiência...

Além de tudo, havia ainda o *prazer do texto*. Quero dizer, quando se pretende fazer confluir experiência com teoria, em uma textualidade escrita ou oral, o próprio movimento do raciocínio deveria ganhar cadência poética. A linearidade costumeira do raciocínio científico sendo recurvada, aqui e acolá, pelo próprio ziguezaguear imposto pela memória dos acontecimentos que se pretende pôr em sincronia.

Além de sugestões atitudinais (medite, mergulhe, perceba, reflita etc.) e dos gêneros textuais (romance, novela, carta, crônica, poema) solicitados pelas propostas avaliativas, havia também uma ocupação com as temáticas provocadas pela ementa e pelos conteúdos programáticos previsto no Plano de Ensino.

Tais conteúdos canônicos, previstos no currículo oficial, deveriam ser infletidos e atualizados, de forma autoral, a partir daquilo que as/os autoras/es conseguiram fazer (ou não) *tocar*, e *fazer pensar*, cada um/a. Portanto, mais importante do que a reprodução dos conteúdos seria aferir os *efeitos* desses conteúdos sobre cada um/a através de suas narrativas, e, nestas, sua capacidade em articular os tais conteúdos, compreendidos adequadamente, e retorcidos com a vida mesma.

Retrospectivamente, percebi que as propostas avaliativas, ao longo dos semestres, repetidamente utilizavam termos como: meditar, narrar, mergulhar, perceber, refletir.

Mas o tempo de um semestre acadêmico, em média quatro meses, não se mostrava suficiente para constituir uma ambiência para a expressão de produções autorais, epistemologicamente encarnadas na experiência. Seria preciso cismar com o currículo, para fazer desbordar, em outras temporalidades e ambiências mais propícias, encontros onde a imaginação situada e encorpada na experiência pudesse esgarçar os conhecimentos ao ponto de um saber *próprio e comum*, tipo uma *teoria local*.

### 5.3 Cismar o currículo

A distensão - do tempo e do espaço - passível de ser provocada pela extensão universitária, parecia-me, desde à época da graduação, uma espécie de cume de onde avistaria uma linha de horizonte, onde as fronteiras do pensamento se afrouxariam, junto as relações. O que colocaria as gentes em outro estado de espírito, atenção e *disposição*, mais suscetíveis a aprendizados improváveis no dispositivo sala de aula - ao menos à maneira hegemônica como se o concebe, em sua arquitetura epistemológica.

Se palmilho memórias, relevam marcas da minha iniciação à extensão universitária, na Universidade Federal da Bahia, no UFBA em Campo<sup>86</sup>, final dos anos 1990, à época sob a coordenação do músico e professor Paulo Costa Lima, pró-reitor de extensão (1996 a 2002).

Havia uma concepção de Universidade boleando os princípios da extensão ali com os quais comungo e pratico até hoje. Os professores Felipe Serpa e Wilson Senne, com seus projetos audaciosos, pela simplicidade, dos quais pude tomar parte, seriam figuras imprescindíveis para a concepção de extensão que ainda hoje me inspira, a qual vim burilando desde a *conversão* ao ofício de educador/professor.

Aquela ideia de “comuniversidade”, então proposta pelo prof. Felipe Serpa, já trazia na nomeação sua finalidade: a permanente construção de uma simetria na relação entre a universidade e as comunidades, os saberes científicos e os “populares”, bem como entre docentes e discentes. A co-laboração, o *fazer-com*, que hoje virou clichê.

---

<sup>86</sup> “Desde 1997, a UFBA, através da Pró-Reitoria de Extensão, desenvolve um programa que se propõe a relacionar o Ensino e a Pesquisa, funções da universidade, com a sociedade.

Inicialmente o programa denominou-se UFBA EM CAMPO, onde grupos de estudantes de diferentes cursos propunham projetos de trabalhos em comunidades, que eram desenvolvidos sob a coordenação de professores.

(...)

Todo esse processo, que já dura seis anos, produziu muitos relatórios, alguns livros e muito material audiovisual, envolvendo aproximadamente cem professores, mil estudantes e um grande número de comunidades e lideranças dos grupos da sociedade.

Mais importante do que tudo isso, os participantes do programa aprenderam que há novos caminhos para a universidade pública nas suas relações internas e no seu diálogo permanente com a multiplicidade de grupos humanos que formam a sociedade.

(...)

É o surgimento da própria vida, seja institucional ou de grupos humanos, nas dinâmicas dos processos, pois compreendemos a vida como um estado tenso permanente entre o infinito de possibilidades e a finitude das instituições e dos grupos humanos.

Dessa forma, propiciaremos uma grande riqueza de processos e caminhos para as instituições e para os grupos humanos.

Esse é o papel da extensão”. (SERPA, 2004, p. 215-216)

A descontração, a disposição para a convivência, a paciência de dar tempo para que algo em comum fosse se constituindo entre (nós) universitários e as comunidades. A continuidade, o envolvimento a longo prazo, apesar da sazonalidade semestral que marca o ciclo acadêmico. O cuidado com o perigo da benevolência, do bom samaritanismo, que tanto inspira práticas caritativas e assistenciais (também necessárias e úteis, mas não a minha). Tomar a comunidade pelo que lhe excede em força de vida, e não pelo que carece, para somar forças nas lutas que antecedem, e prosseguirão, à nossa passagem.

A Extensão como cisma do currículo, portanto, seria mote para um *ethos*. Um lugar de pertencimento, esse clichê, pelo reconhecimento recíproco das diferenças passíveis de comunhão, algum *comum* em função de estar junto. Uma confraria? Uma irmandade? Um mocó de gente? Família, feito hoje se diz? Um arvoredo sob o qual descansar a armadura.

Ao cismar com diretrizes curriculares, a extensão funcionaria como “uma maneira sutil, e disfarçada de suspirar”<sup>87</sup>, transformando o *setting* pedagógico, independente do lugar (feito uma “zona autônoma temporária”<sup>88</sup>), em território cosmo-existencial de convivência e alguma invenção<sup>89</sup>. Numa cadeira de plástico, em um banco de madeira, com ar condicionado, ou debaixo de uma mangueira...

A ex-tensão poderia operar o deslocamento do dispositivo sala de aula, habituado no corpo, para uma espécie de contato e improvisação, um espaço aberto ao ar, livre do (excesso de) planejamento, continente aos acasos e assuntos imprevistos, por vezes impertinentes, ou fora de foco, mas necessários e candentes. Não tratarei aqui da contraparte fundante da missão extensionista, o lado de ‘fora’, as outras comunidades e territórios (existenciais) de uma cidade, até porque, sou o que soa o que aprendi alhures em deriva. Nosso interesse aqui versa

---

<sup>87</sup> Mário Quintana, “Arte de fumar”, In *Sapato florido*, 1948.

<sup>88</sup> “TAZ - Zona Autônoma Temporária, um dos livros mais notórios escritos por Hakim Bey (pseudônimo de Peter Lamborn Wilson) em 1985 (...) O livro descreve a tática sócio-política de criar espaços temporários que escapam às estruturas formais de controle. O ensaio usa vários exemplos da história e da filosofia, todos os quais sugerem que a melhor maneira de criar um sistema não hierárquico de relações sociais é concentrar-se no presente e libertar a própria mente dos mecanismos de controle que lhe foram impostos. (...) A ideia sobre uma Zona Autônoma Temporária é de como um grupo, um Bando, uma coagulação voluntária de pessoas afins hierarquizadas podem maximizar a liberdade por eles mesmos numa sociedade atual, formando redes independentes de convívio e comunicações, ocultos ao Estado, eludindo assim as estruturas formais de controle. Em linhas gerais é uma organização para o desenvolvimento de atividades comuns, sem controle de hierarquias opressivas”. Fonte: Wikipédia <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona\\_Autônoma\\_Temporária](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_Autônoma_Temporária)>. Acesso em 20/05/2024.

<sup>89</sup> MACEDO, Roberto Sidnei. “Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares”. (p. 427-435) In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, set./dez. 2013.

desde o que a extensão pode ser capaz de fazer com o lado de ‘dentro’: limar o *próprio* da “comunidade acadêmica” - como a nós, os acadêmicos, nos referimos, por praxe, posto que nem sempre assim o é.

Da perspectiva da relação entre professoras/es e estudante, a Extensão pode propiciar trocas de máscaras, ou mesmo que as deixemos cair, retocar ou refazerem-se, por descuido ou intenção de procedimento.

Com a extensão pretenderia, com mais vagar e amplitude, realizar esse sentido *espiritual* da universidade no Brasil: criar mitologias teóricas (mitológicas) concernentes a sistemas de interpretação mais *sensíveis* e contagiados pelas cosmo-epistemologias afropindorâmicas.

Imaginei, realizada ao lado e ao largo da sala de aula, uma *comunidade* na qual se conseguisse fazer frente ao sofrimento.

## 5.4 A CISMA

Nesse aguadeiro, com a missão de contribuir para constituir vínculos mais intensos com estudantes, e onde pudesse me deixar levar pelas pautas e interesses deles, sem preocupação em parecer estar “fugir do assunto”, lançaria(-me) à CISMA.

Era 2017 quando propus o programa de extensão *Companhia Itinerante de Saúde Mental* (CISMA). Em gramática acadêmica, a CISMA pretendia ser um laboratório de elaboração e experimentação de dispositivos clínicos, para desenvolver práticas de cuidado no campo da promoção da saúde mental, inspiradas em poéticas e elementos das artes e das culturas ditas populares.

Os encontros eram mediados por assuntos previamente propostos, e também os que emergiam espontaneamente e engajavam, como se diz hoje, tomando acento, e leituras e comentários ao redor de textos teóricos, músicas, literatura (prosa e poesia), filmes e séries. Ao final de cada encontro, identificávamos a temática que fez mais sentido feito alguma marca nos/as participantes, aferindo sua relevância. E solicitava narrativas inspiradas na temática escolhida.

Uma das propostas da CISMA, “A *autoficção* na promoção da saúde mental de jovens”, teria como gema de objetivo perceber possíveis efeitos da escrita na promoção da saúde mental de estudantes universitários de um curso de psicologia, uma branquitude crítica jovem, classe média e tal, como se disse, servindo-se de certo gênero, ou espécie, de “escrita de si” como procedimento, a *autoficção*.

## 5.5 Diário de Quarentena

*Todo jornal que eu leio  
Me diz que a gente já era  
Que já não é mais primavera  
Oh baby  
Oh baby  
A gente ainda nem começou*

(Raul Seixas)

*Salvador, 21 de abril a 21 de maio de 2021.*

*Somos três, em casa. Apartamento, na verdade. Cento e pouquinhos metros quadrados. Desde o início da pandemia, perdemos espaço aberto, a coragem da rua. Por 14 meses resvalamos, às vezes com amor, às vezes por necessidade, obrigação, suporte. Algumas vezes, tolerância. Tudo entrelaçado e confundido. Conseguirá a clausura fazer pecinhas de chumbo virarmos esfera? Por sorte construída em privilégio, vergado em corpos negros assassinados e derramamento de sangue indígena, essa legítima culpa: pudemos nos enclausurar.*

*Perdemos a praia, o boteco beira rua. A infância, perdemos o lugar de onde nunca saímos, e para onde se pretende voltar, e volta, para o bem e para o mal, quando turva em desalinho o horizonte cotidiano.*

*Reaprender a viver, o “novo normal”, como se diz. Impossível engolir.*

*Desde seu início como factum em março de 2020, as notícias da pandemia no Brasil são as piores possíveis. Quatro ministros da saúde trocados durante apenas um ano e poucos meses de pandemia. O aumento da fome. O endividamento, o desemprego. As mortes diárias. Os emigrantes naufragados nas fronteiras. A vizinha que faleceu. A insolência dos que desrespeitam os protocolos e ainda conclamam à abertura do comércio, desferindo buzinações defronte a hospitais. Os amigos e parentes que atravessaram a doença, alguns deram baixa.*

*E todas/os ficamos e continuamos tensas/os e sobressaltadas/os. Algumas noites insones, outras, pesadelos.*

*A meta de um cotidiano com variações, para a educação do filho aos sete anos de idade, jogada fora com a água da bacia, e a claustro monotonia da pandemia. Os jogos eletrônicos, a televisão, os filmes, as aulas telepresenciais. O encurtamento do horizonte rebatido nas telas. O pensamento espremido, o aperto na mente. O futuro pulverizado em pixels. Terra plana, tela plana, e outras visões do inferno. Des-envolvimento. Os olhos queimam, ardem, as lágrimas correm. Quem pode, lacrimeja colírio. Quem não pode, terçol.*

*As crianças, a infância do mundo. A presença acachapante do tempo-sem-tempo, do agora. Chega a asfixiar, de tanto, a plethora de esplendor ao rés da criança entretida por coisa qualquer. E ao repará-las, sente-se o tempo numa espiral redemunha.*

*Também o cansaço. As interrupções, a atenção dispersa, centrífuga. O tempo aos soluços, uma consumação. Alguma disciplina, alguns dias e, do Nada, a precária harmonia derrama dissolvida no toque inesperado do interfone.*

*O Acontecimento, osso da experiência, não há quem controle, quem preveja, quem domine. A gente até apalpa, e por algum momento se ilude. Porque a chama intermitente da vontade não se regula por objetivo, por mais que pareça. Há por debaixo, subjazendo, um sujeito-propenso-a-mudar-de-ideia.*

*Uma ocasião imprecisa, imprevista, e o colar do tempo abre seu fecho. E a conta não fecha, e o rosário do tempo vira um voluminho no cume dos dedos, uma conta, entre a carne e a unha. E a prece por dias melhores pode ser qualquer nota, cantiga, oração ou canto sagrado, até palavrão.*

*Tudo-isso-enquanto-acontecendo, e uma Tese por fazer. O compromisso de uma tese, sob o tempo férreo e abstrato da instituição acadêmica. Uma certeza, uma compreensão, o que quer que seja, espero que aconteça. Uma afirmação, feito pedrinha jogada no espelho d'água do mar, que seja. Uma assertiva afirmação de quem sabe o que defende, uma "pergunta", um "objetivo geral" e os resultados estão a lhe esperar. Tudo-isso-enquanto, em águas turvas, muitas dúvidas, e uma Tese por se fazer.*

*Hoje, perguntas e tretas se multiplicam, do Sul ao Norte, sem solução fácil e rápida. A montagem de fragmentos e restos de palavras e imagens, colados ao sabor dos afetos, fora o*

*que restou, é o que acontece. Tropeçar sempre, e encontrar a forma, o jeito de dizer, de escrever - esse “segundo campo” onde revive e se metamorfoseia a experiência, quiçá transfigura a pessoa. Chegar ao ponto de malícia da palavra, um rigor estético sem obrigação de objetividade. A forma encantatória das palavras. Fabular o mundo - nada a ver com explicar. O futuro é fabuloso no presente.*

*Tudo-isso-enquanto e seguimos, errância entre giros, mandingas e viradas, para, se inventarmos o possível, melhor passar.*

## 5.6 Da *CISMA* feita comunidade

Com a suspensão das aulas, absorvo e absorvido pelo estupor do improvável, estava um tanto distraído, ou zozno, com o famigerado “novo normal” que nos mantinha distantes, a mim e aos estudantes, por um tempo que sequer poderíamos ter imaginado.

Com o retorno das aulas em modo telepresencial, retomaria também a *CISMA*. Para manter pertinência, repensei o planejado para vislumbrar outras possibilidades para as atividades de extensão naquele semestre. Para acolher os estudantes, e a mim mesmo, adaptaria os planos para que, ao lado dos estudos teóricos previstos no conteúdo programático, também repassado em pertinência, houvesse tempo para que pudessemos narrar e compartilhar nossas histórias de quarentena. Solicitei que, se possível, escrevessem sobre o que viviam, e o que vivíamos em comum, como forma de brocar a crueza da realidade e fazer passar, por alguma fresta, qualquer facho de luz para iluminar o ocaso que se abatera sobre o cotidiano.

Tratava-se de estudantes em sua maioria privilegiados, como eu. Podiam se dar ao luxo do distanciamento social e do acesso à internet. O que de fato importava naquele momento seria descobrir, com eles, algo que nos pudesse manter unidos e motivados, numa gira de aprendizados recíprocos, como deve ser a vida acadêmica. “Viver, é melhor que sonhar”.

O momento requeria aprendizados que demanda tempo incorporar, não estávamos ingênuos. Em todo caso, urgia conectar nossa miséria de clausura ao nosso distanciamento de antes, na partilha do sensível de cada dia. Cidade fraturada, classes emplastradas em performances ensaiadas. Queixo e nariz arrebitados. Quem sabe, prerrogativa de branquitude querendo se legitimar, ou auto-criticar-se, talvez se justificando contando os horrores vividos no balé, ou no colégio confessional, na academia de ginástica, ou na universidade, no local de trabalho, no quatinho do fundo, no quarto do despejo, no banheirinho no quintal.

Começava-se a se falar, a situação de distanciamento social compulsório poderia provocar efeitos negativos, sofrimentos importantes, na saúde mental. Pessoas que nunca sofreram com ansiedade, por exemplo, em situação de isolamento, poderiam vir a sofrer. Pessoas nunca antes abatidas pela insônia, poderiam seguir com alguma dificuldade em

dormir, do que poderia restar se sentirem irritadiças ou agressivas, ou mesmo confusas e desorientadas. Os efeitos da quarentena poderiam ainda intensificar fragilidades pre-existentes. À época, em entrevista ao Jornal da USP, o psicanalista Christian Dunker, alertava:

Um dos primeiros efeitos da quarentena é a desorientação atencional. A pessoa se sente mais confusa, menos concentrada, muito mais cansada. Ela pensa que vai trabalhar em casa e vai conseguir descansar, mas não é isso que acontece. Porque uma série de apaziguadores que nós temos no trabalho, como a pausa para o cafezinho ou a conversa com o colega, são suspensos. (DUNKER, 2020).

Sob a necessidade de distanciamento social, havíamos sido arrancados da colcha cálida do hábito, e a habitação (para quem a tinha) se fez enclausuramento. Passaríamos a ensaiar, mesmo a contragosto, pequenas reinvenções de si através de deslocamentos na rotina e novas ritualizações. Ao nos extirpar o hábito, matéria-prima do cotidiano, a pandemia destronara nossa confiança, nossa firmeza, mesmo ilusórias, mas com as quais podíamos ter a impressão de sermos abraçados pela vida. Parecíamos haver despertado do sono da inércia provocada pela normalidade artificiosa da vida produtiva, planejada e projetada, ao sucesso (algo duvidoso) e à felicidade, a todo custo.

Quem sentiu sabe, o hábito pode ser um vetor de embotamento, rotina fastidiosa por previsibilidade e automatismos. Mas senti-lo suprimido de uma hora para outra, sem qualquer sinal anterior de alerta, foi igual a sentir o chão se abrir sob os pés, e sermos subitamente engolidos ao fosso claustrofóbico da incerteza e da impermanência, qual “o sofrimento do moribundo e a ansiedade ciumenta do exilado”.

O hábito é o acordo efetuado entre o indivíduo e seu meio, ou entre o indivíduo e suas próprias excentricidades orgânicas, a garantia de uma fosca inviolabilidade, o pára-raios de sua existência. O hábito é o lastro que acorrenta o cão a seu vômito. Respirar é um hábito. A vida é um hábito. Ou melhor, a vida é uma sucessão de hábitos, posto que o indivíduo é uma sucessão de indivíduos [...], o pacto deve ser continuamente renovado, a carta de salvo-conduto atualizada. A criação do mundo não foi um evento único e primordial, é um acontecimento que se repete a cada dia. (BECKETT, 2003, p. 17).

Quando o hábito não fora mais capaz de ajustar e reajustar nossa antiga sensibilidade orgânica às condições do novo (velho mundo) normal assolado pela pandemia, o sofrimento abriria uma “janela para o real” e o Tédio, “o mais duradouro de todos os males humanos”, nos abraçaria em sua clausura.

\*

Se nos primeiros meses de pandemia alguns imaginávamos ser possível a humanidade aprender algo, sobretudo quanto ao nosso descaso com a Terra, com o tempo fomos constatando, com pesar, a viseira negacionista ganhar força de realidade. Havíamos perdido o mundo tal qual o conhecêramos. Não haveria retorno possível. Alguns se consolavam, ao se identificarem com a pregação de um “reinventar-se”, diante do imperativo do “novo normal”, achando que varreriam a angústia para debaixo do tapete. Já para outros, a “normalidade” saltara aos olhos como aquilo que não se desejaria ver. O horizonte de expectativas havia desaparecido, turvo pela névoa de poeira levantada pela ambição colonial capitalista em curso, dessa vez em forma de pandemia.

Com o passar dos meses, aquela alegria retinta e vermelha esbranquiçara, e voltávamos a esmorecer força de vontade. Estava difícil por demais manter qualquer entusiasmo. Os encontros da CISMA se arrastavam, a cada semana. Oscilações na presença, pouco envolvimento e participação das/os estudantes. Uma parte do grupo compunha a CISMA havia alguns semestres. Outra, a maior, acabara de entrar. Não nos conhecíamos em presença de corpo, e isso dificultava a cerzidura de laços. Algumas não abriam a câmera nos encontros, tampouco opinavam sobre os assuntos que surgiam.

Para fugir da angústia de ficar em silêncio diante da tela, fazia uma preleção, sobre determinado assunto (sofrimento psíquico, saúde mental, estar sendo jovem etc.), abria pra quem quisesse comentar, e sempre alguns apareciam, e no fim da conversa, solicitava que escrevessem uma narrativa para trazerem no próximo encontro<sup>90</sup>, uma narrativa preferencialmente em chave *autoficcional*, sobre o que lhes tocara durante o encontro e a conversa. Pedia ainda que refletissem acerca dos efeitos sobre si (metanarrativa), escrevendo na pele de uma personagem. Sem sucesso.

Eu próprio, fatigado pela rotina de aulas, reuniões telepresenciais, a lida doméstica, não conseguia encontrar o encanto da palavra que anima, a saliva encorpada. A posição eminentemente passiva das pessoas fustigava a minha pretensão em desejar que fôssemos

---

<sup>90</sup> Os encontros aconteciam às segundas-feiras, das 16:00 às 18hs.

uma comunidade em ato. Muito menos o mais horizontal possível. E dissolvia uma das razões de ser da extensão, para mim: um espaço em que se afrouxam ao máximo as exigências curriculares, até furar o currículo, e o poder circular de modo a dar vazão à inventividade em torno de finalidades traçadas coletivamente.

Relatavam cansaço, falta de vontade, dificuldade em manter a atenção; problemas de saúde, morte de familiares e de pessoas próximas tomando proporções difíceis de suportar. A sensação de incerteza e a ausência de perspectivas. A tristeza pela quantidade de pessoas mortas pela COVID-19 no mundo e no Brasil, e por aqui, em especial as pessoas pretas, mais fragilizadas economicamente, destituídas de direitos, e os indígenas abandonados à usura mortífera dos garimpos ilegais. E para o povo transbordava a desgovernabilidade programática vigente, sem suscitar indignação em muita gente. Permanecer vivos, sem alívio imediato, expunha nossa vergonha por estarmos de certo modo protegidas/os em nossas bolhas de vidro, alvenaria e privilégios. Onde e como aterrar nossa indignação e desesperança? Como não se deixar abater pelo desencanto?

As semanas passavam, arrastadas. O silêncio e o vazio nas ruas retiniam nas janelas da alma. Às vezes, entrávamos na reunião do zoom na hora combinada, e ficávamos à deriva do que/se ocorresse em alguma hora. Outras vezes esperava que falassem de alguma das leituras que propunha, mas ninguém o fazia, e falava sozinho. Sentia-me encalacrado, entre paredes, telas e um discurso flácido de motivação. Mal aguentava me ouvir. Uma angústia comportada sobrevinha, ao modo “deixa a vida me levar”. Ao mesmo tempo, sentia-me na obrigação de sustentar um *semblante* para que não desfiasse por completo nosso vínculo, fragilizado pela falta de brilho, simpatia, confiança e esperança de propósito.

Para não desanimar, toda vez que mirava o filho, sete anos, saltando entre sofás, correndo pela casa vestido de Homem Aranha, a escalar prédios imaginários da cidade deflagrada em um *le parkour in door*, e para amenizar o impacto e a pressão das más notícias diárias, entregava-me ao tédio, à alienação, feito um mecanismo de defesa do ego, derretendo em programas de TV, filmes e séries, e outras substâncias paliativas.

*Um dia de cada vez*, a frase da hora. *Vai dar certo*, outra. Viraram até *hashtag*. Exercícios diários, meditação, yoga, alimentação saudável, hábitos em geral idem. Dar-se ao que se gosta. Mil e uma maneiras para não soçobrar. Mas não eram para mim. *Vai ficar tudo*

*bem*. Enquanto isso, pessoas próximas adoeciam e a peste se aproximava. *Vai dar certo*. E o número de óbitos em escalada. O negacionismo acima de tudo. A ciência a troco de nada. E uma certa vergonha amarela em estar sobrevivendo.

O enfrentamento ao sofrimento intensificado pela pandemia virara pauta para todo assunto, e quem podia, escondia a cara de absurdo atrás da máscara de gratidão por escapar à tragédia, mesmo sendo sempre por um triz.

Um detalhe me fazia pensar: os encontros da CISMA aconteciam ao redor de uma ciência, a psicologia, tão importante e frágil quanto se tornara a vida. Pois se trata de uma ciência que, pela natureza complexa de seus problemas, requer a vertigem de sustentar o não-saber em *saber de presença*. O que demora a aprender e acontecer. Entanto, a urgência subjetiva imposta pela pandemia demandaria das psicólogas e psicólogos (e também *coachs* e terapeutas das mais diversas orientações, filósofos, médicos, neurocientistas, gente das ciências sociais, religiosos das mais diferentes crenças etc.), que se colocassem feitos farol, e subissem ao novo palco das interações públicas - as *lives* em redes sociais digitais - para emitir seu bom conselho, reconfortante, desejando algum efeito saudável promover à audiência telespectadora. O importante, para efeito de eficácia, talvez fosse não deixar cair a máscara de *expert*, o herói da vez. Talvez como nunca, éramos, os *psi*, tocados em nossa fragilidade de sustentação existencial, política e epistemológica, tanto pela concorrência de outros conhecimentos e saberes, quanto pela relação íntima e singular que nossa ciência mantém com o tempo.

Abraçados em trágico paradoxo, éramos instados a sustentar para o outro o que em nós mal se mantinha de pé. E em uma tal circunstância, do que mais tratar se não fosse da finitude, do fracasso da civilização e do sonho por dias melhores? Como não retornar sobre si o olhar, para ver mais longe o que tão perto não se via? Como não pôr em crise os planos pessoais em função da Terra, sem a qual não existiríamos? Como manter prumo em objetivo de virar doutor, enquanto a arrogância ignorante dos bímanos, conformados pela usura antropocena e seu humanismo hipócrita e seletivo, impunha um mundo decadente, à beira da extinção? Um mundo, aliás, do qual certos setores das ciências participaram de modo umbilical para pôr e manter em funcionamento. Como não desejar contribuir, à maneira de inventar o possível em meio ao caos (o que, para a maioria das gentes, não é de hoje), com a virada civilizatória que urge e já se iniciara desde as invasões e diásporas? Como ferroar a

colonialidade em sua própria toca de legitimação, a academia das ciências, da qual eu mesmo estou escravo e senhor, sem ser excomungado pela incompreensão reativa dos pares, ou por uma ingenuidade quixotesca, ainda que necessária? Envolvido e implicado com a missão universitária, testemunha e algoz dos efeitos iníquos produzidos pelo colonialismo acadêmico, dentro e fora da universidade, conseguiria colaborar com as insurgências por justiça dos movimentos sociais e os desvios cosmo-epistemológicos em curso, desde o meu *local*?

A CISMA se mostrou igual uma loca, onde o andarilho, fatigado, se refaz, antes de seguir viagem. Um manto de apascento para conviver com o estranhamento.

Uma chave parecia haver sido virada para que a desilusão e o cansaço que nos abatera fosse transfigurado em vontade de vida, encanto. Seria a vida, em seus métodos, dizendo calma<sup>91</sup>, e nos convocando a rever o óbvio ululante da condição humana em risco?

Tomado pela liga que se (re)fazia, falava de pronto com a intuição do dia ou da hora. Não planejava, não indicava leituras *a priori*, não solicitava esta ou aquela maneira de escrever, ou mesmo que escrevessem. Havia soltado as rédeas da finalidade. Mesmo assim, a cada encontro a onda batia e nos molhávamos todas/os. E a sensação de comunhão era uma alegria real, refrescante. Um fio de raiz nos tocava ao rés do coração, aparafusando a coragem e o entusiasmo. Era ao mesmo tempo a empolgação em descoberta de objeto, e o fascínio, talvez ingênuo, mas honesto, do reconhecimento de alguma pertença, algum laço, entre nós germinando.

Fazer parte do CISMA nesse semestre foi uma oportunidade maravilhosa, agradeço por todos os encontros que faziam das segundas-feiras um dia bastante animado. Os temas que iam surgindo refletiam na minha vida e é como se não fosse possível enxergar o entorno com outros olhares: a faculdade, as relações pessoas e principalmente a mim mesmo. (J.A)

(...)

Os encontros foram seguindo e eu me sentia cada vez mais parte dessa “família CISMA”, a forma com que a conversa circulava era instigante e divertida, era um pensar livre que garantia boas ideias e risadas. Por fim, me apaixonava cada vez mais por essa educação-psicologia-ciência transgressora. (N. I)

(...)

Portanto, o CISMA me fez entender algumas coisas, desentender muitas outras, e instigar o desejo de questionar. Propomos uma cética filosófica crítica que visa a invenção de si, quando nem mesmo a ideia de um “si” é possível. Queremos dar sentido, inventar, pensar em tudo aquilo que aconteceu, acontece e ainda há de acontecer. Nos preocupamos com o visível a partir do invisível, e com sigo a partir do outro. Nos apropriamos de nossas

---

<sup>91</sup> Evocação à música “A vida em seus métodos diz calma”, Di Melo (1975).

pequenas doses de loucura e transformamos em arte, ciência da arte, potência criadora que se alimenta do desejo de inventar. Então agradeço por tudo que aprendi nesse último semestre, dos encontros maravilhosos, das pessoas fortes e inteligentes que fui honrado em conhecer, e da oportunidade de produzir conhecimentos com tanta leveza e vontade. (F. C)

O convívio, mesmo à distância, imantava motivo para conversar. E, mesmo se às vezes de viés, no indireto do juízo, tropeçando nas palavras, falava-se o que transbordasse de momento. Encontro marcado, a única expectativa, a princípio, era contar e ouvir histórias. O que haveria de ser? A cada vez topávamos com surpresa.

Falar ao vento, no tempo sem tempo em que tudo se fia. Falar à intuição, misto de relembração, refazenda e observação de si. O encontro consigo através do outro e das cismas em comum. Falar *extimidades* em poética intimista: transformar a intimidade em uma dobra do lado de fora, e ressarcir o mundo com histórias para contar. Narrativas de aprendizado, confusão ou melancolia, saberes gestados no corpo e encruzados no sentirpensar das presenças. Palavra oral encorpada de afecto. Gentes que se viam, se olhavam e reviam. Se ouviam e se falavam. Murmuravam, conversavam e nos escutávamos. Emitíamos nossas mini verdades e estávamos prontas/os a revê-las. Rever-se nos olhos de outrem. Nódoas de amizade, cozimento de gentes. A CISMA retomara o sabor.

E um monte de gentes entrou no embalo: Leda Maria Martins, Lélia Gonzalez, Carla Akotirene, Katiúscia Ribeiro, Gloria Anzaldúa, Chimamanda Adichie, Grada Kilomba, bell hooks, Nei Lopes, Frantz Fanon, Aimé Cesaire, Luiz Rufino, Luiz Antonio Simas, Édouard Glissant, Allan da Rosa, Hamilton Borges, Ricardo Aleixo...

E música, muita música. Criamos uma playlist numa plataforma de streaming, a *Discoteca CISMA*: Rema, João Donato, Jorge Ben, Tim Maia, Itamar Assumpção, Tulipa Ruiz, Liniker, Emicida, Mano Brown, Thelonius Monk, Caetano, Gil, Gal, Tom Zé, Rita Lee, Mutantes, Pink Floyd, Led Zeppelin, Jimmy Hendrix, Bob Marley, Martinho da Vila, Villalobos, Chico Buarque, Legião Urbana, Arnaldo Antunes, US3, Jamiroquai, Aldir Blanc&João Bosco, Marcelo D2, Fabiana Cozza, Tiganá Santana, Matheus Aleluia, Miles Davis, Amaro Freitas, Hermeto Pascoal, Elis.

Com o passar do semestre fomos ficando cada vez mais ligados. Não por acaso, mudamos o “C” da CISMA, de *Companhia* para *Comunidade Itinerante de Saúde Mental*.

Esse acontecimento me fez perceber que ali se dispunha, em primeiro plano, uma atenção à *poética do convívio* que era parte do que imaginava dever ser prioritário para consistir uma comunidade acadêmica.

Ao que parecia, para enfrentar o sofrimento em um mundo em desencanto, preceder os fins de objetividade instrumental da universidade com uma atenção à *poética das relações* poderia nos levar ao *reencantamento* do convívio acadêmico como *ethos*.

\*

Ao fim do semestre, pedi-lhes que escrevessem um depoimento, algo curto, acerca da experiência na CISMA naquele semestre, provocando-as com a seguinte indagação: *o que a CISMA te deu, e o que tu deste à CISMA?* E fiz uma breve preleção sobre a dádiva como obrigação em retribuir, trabalhado no conhecido *Ensaio sobre a dádiva*, do etnólogo Marcel Mauss.

Em seus estudos sobre o regime do direito contratual e o sistema das prestações econômicas em “sociedades ditas primitivas, e também as que poderíamos chamar arcaicas” (MAUSS, 2003, p. 187), o etnólogo se debruçara sobre um dos traços dos “fenômenos sociais totais”: “o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações”. (MAUSS, 2003, p. 188) Ainda que distantes da natureza das trocas naquelas sociedades, e do estatuto social das personagens envolvidas, inspirava-nos extrair algum princípio daquele sistema de “prestações e contraprestações” como critério ético pra CISMA:

[...] o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente. Enfim, essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública. (MAUSS, 2003, p. 190-191)

Nessas “formas arcaicas do contrato”, vislumbrava esteio para fazer pensar aspectos envolvidos em nosso enlace: por suposto, a *obrigação* em retribuir. A palavra afetuosa, a escuta atenta, a agonia compartilhada.

Ao ler os depoimentos, a impaciência e a desilusão do momento naquela difícil travessia, pareciam ter sido apaziguadas pelo *lugar comum* que a CISMA imantara, ao modo de generosidade, simpatia e gratuidade, durante nossos encontros distanciados.

Quando entrei para o Cisma eu esperava um grupo que fizesse estudos mais teóricos por meio da leitura. Encontrei certo respaldo quando começamos o semestre com a leitura de um texto sobre o Bori. Entretanto, com o início da pandemia e o surgimento do “Se paredes falassem”, percebi que o CISMA era mais sobre compreender, mais sobre fazer. As reuniões que pareciam um pouco com um encontro de amigos tiveram uma forte presença do aprendizado sobre como lidar com o outro. Criamos um projeto para que as pessoas ‘falassem’ sobre como estavam em um momento tão difícil, e para que compartilhassem suas dores, mas também compartilhamos nossas experiências entre nós.

No CISMA, entrei em contato com as experiências de pessoas que nem conheço, e que nem sabem que li suas mensagens, e pude ver como as pessoas possuem sua própria forma de encontrar beleza e fugir de uma realidade entristecedora, mas sem abandoná-la por completo.

(...)

Saio deste semestre com uma nova visão do que posso fazer como psicólogo e como estudante. Uma visão centrada no outro, onde o cuidado não precisa ser privado, mas comunitário. (N.A.)

O cisma esse semestre foi um vetor de energia criativa pra mim, me impulsionou a produzir e organizar pensamentos e ideias. É um projeto que a todo momento me faz pensar sobre a escrita e o lugar dela na minha vida, também sobre a arte como forma de auxílio a minha saúde mental.

(...)

A amizade que criamos ali dentro também me dá gosto de sorte. Me possibilita certa segurança em relação às angústias da vida já que sei que ali é um lugar fértil a partilha. Gosto de sentir como cada um ali é especial e agrega com as suas diferenças de um jeito muito orgânico. Os encontros semanais desanuviam a mente e atualizam os pensamentos estagnados. Foi importante usar o encontro para o desabafo e para as brincadeiras, para a dor e para elaboração da mesma.

Admiro demais os conhecimentos que são postos em roda, sinto que nos tratamos com respeito e a sinceridade está sempre presente. Academicamente, é o encontro que mais me encontro. A flexibilidade, a liberdade que damos aos diálogos, o fluxo criativo, tudo isso são coisas que trago em mim e pretendo levar para meus ambientes profissionais e de afeto. (L.C.)

Você (CISMA) neste semestre se mostrou diferente de todos os outros pelo simples fato de que tudo não é mais como antes, porém algo que não mudou foi a sensação de aconchego, acolhimento, informação, reflexão, dúvidas, incertezas e acima de tudo aprendizado. Me tirar da zona de conforto a cada

encontro, isso não mudou. Tive contato com pessoas que nunca conversei e ainda mais, tive contato com as suas criações, as mais profundas, verdadeiras e acima de tudo corajosas, coragem essa que eu não tive mas me encontrei em diversas palavras e significados compartilhados. O projeto se mostrou como algo tão incrível que eu me senti por vezes na obrigação de dar o devido cuidado e atenção, quando na realidade eu não conseguia, isso me frustrou, mas também percebi a necessidade de cuidar de mim e respeitar o meu tempo e de me fazer presente de formas diferentes.

Retomei a minha história com a capoeira angola e fiz uma viagem no tempo e em algumas horas, todos os ensinamentos e histórias de meu avó tomaram outro significado e com muito mais potência, ele que não vejo há mais de 5 meses esteve pertinho de mim por um bom tempo, fiquei muito emocionada. Muito obrigada por isso, CISMA.

Hoje as coisas tomam outro rumo, nem sempre positivos, às vezes até sinto que existe uma piora, mas sigo buscando a calma e tirando bons aprendizados em meio a revolta.

Até breve,  
espero que em dias melhores. (R.F.)

O CISMA esse semestre me deu pedaços de esperança, cutucadas nos meus sentimentos através das falas dos meus colegas e momentos de conforto em algumas leituras compartilhadas. Poder ter visto caras diferentes, mesmo que virtualmente, ouvido as vozes. Ter podido escutar sentimentos e pensamentos de meus colegas que também passam por mim me fez sentir menos solitária. Normalmente quando acabava as reuniões eu estava inspirada, motivada, com mais garra pra atravessar esses dias que têm sido tão difíceis pra mim. Foi um espaço de acreditar na força que existe em mim para produzir cores e pintar esses dias cinzas, através das cores que eu ouvia. Outras vezes, ficava muito emocionada e chorosa, o que também contribuiu para eu me questionar se não estava evitando demais os momentos ruins e eles estavam fazendo um estrago silencioso - desse modo foi uma forma de chamar minha atenção para o que se passava comigo através do que estava se passando com meus colegas. E simplesmente o fato de poder vê-los e ouvi-los. Uma tentativa de agarrar os fios soltos de vida dispersos no mundo, senti-los perto de alguma maneira, faz de mim viva, desperta-me. Então o CISMA me ofereceu doses de vida.

Eu dei para as pessoas do CISMA a minha presença, minha atenção, meu tempo, meus pensamentos no momento das reuniões e também quando eu não estava nelas, em outros dias da semana. Tentei dar afeto também, não deixar as pessoas sem resposta quando mandavam mensagens e ter cuidado com as minhas respostas para que, independente do conteúdo, eu as passasse com gentileza - especialmente nesse momento porque acho que as emoções tendem a ficar à flor da pele, sinto uma onda de sensibilização mais forte. E acho que contribuí ficando, mesmo em alguns momentos tendo pensado em desistir, porque não postava no Instagram, mesmo tendo algumas ideias. Permanecer no grupo foi difícil por eu me sentir insuficiente, mas continuei tentando contribuir de outras maneiras, então acho que contribuí por não ter deixado a vaidade, a preocupação ou a falta de alguma habilidade ser mais forte do que a vontade que eu tinha de permanecer no grupo e descobrir o que mais eu poderia oferecer e de que maneira. (O.J.)

O que eu dei ao Cisma e o que o Cisma deu a mim?

Em meio à catástrofe global que agrega as pessoas, é difícil dizer o que dei ao cisma. Pouco pude contribuir esse semestre, foi de muita agitação, e não

no bom sentido. O Cisma é um projeto que pede, mas não na cobrança inviabilizadora, mas também é um projeto de conforto. Não penso muito no que dei, e sim no que recebi, o auxílio, a paz durante as reuniões, a quebra do desespero da rotina de tarefas e angústias, motivações e novas fontes de visões.

Dei o que pude, ganhei o que precisei. Agora, em um semestre mais estabilizado, me esforçarei para dar ao cisma o quanto recebi, com mais foco e empenho nos projetos, com uma maior organização dos tempos e temas.

Ainda não sei responder o que eu dei, mas posso dizer o que pretendo dar. (P.J.)

Esse ano já começou sendo bem atípico para mim, trazendo algumas doenças para alguns familiares, perdi o contato com pessoas que eram muito especiais para mim, e logo em seguida eu e o mundo fomos surpreendidos pela Covid-19. Eu estava acostumada a pensar que tinha chegado ao fim do túnel, e no último momento sempre havia mais más notícias que me empurraram até o fim de novo.

O grupo do CISMA entrou em um momento muito delicado na minha vida, mas me trouxe reflexões que levarei para o resto dela. Ainda posso dizer que estou em uma montanha russa, de altos e baixos, mas hoje enxergo e dou um significado diferente para todo esse processo.

Durante o CISMA aprendi que o que importa não é o final, mas o caminho e que muitas vezes não vamos poder mudar a situação que nos ocorre, mas podemos usa-la para nos transformar.

É sobre resistência; é lembrar da Abayomi, boneca que era feita por mulheres escravizadas nos navios negreiros para entreter seus filhos diante daquele horror.

Eu aprendi com o CISMA que diante de uma situação temos duas escolhas, uma delas é aceitar e nos tornarmos vítimas, a outra é resistir, aprender e transformar.

Já o que eu ofereci ao grupo foram minhas ideias, apoio, escuta, minha presença de corpo e alma.

Diante de todo esse processo posso dizer que essa troca não foi pontual, mas constante, pois me transformou e eu vou transferir meu aprendizado a outras pessoas que cruzarem meu caminho e assim por diante.

Minha eterna gratidão às pessoas que participaram do grupo e se permitiram inserir nesse processo de troca. (M.J.)

O CISMA tem sido a bola que jogava contra a parede quando criança: quanto mais energia coloco, mais intensidade e desafios voltam para mim. Nesse semestre, foi também a possibilidade do desencontro com o que não me servia e a elaboração de sentimentos e sensações que não me tangiam. Foi através do espaço criado pelo CISMA que a minha saúde mental se fez possível em muitos momentos e foi pelo grupo que construímos a cada encontro que eu me retirei da mesmice dos dias pandêmicos e me coloquei disponível à escuta, além de me permitir falar um pouco sobre as minhas inquietações e inseguranças. Por esses e outros motivos, o CISMA foi/tem sido a dádiva da descoberta de quem sou; o que busco; o que sinto e com quem desejo compartilhar as percepções de dias anormais e os enlaces de dias comuns. (M.N..)

A partir do que foi trazido sobre a dádiva das relações, a troca genuína não baseada em contratos, o Cisma pôde me proporcionar um espaço de produção de conteúdo e sentido que dialogam com a minha subjetividade. Eu adentrei em um lugar onde as regras se apresentam com reciprocidade, uma vez que me encontrei motivada porque houve envolvimento. Eu construí ao mesmo tempo em que fui alicerçada.

O conhecimento está, frequentemente, atrelado à rigidez e ao dissabor. As regras impostas, os contratos infundáveis impelem a cumprir demandas apesar das insatisfações. Não há afetividade.

Ofereci ao Cisma viço e ternura. O trabalho em grupo, a elaboração de atividades puderam ser sentidas, tateadas e inspiradas em intenções poéticas. (B.T.)

*Nós aprendemos que o eu existia em relação, era dependente, para sua própria existência, das vidas e das experiências de todas as pessoas; o eu não como “um eu”, mas a junção de “muitos eus”, o eu como a incorporação de uma realidade coletiva passada e presente, família e comunidade. A construção social do eu “em relação” significava, então, que conheceríamos as vozes do passado que falam em e para nós, que estaríamos em contato com o que Paule Marshall chama de “nossas propriedades ancestrais” - nossa história.*

bell hooks

*Procuro pessoas para tornar o Juízo Final em realidade e perceber que a humanidade não será julgada por Deus ou ninguém, eles mesmos devem julgar o que é melhor para a sua sobrevivência. Podem julgar se estou dizendo mentiras ou verdades. Se estiver mentindo, precisam descobrir se a mentira é melhor para eles do que a verdade que conhecem. Então, estou abrindo caminho para a humanidade reconhecer o mito e tornar-se parte da minha ‘mitocracia’, em vez daquelas teocracias, democracias e outras ‘cracias’... Podem tornar-se parte do mito mágico, do toque mágico da ‘mitocracia’. Porque tudo o que é desconhecido faz parte do mito e sei que o mito pode fazer mais pela humanidade do que qualquer pessoa sonhou que fosse possível.*

Sun Ra, “A joyful noise”, 1980

## 6. ANCESTRALIZAR, VERBO EM TRANSE

### 6.1 A busca pelo avesso

Imbuído pelo desejo a elaborar uma teoria *local*, a respeito do sofrimento de uma branquitude crítica jovem com a qual convivo na graduação em psicologia, o interesse pela escrita autoficcional como prática de cuidado fora se deslocando. O afago que fora a CISMA durante a pandemia, transbordaria feito um sinal dos tempos. Mesmo na pior das épocas globais vividas pelas gerações de agora, uma espécie de ninho ali se fizera.

Captara algo naquele sofrer que parecia ter a ver com um *trauma colonial do esquecimento*, a provocar um *desvio existencial* que dificultava a constituição de um lugar consistente no mundo em desencanto. De modos que, ao lado do trabalho “psíquico” praticado por profissionais psis e trabalhadores da saúde mental, sentia necessário trazer à baila os saberes que me abriram as portas da percepção, mais intensamente durante a pandemia, para pensar à contrapelo imagens que pudessem auxiliar a imaginar maneiras de proceder ao cuidar.

Para isso, tomado pelo encanto das cosmologias afropindorâmicas, imaginei possível práticas de cuidado fecundadas a partir de mitologias capazes de conceder às pessoas sistemas de interpretação, e figuras de identificação, des-centrados da “cultura” (*antropocêntrica*, ao modo ocidental). Visto que o sofrimento das juventudes em tela, segundo concebi, seria originário e contemporâneo de uma certa cosmovisão desencantada, desmágica e intelectualizada, afeita à técnica e ao trabalho pelo dinheiro, um ponto de partida poderia ser provocar uma *viração* na sensibilidade que começasse por transplantar um dos seus órgãos-fundamento estruturante: a dicotomia natureza  $\wedge$  cultura. Separação que tantas mazelas plausíveis e “aceitáveis” legitima (não à toda gente).

Imaginei que mitologias que ampliassem os sistemas interpretativos sobre nós e o mundo, e propiciassem narrativas fabulosas e ficções teóricas que *enfetiçassem* e preenchessem o campo simbólico com outras *denominações*<sup>92</sup>, e elementos de identificação,

---

<sup>92</sup> “É o que chamamos de *guerra das denominações*: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las”. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 13)

com que significar a vida, teriam potencial para ampliar nossa *sensibilidade* além do desencanto, da miséria do mundo e da destruição da experiência.

Procurando permanecer em uma espécie de *zona epistemológica liminar*, imaginei que os elementos expressos nas cosmologias afro-diaspóricas<sup>93</sup>, por exemplo, cerzidos pela *lógica da ancestralidade*, e postos em contraste com a cosmovisão ocidental que nos faz a “cabeça”, poderiam auxiliar a pôr em perspectiva os valores que subjetivam as experiências de uma jovem branquitude crítica, e as instituições que nos conformam.

Por outra, em um sentido mais ampliado, perguntava-me como a Instituição acadêmica, ao ser interpelada pela radicalidade crítica desses valores cosmológicos, poderia pôr em crise o(s) seu(s) *próprio(s)* para, por exemplo, reassentar a ideia do que seria uma *comunidade* acadêmica. A maneira como na universidade tratamos epistemologias ao largo do cânone científico, por óbvio, precisa continuar sendo revista, sob pena da hipocrisia de um discurso a favor da diversidade, mas apenas na superfície, quando não inclui a multiplicidade cosmo-epistemológica que cada vez mais pletora em nossos campi, sobretudo desde as cotas.

Aliás, se folheamos a história do Brasil, apesar de toda tentativa da história oficial em colocar os povos originários no lugar de incultos aculturados, interpretando-os pela carência<sup>94</sup> (óbvio, a partir dos próprios parâmetros eurocentrados), o que se constata é que a perspectiva ancestral dos povos *afropindorâmicos*<sup>95</sup>, em sortidas “áreas do conhecimento”, como se diz, das ervas à festa, pode bem acudir a quem souber chegar e saber aprender. A quem fizer, aí sim, por merecer. Pois a hipocrisia ruma à solta, e o capitalismo, em seu modo *antropófago* de apropriação cultural, tem mostrado suas garras.

Fazendo uma breve digressão, desde o campo da saúde percebemos como alguns fomos nos afastamos do jeito como o povo da roça se cuida - o que, aliás, anda se modificando<sup>96</sup>. Mas quando se rebobina a história social da medicina no Brasil, por exemplo,

---

<sup>93</sup> Também poderia ter optado por abordar as cosmologias ameríndias, onde há muitas ressonâncias com as cosmologias africanas. A opção pela cosmologia afro-diaspórica se justifica pela maior facilidade de acesso, por mim, nesse momento, a fontes escritas. Além do fato de viver em Salvador, a cidade com mais pessoas negras depois da África.

<sup>94</sup> CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado - pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

<sup>95</sup> Nêgo Bispo.

<sup>96</sup> Cada vez mais se percebe o interesse pelas sabedorias ancestrais, pelo “orgânico”, pelo “Brasil profundo”... O perigo são os parasitas.

de olhos ali pelo século XVIII, vê-se que essa desconfiança ao redor daqueles saberes não seria por falta de eficácia de suas práticas de cura. Ao contrário. Constatamos que, tanto a magia natural, quanto outras expressões do conhecimento da natureza, como a alquimia, teriam sido amalgamados e incorporados ao campo da ciência médica, inspirando teorias, e permanecendo contidos na visão científica de mundo, ainda hoje. Vale lembrar, àquela época, as faculdades de medicina que se prezassem, ostentavam em seu currículo aulas de astrologia. No *Compêndio dos segredos medicinais, ou remédios curvianos*, por exemplo, indicava-se que, ao enunciar as “virtudes” dos preparados, o médico deveria fazer referência a algum dom sobrenatural, celestial, que poderia ser um favor divino, um milagre, assim como influências astrais associadas à graça divina. (MARQUES, 2003, p. 163-186)

Ou seja, a constituição da ciência médica no Brasil se faria, graças a um amálgama entre práticas de cura ancestrais, ditas “populares”, e científicas. Nunca esteve no centro do problema, como se dizia, proteger as pessoas da charlatanice de falsos curandeiros, ainda que existissem. Os muitos esforços das autoridades legais para ofuscar a eficácia das práticas de cura dos *práticos*, aliados à Igreja, demonstravam que, em verdade, o problema seria outro: o fato de o prestígio em alto grau dos curandeiros, “cirurgiões”, rezadeiras e benzedoras, dificultar a efetividade da empresa colonial. Dúvida quanto a eficácia de suas práticas, não havia. Mas sim, medo de seu poder político, legitimado pelo merecido prestígio e pelo reconhecimento. E quando um poder político se legitima pelo prestígio, e o prestígio se angariou pela eficácia de um cuidado; e o cuidado, por sua vez, se fundamenta em uma cosmopercepção que se compartilha etc., algo em comum se faz, e será difícil enfraquecer o laço que aí se constituiu. À época, um perigo para a Colônia.

Portanto, o problema a enfrentar estaria relacionado à (de)formação das mentalidades incorporadas, operada pela subjetivação moderno-ocidental-cristã-capitalista através de suas instituições e dispositivos biopoderosos.

Se sabemos, por exemplo, que a ciência angaria sua reputação da capacidade, ainda que limitada, mas sempre esperançosa, em fabricar remédios para males que são sua própria condição de possibilidade, no âmbito “espiritual” (essa experiência que o ocidente cristão institucionalizou e desmembrou das outras dimensões do viver), ou “subjetivo” (para falar em termos “científicos”), as coisas parecem não ter “evoluído” quanto esperava conseguir a *Bildung* humanista, por assim dizer. Tanto que permanecemos a buscar respostas sobre como

legar às novas gerações alguma sabedoria que lhes seja capaz de auxiliar na realização dessa condição fundamental de humanidade<sup>97</sup>, isto é, a capacidade em “dar significado e valor à existência, em sentir-se ligado aos outros, em experimentar o sentimento de ter um lugar no seio do vínculo social”. (LE BRETON, 2018, p. 9)

---

<sup>97</sup> Mais à frente cismaremos com essa condição, ainda por demais antropocentrada.

## 6.2 O avesso da busca

Houve um tempo, meados dos anos noventa, em que a *vanguarda* acadêmica roía a Identidade com força. Enquanto, já nos anos oitenta, movimentos culturais e sociais brasileiros propalavam o “resgate da identidade” como um sucedâneo necessário para a invenção civilizatória da Nação.

Ocidentais críticos ao Ocidente como cosmopercepção dominante, dos estudos culturais aos pós-estruturalistas, passando pelo *laissez-faire* de interpretações pós-modernas, debruçavam-se sobre o mal que a monocultura (da Representação, como se dizia) eurocristã teria feito, ao nos legar o Ideal e uma identidade essencializada, fixa, individualizada, solipsista, fechada sobre si.

Figuras sagazes, como Derrida, Deleuze, Guattari, Foucault, entre outros, pode-se supor, talvez desejassem fornecer ferramentas para desarmar a bomba cosmológica que é o Ocidente. Das problematizações acerca da concepção de Tempo, aos modos de subjetivação; das estratégias e táticas de poder e suas práticas discursivas dominantes, à potência libertadora da Arte e de uma certa filosofia a contrapelo da História, (quase) nada escaparia a esses bons traidores. Talvez estivessem, apesar de situados em privilegiados sítios, procurando descentrar a perspectiva da modernidade eurocentrada, como se diz hoje, por dentro.

Sem dúvida a Identidade fez, e faz, estragos. Sobremaneira quando tomada encarnada na *psiqué* do indivíduo como “subjetividade privatizada” (FIGUEIREDO, 2007; 2011), e não como efeito de agenciamentos e multiplicidades em permanente devir.

Mas talvez a forma como, à época, a crítica fora recebida e agenciada por alguns que aderimos à queimação do Judas da Identidade, talvez não conviesse ao nosso contexto político-cultural mais amplo, tendo atropelado nosso tempo civilizatório próprio, o *timing* do pensamento ao Sul global, como nos denominaram<sup>98</sup>. Talvez devêssemos ter (re)tratado algumas dessas questões, que pareciam, ao menos àqueles intelectuais, dever ser superadas,

---

<sup>98</sup> Há algo de capcioso nessa empreita de *localização* das teorias, pois, a depender da classe social e da cor da pele (que no Brasil algo sincronizam), por exemplo, e mesmo do gênero, há alguns privilegiados que se identificam com os autores e os problemas por eles colocados. Dito de outro modo, as críticas que intelectuais progressistas do Norte fizeram, e fazem, vem a calhar para boa parte da classe privilegiada do Sul, que costuma tomar a Europa e os Estados Unidos como modelos de civilização, mesmo se a contrapelo. Por óbvio, não se trata de cancelar aqueles autores, mas de reconhecer que há mais sabedorias, conhecimentos e epistemologias por aqui do que pode conceber nossa vã filosofia vira-lata.

de um jeito, e em um tempo, mais em sintonia com o que de nós pudesse ser um *próprio*. O que envolveria recolocar problemas, refazer argumentos, tomar trilhas, procedimentos e marcações distintas, utilizar outras palavras e referências. O que vem sendo feito.

As radicais transformações negativas provocadas pela sanha colonizadora, ao dizimar civilizações regidas por complexas, prestigiosas e eficazes cosmologias, privaram-nos, os herdeiros forçados a um mundo desencantado, de saber quão bem sucedidas teriam sido - em nosso caso, as ancestralidades afropindorâmicas - em nos legar as instituições capazes de realizar uma boa vida:

Ouçõ a tempestade. Falam-me do progresso, das ‘realizações’, das doenças curadas e dos níveis de vida elevados além de si mesmos.  
Mas eu falo de sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições solapadas, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas. (CÉSAIRE, 2020, p. 24-25)

Mas hoje, a noção de identidade (como produzida e entendida pelo ocidente) nada teria de estável e consistente. Nada, ou muito pouco, subjaz ao sujeito. A não ser a sua própria fantasia de ser si-mesmo - pelo hábito e pelo trabalho de controle das instituições.

No início de uma conferência, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará<sup>99</sup>, ao redor do livro *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea* (2018), David Le Breton resume bem o problema a que também nos vimos debruçar: “Trata-se da dificuldade de ser um indivíduo, de fazer o esforço de manter a realidade e não perder seu lugar em um mundo sempre mais difícil”.

Agora, repare nos excertos abaixo. Le Breton delineia os traços distintivos do sentimento de identidade nos dias de hoje, após caracterizá-la, de um modo um tanto autorreferente, como “o reservatório do sentido que rege a relação com o mundo do indivíduo” (LE BRETON, 2018, p. 204):

*Uma modalidade da consciência que orienta os fatos e gestos ou os pensamentos e que não cessa de se redefinir segundo os contextos. O sentimento de identidade em parte resulta de circunstâncias. Na prática, um homem tem tantos eus sociais quantos distintos grupos de homens existem e cuja opinião lhe importa. Uma fragmentação da personalidade em diferentes eus. É uma história que o indivíduo não cessa de contar a si mesmo e aos*

---

<sup>99</sup> <<https://www.youtube.com/watch?v=ZXgGLzVqRT0&t=8s>>. Acesso em: 18/12/2023.

*outros, remanejando às vezes suas versões. Nunca é engessada, mas sempre relacional, em movimento, continuamente fugidia. Ninguém é totalmente puro. Cada indivíduo é um guarda-roupa de personagens que a ele se ajustam, mas não de forma aleatória, pois cada indivíduo se move no interior de um espectro identitário, de uma auréola indiscernível de sentido que somente as circunstâncias conseguem evidenciar. “O eu é um outro”. Lógicas de pensamento e de ação se confrontam simultaneamente. Relativamente estável, mas aberto ao mundo, o sentimento de si se modula segundo os grupos dos quais participa. Identidade como processo, sentimento de si, um estilo de presença; uma afetividade em ato. Modulável e se trama no inacabado. As circunstâncias a fazem e a desfazem. A sensação de ser si mesmo, único, sólido, com os pés no chão, é uma ficção pessoal que os outros, com benevolência ou não, devem permanentemente apoiar. O indivíduo nunca cessa de nascer. Ele muda para permanecer si mesmo. A identidade não é o idêntico, mas a passagem. Ao inverso de uma consciência de si cartesiana, sem cessar contraída sobre si mesma, sempre atenta e reflexiva, transparente, sem história, exercendo um domínio infalível, ela é flutuante, ambivalente, impregnada das vicissitudes de um percurso de vida. Jamais o indivíduo é totalmente o autor de sua existência, e não somente em razão de sua necessária inserção no vínculo social, que demanda a relação com os outros, mas também porque só em parte ele sabe o que é e o que faz. O psiquismo não é homogêneo, ele existe em um equilíbrio precário, sempre em movimento, entre tensões contraditórias, cambiantes. (LE BRETON, 2018, p. 204-209, recortes)*

Em um processo de individuação identitária tão fluido, fragmentado e fugidio, nem sempre a pessoa equilibra saúde, e a capacidade em manter a personagem no script do vínculo social derrete, junto com sua “saúde mental”. Para Le Breton, os jovens “prefeririam” se desfazer das coerções da identidade, cessando de se inscreverem em uma filiação, em uma história, e deslizando, simbólica ou realmente, para fora da sociabilidade. (LE BRETON, 2018, p. 89)

Alguns se engajariam em jogos de vídeo *on-line*, nos mundos paralelos da internet, nesse cenário onde poderiam convergir todas as ficções de si que o indivíduo hospeda, em busca de avatares interiores tentando fazer as vezes de algum sentimento de pertencimento a uma comunidade. (LE BRETON, 2018, p. 100) Mas, sequer a bolha algorítmica parece ser capaz de lhes doar consistência existencial, pois, como que “desencarnado” e isento do

desafio das imprevisibilidades sem *reset* que o vínculo social *face-to-face* implica, acabariam, segundo Le Breton, desejando desaparecer. A bem da verdade, em uma cosmovisão que exigiria a constituição de um *eu* para ser responsabilizado, cobrado, culpado, o desaparecimento das coerções ligadas à identidade bem poderia ser um recurso benfazejo.

Logo no preâmbulo a *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*, Le Breton faria ainda uma curiosa afirmação:

Embora nossas condições de vida sejam, *decerto, melhores* do que as de nossos ancestrais, elas não nos eximem do essencial que consiste em dar significado e valor à existência, em sentir-se ligado aos outros, em experimentar o sentimento de ter um lugar no seio do vínculo social. (LE BRETON, 2018, p. 9, *grifo meu*)

Seriam mesmo melhores as nossas (qual “nós”?) condições de vida, quando comparadas às de nossos ancestrais? Em que sentido? Material? De “des-envolvimento”<sup>100</sup> econômico, tecnológico, científico? O que estaria pressuposto: miséria, pobreza; economia de subsistência; baixa tecnologia; ausência da escrita?

Dão-me a visão total da tonelagem de algodão ou cacau exportado, acres de oliveiras ou videiras plantadas.

Mas eu falo de economias naturais, economias harmoniosas e viáveis, economias na medida do homem indígena que foram desorganizadas, culturas alimentares destruídas, subnutrição instalada, desenvolvimento agrícola orientado para o benefício único das metrópoles, roubo de produtos, roubo de matérias-primas”. (CÈSAIRE, 2020, p. 25)

E, afinal, em clave retórica: qual noção de *ancestralidade* estaria subentendida na afirmação de Le Breton? E qual leitor supõe, ao imaginar que compartilharíamos a sua ancestralidade?

---

<sup>100</sup> Nêgo Bispo.

### 6.3 Cultivar a “espiritualidade”

Relembre aquela concepção de *espiritualidade*, ao modo pagão: o conjunto de buscas, práticas e experiências que constituiriam, para o ser mesmo do sujeito, o *preço a pagar* para ter acesso à verdade, posto que o sujeito, tal qual é, não seria capaz de verdade. O gênero de *práticas* que perfariam a espiritualidade, da qual a escrita seria uma delas, mas também uma erótica, uma dietética etc., postulariam, por sua vez, que a verdade seria capaz de transfigurar e *salvar* o sujeito. (FOUCAULT, 2010,p.19)

Alguns herdaríamos uma espécie de religiosidade burocrática, em muitos casos não-praticante, como se diz, seguindo os passos da família, mas sem interesse de salvação, nem no sentido cristianizado, muito menos no sentido pagão da Antiguidade greco-romana - onde a salvação nada teria a ver com uma promessa de outra vida em um paraíso recuperado... De modo que muitos confundiríamos espiritualidade com Religião, legado do *processo de secularização* ocidental que separou radicalmente sagrado e profano. Por outro lado, a noção de *ancestralidade*, como a concebe a cosmologia afro-diaspórica, poderia algo ensinar.

Para o filósofo Eduardo Oliveira (2021), a *ancestralidade* seria uma invenção recente (meados do séc. XX), brasileira, e sofisticadamente burilada por intelectuais organicamente ligados aos candomblés jêje-nagôs (que incorporaram os valores do povo-de-santo à sua própria visada “científica”), para conferir poder e prestígio ao candomblé. Para conceberem a ancestralidade como um princípio organizador do candomblé, uma motivação político-cultural de fundo havia: a “disputa da ocupação de espaço no mercado religioso das religiões afro-brasileiras entre si e destas com as seitas pentecostais”. (OLIVEIRA, 2021, p. 28) Além do mais, o processo de industrialização das metrópoles do Sudeste brasileiro, e o aumento considerável da migração do povo-de-santo para esta região, teriam contribuído nesse contexto de “reafricanização do candomblé”, pois a noção de ancestralidade surgiria como categoria analítica capaz de orientar avaliações acerca da “originalidade” das religiões afro-brasileiras. (OLIVEIRA, 2021, p. 29)

Nesse contexto, a África não seria referida como “a realidade efetiva do continente africano atual, mas como um símbolo da tradição africana perpetrada no Brasil”, e um

“elemento significativo na construção da identidade do negro brasileiro”. Uma África mítica, pois sim, onde estariam guardados os tesouros (valores) africanos. (OLIVEIRA, 2021, p. 138)

O mundo da cultura, porém, não depende totalmente do mundo “empírico”. A realidade, com efeito, é uma invenção. O real é um construto. A construção da África mítica, portanto, é tão ou mais efetiva para o povo-de-santo que o conhecimento da África atual. Enquanto símbolo, a África mítica é tão efetivo quanto a África contemporânea (...) Ela converte-se numa categoria que fundamenta um projeto político “africano” oposto ao projeto político dominante (ocidental). (OLIVEIRA, 2021, p. 140)

De modo que a África mítica seria a matriz simbólica à qual o povo-de-santo recorreria para retro-alimentar suas crenças, e legitimar os ritos do candomblé. Posto que o tráfico de pessoas escravizadas desde a África, destruiria linhagens e separaria grupos étnicos, teria sido “a memória coletiva dos negros brasileiros que preservou e criou novas estruturas sociais para a manutenção dos valores africanos no Brasil”. (OLIVEIRA, 2021, p. 140)

Tomamos aqui a noção de *ancestralidade* nesses sentidos: de “símbolo da tradição africana perpetrada no Brasil”, de “elemento significativo na construção da identidade do negro brasileiro”, e como “categoria que fundamenta um projeto político “africano” oposto ao projeto político dominante (ocidental)”. Por sua vez, o candomblé nos interessa, a princípio, sob um viés “antropológico”, por ser o espaço que melhor teria preservado os valores e princípios da cosmologia africana sendo, por conseguinte, o protagonista da manutenção e desenvolvimento de sua “dinâmica civilizatória”. (OLIVEIRA, 2021, p. 168)

A *ancestralidade* seria, ao mesmo tempo, substância e receptáculo dos valores africanos, aquilo que conferiria uma “lógica” para a orquestração dos “elementos africanos preservados no Brasil bem como a própria manifestação ‘empírica’ da *mentalidade* africana”. (OLIVEIRA, 2021, p. 142) A ancestralidade nos interessa como “conteúdo metafísico” (que estrutura os candomblés-nagôs), e não qual referência a relações de caráter biológico, como ocorria até final do séc. XIX e início do XX. De modo preciso, nossa curiosidade está em identificar os valores civilizatórios expressos nos elementos da cosmologia africana, por sua vez, urdidos pela *ancestralidade* como princípio organizador.

Se, como disse, “não é preciso ser descendente de africanos para assumir uma identidade africana” (OLIVEIRA, 2021, p. 175), seria consequente concluir que não precisemos ser iniciados no candomblé para aprender com os valores que ali circulam, e que nos chegam, graças aos trabalhos de acadêmicos (como o do próprio filósofo Eduardo

Oliveira, aqui em tela), que transitam entre mundos e cosmologias diversos, nativos das comunidades de terreiro e da comunidade acadêmica.

A *ancestralidade* fere em ponto cruz dicotomias e imperativos categóricos que fundam e organizam a cosmovisão secularizada ocidental - cultura e natureza, tempo e espaço, por exemplo. A relação entre a vida e a morte, os vivos e os mortos.

O sagrado e o profano, irmanados no cotidiano, ocupando os mesmos espaços praticados - dependendo “apenas” de um ritual para “virar a chave” e proceder ao encante do lugar. A comunhão entre todos os seres, inclusive extra-humanos, sobrenaturais. Uma inflexão radical na cosmo percepção da pessoa, orientada para frutificar a força de vida, o privilégio de ter nascido e estar vivo, nessa breve passagem; e não para carregar fardos e culpas, feito um camelo atravessando desertos.

Uma cosmologia que se fia nas teias da ancestralidade, e informa instituições, distingue-se, desde a raiz, de uma lógica messiânica, de negação desta vida (decaída pelo pecado original) em nome de outra, perfeita e eterna, sempre por vir. A assunção da vida *tal qual é*, implicaria em uma necessária busca pela sabedoria de viver, e não apenas uma obediência incondicional a dogmas, por medo da morte - revestido de amor ao Deus cristianizado - e a espera por um paraíso em um futuro que nunca acaba de chegar.

Ao invés de dogmas e punições, orientações para o melhor caminho, obrigações de reciprocidade. Ao invés de uma família patriarcal autorreferente, e consagrada ao poder autoritário do pai, uma família expandida, de ascendência mítica, quiçá. Ao invés de uma espécie de odisséia em que a pessoa sozinha deve protagonizar o papel de herói, uma travessia coletiva à terceira margem, ao território ancestral que atualizaria, do tempo mítico, a realidade do Agora. Ao invés de um Deus antropomorfizado, do qual extraímos a imagem moral para nos assemelharmos; as forças da natureza e suas qualidades telúricas, transduzidas aos seres e codificadas em mitologias, com as quais há que se decifrar e apreender uma ética de proceder com a vida.

\*

Mas todo cuidado ainda pode ser pouco.

Até pode parecer soar singelo, e *da hora*, celebrar o retorno à ancestralidade. Afinal, poderia ser sinal de reparação, pelo reconhecimento de sua sofisticação cosmo-epistemológica a ser posta em circulação por alguns acadêmicos e acadêmicas antenadas. (Espero, não seja *vanguarda*, nem coisa da moda). Mas para por aí. O truque do baile era perfumá-lo. A tocaia na loca. As cabeças degoladas rolando na poeira, o riozinho de sangue estancado e borbulhando no “defeito de cor” na encruza dos tempos.

Ancestralidade tem mar e tem chão. Tem história. Tem cabimento, ou não. Ainda que se escolha o fio a desenlinhar, submete-se a vontade ao crivo de *outro(s)*, com interesse em reciprocidade, mais que egoísmo. De tudo há, sim. Ao cabo se avalia e se ajusta. Na rinha cotidiana. No lusco-fusco da morte & vida. No cruzado da rua ou no *shopping*. Na maneira de proceder com as distâncias. E no congraçamento. Mas se todos bem adestrados, tudo se mexe e nada se move.

A ancestralidade vem correndo risco de ser saqueada e domesticada, feita tema da moda da *vanguarda* acadêmica, para, como praxe de operação colonial, servir à revitalização do *sentirpensar* acadêmico, para azeitar as engrenagens da moenda monocultural que esmaga e retira o sumo, transformando em bagaço e rejeito a matéria-prima que lhe doa a força vital. Trapaça, roubo e apagamento, material e imaterial, são a tônica de muitos (des)encontros por aqui.

Pedindo licença, somos gratos pelo privilégio em acessar, sob as ruínas brilhantes da arquitetura colonial, os vestígios opacos e pulsantes de fragmentos de histórias memoráveis, que sempre estiveram ali, mas ocultados pelo jogo de mostra-esconde das ervas daninhas encantadas na floresta de concreto, lajota e cimento.

Esperamos ter conseguido o digno cuidado necessário, ao supor nos alimentarmos da *Força* de sabedorias ancestrais que transitam entre nós, e não termos incorrido no impertinente e costumeiro desrespeito, ora obtuso, ora desavergonhadamente instrumental, de alguns colegas acadêmicos.

#### 6.4 Ancestralidade expandida

Em 2020, o rapper Emicida lançaria o documentário “AmarElo”. Logo de início, uma frase insinuava pista: “meus sonhos, minhas lutas, começaram muito antes da minha chegada”. E Emicida passa a rebobinar a história, uma certa história, até chegar ao presente:

. *O Brasil, último país do continente americano a abolir a escravidão;*

. *São Paulo, cidade que enriqueceria na era de ouro do ciclo do café, tendo como mão-de-obra essa mesma escravidão;*

. *Uma abolição que abandonaria os pretos à própria sorte, seguida por políticas de branqueamento, pela demonização das culturas africana e indígena através do incentivo à imigração europeia, e pelo apagamento da memória da escravidão e das contribuições não-brancas no desenvolvimento do Brasil;*

. *Uma metrópole, a maior da América Latina, viria sua ascensão econômica ser marcada pela gentrificação - descaracterização de regiões da cidade, sobretudo as centrais, tradicionalmente preta, empurrando essas pessoas para as margens;*

. *Uma periferia cosmopolita e multicultural surgiria às margens de São Paulo, com a vinda de pessoas pobres de outras regiões do país tentando sorte na “terra das oportunidades”;*

... E por aí vai.

Ao rebobinar uma certa história, Emicida o faz ao enalço dos acontecimentos que lhe desbordaram à sua *pele* de hoje. Remonta suas origens ancestrais construindo uma (re)leitura da história, a contrapelo da oficial, desviando-se daquele perigo de uma história única que Chimamanda Adichie alertara<sup>101</sup>. Colocado o tempo de ponta-cabeça, surgem conexões insuspeitas entre passado e presente, rastreadas pelas marcas deixadas pelos que vieram antes. “Gente daqui, de várias origens, reivindicavam o direito de sonhar e transformar isso aqui, alheios ao fantasma de colônia que ainda assombrava esse lugar”, diz o narrador.

---

<sup>101</sup> “O perigo de uma única história”. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em 20/06/2023.

Certo que Emicida, diferente da branquitude crítica em tela, pertence, de osso e carne, digamos a grosso, a uma herança afro-diaspórica reconhecida, autodeclarada e encarnada na própria pele. Mas, o que seria possível apre(e)nder com o movimento que ele faz, ao rebobinar a História e recorrer a uma religação com um certo passado, através do lugar que agora habita, e procurando identificar e reconstituir as alianças que o alimentam?

Reconhecer trajetórias que nos antecederam, e refazer elos com sentido no presente, poderia ser um caminho para apaziguar alguma aflição. Desde a posição-de-si no agora, perguntar-se por *quem mais* nos acompanha, vivos e mortos. Para o refazimento dos elos esquecidos, perguntar-se: *qual sonho? Qual luta? Qual futuro-do-presente? Onde me localizo nessas histórias?*

Para costurar uma (re)conexão ancestral, poderia fazer sentido identificar e cismar com os elementos históricos que constituíram e constituem nossa sensibilidade, nossa cosmopercepção. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Catar nas ruínas do tempo os cacos desses espelhos estilhaçados, seguindo uma (re)leitura atualizante daquela história que nos foi contada - sobre nós, sobre o Brasil, sobre-tudo. Colocar a classe de origem com a qual nos identificamos em perspectiva com a história do Brasil, não qualquer história, oficiosa, senão aquelas que reparem (em) iniquidades e injustiças. “Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?”. (BENJAMIN, 1985, p. 223)

Construir alianças requer reconhecer afinidades, biográficas e históricas, para inventar, em meio a um novo nascimento, um *nome próprio e comum*. Aquilo que faz elo, um *comum* não necessariamente dado, mas que poderia ser imaginado e ativamente construído como forma de reconexão com forças vitais que alimentam e encorajam. Algo como sonhar de olhos abertos, ao vislumbre de sentidos de vida que ultrapassam e envolvem nossa mesquinhez de indivíduos.

Identificar/constituir nossa filiação não-consanguínea, saber como desaguamos no que somos, e estamos sendo, e traçar novos caminhos entre as pedras, acariciando as pétalas orvalhadas sobreviventes à grande noite, ao vasto Oceano, identificando novos parentescos, expandindo nossa *família*.

Emicida encontrara seu desaguar originário na cultura *hip-hop*, no *rap*. Portanto, em termos ocidentais, na *Arte*. E tomara gosto pela herança que recebeu para continuar a linhagem de uma coletividade, irmanada na luta de converter desencanto em vida: “a força de ter um monte de gente que veio antes torcendo pelo que faço agora, porque é a mesma luta”.

Talvez um toque à jovem branquitude crítica: encontrar onde se plantar, regar, e colher. Para tanto, uma conjunção ampliada ao redor de afinidades ético-estéticas, (re)fazendo alianças que congracem a justiça e a reparação dos desterrados.

Rebobinar em si os próprios valores, perscrutar sua constituição *sensível* - desde o gosto por certos cheiros e sabores, ao corpo ideal, por exemplo. Façamos justiça a Nietzsche, essa topeira infernal, que desencavou e expôs as raízes dos valores decadentes da moral cristã: procedendo a uma espécie de auto-análise “cultural” de si, a contrapelo das histórias oficiais; compreender como foram engendradas, sob qual perspectiva cosmoperceptiva e atentar aos efeitos em suas vidas.

Empreender a auscultação de nossos *órgãos de sensibilidade* para então rearrumar nosso *organismo* na composição de outras relações *sensíveis*. Voltar a atenção à nossa própria constituição ética (as razões e os critérios, no mais das vezes inconfessos, com que avaliamos as situações e orientamos nosso agir). Decerto, alguns órgãos precisarão ser transplantados, refeitos ou mesmo descartados (por exemplo, quando localizamos aquele/s onde opera o *racismo estrutural* em nós).

Sim, com Foucault, retornamos aos antigos *pagãos*, no berço do Ocidente, aos gregos antes da virada ocidentalizante impetrada pelo cristianismo, pelo capitalismo e radicalizada pelo protestantismo. Se assim o fizemos foi também para demonstrar como sabedorias brotam em qualquer parte, mas nunca de qualquer jeito, ou em qualquer chão. Entretanto, agora seria talvez mais pertinente a nós, viventes de um lugar com histórias próprias, retornarmos aos *nossos* antigos, assim como fizeram os europeus em seu renascimento, e às nossas cosmologias desconhecidas ou esquecidas, por obra e graça da colonização.

Mas uma pergunta não calará: como colocar nossa órbita existencial pé dentro, pé fora, da cosmovisão ocidental?

Ao diagnosticar o trauma brasileiro como um “trauma do esquecimento”, Castiel Vitorino proporia uma clínica (não sei se exato nessa ordem) debruçada no que chamou de instauração de “espaços perecíveis de liberdade”, feitos “templos e zonas da transmutação destes fatos horripilantes que são as violências raciais”. (BRASILEIRO, 2022, p. 27) Para transfigurar a história e transvalorar os valores que subjazem à ontologia/taxonomia do trauma, fez-nos Castiel um convite a abandonarmos o caminho traçado pelo mapa colonial, mas sem esquecer sua violência em curso.

Tratando, aliás de modo muito próprio, a questão étnico-racial, Castiel sugere a *intimidade* como princípio de liberdade à racialização imposta pelo que chamou “mitologia da podridão e seus parâmetros de compreensão ontológica”.

Tornar-se íntima/o de outros Seres que não os modernos, que não os humanos, que não somente os *brancos*, mas fundamentalmente, tornarmos íntimos da Lua, do Sol e de tudo aquilo que está fora desse planeta e que se encontra naquilo que vem sendo demonizado em todos esses séculos modernos: a escuridão. O mistério mais pleno e poderoso de todos os tempos. A escuridão do universo. (BRASILEIRO, 2022, p. 28)

Lembra daquela afirmação de Le Breton - com a qual tendemos a concordar, pela força do hábito de nos colocarmos os “humanos” no centro -, quando afirma que a condição humana seria definida pela busca em “dar significado e valor à existência, em sentir-se ligado aos outros, em experimentar o sentimento de ter um lugar no seio do vínculo *social*”? (LE BRETON, 2018, p. 9, *grifo meu*)

Apois. O modo ocidental em pertencer tende a reduzir-se ao laço *social*. Por outra, uma concepção de universo como “um múltiplo de correspondências, analogias e interações com o Homem e com todos os seres [visíveis e invisíveis] que compõem essa totalidade”, onde “tudo está em tudo, tudo participa de tudo, tudo influencia tudo”, como se apreende na cosmologia forjada em diáspora, não passaria nem perto da cosmovisão antropocentrada, ao modo cartesiano-cristão, compreender.

Uma “visão de homem”, como se diz em psicologia, que pressupõe uma relação simbiótica com a “natureza” e todos os seus elementos, incluindo a natureza divina, sem separação entre subjetivo e objetivo, sagrado e profano, sem considerar linhas evolutivas e princípios de causalidade; uma cosmologia onde não haveria “lugar para a dicotomia entre

espiritual e material, entre secular e sagrado”, onde aliás o sagrado permearia todos os espaços da vida; uma concepção do Tempo, em que os melhores tempos se encontrariam muito vivos no passado, ao contrário do caso ocidental, onde os melhores tempos estariam por vir (num futuro); uma concepção de finitude onde a morte de um indivíduo seria, de certa forma, o aumento da força da comunidade, que receberia sua energia vitalizante... (OLIVEIRA, 2021. p. 148-160) Enfim, a nós, tudo isso pode parecer coisa de outro mundo. E de fato.

Mas, e se acrescentássemos à inscrição no laço *social*, o *laço com a Terra*? Algo vizinho a urdir *confluências*, nos termos de Nêgo Bispo:

Não tenho dúvida de que a *confluência* é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 15)

Mantendo uma relação de abertura em direção à “Natureza”, o *laço com a Terra* poderia contribuir para reconstituir uma *comunalidade ancestral*, mesmo pressentida ou mítica, mas que se realizaria como intuição e um sentimento íntimo de unidade na diversidade dos seres, na pluriversidade das formas e dos modos de vida.

Conseguir alastrar, universo afora, peito adentro, nossa capacidade de identificação e pertencimento, auscultando ressonâncias íntimas no corpo, como um relicário de achados mnêmicos, que, de repente se descobre: estavam ali há tempos. Um amigo psicanalista me disse, por exemplo, que os primeiros registros do bebê, especialmente táteis, olfativos e auditivos, seriam as primeiras marcas de constituição de um certo ‘contorno subjetivo’. A eles, a palavra um dia irá se ligar. Por sua vez, as palavras seriam como que sonoridades ancestrais, *imagens acústicas* (do útero - da Terra) que fariam o corpo vibrar, elucubrei, até dar com um campo de doação de sentidos - a *cultura*. Pelas vias da percepção, esses registros primevos no corpo se reencontrariam, formando camadas sobrepostas de registros que se atualizariam na experiência - feito aquela lembrança de quando a avó contava histórias para ninar.

Nos primeiros passos da minha vida, os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. Compreendo o ambiente onde dei os meus primeiros passos como uma das bases de lançamento da minha trajetória. Uma memória maravilhosa desse tempo, que ainda pulsa, é acordar ouvindo o canto da passarada

informando quais as condições meteorológicas do dia. (...) Outro pulsar das memórias de criança é o caminho da roça, que fazíamos junto às gerações mais velhas, a geração mãe e a geração avó. Ouvíamos a sonoridade emitida pela mata, a partir do movimento do vento e das águas dos riachos, rios e das cachoeiras, dependendo de por onde passávamos”. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 10)

Refazer o *laço com a Terra*, costurado por uma cosmológica *ancestral*, seria essa (re)descoberta de algo constitutivo e próprio ao corpo-da-pessoa, mas que deveria ser desvelado, ou lembrado, ainda que nunca por completo, pela força de um *acontecimento-ritual* - uma história contada, uma cantiga de ninar, o som das águas de uma cachoeira, um banho de rio, uma memória afetiva estalando no paladar, um cheiro de lavanda, um vulto no mato, o calor de uma fogueira...

*Pertencer* - não necessariamente a esta ou aquela comunidade. Pertencer a algo que se sente pertencer, como um nó numa teia que se sabe quando vibra. Algo que se sente no íntimo, sem precisão de alarde. Algo como expresso naquele sorriso, que se ri sozinho, relembrando algo bom. Ou quando se mergulha numa cachoeira, após seis horas de caminhada.

Compor a si em *laço com a Terra* implicaria, portanto, desbordar o humanismo ocidental, pé dentro, pé fora, ampliando o foco, ou melhor, desfocando o *cogito, ergo sum* rumo ao seio da Terra, aos entes não-humanos (animais, vegetais, minerais), e extra-humanos (entidades incorpóreas), ao silêncio, à magia, ao milagre e ao mistério das próximas horas.

Quem sabe, dirigir-se ao espaço sideral, à escuridão misteriosa do Universo, à vertigem do negrume das galáxias, para cultivar uma *ancestralidade inter-específica* com seres luminosos celestiais, feito as estrelas. Mas aí já não será para qualquer um/a.

Tornar-se íntima/o de outros Seres que não os modernos, que não os humanos, que não somente os *brancos*, mas fundamentalmente, tornarmos íntimos da Lua, do Sol e de tudo aquilo que está fora deste planeta e que se encontra naquilo que vem sendo demonizado em todos esses séculos modernos: a escuridão. O mistério mais pleno e poderoso de todos os tempos. A escuridão do universo. (BRASILEIRO, 2022, p. 28)

O laço social, transfigurado em *laço com a Terra*, diria respeito a uma estética da existência ligada à cerzidura, ou (re)ligação, da Terra como um *parente*. Um processo polimorfo de recomposição identitária como rejunte dos cacos de elementos ancestrais incorporais a serem tatuados no corpo da experiência.

\*

Para acudir o *desvio existencial* provocado pela ocidentalização desencantada da vida por cá, imaginei que cultivar a *espiritualidade*, ao modo de ativar uma *ancestralidade expandida*, talvez fosse maneira. Ao menos entre os corpos sofridos com a desilusão ante um mundo frívolo, desejosos em plantar sementes de encanto e justiça, carregando uma espécie de saudade, mesmo sem o (re)conhecer, de uma outra herança e filiação, como se vislumbrassem um novo mundo novo-antigo. *Espiritualidade* naquele sentido pagão, como “o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade”. (FOUCAULT, 2010, p. 15)

Mas agora, uma busca a si feita irmanação expandida e coletiva, enraizada na extensão dos vínculos com uma ancestralidade que se (re)encontra, ou inventa, na trilha solitária vida afora, mas topando em lugares comuns com *outros* - por vezes aqueles “estranhos”, com os quais não se deveria conviver, sequer olhar.

Mergulhar na história do Brasil, desviando-se do perigo de uma história única, indo ao encontro da sabedoria ancestral das culturas cosmológicas que, apesar de encobertas pelo véu colonial, pulsam vivas no cotidiano brasileiro, ainda que misteriosas, da música ao paladar. Retornar a um pertencimento mítico, ativamente construído, com fragmentos de lembranças futuristas<sup>102</sup>. Transmutar as vivências opacas do agora com as irradiações das histórias mal-contadas. Enxertar às heranças (consanguíneas) de classe-raça-gênero, mudas de outras gentes, histórias, lutas, artes e racionalidades. Rasurar a própria linhagem para reescrevê-la em outro *sentido* e direção. Avizinhar-se das cosmologias e das lutas que têm o poder de (re)encantar o mundo e nos auxiliar a refazer o *laço com a Terra*.

\*

---

<sup>102</sup> Nem tudo se precisa compreender para sentir, como nem tudo que se sente se explica.

Descer do apartamento, sair do condomínio, atravessar as cidades na Cidade, ouvir as histórias, encher a cabeça com arte, voltar à Terra<sup>103</sup>. Pôr os pés no chão<sup>104</sup>, lixar o casco do corpo na piçarra, no calçamento, na espinhagem da caatinga, nos pedrões de leito de rio na Chapada. Levantar os olhos para o céu, ver o luar, deixar a chuva molhar. Uma afiliação não-consanguínea.

Seguir a poética vital das ervas daninhas. Presentir e apalpar o cio da terra. Cultivar uma *agricultura celeste*. Para todo gosto, um paladar. Para todo ser, um lugar.

A vida infinita

tanto mais se mergulha

para trás, por dentro

af(l)ora

e alarga.

*Ah, mas a ancestralidade já não encarna em quem fez cabeça no racionalismo secularizado, que demoniza a magia e os encantados, que despojou a natureza de sua plasticidade mística, que quebrou a magia do “Jardim Encantado”.*

Então inventemos mitologias pertinentes e rituais eficazes com que transfigurar o “sujeito-cristão-capitalista”, e melhor deixar viver as pessoas. Os povos *afropindorâmicos*, por exemplo, sempre estivemos aqui, plantando, florescendo e narrando oralmente reais histórias fabulosas, e adiando o fim do mundo, como se disse. E há gentes que não fazem ideia, ou se distraem, do risco que se materializa no genocídio, real e simbólico, das cosmologias ancestrais entre nós: estamos assistindo à paulatina extinção dessa *sensibilidade mitopoética*, sem a qual não perdurará nossa existência, e a de todos os seres, na Terra.

---

<sup>103</sup> Ver Apêndice: Texto 23.

<sup>104</sup> Ver Apêndice: Texto 25.

*O sujeito passa [pela universidade] e sai do outro lado, como se fosse um arco-íris. Do outro lado do arco-íris sai um sujeito envernizado, orgulhoso e estranho, que não consegue mais abraçar os seus parentes, os seus iguais. A universidade cobra um alto preço daquelas pessoas que têm uma memória de si e vivem uma experiência do comum, e para passar por esse duto tem que se render a um conjunto de valores e protocolos que torna essa pessoa estranha quando ela volta pro meio social de onde ela saiu. É muito comum nas aldeias, quando um jovem vai pra universidade, os mais velhos dizerem: será que esse menino volta pra casa?*

Ailton Krenak

*E me parece que existem as palavras duras, que são faladas nas escolas ou na academia, e as palavras boas, palavras que são sábias e generosas, que nos ensinam para a vida, como as que ouvia nas rodas de encontro em torno da fogueira.*

Sandra Benites Guarani Nhandewa

## 7. POR UM REGIME POÉTICO NA ACADEMIA

### 7.1 Universidade para que? Para quem?

Até agora, para existir, a universidade precisou de sujeitos moldados em um tipo de experiência específica. Aquela forjada pela modernidade europeia e que resultaria na emergência do sujeito *psicológico*, fabricado por uma cosmovisão específica, que despojaria a plasticidade mística e mágica do cosmos.

Para entender a experiência psicológica moderna, portanto, é preciso considerar a gênese e o desenvolvimento das atitudes, comportamentos, crenças e visões que vieram desaguar no corpo e na alma do homem de hoje (...) O homem atual gerou-se lentamente a partir do século XVIII, na esteira das profundas mudanças econômicas, políticas e culturais implementadas pela sociedade industrial. (GERMANO, 2007, p. 425-26)

Na esteira do cristianismo e da ciência, a subjetividade contemporânea teria sido estruturada por diversos princípios, entre os quais, para ficarmos apenas com o Romantismo: “a ‘predominância da experiência individual subjetiva’ e sua conseqüente valorização do íntimo, da vida interior, do espontâneo, da originalidade pessoal, da fantasia, do irracional”. (GERMANO, 2007, p. 426)

Os discursos sobre a natureza da mente e as práticas de intervenção psicoterápica, desenvolvidos nas ciências psicológicas a partir da segunda metade do século XIX, *derivam* de um espírito de interioridade que havia se consolidado a partir da lenta modelagem de práticas que também envolviam o âmbito da escrita e da leitura. (GERMANO, 2007, p. 428, *grifo meu*)

A escrita e a leitura, como vimos, seriam condições fundamentais para formar o tipo de pessoa pressuposta pela universidade e pela ciência:

Avançando nos séculos XIX e XX, a operação de leitura restringe consideravelmente seu caráter de oralidade, para tornar-se um 'gesto do olho', um procedimento de base mais visual que auditiva. A modernidade *impõe* o hábito generalizado da leitura íntima, solitária e silenciosa, considerando um suporte significativo da constituição da esfera do privado. (GERMANO, 2007, p. 428, *grifo meu*)

Por outra, há tradições africanas em que a pessoa estaria situada no centro do universo. E o criador - a que se poderia chamar Deus, *Olorum*, ou *Amma* - se manteria distante, sem ser objeto de veneração, tampouco entrando em relação direta com os humanos. De modo que haveria uma “centralidade da criatura e da comunidade em que ela se insere”. Não obstante,

mais importante que o indivíduo, destacaria-se a comunidade, razão de existência de toda criatura. “Pertencer a uma comunidade estabelece sentido para a vida de cada indivíduo e fundamenta a ideia de tradição como elo”. (LOPES; SIMAS, 2020, p. 27)

Na concepção banta, segundo Nei Lopes e Luiz Antônio Simas, tudo que existe seria considerado em termos da *relação* com o ser humano. Uma perspectiva *antropocêntrica*, posto que o humano seria o médium através do qual tudo ganharia forma e, por seus pensamentos, a marca da objetividade. Mas um *antropocentrismo* muito distinto daquele iluminado pelo “humanismo” renascentista europeu, posto que nada estaria isolado, tudo existindo *em relação*. (LOPES; SIMAS, 2020, p. 29-30)

O que se poderia apre(e)nder, no que concerne à comunidade acadêmica, de um tal desvio antropocêntrico rumo à comunidade? Qual o mínimo denominador comum aceitável na equação que resultaria em haver uma cultura acadêmica e uma convivência universitárias? O que deveria ser atualizado, transformado e conservado no *ethos* acadêmico? Quais as crenças necessárias para que se conceba um *Telos* para a vida universitária? Qual tipo de seleção seletiva não apenas tipos de pessoas crismadas no *desencantamento do mundo*, mas corpos *sensíveis*, propensos ou assentados em outras cosmopercepções?

Naquilo que resta do nosso desencontro civilizatório originário, no que concerne à vida acadêmica, associe-me àquelas e àqueles que firmamos os valores de nossas comunidades universitárias em territórios férteis ao (re)plântio de sua função social e cultural, sob outra chave “civilizacional”. Como herança, a universidade seria nosso quinhão de responsabilidade para construirmos uma nação - uma miríade de comunidades coexistindo em diversidade.

Retomar de outro jeito, ou trair o que se propôs, lá atrás, ao modo europeu, como Universidade. Nem lugar de catequese para lustrar de civilização uma “Humanidade” exclusiva e excludente. Para muitos de nós, nascidos desse chão, apartados e desmemoriados de herança espiritual, a *função acadêmica* teria obrigação em *reparar*: prestar atenção no que foi recalcado, deglutido ou amalgamado, de sabedoria e rituais, e transtornado em conhecimento e método. Mas que não servem à vida, senão à ‘pequena vida’, sobrevida de farinha pouca para o utilitarismo nosso negócio de cada dia.

Pertencer a uma “comunidade acadêmica” deveria implicar a *participação e o envolvimento* para compormos sua missão e finalidade. Pertencer à comunidade acadêmica deveria significar acrescentar à tradição universitária o seu quinhão, concorrendo para aterrar-lhe a função social e facilitar a vinculação ativa e criadora.

Na pedagogia cotidiana praticada no ensino superior, as histórias de vida precisam ser objeto de consideração. Afinal, trata-se da lida com gentes de corpo inteiro, com vidas encarnadas em histórias. O que deveria sugerir cuidado no trato, e alguma estética relacional precedendo o rigor. Um regime estético congraçado à sabedoria, precedendo a epistemologia científica.

Trair para alargar a função-universidade. Ocupar essa instituição que pretendeu um formação de uma humanidade específica, para fazê-la recurvar-se ao que um dia se pensou como *bildung*. Mas agora sob outros valores e finalidades civilizatórios, compromissados com o chão de onde viemos. Compromissos materiais de reparação e equidade (responsabilidade social, cotas), em função de envolvimento variados, mas também compromissos espirituais, de *iniciação* e inscrição das juventudes na partilha do *Comum* na vida societária planetária.

## 7.2 Um regime poético para bem (con)viver

*A verdade do poeta também é a verdade desejada do outro.*

Édouard Glissant

Para imantar a ambiência comunitária na universidade com um “clima” propício ao refazimento dos laços esgarçados pelo desencanto, como uma espécie de encontro no infinito, imaginei ciência e poesia reatadas em seus elos rompidos, para constituir um *regime poético* a cirandar na academia.

Um *regime poético* que pressuporia a *sensibilidade* a preceder a epistemologia como valor/vetor de confiabilidade e inteligibilidade do conhecimento. O *poético* faz da informação algo não-binário, e se põe a uma abertura imprevisível e surpreendente. Um *regime poético* na academia seria a própria assunção do entrelaçamento entre vida e conhecimento, como fatos simultâneos e imediatos dos seres terrestres, mas que precisariam da ação de um sistema axiomático capaz de “entrelaçar o desentrelaçável”, para lhe conferir força de autorização. (GLISSANT, 2021, p. 113)

Um regime poético na universidade assumiria a primeira pessoa como estilística<sup>105</sup> para encorpar a palavra acadêmica, eivando-a de inquietações ordinárias, acontecimentos anódinos, que, por sua aparente simplicidade de superfície, costumam ser silenciados, embora, não raro, sejam cartilagem no osso da experiência e da sabedoria cotidianas. Uma ciência em regime poético se expressaria de modo a driblar o império cognitivo ao encontro da matéria-prima da pessoa em sua ficção originária. Assentar em *regime poético* a escrita acadêmica, por exemplo, significaria esconjurar sofrimento, sobretudo os impingidos pelas normas acadêmicas e sua monótona e *intelectualizada* ordem discursiva.

A capacidade da sensibilidade ficcional em metamorfosear o *eu* na prática escrita, inclusive em direção aos seres não-humanos, humanos e outros mais que humanos, seria um regime de *aesthesia* como uma das finalidades precípuas da formação universitária que deseje ultrapassar o humanismo. O cultivo de uma sensibilidade relacional, em termos não-hierarquizados - ainda que, na real, toda relação implique poder -; uma sensibilidade em

---

<sup>105</sup> Não importa tanto o pronome pessoal quanto o compromisso da pessoa em enlaçar *experiência* e teoria em prosa.

abertura - ainda que, na real, a defensiva seja, por vezes, sinal de juízo ou revolta legítima -; são alvíssaras para imaginar o mundo que beira por vir, enquanto trabalhamos para o fim daquilo que não tem conserto, nem nunca terá, mas que (ainda) insiste em perdurar em sortidas formas de iniquidade.

Em sala de aula, a gratuidade do encontro como desvio ao imediatismo e à pressa utilitaristas ao redor da mera apropriação cognitiva, em sua natureza de descarte, sem esteio de *experiência*. Uma estética da paciência, ciosa fé no Tempo como fermentação e transfiguração - coisa que se aprende com os fungos. Uma poética da calma, sulcando fresta e dilatando a atenção sem alívio, tipo nada perder nem distrair.

Lidar com jovens suscita, muita vez, baixar o tom, baixar crista de convicção; achar modo de retesar atenção sem assoberbar reação, redobrar cuidado no detalhe, na manha que perscruta um jeito de afetar em prol de engrossar a sustança do caldo existencial que fortalece. Mais importante que obedecer, aprender a discernir; quem tem filho sabe.

Autoridade? Qual? A que se impõe pelo medo, pela empáfia ou pelos diplomas? A que se conquista por alguma *admiração* que se angariou à vera de existir? Com qual carta de objetivo na manga se pretende “educar”, limar tendências? Recostar o voluntarismo, deixar descansar a intencionalidade *pedagógica* até boiar o inevitável da confiança: um conselho pedido, uma orientação desejada.

Enquanto o povo da cidade se sentia muito importante, eu, por minha vez, me sentia necessário. Eles, porém, não me viam como alguém necessário, me viam como alguém útil. Para eles eu era um servidor, um serviçal. Eu era útil, mas poderia ser substituído porque não era necessário. Percebi que o povo da cidade tinha relações de utilidade e importância, mas não tinha relações de necessidade. Para nós, a pessoa que é importante não é quase nada. É aquela pessoa que se acha ótima, mas não serve. O termo que tem valor para nós é *necessário*. Há pessoas que são necessárias e há pessoas que são importantes. As pessoas que são importantes acham que as outras pessoas existem para servi-las. As pessoas necessárias são diferentes, são pessoas que fazem falta. Pessoas que precisam estar presentes, de quem se vai atrás. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 24)

Sabemos que alguns professores ainda destilam micro-fascismos e gozam com seus nano-poderes, vigiando a soleira do “nível superior”, onde um cadáver deus-ciência despedaçado inda se dependura. Mas sob os pés do porteiro, uma comunidade de fungos invisíveis decompõem a ciência e a vida acadêmica, silenciosamente, ou na balbúrdia mesmo, quando necessário.

Um *regime poético* na academia, implicaria uma atenção privilegiada à *relação* como substrato e componente decisivo de uma utopia-mundo, e à possibilidade de uma perspectiva menos antropocena e mais *confluente*.

Disponibilidade para estar junto, em uma ambiência de afetações recíprocas, paciência, atenção distraída, circulação de experiências e saberes úteis (dentro e fora dos livros) para a vida cotidiana; fazer tutano para existir; um lugar para religar, relembrar, uma dádiva de pertencimento esquecida. A universidade como promoção de saúde.

Em um mundo em intenso desencantamento, a tarefa docente na universidade convocaria a muito mais do que ajudar estudantes a compreenderem o que um autor quis dizer, ou instruí-los em domínios técnicos. Imaginei que, ante a enormidade dos perigos de hoje, em particular as mudanças climáticas, o ódio e a polarização, a vontade de morte, ou a má vontade com a vida (planetária); quando tantos jovens desistem antes mesmo de vislumbrarem alguma dignidade de pertencimento e aceitação (inclusive na academia), imaginei que haveríamos de nos ocupar, em primeiro plano, com a sustância existencial das pessoas - o primado da *Relação*.

Que as leituras, as teorias e tudo o mais que envolve a formação acadêmica, possam servir para auxiliar a juventude na constituição de “um equipamento de proposições verdadeiras, que seja efetivamente seu”; uma “trama sólida de proposições” que lhes valha por prescrições e princípios de comportamento. (FOUCAULT, 2010, p. 320)

Sonhei um sonho que herdei: a vida acadêmica vivida como uma *comuniversidade*<sup>106</sup>, reimaginação encarnada do terreiro, da tribo, da comunidade que se fia em uma *ancestralidade expandida*, comunhão entre vivos e mortos, tradição sempre atualizada, tempo que se renova do passado a cada nascente. Assentamento de sabedoria, porvir em andamento. Numa frase, a vida acadêmica poderia ser uma espécie de via místico-materialista onde, através da *espiritualidade* ali posta em funcionamento, se pudesse fruir e sorver “a calma com que se enfrenta os acontecimentos da vida”. (CASTRO, 2009, p. 154)

Saber viver é mais *ciência* do que aquilo que consegue apalpar nossa vã cognição. E se há uma coisa a aprender com as cosmologias afropindorâmicas, é que o sentido da vida é viver. E da forma mais bela e boa. *Bem viver*.

---

<sup>106</sup> À memória de Felipe Serpa.

*... precisamos inventar um saber que não garantiria sua norma de antemão,  
mas seguiria, na desmedida em que avançamos,  
a quantidade mensurável de suas variações vertiginosas.*

Édouard Glissant

## **ALUCINAÇÃO**

*Eu não estou interessado em nenhuma teoria  
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais  
Nem em tinta pro meu rosto ou oba oba, ou melodia  
Para acompanhar bocejos, sonhos matinais*

*Eu não estou interessado em nenhuma teoria  
Nem nessas coisas do oriente, romances astrais  
A minha alucinação é suportar o dia a dia  
E meu delírio é a experiência com coisas reais*

*Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha  
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais  
Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro  
Os humilhados do parque com os seus jornais  
Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar  
E a solidão das pessoas dessas capitais  
A violência da noite, o movimento do tráfego  
Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais  
Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog, "play it cool, baby"  
Doze jovens coloridos, dois policiais  
Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida  
Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida*

*Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria*

*Em nenhuma fantasia, nem no algo mais*

*Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia*

*Amar e mudar as coisas me interessa mais*

*Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais*

*Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha*

*Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais*

*Garotas dentro da noite, revólver, cheira cachorro*

*Os humilhados do parque com os seus jornais*

*Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar*

*E a solidão das pessoas dessas capitais*

*A violência da noite, o movimento do tráfego*

*Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais*

*Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog, "play it cool, baby"*

*Doze jovens coloridos, dois policiais*

*Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida*

*Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida*

*Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria*

*Em nenhuma fantasia, nem no algo mais*

*Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia*

*Amar e mudar as coisas me interessa mais*

*Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais*

*Belchior (1946-2017)*

## 8 REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALEIXO, Ricardo. *Diário da encruza*. Salvador: Editora Segundo Selo / lira - laboratório interartes ricardo aleixo, 2022.
- ALMEIDA, Mariléa de. “Prefácio à edição brasileira: a voz, a coragem e a ética feminista”. In: hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019. p. 9-14.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro,; Pólen, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Revista Estudos Feministas, ISSN 1806-9584, Ano 8, 1o. semestre, Florianópolis, Brasil, 2000. p. 229-236.
- AZEVEDO, Fábio Giorgio. *Das botijas da civilização: uma etnografia com a Fundação Casa Grande*. Salvador: Edufba, 2021.
- BARRENTO, João. *Walter Benjamin: limiar, fronteira e método*. Olho d’água, São José do Rio Preto, 4(2): 1-115, Jul. – Dez./2012, pp. 41-51.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BECKETT, Samuel. *Proust*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. São Paulo: n-1 edições, Editora Hedra, 2022.

CARDOSO, L. (2008). O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957- 2007). (Dissertação de mestrado), Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

\_\_\_\_\_. “Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista”, Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Manizales, Doctorado en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud del Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud de la Universidad de Manizales y el Cinde, vol. 8, núm. 1, (enero-junio), 2010, pp. 607-630.

CARRASCOSA, Denise. “Pós-colonialidade, pós-escravismo, bioficção e con(tra)temporaneidade”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 44, p. 105–124, 2014. DOI: 10.1590/2316-4018445. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9986>. Acesso em: 22 fev. 2022.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault - um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

*Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* / orgs. Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, Carmen Sanches Sampaio. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

DUNKER, Christian. “Como reorganizar a rotina pode ajudar sua saúde psíquica na quarentena”. Jornal da USP, São Paulo, ano 20, mar/2020, disponível em <<https://jornal.usp.br/?p=308713>>, Acesso em: 14 abril.2020.

*Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Marco Antonio Gonçalves, Roberto Marques, Vânia Z. Cardoso (Orgs.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação*. 7 ed. - São Paulo: Escuta, 2007.

\_\_\_\_\_. *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. 3 ed. 3 reimpr. - São Paulo: EDUC, 2011.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GERMANO, Idilva. “Interioridade, intimidade: o discurso psicológico na literatura dos séculos XIX e XX”, In *História da psicologia: rumos e percursos*. Ana Maria Jacó-Vilela,

- Arthur Arruda Leal Ferreira, Francisco Teixeira Portugal (org.) - Rio de Janeiro: NAU Ed., 2007.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GURSKI, Rose. Três ensaios sobre juventude e violência. São Paulo: Escuta/Clínica Maud Mannoni, 2012.
- HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. cadernos pagu (5) 2009: pp. 07-41.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.
- Jornal EL PAÍS. “Últimas notícias sobre o coronavírus no Brasil e no mundo”. <<https://brasil.elpais.com/seccion/brasil/>>. Acesso em 14 de abril de 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação - episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*: 3. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, Nº. 19.
- LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? - Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LE BRETON, David. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- LEJEUNE, Philippe; VILAIN, Philippe. Entrevista a Annie Pibarot – dois eus em confronto. In: NORONHA, Jovita (org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 223-242.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais*. Salvador: EDUFBA, 2016.

\_\_\_\_\_. “Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares”. (p. 427-435) In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, set./dez. 2013.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. “Medicinas secretas: magia e ciência no Brasil setecentista” In *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Sidney Chalhoub et al. (org.) - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

\_\_\_\_\_. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. letras, n. 26, jun. 2003, Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/647>>. Acesso em: 21/03/2021.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* IN Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, Jaileila de Araújo; VILTON, Wanderson. *Políticas de escrita na pós-graduação: desafios em tempos de pandemia*. Políticas de narrativas na pesquisa em psicologia [recurso eletrônico] / organizadoras : Jaileila de Araújo Menezes, Juliana Oliveira A. de Souza, Wanderson Vilton. – Recife : Ed. UFPE, 2021.

NODARI, A. A. A literatura como antropologia especulativa. Revista da Anpoll, [S. l.], v. 1, n. 38, p. 75–85, 2015. DOI: 10.18309/anp.v1i38.836. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/836>. Acesso em: 22 fev. 2022.

\_\_\_\_\_. Alterocupar-se: obliquação e transicionalidade na experiência literária. Estud. Lit. Bras. Contemp.. Brasília, n. 57, e5715, p. 1-17, 2019. DOI: 10.1590/2316-4018573. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/index>. Acesso em: 06 mar. 2022.

OLIVEIRA, Eduardo. *A ancestralidade na encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada*. Coleção X (Organização: Rafael Haddock-Lobo) - 1 ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021.

PACTO de Sangue. Intérprete: Jards Macalé. Composição: Jards Macalé. In: Besta Fera. [Rio de Janeiro]: Gravadora Zilles Produções, 2019. CD, Faixa 5 (4’03”).

PEREIRA, Marcos Villela. *A escrita acadêmica – do excessivo ao razoável*. Revista Brasileira de Educação v. 18 n. 52 jan.-mar. 2013. (p. 213-244).

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: USP, Curso de Pós-graduação em Sociologia: Ed 34, 2003.

Portal G1. [OMS declara pandemia de coronavírus](https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml). 11/03/2020. <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 14 de abril de 2020.

\_\_\_\_\_. [Últimas notícias de coronavírus de 13 de abril](https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/13/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-13-de-abril.ghtml). 13/04/2020. <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/13/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-13-de-abril.ghtml>>. Acesso em 14 de abril de 2020.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Zahar: Rio de Janeiro, 2019.

ROLNIK, Suely. “Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempos de globalização”, in *Cultura e subjetividade: Saberes nômades*. / Daniel S. Lins (org.) - Campinas, SP: Papyrus, 1997.

ROSA, Allan da. *Ninhos e revides: Estéticas e Fundamentos - Lábias e Jogo de Corpo*. São Paulo: Editora Nós, 2022.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. mórula editorial: Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. “O método da autoetnografia na perspectiva sociológica: atores, perspectivas e desafios”. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

SCHULER, Betina. *Escrita escolar, ficção e modos de subjetivação*. Educação Unisinos. 21(2):233-242, maio/agosto 2017 Unisinos - doi: 10.4013/edu.2017.212.12.

SERPA, Felipe. *Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: Edufba, 2004.

SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVA, Mariana Estellita Lins. “Verdade não, afeto. Leituras a partir da colonialidade para uma escrita decolonial”. (p. 89-104) In: ROCHA, Paulo Henrique Borges da. *Decolonialidade*

*a partir do Brasil.* (orgs.) Paulo Henrique Borges da Rocha, José Luiz Quadros de Magalhães, Patrícia Miranda Pereira de Oliveira. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020. (Coletânea, vol. I).

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VAZ, Cidiane. *Cadernos poéticos: flor, corpo e raiz*. São Paulo: Editora Versiprosa, 2022.

VIANNA, Hermano. *Ternura e atitude blasé na Lisboa de Pessoa e na Metrópole de Simmel*  
In VELHO, Gilberto (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

WISNIK, José Miguel. O papel das narrativas na construção do humano. II Seminário Internacional Arte, Palavra e Leitura. mar. 2019. YouTube: cedacvideos.

ZAIDHAFT, Sergio. *A saúde mental dos estudantes de medicina: reminiscências e conjecturas de um mestre-escola*. Rev Med (São Paulo). 2019 mar.-abr.;98(2):86-98.

## 9 APÊNDICE<sup>107</sup>

### (Texto 1)

ABOLOLÔ

Ouvi de alguém, em algum momento de minha pouca vida, que escrever é marca nossa que deixa cicatriz em papel. Apesar das tecnologias, ainda que bem não seja em papel, é essa marca que deixamos no mundo. Ai! Se eu pudesse escolher a forma de deixar essa minha marca no mundo... Não seria em linha reta. Desenharia alguma coisa curvilínea, balançante, vívida! Mas como no meio do caminho aparecem algumas pedras, pro meu azar trombei com a escrita “certa”, “formal”, “limpa”, “objetiva”, “embasada teoricamente”, acá esse dêmica endêmico desfazendo do colo, que é - uau!

Corta para o tecendo o meu ser ou seria sem ter e sem ser? Trabalho a fim de concluir algo que não finda, em palavras que não podem dizer de mim nem parecem que foram escritas pela pessoa que sou. Tem que ser “impessoal”. O que pelo amor de deus, vindo de pessoa, não é pessoa(l)? Pra colar esse grau tenho que parecer uma máquina e escrever igual, igual, igual. Opa, não posso repetir pra intensificar, só pra copiar a languidez da isenção de afetos e personalidades. Repetir para apagar existência tá liberado pra pegar o diploma e cuidar de outras existências – reforçando suas singularidades, mas pra se aproximar da vida em estado pulsante e vibrátil tá barrado.

Bar ra do, esse bar tá errado. Bar, palavra de origem francesa “barre”. Essa barração esmaga a ação, d'eu usar minhas mãos para escrever palavras que para mim não devem ser em vão. Mas quando sou jogada no vão e o ‘s’ dela que me lembra o vento, o pa que me diz – pá alguém – e o lá que é esse mundo, perdem seu encantamento.

Da última vez em que ouvi para eu não escrever como se fosse eu, pra eu apagar o Jade que tinha no texto, que “ninguém quer saber do seu jeito”, foi como engolir uma espada maior que minha espinha dorsal. Fiquei meio atônita, a cabeça zunindo e um gosto ferroso

---

<sup>107</sup> Os textos das/os/es estudantes nesse Apêndice frutificaram de atividades no componente curricular Fundamentos do Humanismo, ou no programa de extensão CISMA. Alguns são autoficcionalis, outros, inspirados em experiências vividas. Alguns sob efeito de provocação de uma leitura de algum livro de literatura, outros resultado de afetações a partir de conversas-acontecimento em sala de aula etc.. Os nomes foram trocados por iniciais, e mesmo as iniciais foram inventadas, para garantir absoluto sigilo de autoria.

tomou conta de minha boca. Como assim fazer um trabalho tão custoso, que leva tanto tempo de VIDA que é A MINHA VIDA e não ter que possuir minha marca? É como ter minha vida roubada, como se eu tivesse que me tolhir (tolher + polir) não para ser humana, mas para me desumanizar. Escrita hospitalocêntrica, fria, fechada, estéril. Frieza e esterilidade, duas coisas que não quero deixar para o mundo, ser obrigada à isso é morte em vida. Paralisei com a glacialidade hospidemicista.

Levou tempo esmigalhar a espada e diluir o gosto ferroso. A saída se mostrou quando não suportei a palavrão “sugar” como sendo forte demais. Só podia ser essa A palavra, nenhuma outra dizia tão bem o que eu precisava expressar como ela. Não havia substituta estéril. A realidade é forte, por quê então não lhe fazer jus quando se diz sobre ela? Limpar o sobre-a-vida é sujar a vida, perpetuar cortes, ser conivente com sufocamentos. Eu não gostaria de compactuar com isso pra continuar existindo. (X.X.)

**(Texto 2)**

Ai, Fábio, eu gostaria de já deixar aqui registrado, como está sendo interessante escrever. A gente honra muito a palavra, já. E colocar as experiências, resgatar acontecimentos que tavam quietinhos assim, ao mesmo tempo que dói e mexe de alguma forma, é bom, sabe, registrar. [...] eu mesma estou validando e reconhecendo as coisas que aconteceram, e entendendo como elas me fizeram bem ou mal; ao mesmo tempo que me deixa um pouco assim frágil, me faz, sei lá, acalmar... eu me sinto protegida pelas minhas palavras, sabe? [risos], me sinto forte, não sei... Então tá sendo legal escrever assim gradualmente, às vezes eu tô deitada e lembro de algum acontecimento, aí coloco em topicosinhos pra eu lembrar, sabe? Tá sendo interessante demais! E aí misturar certo enredo, certos relatos, e aí escrever sobre, sabe? está sendo meio que um jogo de fragilidades e fortalecimento. Então está me fazendo muito bem escrever”. (C. N., transcrição de mensagem de áudio)

### (Texto 3)

Acordei de manhã cansado, olhei o relógio eram 6:32. Era sempre assim, quando voltava para aquele lugar que insistiam que eu chamasse de casa, passava a noite me debatendo na cama e dormia pouco. Acordar as seis quando eu podia dormir até as dez em dia de viagem era algo comum.

Levantei para escovar os dentes como ele me ensinou que deveria fazer todos os dias pela manhã. Ao ver meu reflexo no espelho vi o rosto dele estampado no meu. Vi seu nariz, seus olhos âmbar, sua boca grossa. Não me admira que por toda a minha infância eu tenha escutado: “é a cara do pai”. Sim, sou a cara de meu pai, até mesmo os genes dominantes se certificaram disso.

Vou tomar café da manhã, as malas já estão prontas e só preciso me vestir para sair de casa, as onze horas. Ainda não é nem ao menos sete horas, ainda tenho muito tempo para gastar.

Ao entrar na cozinha me deparo com uma pia cheia de louça suja. Passei mais uma madrugada vendo TV e fazendo lanchinhos pela noite, hábito que tenho desde quando me lembro. Lembro de bem pequeno levantar pela madrugada naquele casarão enorme em busca dos biscoitos que minha mãe deixa escondido no fundo do armário. Lanterna na mão como se fosse minha maior arma, trombar com um fantasma no escuro era uma realidade ainda para mim, e se o Frodo lutou contra uma aranha gigante com um frasco brilhante nenhum fantasma seria páreo a minha enorme lanterna.

Ao chegar ao pé da escada eu lembro de ouvir barulho de panelas batendo e o cheiro de carne frita encher o meu nariz. Hoje eu acho graça, mas na época estava certo de que a casa havia sido invadida por um ladrão cozinheiro. A lanterna já não me servia mais. Mesmo assim eu ia, na ponta do pé ver quem estava a fazer aquela baderna na cozinha enquanto todos dormiam. Era meu pai cozinhando aipim e fritando carne às três da madrugada. Antigamente achava estranho, mas hoje perdi a conta da quantidade de macarrão que eu fiz às três da manhã, só porque eu queria comer, talvez seja por isso que não consigo emagrecer.

Lembro de nós dois sermos surpreendidos um pela presença do outro, e, no fim, eu não comia a tão desejada bolacha recheada, mas comia aipim, carne, Josefina e bastante manteiga que, para ser sincero, é bem mais gostoso.

Saio da cozinha com um prato de torradas e Nutella, a louça que se fôda, só vou passar um fim de semana prolongado fora, quando voltar eu lavo.

Ligo a TV, mas não faço ideia do que está passando, só consigo prestar atenção nos livros sobre a minha escrivadinha, não sei o que ler a seguir. Passei a noite lendo *Kiss of Deception*, agora quero distância de fantasias, acho que vou ler *O Bicho-da-Seda*. Já passou da hora de ler esse livro, principalmente agora que passou todo o *hype*, sem falar de como que eu sinto falta da escrita da J.K. Rowling.

Ainda me lembro de como foi quando eu ganhei os meus primeiros livros do *Harry Potter*. Era nessa mesma época do ano, quer dizer era quase páscoa e meu pai tinha feito mais umas de suas viagens para Salvador ao congresso que a empresa exigia a presença, para formar e atualizar os seus funcionários, ou algo assim. Eu não lembro, tinha só 12 anos de idade. Mas lembro que naquele ano já ia sair o quinto filme da série, lembro como implorei para que me trouxesse o primeiro livro pra mim. Já tinha lido o exemplar que peguei emprestado de um amigo da escola, mas eu queria o meu. Fazer o que? Sociedade capitalista é isso aí.

Lembro de como quando ele chegou com o tradicional chocolate da Cacau Show, não vi nem uma sacola da Saraiva em suas mãos, lembro de ter pensado “Não sei nem pra que eu criei esperanças”. Lembro de como ele deu o tradicional conjunto de cosméticos pra minha mãe, o novo FIFA pro meu irmão e ele me pediu ajuda pra tirar sua mala do carro. Tinha certeza que era mais um DVD de um filme que ele comprou errado achando que era alguma coisa da Pixar.

Lembro dele, finalmente, tirando a sacola da Saraiva de dentro da bolsa como se fosse a coisa mais comum do mundo, e ali estava o maior tesouro da minha pré-adolescência. Os três primeiros livros. Em menos de um mês já tinha lido todos, e assim comecei minha coleção.

Lembro do guarda-roupa cheio de livro de meu pai que ficava no quarto de hóspedes, lembro que meu sonho era ter tantos livros quanto aqueles. Depois da viagem pra Nova Zelândia, claro. Lembro do orgulho estampado em seu rosto quando disse isso e pedi uma estante pro meu quarto. Hoje tem mais de cem livros naquela estante. Não li metade.

Me perco no início d'*O Bicho-da-Seda*, tinha esquecido de como eu adoro a Robin e Cormoran. Já são 9:30, tenho que tomar banho e terminar de guardar as coisas que ainda estou usando, mas que quero levar.

Ao entrar no chuveiro lembro do último São João. Por mais que eu tente evitar é inevitável que eu não me depare com essa situação em algum momento e que eu volte pra “casa”. Ainda me dá arrepio de lembrar do rosto dele, a ira, a repulsa, a vergonha ali estampados.

Aquele que vi era mesmo o meu pai? Era aquele que me levava ao médico e me ouvia lamentar sobre a dor insuportável no ouvido? Era o que me trazia coxinha toda vez que eu não ia com ele para o Clube de Campo? Aquele que me trazia livros novos a cada viagem que fazia a Salvador?

O choque do olhar que ele me lançou, a forma a qual gritou comigo, no meio de toda a família é algo que eu ainda não consigo suportar. Ainda vejo aquele olhar todas as vezes que ele olha para mim.

Me surpreende minhas tias insistirem tanto que eu volte para “casa” e não saberem o porquê da minha insistência em me manter aqui, quer dizer, fingirem que não sabem. Elas estavam lá. Me surpreende que as pessoas continuem dizendo sobre um tal de descaso que eu tenho para com eles. “Você não vem mais aqui”, “sua mãe sente saudade sua sabia?”, “como que tu vem e, não para em casa, não fica nem dez minutos com teus pais...”. Parece que esqueceram ao que eu fui submetido por eles mesmos naquele churrasco em família.

A repulsa deles virou a minha repulsa, por toda aquela hipocrisia, toda aquela ideia de superioridade que eles têm de si mesmos, do orgulho de poder se considerar uma “família tradicional brasileira”. Pelo menos agora não preciso mais fingir que faço parte daquilo.

Depois de passar desodorante e escovar, mais uma vez, os dentes, saio do banheiro com escova e com o *Dove* na mão para jogar-los na mala. Ao buscar uma camisa encontro a camisa que ele sujou de cerveja naquele churrasco quando viu a foto que meu ex-namorado postou no Instagram. Esse dia me persegue. Ainda lembro de minha prima rindo e apontando pro celular. Lembro de meu pai se aproximar e ver a foto. Lembro de seu semblante mudar completamente. Lembro dele olhar pra mim. Lembro de não entender o que acontecia. Lembro dele atirar o copo de cerveja que estava em sua mão. Lembro de atingir o meu estômago com toda força e eu cair com cerveja espalhado por todo o meu corpo. Lembro de

levantar às pressas enquanto ainda torcia e me contorcia de dor enquanto corria dele. Lembro de ouvi-lo gritar que eu era uma desgraça, que ele sentia desgosto, discurso bem diferente do que ele fez no natal quando passei em medicina. Lembro de minha mãe chorar e não fazer nada. Lembro de sair correndo de lá e só voltar pra “casa” no dia seguinte. Lembro de ele não falar comigo até eu embarcar no ônibus de volta pra Salvador.

O aplicativo diz que meu Uber vai chegar em um minuto, desço as escadas correndo. Chove. Espero que isso não congestionue o trânsito, ainda quero passar no *McDonald's* antes de embarcar.

Quando o carro chegar sei que eu não vou poder mais evitar isso, sei que eu vou ter que falar e me abrir com o meu pai, sei que finalmente chegou a hora efetiva de “pôr os pingos nos is” e eu só espero que me entenda e me ouça. Talvez aquele que eu conheci uma vez ainda esteja lá, e eu possa voltar, mais uma vez, para casa. (G. S.)

**(Texto 4)**

Automutilação

um lado escrevo,  
o outro rasgo.  
um rasgo raso,  
para sarar a dor de dentro  
nesse meio tempo,  
o tempo não tem pressa  
10 minutos viram horas  
1 minuto, vou embora  
peço ajuda, ninguém escuta  
a quem peço, já não importa  
então fecho a porta, choro alto  
quebro um copo, morro lento  
mas morro dentro,  
porque o rasgo é raso,  
os minutos lentos  
e a dor de dentro  
em alguns dias vai embora

(G.S)

### **(Texto 5)**

Era uma tarde de terça-feira no ano de 2016. Eu, J., me dirigi ao colégio X., onde cursava naquele ano, o 9º ano do ensino Fundamental II, aos meus 14 anos de idade. Um colégio grande, espaçoso, aconchegante e de grande renome na cidade S., que grande maioria dos jovens, sonhavam em estudar, tanto por ser o de maior referência de qualidade entre as escolas da região, quanto pela beleza e riqueza de ambientes, como salas, laboratórios, quadras de esportes, dentre outros.

Naquele ano, eu encerrava um pequeno ciclo da minha vida, e no ano seguinte iniciava outro, o tão sonhado Ensino Médio. As expectativas eram grandes, porém, mal sabia eu que um acontecimento daquela tarde, me faria mudar totalmente minhas expectativas para o próximo ano.

Era um dia de prova, e com isso, as turmas se misturavam. As provas aconteciam nos três primeiros horários, e após o intervalo, retornávamos, cada um para suas turmas, e eram dadas normalmente pelos professores as três últimas aulas.

Após terminar, saí pela porta da sala em que eu fazia a prova e deparei com vários garotos do ensino médio - que estavam ali para assistir aulas complementares - sentados na escada que era passagem para o pátio. Dentre eles estavam R. e F., os únicos que eu conhecia e já havia tido algum contato, ainda que mínimo possível, pois estudávamos em horários opostos, e não tínhamos quase, ou nenhum, amigo em comum.

Logo de cara, já me senti envergonhada, por ser a única mulher ali, por não ter amizade com nenhum deles, e o pior, por ter que passar por eles, para ir ao pátio. Antes de passar por eles, me agachei próximo à porta para pegar a minha mochila, que ali estava, e foi quando ouvi frases como: “Gostosa, é assim que eu gosto”, “Eita, desse jeitinho está bom”, e várias outras que por tanta vergonha, e tanto medo, não consegui decifrar. Como se não bastasse tamanha humilhação, segui andando com a mochila em direção a eles pois precisava descer as escadas para sair daquele lugar. Eles se espalharam pela escada, de uma forma em que eu precisei desviar por várias vezes, de um deles, e ainda assim, eles continuavam com os comentários machistas, mas como disse anteriormente, não conseguia entender, pois tudo que eu queria, era sair imediatamente daquela situação. E então, quando estava na metade da

escada, eu me desequilibrei, e precisei me apoiar em um deles, R., ou F.zinho, como era conhecido. Naquele momento, eu já não ouvia mais nada, não enxergava mais nada. Queria dizer que também não sentia mais nada, mas foi ali, que eu senti a mão de J., subindo pela minha coxa, em direção à minha genitália. A partir dali, eu gravei cada segundo em minha mente, desci os degraus que faltavam, caminhei por cinco metros, virei à esquerda e entrei no banheiro. Chorei durante todo o tempo do intervalo, pensando que aquilo era culpa minha, que eu não deveria ter passado por eles, que eu era um lixo, que ninguém me respeitava, que eu não poderia falar aquilo para ninguém, pois ninguém daria voz a uma garota de 14 anos, pois eles eram muitos e com certeza invalidariam o meu discurso.

E assim foi feito, por muito tempo ninguém soube do que aconteceu, ninguém foi punido por isso, aliás, eu fui. Eu me puni, todos os dias. Deixei de frequentar os treinos de handebol – meu esporte favorito – pois sabia que aqueles garotos estariam lá, e assim fui punida, perdi a vaga na seleção feminina de handebol da escola, por motivos de: faltas recorrentes aos treinos. Desde aquele dia eu já não andava mais sozinha pelos corredores da escola, não conseguia realizar trabalhos ou provas com um grupo de maioria masculina, não frequentava aniversários, eventos ou qualquer tipo de ambiente que eu tivesse ciência de que algum daqueles garotos estaria.

Foi quando em 2019, após retornar aos treinos de handebol, pelo fato de que os garotos já haviam terminado o ensino médio e não frequentariam mais as dependências do colégio, eu fui tomando consciência do quão grave aquilo havia sido. Busquei terapia, e com isso, pude lidar melhor com os efeitos que essa situação causou em mim. A partir daquele momento, me encorajei, e em um dos eventos do colégio, naquele mesmo ano, com o auxílio de professores, e da psicóloga da escola, dei o meu depoimento, a fim de incentivar outras garotas que passaram e passam por isso todos os dias, a não se calarem. Sim, eu me calei no momento, não tive forças para expor e não houve punição para os culpados, mas para mim, mesmo tendo sido tarde, foi um ato de liberdade, me libertei da culpa que carreguei por tanto tempo, de atitudes que não foram provocadas por mim. Me libertei de sentimentos de negação em relação a mim e ao meu corpo, ao meu comportamento perante outras pessoas, ao modo de me vestir, e várias outras situações em que me privei por todos esses anos.

Mesmo tendo sido algo tão traumatizante, isso me fez perceber que nós – mulheres – mesmas nos invalidamos, não por fraqueza, mas sim por medo, medo de ser julgada, questionada, culpada, injustiçada e silenciada. A todo momento isso acontece, todos os dias Is., Ms., As., Bs., ou qualquer que seja o seu nome, sofrem com essas situações. Dentro de casa, na escola, na faculdade, no trabalho, na rua ou em qualquer ambiente. E assim, também pude aprender a identificar, e intervir em qualquer situação que viola minha integridade física ou mental, e também incentivar outras mulheres a fazerem o mesmo. (J.J.)

**(Texto 6)**

Deitada aqui nessa cama de Hospital, estou ansiosa para o que está prestes a acontecer. Sinto saudade de K., minha irmã mais velha. Era divertido o modo como a gente brincava, e de nossas brigas também. Lembro que sempre quis ser como K., roubava as roupas dela e ficava desfilando na frente do espelho feito uma modelo, mas, mamãe sempre reclamava da bagunça que eu fazia. Jamais seria como a K., pois eu tinha nascido assim, e minha irmã daquele jeito, e ponto, eu que aprendesse a me comportar de acordo com o que a natureza tinha me feito.

Um dia, no aniversário de titia, a família toda ia se reunir na casa de meus pais para poder comemorar o 35º aniversário dela. À tarde, saí com minha mãe para comprar as coisas dos preparativos da festa, passamos em uma rua, e avistei uma loja que vendia fantasias infantis. Fiquei louca para comprar uma, desesperadamente, pedi a mamãe que comprasse uma para mim. Ela concordou em comprar. Quando entramos na loja, fui direto na fantasia da mulher maravilha, e já fui pegando para mostrar a mamãe...

- Esse?, mas esse é de menina, você tem que pegar o que está do lado, esse aqui ó,- e me mostrou uma do super-homem
- Mas esse não é tão legal quanto essa aqui!
- Mas é esse aqui que é para você.

Aceitei contrariada e não tão contente quanto o que eu ficaria se tivesse ganhado a fantasia que eu me identificava, mas no fim acabei me empolgando com a fantasia que tinha ganhado e brinquei o resto da tarde de super heroína com K..

À noite, quando toda a família tinha chegado em casa, eu desci as escadas correndo de alegria para abraçar titia e cumprimentar a todos, quando de repente percebi que todos estavam olhando para mim com uma cara de assustados como se eu fosse algum tipo de... de... ser do outro mundo. Me olhei no espelho que tinha na sala de casa, e me vi tão encantadora, vestindo uma blusinha estampada de flores cor de rosa e roxo, e uma calça lisa, lilás e nos lábios um batom de um rosa bem clarinho. Aquela roupa não era minha, claro, mas ela ficava melhor em mim do que em K., que peguei sem nem pedir permissão. Me olhando no espelho vi que não tinha nada de errado, eu estava bem, estava sendo... eu.

De repente ouvi as vozes da família, “o que você está vestindo ?” “Ei essa roupa da K. não é para você...” “Cadê suas roupas?”. Mamãe me puxou pelo braço correndo escadas acima. Entramos no meu quarto, ela estava muito brava, brigando comigo, e falando as mesmas coisas de sempre, só que dessa muito mais zangada do que de costume. Disse que Deus não estava contente, porque eu estava recusando o corpo que Ele me deu, e mais um monte de coisa que eu nem lembro mais. Mas de uma coisa me lembro, que daquele dia em diante passei a acreditar que o meu jeito de ser era errado, comecei a sentir muita vergonha de ser quem eu era, pior, me odiei por isso.

Nessa mesma noite ouvi meus pais conversarem sobre mim, com a voz de general de uma base militar, papai decidiu “vou colocá-lo em uma aula de boxe, isso vai ensiná-lo a ser homem”, e com essa frase na cabeça eu fui dormir, pensando no “aprender a ser homem” sem saber exatamente o que isso significava.

Ensino médio, local de show dos horrores. Sempre fui boa aluna, nunca tirei nota baixa, mas sempre fui motivo de chacota. Nas aulas de educação física, nós tínhamos que trocar de roupa, eu nunca trocava na frente dos garotos. Não gostava do meu corpo, me sentia envergonhada, principalmente na frente de meninos, eles mexiam comigo, colocavam apelidos, e eu tentava ignorar. Mas teve um dia que ignorar já não deu mais certo, eu fui tentar me defender, escorreguei e levei uma batida forte na cabeça, acordei em uma cama de hospital parecida com essa que estou agora, mas o sentimento era bem diferente.

Depois desse dia, mudei de escola, decidi que pararia de tentar me encaixar no quadrado que todo mundo vive. Jamais serei como as pessoas querem que eu seja. Não queria mais viver no quadrado que todos vivem. Ter sofrido violência foi sem dúvida muito doloroso, mas tentar ter sido alguém que eu não era, estava matando a minha alma. E a partir daquele dia, resolvi não esconder mais a minha alma, e ela passou a ser exibida em meu corpo. Conseguir fazer a mudança de corpo não foi tão difícil quanto eu imaginava, difícil mesmo é mudar a mentalidade dos outros, mas, depois de um tempo, elas já não me incomodavam mais.

O mais difícil de tudo foi sem dúvida encarar meus pais. Eles jamais me perdoaram por isso. Como se eu tivesse feito alguma escolha. A primeira reação de minha mãe foi brigar comigo, como sempre, e o mesmo discurso de Deus, natureza e essas baboseiras, mas minha resposta a tudo aquilo foi:

- Mãe. Deus me ama exatamente do jeito que eu sou, tenho certeza disso, a senhora já viu o nascer do sol? É difícil de acreditar que alguém que tenha criado algo tão mágico, não sinta orgulho de sua criação, mesmo que esteja nublado, a senhora deveria sentir o mesmo.

Já meu pai que sempre foi um militar tanto fora de casa quanto dentro, achou que me bater, me faria “ser homem”, mas K. não deixou, se meteu no meio da briga, disse que acreditava em mim, e ficou do meu lado. Ela sempre ficou do meu lado.

Depois da briga com meus pais, permaneci na casa deles até terminar o ensino médio. Meu pai até quis me expulsar de casa, mas K. e mamãe nunca deixaram, acho que, apesar de tudo, mamãe nunca deixou de me amar, não tenho certeza, mas prefiro pensar que sim.

Depois de terminar o ensino médio saí de casa. Graças a K. minha realidade foi bem diferente do da maioria das pessoas trans no Brasil. Consegui arrumar um trabalho, não era grande coisa, mas pelo menos, já era alguma coisa. Depois de muito tempo e esforço, entrei para a universidade, e com maior esforço ainda, terminei. Hoje estou aqui, prestes a entrar em uma sala de cirurgia, e tirar uma pequena nuvem que ainda impede que o sol em mim nasça, quando isso acontecer, posso finalmente me tornar Aurora.

### (Texto 7)

Se eu não sei onde estou, ao olhar para o meu redor, não tenho a quem culpar. Não tenho como saber quais são os gostos do meu povo, se não há povo para retornar. Mesmo que não haja um consenso sobre quem veio antes de mim, a noção do porquê de estar aqui permanece clara: para ser. Se a ancestralidade traça o nível de pertencimento ao local que se coloca, eu não pertencço a ninguém. Mas vejo por outro modo, pois ao relativizar a ancestralidade do outro como o desamparo da minha própria, invalido o meu estar, ser. E acredito que não é necessário um propósito para ser no mundo. Ao analisar a Ancestralidade de toda uma geração ao meu redor, percebo que não vale de nada pôr em categorias do que seria uma “Ancestralidade Maldita” e uma “Ancestralidade bendita”. O saudosismo de algo que não temos total conhecimento sobre, tal como o passado de um povo, a cultura de gerações que não me tocou por motivos concretos, me soa como um romantismo do que não conhecemos, com a intenção (ou o desespero) de que este seja sim melhor do que o que vivemos agora.

Mesmo assim, espero não soar arrogante ou que me interpretem errado. Acredito que sim, ter um propósito e possuir uma ancestralidade concreta, ser anticolonial e ver que o conhecimento de gerações anteriores a si não foi apagado, que seu povo resistiu a uma colonialidade cruel, é algo a ser celebrado. Meu problema começa quando se existe uma vontade de buscar perfeição no que não conhecemos. Afinal qualquer coisa e tudo está à mercê de críticas.

Por fim, declaro-me órfã de ancestralidade, pois esta me foi retirada em uma mistura de cultura e lutas de poder. Estou aqui para, com generosidade, bondade e discernimento, ver o outro e escutá-lo, independente da “falta” que deveria me faltar. Entender que o mundo é muito mais do que me foi apresentado e ver que a luta é de todos nós.

**(Texto 8)**

Cheguei agora da rua. Estava no dermatologista, fui cuidar da minha pele. Saí, fui à farmácia comprar alguns dos produtos caros que a médica passou. Chegando lá, vi um garoto, morador de rua, sentado perto da porta, a funcionária estava ao lado dele. Primeiramente, fiquei revoltado, achava que ela estava o enxotando, mas não, essa funcionária, com a ajuda de outra cliente, estava dando assistência, pois o menino sentia dor de dente. Deram a ele um comprimido pra dor, mas o garoto não conseguia engolir, me aproximei dele pra entender, ele disse que era por causa da água gelada: “É a água, tio. Quando eu boto na boca dói mais ainda meu dente.” Em seguida, ele tentou de novo tomar o remédio, jogou metade do comprimido na boca e colocou a água, gelada. Começou a gemer de dor, pressionando a boca com as duas mãos e fazendo todo o esforço para engolir o comprimido, o garoto urrava e aos poucos cuspiu a água que não estava aguentando reter na boca. Meu corpo tremia ao ver aquela cena, me senti totalmente impotente. Eu tava ajoelhado ao lado dele vendo na minha frente aquela cena e tendo meu corpo todo tomado de um arrepio. Eu tava extremamente próximo dele e ao mesmo tempo no extremo de uma realidade totalmente avessa àquela, estávamos no mesmo espaço, mas em mundos totalmente diferentes.

Depois, fui me inteirando do papo que tava rolando do lado de dentro da farmácia, falou-se que era pra levar o menino pro Dique, que lá tinha um centro odontológico 24 horas e que podiam cuidar dele. O menino falou pra pedir um uber ou um táxi, abri meu celular e falei que ia pedir, ele disse que “ok” e que ia chamar o irmão mais velho para levá-lo. Chegou o irmão, conversei um pouquinho com ele e falei que ia pedir o uber, imediatamente ele retrucou “e pra voltar?”, fiquei sem resposta... Peguei um dinheiro com minha mãe e ia somar com um dinheiro que outra moça ia dar e passar pra ele. Essa moça da farmácia comentou, “tô com medo de dar esse dinheiro a ele, ele parece que tá alterado. E se gastar com outra coisa?”

Depois disso, a comunicação começou a ficar confusa, já não me lembro bem a ordem cronológica dos fatos, minha mãe tava com pressa, a mulher na farmácia tava desconfiada e eu tava sem saber como proceder.

Acho que em seguida saí e fiquei ao lado do irmão, aí vi uma confusão que tava rolando do outro lado da rua, envolvendo, aparentemente, uma pessoa num carro e um outro

morador de rua, o irmão tava rindo da situação, eu perguntei “qual foi que teve?”, ele não respondeu, falei algo como “essa situação aí com o dente do seu irmão é grave, ele ta sentindo muita dor”, ele fez que sim e mostrou sua preocupação, falei que ia juntar uma grana pra eles voltarem e que ia ficar tranquilo. Depois o garoto veio até mim e falou que quem ia levar era a cunhada, que o irmão tinha que cuidar da prima, ele dizia: “quem vai levar é minha cunhada, ela é mulé”, falei que já tava pronto pra chamar o uber e ele foi chamar a cunhada. Fiquei no aguardo.

Enquanto esperava, duas criancinhas apareceram pra conversar comigo, aparentemente eram filhas do moço que tava envolvido na confusão. Elas me perguntaram o que tava acontecendo, disse que era o irmão deles que tava com uma dor grande no dente e que a gente tava vendo como ia cuidar, ele responde: “não é meu irmão não, é meu tio”. Passei um tempo conversando, ele me disse que tinha um buraco no dente também, fez “aqui ó” e me mostrou. Estávamos batendo um papo, até que eu percebi que a mãe tava olhando meio desconfiada, fiquei com medo. Saí por um instante. Quando vejo, ela tava perguntando pros meninos porque tavam conversando comigo, entrei e respondi que eu tava explicando pra eles que o tio tava com dor e que eu tava tentando ajudar. O papo acabou aí.

Dentro da farmácia, minha mãe já tava pronta pra sair, aí eu fiquei sem saber o que fazer. Perguntei àquelas duas mulheres, que estavam ajudando o menino, o que fariam, disse que eu podia transferir um dinheiro pra elas pra ajudar a pagar um uber, elas disseram que tavam com medo e que a situação já tava muito grande e envolvendo muita gente (acredito que ela se referia àquela mãe das crianças e ao moço da confusão, que estavam por perto). Tive de sair às pressas, numa mistura de sentimento de ansiedade, medo, angústia, raiva e indignação. As últimas palavras que troquei com alguém ali foi com a moça que ficou apreensiva em dar o dinheiro, ela disse: “pelo menos a gente fez o que podia.”

Só conseguia pensar que aquele garoto ia voltar com a cunhada e não ia encontrar ninguém. Que uma pessoa falou que ia ajudar ele e depois sumiu, que o dente dele ia continuar a doer, a doer, a doer... Que a dor dele ia insistir em doer enquanto eu, jovem classe média com a vida toda arrumadinha, ia entrar no carro, ir até minha casa, entrar no meu quarto e “ficar de boa”... Foi exatamente o que eu fiz, mas abri o computador pra digitar, pra dizer que eu to puto com a porra da minha impotência, com o medo que eu tive daquela mãe e

daquele cara arrumarem alguma confusão comigo, com o medo que tive do irmão mais velho do garoto que realmente parecia estar “alterado”. Eu fiquei indignado, porque mesmo enchendo o cu de livro sobre questões sociais e estar a todo tempo discutindo esses pontos nas aulas, e nos diversos ambientes, ali naquele momento eu vesti a doce-amarga capa de uma figura da classe média que tinha medo de um “mendigo”, que se envolvia nessa surda necessidade de segurança e que ajudava a levantar essa barreira social. Eu tava puto, porque sentia o impulso pra falar pra minha mãe “vou ficar, vou ajudar, depois pego um uber e vou pra casa”, mas não, eu realmente tomei a decisão de sair. Aquele menino ia chegar lá e ia ver sua esperança de suprimir a dor esvair-se... Aquele menino... Eu não sei nem o nome dele.

Penso no dia que aprendi o que era invisibilidade social. Eu tava no carro, dia quente da porra, a gente tava parado na sinaleira. Fora do carro, tinha um homem, cadeirante, estirado no chão, era morador de rua, tava tomando aquele sol a pino do meio dia. Foi então que minha vó olhou pela janela e apontou pros pombos que tavam do lado dele e falou “olha que lindo os pombinhos”. Não sabia dar nome aquilo, mas fiquei irritado. No entanto, penso como aquele sentimento de irritação podia ter se perdido no espaço e eu talvez nunca mais tivesse pensado naquilo, pois é exatamente isso que costumamos fazer para conseguirmos seguir vivendo “naturalmente”. Parece que nós, de uma classe mais abastada, precisamos usar de um dispositivo egóico psicossocial que nos protege. Algo da ajuda de um esquecimento, uma espécie de reconhecimento parcial da situação. Podemos sim nos sentir afetados, olhar e falar “que pena!”, “muito triste!”, talvez até falar do governo e botar a culpa em político, mas depois, seguimos, entramos na porra da farmácia, compramos os produtinhos dermatológicos e seguimos com a porra de nossas vidas com a capacidade escrota de esquecer o que vimos. Temos a ligeira habilidade de esquecer da pobreza, de tratar como uma desavença do destino na qual não temos um papel de responsabilidade. Mas aí uma dessas pessoas me perguntaria: “mas e aí, faz o quê?”, eu não sei, essa pergunta fica tinindo na minha cabeça, arranhando meu corpo, chega a cair uma lágrima, mas eu não sei o que, objetivamente, podemos fazer. A real é que não tem uma resposta simples pra essa pergunta, alguns vão insistir que precisamos igualar as condições e depois “laissez faire”, mas eu tenho uma pequena impressão de que não é por aí... Só sei que enquanto eu fico aqui discutindo o modelo político ideal, o menino tá lá com o dente dele doendo, tá lá, não tá na ideia não, tá na matéria, o dente roçando na carne.

Enquanto eu tô com meus produtos dermatológicos pra cuidar da minha pele, esse menino parecia que nem pele tinha, um corpo em carne viva exposto às intempéries das ruas, o foco de uma necropolítica que não cessa de se inscrever sob a superfície profunda dos corpos, um rótulo, um golpe, um veredito... Uma dor de dente, que não para de doer.

**(Texto 9)**

Insônia

Então, de repente, eu acordo. São três da manhã, um horário que não me sinto muito confortável para estar acordada e principalmente para levantar da cama. É a segunda vez que desperto essa noite. Mas estou com fome. Penso se continuo com fome ou a sacio. Resolvo comer. Pego meu celular, acendo a luz do corredor e ligo a lanterna do celular, então desço as escadas e acendo todas as luzes, com medo da escuridão e da solidão. Todos estão dormindo, inclusive minha cadela que geralmente levanta e corre atrás de mim quando eu apareço, estou sozinha, desejo algum barulho, mas quando o ouço sinto-me assustada. Pego algo de fácil alcance, como, penso na vida, ouço um barulho, desligo todas as luzes, e volto para o meu quarto o mais depressa possível.

Saciada, o sono se foi, meus pensamentos estão a mil, não consigo me concentrar, não consigo encontrar a parte gelada do travesseiro, não consigo sentir frio, não consigo adormecer. O tempo passa e eu estou aqui, sozinha, mantendo os olhos fechados, mas meu corpo está completamente desperto, meu cérebro parece que trabalha quatro vezes mais que o normal. Quando eu quase estou adormecendo surge um incômodo. Vem mais um pensamento. Então aqui estou eu mais uma vez com medo da escuridão. Com medo do que eu pudesse ver. Com medo do reflexo do espelho. Com medo da pouca luz, que vem do lado de fora, atravessa a janela e traz um pouco de claridade para o meu quarto. Com medo dos meus pensamentos. Estou sozinha, enquanto todos dormem, e eu apenas tento.

Passam alguns minutos, passo a virar de um lado para o outro. Desisto. Resolvo andar pelo meu quarto, o brilho que vem do exterior faz com que eu o note de um jeito que eu nunca notei antes, penso como o ambiente é bonito e agradável. Após horas, esse foi meu primeiro momento de paz, que assim como veio rápido, se foi rápido. Resolvo me deitar, tento dormir, mas só tento, meus pensamentos vêm à tona, entro em desespero, me sinto angustiada. Levanto, sento, fecho os olhos, respiro, inspiro, repito. Pego meu celular, procuro por sons da natureza, músicas de relaxamento profundo, e nada me ajuda. Volto a respirar e inspirar. Volto a dar voltas pelo meu quarto. Volto à cozinha, bebo uma água, e volto, respiro, inspiro, deito, finalmente adormeço.

Cinco e quinze, meu despertador toca. Acordo e me pergunto em que momento adormeci, ainda atordoada desligo o despertador e volto a dormir. Sou acordada por uma voz gritando e me avisando que já são seis e meia, me mandando levantar. Estou confusa, cansada, sem energia. Apenas desejo continuar ali, deitada. Não obedeco a voz, e fecho meus olhos, a voz surge novamente, desperto num susto, agora são seis e cinquenta. Estou atrasada.

São sete horas, meu horário é sete e meia. Ando como quem não tem compromisso, como quem não tem pressa. Sete e quarenta, e estou saindo de casa. Vou para o ponto de ônibus. Oito horas, e nada do ônibus aparecer, começo a ficar apreensiva. Mas não deu tempo do meu nervosismo se instalar, o ônibus apareceu. Subo no ônibus, sento na janela, pego meu fone de ouvido, e começo a observar a paisagem, noto locais, arvores, prédios que nunca vi antes, mesmo passando por aqui todos os dias, e estes vêm e vão assim como a rapidez que os notei. Meus olhos vão se fechando, mas não adormeço, apenas cochilo. Oito e quarenta, chego ao meu destino.

Passo o dia cansada, bebi três copos de café até voltar para casa. Então almocei e dormi.

Bem.... Eu merecia aquelas horas de sono. Mas, tudo se repete. Penso seriamente em tomar aquele calmante que está guardado na despensa. Mas fico apreensiva, então resolvo apenas manter meus olhos fechados. São onze e trinta da noite. Adormeço.

Então, de repente, eu acordo. São uma e quarenta da manhã. É a primeira vez que desperto essa noite. Me sinto totalmente desperta. Então finalmente resolvo tomar o calmante. Pego meu celular, acendo a luz do corredor e ligo a lanterna do celular, então desço as escadas e acendo todas as luzes, com medo da escuridão e da solidão. Todos estão dormindo, menos minha cadela, que vem às pressas atrás de mim. Me sinto mais segura. Vou até a despensa, pego o calmante, encho o copo de água, levo minhas mãos a boca e deposito o comprimido quase no final da minha língua, bebo a água, engulo o comprimido.

Minha cadela aparece ao meu lado e pede para sair, abro a porta, aguardo ela voltar, ela está demorando. Sinto novamente a solidão, fico com medo, ela está lá fora sozinha. Eu estou aqui dentro sozinha. Cinco minutos se passam e ela passa pela porta, me sinto aliviada, ela vem até mim e passa seu focinho molhado pelo meu pé esquerdo, e sai correndo até sua cama.

Encho mais uma vez o copo de água, desligo todas as luzes, e vou em direção ao meu quarto. Novamente meus pensamentos vêm à tona, sinto a solidão, sinto o medo, sinto a agonia. Respiro, inspiro, repito. Fecho meus olhos, mas de repente eles se abrem. Estou olhando para um ponto fixo, já é dia, não consigo tirar meus olhos desse lugar, mas porquê?

Há um silêncio familiar, um silêncio que eu não presenciava há um tempo, mas me trazia uma sensação de agonia, minha cabeça queria levantar, mas parecia que algo mais forte a estava segurando, assim como todo o meu corpo. Eu não conseguia me mover. Não conseguia falar ou gritar, e tudo que eu desejava era gritar. Mexia minha boca mais não saía som. Parecia que tudo estava ocorrendo ao meu redor. Mas eu estava invisível para o mundo. Eu tentei me mexer, eu tentei gritar. Até que finalmente alguém me notou, uma jovem, totalmente coberta por um lenço branco. Tive uma sensação de paz, de que eu finalmente seria resgatada. A jovem se aproximou, e retirou o lenço de seu rosto, eu não conseguia olhar diretamente para ela, mas notei que não era uma jovem e sim uma criatura com feições assustadoras, que passou a gritar em um tom perturbador, e eu só queria gritar e fugir, mas não consigo, o que faço? Estou presa.

Desperto. Estou com os batimentos a mil. Não consigo discernir se o que acabou de ocorrer foi apenas um sonho ou realidade. Foi tudo tão real. Não consigo mais dormir, são cinco da manhã, faltam quinze minutos para o meu despertador tocar. Sigo a minha rotina, passo o dia cansada. Passo o dia acordada a base de café. É noite, novamente. Fecho os olhos.

Então, de repente, eu acordo. São quatro da manhã. É a terceira vez que desperto essa noite.

**(Texto 10)**

(Re)começo

Me pego encarando os meus olhos no espelho

E por um tempo

Penso

Essa sou eu?

E por um momento

Não me reconheço.

Mas me pergunto

Me conheço pra ter me desconhecido?

Sou querendo não ser

E não sendo querendo ser

Inconstante feito a maré de esquina.

Sendo abraçada pelo trago como jeito de escapar

Do meu fracasso diário

Perdendo o brilho dos olhos

E o prazer das pequenas coisas.

Esperanças que se foram

Nenhuma visão do futuro a minha frente

Escassa de gosto

Cor

E luz.

Apagada por mim mesma

Sem fazer questão da presença sentenciada.

Sem necessidade da vida

E com o destino silencioso.

Vagando os dias como nada  
Buscando sentido na respiração  
Fugindo do pensamento

Transparecendo paz  
Vivendo o parar de um coração.  
Ir mas ficando  
E ficar mas indo.  
Presa na liberdade de escolha  
Brincadeira de criança para decisão.  
Enjoo de mim  
Tontura dos dias  
Febre de partir  
Abraço de sentir  
Beijo de solidão  
Cochilo de cansaço.  
Paraíso e pesadelo num só ser  
Todo o mundo dentro do peito por um segundo.

Quero me fazer um bom lar pra existir  
Me amar pra viver  
Me achar pra me perder  
Me encher pra transbordar  
E descansar pra dançar. (A. P.)

## (Texto 11)

Estou aqui dentro de um escritório, esperando o dia passar. Chega caixa atrás de caixa que tenho que organizar em ordem alfabética e depois passar para o computador. Todo dia a mesma coisa... Entretanto, eu escolhi fazer isso, entre todos os empregos do mundo foi esse que escolhi, ou pelo menos, foi o único que eu consegui. Eu preciso de um emprego, pois assim consigo fazer o que eu quero como, comprar meu celular, pagar minhas contas, ir para shows, sem meus pais enchendo meu saco do que eu posso ou não fazer. Sou um adulto agora, porque pago minhas contas e dessa forma estou livre. Penso que com o dinheiro, que finalmente você obtêm a real liberdade, de escolher o quer fazer e quer ser. Porém, estou trabalhando numa coisa que não gosto e chego a casa quase oito horas da noite e só o que eu quero fazer é dormir. Eu tinha muitos planos quando era jovem, queria tudo. Só que o tempo foi passando e eu acabei não fazendo nada, pulava de uma faculdade para outra, nunca terminava um curso, até que com meus 25 anos meu pai se cansou de me sustentar, ou eu cansei de aguentar suas ordens. Foi ai que sai de casa e resolvi ser livre.

Mas o que é liberdade? Pensei que com dinheiro seria realmente livre, mas o que eu mais sinto é uma pressão enorme em cima de mim e fico preso a responsabilidades, contas, IPTU, IPVA etc. Depois, de uma reflexão percebi que sendo responsável de mim financeiramente eu fico mais preso ainda. Quero saber, quando ganharei minha liberdade? Essa que eu tanto sonho... A título de curiosidade que estava na minha mente fui buscar o que era liberdade na internet, e achei isso no site de Significados1: Liberdade significa o direito de agir segundo o seu livre arbítrio, de acordo com a própria vontade, desde que não prejudique outra pessoa, é a sensação de estar livre e não depender de ninguém. Então... Ok... Eu quero agir por minha própria vontade, fazer tudo que eu quero, mas não dá! Eu não tenho tempo suficiente, porque eu pisco e meu dia terminou, ou simplesmente eu não tenho a quantidade de dinheiro que preciso, mesmo trabalhando o dia inteiro. Sendo que, supostamente não “dependendo de ninguém”. Que frustração.

Teve uma época que eu vi o filme Sociedade dos poetas mortos e caramba mudou minha vida nesse ano, eu ativei o *Carpe Diem* na minha vida. Só vivia dia após dia,

aproveitando ele intensamente como se fosse o último da minha vida. Quando eu estava curtindo foi ótimo, aproveitava muito, mas não foi tão bom assim quando recebi as contas no meu cartão de crédito, das minhas curtidas. Ralei um bocado para pagar as contas, me enchi de dívida em cima de dívida, mas depois de um tempo consegui pagar tudo. Caramba, viver o dia intensamente não dá certo não, pelo menos pro meu bolso não dá. De duas uma, ou eu não entendi esse filme direito ou não dá certo seguir esse lema.

Cadê a minha liberdade, eu pergunto? Pensei que quando virasse adulto seria livre, porém percebi que não sou...

O que me resta é apenas seguir minha vida e esperar que minha liberdade chegue um dia.

**(Texto 12)**

Brinquedos brincam de criar até parar de funcionar

Eu sou um brinquedo numa linha de montagem caótica para um natal que não vem e como ele não vem, caso um dia eu seja ‘terminado’ continuarei aqui ...sendo assim o que eu vou fazer ..talvez meus produtores saibam essa resposta.

Alguns de meus produtores sabem o que querem produzir, outros só aparecem de vez em quando e saem depois de acrescentar uma nova luz ou um novo membro a minha forma disforme ,enquanto tentam fazer dela algo que se forme, algo que se constitua , algo que se mantenha em pé, talvez eles devessem ter êxito em suas tarefas, sendo eles mesmos brinquedos que se aparentemente conseguem manter se eretos na fábrica com orgulho... ou rigidez de sua própria montagem.

Esses brinquedos me produzem, outros brinquedos os produziram e os “consertaram”, essa é nossa vida, a minha a do meu pai, do meu avô e de todos que vieram antes, a fábrica muda, ela de fato muda, ninguém lembra quem foram os primeiros a fazer essa fábrica, talvez tenham sido somente peças que se juntaram para dar forma, talvez essa tenha sido a primeira fábrica, a primeira fábrica sofreu mudanças pelos brinquedos produzidos dentro dela, e a fabrica que a sucedeu também sofreu mudanças, reformas e atualizações por assim dizer dos seus brinquedos por assim se foi criando até onde estou.

Será que nós nascemos pela fábrica? Não deveria ser a fábrica que nasceu para nos criar? Nós continuamos a produzir brinquedos até não podermos mais, até nossas engrenagens pararem de rodar, e quando vemos a linha continua, com brinquedos feitos por nós mesmos e pelo caos dessa fábrica, temos brinquedos que de fato fogem da linha principal de montagem seja por seus defeitos, seja por algum incidente na maquinaria da fábrica, ou até por alguma tentativa de correr da fábrica para algum outro algo, mas não se muda muito, eles costumam usar o canto da dela para montar suas próprias linhas de produção, ou a vêem parar de funcionar cedo demais, aqueles que fogem da fábrica não demoram muito e criam suas próprias para ajudar outros a fugirem ‘da fábrica’, será que adiantou de algo?

Eu não escolhi minha fábrica, não escolhi a maioria das minhas peças, e as poucas engrenagens que eu escolhi me foram apresentadas, como posso ser eu um brinquedo meu, não basta escrever meu nome no pé, meu nome também me foi algo dado pelos meus produtores, eu sou um brinquedo sim e eu devo ser um brinquedo, minha única saída é aprender a brincar e me divertir brincando ate parar de funcionar. (Z.C.)

**(Texto 13)**

Modernidade líquida, ser humano profundo

E então ele acordava todos os dias, antes mesmo do Sol nascer, a primeira coisa que ele fazia era pôr a água para ferver, o que eu vou fazer hoje? Agora, preciso tomar um banho, escovar os dentes e ir para o trabalho. 6 da manhã, ônibus, naquele curto espaço de tempo me pergunto: Como pude perdê-la? Tenho que trabalhar, um lar não se sustenta sozinho. A loja está movimentada hoje, o dia parece ter uma cara nova, sinto que tem algo de diferente...

- Precisam de você no caixa 2

- Prontamente...

Acho que outra pessoa poderia ter resolvido isso, mas fui eu, quem sou eu, aliás? Bem, não importa, chegou a hora do almoço. Isso, frango, arroz, feijão, certo, mas o que vou fazer sexta à noite? Seria bom ir a algum lugar com ela, mas ela não está mais aqui então pode ser qualquer uma, conhecer pessoas é sempre bom, mas, quem é qualquer uma? Acabou o almoço, preciso terminar o expediente. Enfim, acabou, hora de voltar para casa, enfim, liberdade, sim, liberdade.

Enfim cheguei em casa, as luzes estão apagadas, os cômodos estão vazios, acho que vou tomar um café e assistir uma televisão. Quem eu queria ser quando crescesse? Eu lembro bem, já quis ser um jogador de futebol, já quis ser um astronauta, já quis ser... espera, já são 23hrs? Preciso dormir, amanhã eu acordo cedo, preciso acordar cedo para ganhar o mundo.

E então ele acordava todos os dias, antes mesmo do sol nascer, a primeira coisa que ele fazia era pôr a água para ferver, o que vou fazer hoje?

**(Texto 14)**

O que você quer ser quando crescer?

“O que você quer ser quando crescer?” Lembro-me da primeira vez que escutei essa pergunta. Estava sentado no tapete da sala esperando Nina, minha cachorra, dar à luz a sua primeira ninhada de crias. Sempre gostei de Nina, meus pais diziam que ela cresceu comigo. Adotaram-na uma semana depois do meu nascimento. Após seis anos desse feito, a cadela aparece na porta da nossa casa, depois de ficar quase dois dias fora, prenha. Depois do parto, lembro-me que gostava de imaginar de como eu tinha ajudado bastante na sua realização. Foi quando obtive minha primeira resposta. “Quero ser veterinário, papai”, e lembro-me muito bem da resposta dele: “Filho, seja médico de gente, não de animal.”

“O que você quer ser quando crescer?” Nossa, fazia algum tempo que não me perguntavam isso. “como assim, quando eu crescer? Já tenho 10 anos, já sou grande!” Recordo muito bem da minha birra após essa pergunta. Na época me parecia constrangedor. Oras, admitir que queria ser bailarino, sendo um menino, era vergonhoso, não queria que ninguém soubesse. Essa paixão pela dança surgiu após a visita de um bailarino na minha sala de aula. Ele convidou a sala inteira para participar de uma aula prática. Quase todas as meninas aceitaram, eu, pelo contrário, me deixei levar pelas palavras de meus colegas: “Argh, ballet é coisa de menina”. Sim, na época deixei-me pensar assim também.

“O que você quer ser quando crescer?” Se me lembro bem, a pergunta nessa época era outra: “O que você quer cursar?”. Que coisa, não? Mal tinha acabado o ensino médio e já me perguntavam isso. Não davam espaço para respirar, pensar, relaxar. Eu tinha 17 anos, o que poderia acontecer? Bem, aconteceu. Minha primeira briga feia com meus pais. Não me lembro bem, eles estavam me pressionando muito em relação ao rumo da minha vida. Você deve cursar isso, você deve cursar aquilo. O que tem demais em ser médico? Ou advogado? O que eu vou fazer sendo engenheiro!? Não entendia a obsessão deles nesses três cursos específicos. Eram todos chatos demais, monótonos demais. Para que eu fui pensar assim? No outro dia meu pai bateu na porta do meu quarto dizendo que tinha achado um emprego para

mim. No momento achei que ele estivesse brincando, mas não, ele tinha arranjado mesmo. Caixa de supermercado, era isso ou era isso, na visão do meu pai: “Não quer estudar, vai trabalhar. Você precisa aprender a viver no mundo adulto, filho. Não é mais uma criança agora.”

“ O que você quer ser quando crescer?” Bom, eu cresci. E ainda não sei o que quero ser. Alias, nunca soube. Eles sempre responderam isso por mim. Seja isso, seja aquilo. Curse isso, curse aquilo. É hilário como eles perguntam e prontamente ignoram a sua resposta. Mas, agora eu sei o porquê das respostas, sei o porquê de ser “médico de gente”, sei o porquê dos cursos privilegiados. Por que eles prevalecem no mundo adulto, eles te dão um nome, te dão um título, te dão um lugar no topo. Eu falo isso por que cheguei no topo. Desisti de tentar ser alguma coisa, apenas fiz o que me disseram. Ganhei um nome, ganhei um título, ganhei um lugar. Prevaleci. E nesse momento, olhando para o meu filho de cinco anos, não resisto em perguntar: “O que você quer ser quando crescer?”

**(Texto 15)**

E que nunca chegue.

Existem pessoas que, por mais que pareçam felizes e plenas, com as vidas garantidas e alegrias intermináveis, estão prestes a desmoronar, se apoiando em bases tão frágeis, como pedras em um saco de papel. Mesmo assim, elas resistem bravamente, segurando-se com todas as suas forças no presente, mesmo que não exista mais, na vista delas, um futuro.

Aquele riso tão forte e tão bonito tentava o seu melhor para esconder o cansaço das noites mal dormidas pelo medo de ouvir os barulhos que o assustava tanto, mas os olhos exibiam as olheiras consequentes dessas noites insones. A forma convencida de falar das vitórias e dos feitos mirabolantes, sempre explicadas detalhadamente e repetidas vezes seguidas não eram um disfarce para mim, mas para ele mesmo, ele precisava disso, e eu, calmamente, apenas escutava, mesmo vendo, não com os olhos, como todas aquelas aventuras incríveis haviam deixado cicatrizes que continuavam sangrando, só que por dentro.

Só ouvia, aplaudia e elogiava. Aquela alegria egocêntrica, de certa forma, era o meu saco de papel. Todas aquelas histórias engraçadas serviam para mim como base e como alívio das minhas próprias pedras. Era, para mim, um exemplo de força e perseverança, como uma pessoa em chagas ainda conseguia rir e comemorar todos os dias de algo novo, por menor que fosse, desde uma gratificação no trabalho ao penteado que havia ficado perfeito? Só uma coisa era certa, ele gostava de falar e eu, de ouvir, e era assim que gastávamos nossas horas do dia, das duas as três da tarde, todos os dias.

Contudo, às vezes, só poucas vezes, tão poucas que podem ser contadas nos dedos de uma só mão, aquele riso se ausentava e dava lugar a um sorriso amarelo, de canto. Deitava e olhava para cima. Nesses dias as velhas histórias de como havia, brilhantemente, ganhado uma discussão com um colega de trabalho ou como tinha sido bem-sucedido ao fugir de um cão de guarda durante uma viagem que fez com os amigos ao interior davam lugar a um suspiro pesado ou, em vezes mais raras ainda, vinham em forma de um lamento pesaroso pelos problemas com seus próprios pensamentos, uma desesperança profunda com a situação em casa, uma decepção com a própria carreira.

Na última vez que nos encontramos, veio uma confissão, por um completo acidente: ele havia decidido que não dava mais. Definiu um limite em sua própria história, uma data marcada na agenda como se fosse uma reunião de trabalho ou um *happy hour* com os amigos. Acho que o meu rosto não é tão bom em disfarces, já que ele logo completou com um “não por agora, ainda vai demorar um tempo” seguido de um abraço pesado, uma despedida dolorosa.

Nunca mais ouvi aqueles feitos gloriosos, aquela risada forte e convencida, muito menos o olhar perdido e o sorriso de canto que contava lamurias e confessava medos. Acho que nos assustamos com o peso daquele abraço. No primeiro dia em que não o vi no local que sempre nos encontrávamos, meu peito gelou e o coração deu um palpitar pesado, mas minutos, que pareceram horas, eu o vi passar bem longe, sentindo um alívio inédito.

Ainda tinha esperanças.

Eu ainda o vejo, de longe, pela janela mesmo, mesmo que ele não me veja, só para conferir se ainda há mais um dia.

E, à noite, eu espero que o limite se expanda mais um pouco, e torço para vê-lo no dia seguinte.

Só mais um dia.

Todos os dias.

**(Texto 16)**

Sem tempo

Estou sem tempo. Não, eu não estou doente. Só sem tempo. E só me dei conta disso, porque num breve descuido de tempo, eu parei. Parei para sentir como é respirar, como é andar, como é ser devagar. Coisas que loucamente eu não lembrava, ou nunca pude fazer. Mas agora, preciso voltar e percebi que estou sem tempo.

De uma forma bem devagar, sem qualquer um reparar, pela primeira vez fiquei muda e atenta a tudo e todos. Observei a briga sobre partidos políticos, os gritos dizendo que o país não tem mais jeito, que só têm bandidos e corruptos. Observei falarem da pobreza, que era tudo culpa do governo ou porque o cara era vagabundo e não queria saber de trabalho. Observei falarem da falta de educação dos brasileiros no trânsito e achei graça de como ninguém se incluía no título “brasileiros”. Observei como tantas pessoas diziam “eu sou leiga nisso”, mas criticavam e julgavam o assunto como se não fossem. Observei como viam o jornal e diziam que se sentiam mal ao ver tanta miséria, mas nem olhavam para o mendigo na esquina. Observei que opinavam tanto sobre tudo a ponto de nem repararem o quanto que eu estava longe dali. Observei tanta coisa. Tanta coisa que todo dia acontece na minha frente, mas pela primeira vez eu observei. Pela primeira vez eu vi.

Pela primeira vez eu vi que o menino que pede dinheiro no sinal tinha os olhos verdes. Pela primeira vez eu vi que o porteiro do meu prédio tinha um sorriso tão grande que chega até a abraçar a gente. Pela primeira vez eu vi que há flores na minha varanda. Pela primeira vez eu vi que as notícias do jornal sobre mortes e enchentes são reais, que acontecem com pessoas de verdade, como eu. Pela primeira vez eu me choquei com uma tragédia. Pela primeira vez fiquei sem palavras, porque eu não as tinha. Não tinha o que falar. Pela primeira vez fiquei muda e sozinha dentro de mim, pela primeira vez senti algo forte ao ver o sofrimento dos outros. E enquanto me via mudando, me vi com medo.

Eu não quero sentir, não quero conhecer os outros e sofrer com eles. Na minha vida já havia confusão demais, agora isso? Agora me tocam pessoas que nem se quer conheço? Agora quero saber o nome do morador de rua? Agora choro e fico angustiada ao lidar com mortes?

Basta! Eu não preciso disso. O que faço agora? Quer saber? Eu vou viver depressa, vou fechar os olhos, vou falar tanto que só vou ouvir minha própria voz, vou me importar apenas em ser pontual no trabalho e com a cerveja com os amigos dia de Quarta-feira. E quando houver os meus piores dias e eu me questionar se sou uma pessoa boa, vou me convencer que sim. Afinal, nunca roubei, nunca matei, pago todos os impostos em dia e ainda dou roupas para orfanatos todo Natal. Eu faço minha parte tá legal? Eu contribuo. A obrigação de ajudar é do governo. Não tenho nada a ver com isso, entendeu? As pessoas que trabalhem como eu para conseguir uma vida boa. Eu lutei por isso, mereço estar aqui e não posso perder tempo me importando com os outros. Já tenho a minha vida para cuidar e isso me basta. (K.G.)

**(Texto 17)**

Autoficção 3

5 horas da manhã! Acorda! Banho! Sem tempo para o café! Corre, vai perder o ônibus! Escova o dentes na faculdade! Primeira aula as 7horas! Já são 6:10! Cadê o ônibus? Entro no ônibus, finalmente o momento da música! Relaxa, vai dar tempo! Metro! Revisar a apresentação do seminário! Chega de música! Próxima estação, Brotas, fim da revisão! “CCR metro Bahia agradece a sua visita”! Só mais um ônibus, corre, vai dar tempo! Engarrafamento! Esqueci a marmitta em cima da mesa! Almoço quando chegar em casa! 7:00! A aula já vai começar! Próxima parada, desce! Corre, três lances de escada! Respira fundo, bebe água! Entra na sala! [...]

Encosta na cadeira! Coração batendo forte demais! Respira! Nó na garganta! Trapézio tensionado! Embrulho na barriga! Ânsia de vômito! De novo não, ansiedade! Respira! É só uma apresentação! É só uma prova! É só uma entrevista de estágio mais tarde! É só finalizar os trabalhos de segunda feira! É só... vai dar tudo certo! Tudo sob controle! Ou não! Respira! Para![...]

- “Lisa! Oooi, está acordada?”

Ouçõ uma voz distante chamando meu nome e quando me dou conta já está na hora da apresentação.

Me perco nos pensamentos, me aprisiono nas muitas demandas, não lembro a última vez que fui à praia.

Mesa de madeira, 40x1,60, parede branca, local no qual permaneço por cerca de 35 horas de segunda a sexta. Faculdade? Mais 36 horas. Total, 71 horas e não vou contar os finais de semana, ou as noites perdidas.

Para! A apresentação vai começar! (R.F.)

**(Texto 18)**

Era uma vez

Era uma vez uma menina, era uma vez uma criança, uma criança que não sabia se era branca ou preta, porque se achava preta demais para ser branca, mas não se sentia preta o suficiente para se chamar de preta.

Era uma vez uma menina, que tinha o cabelo cheio de “molinhas” como gostava de chamar, ou cachinhos.

Era uma vez uma criança que sonhava em ter a “curvinha” do rabo de cavalo da polly, que sempre quis ser a barbie numa época em que só se existiam barbies loiras, e no máximo uma barbie “moreninha” com o cabelo castanho, mas que nunca foi tão legal e importante quanto a barbie loira.

Era uma vez uma menina, uma criança, que no auge dos seus 8 aninhos descobriu o amar.

Era uma vez, uma cartinha enviada.

E era uma vez uma cartinha enviada de volta dizendo:

“Se você fosse mais clarinha a gente poderia namorar”.

Era uma vez, era uma vez uma menina que usava suas borrachas para tentar “apagar sua cor”.

Será que assim vou ficar mais clara?

Era uma vez, uma menina que sempre se esforçava para ser a mais arrumada de todos lugares, não por vaidade, mas por que todas as meninas brancas e do cabelo liso pareciam sempre mais arrumadas, seja de moletom, e cabelo preso ou vestido.

Era uma vez, a sensação de se sentir sempre desarrumada ou se sentir “suja” perto de meninas brancas, mesmo esfregando tanto a esponja do banho a ponto de quase se arranhar e ficar vermelha.

Era uma vez, uma menina que começou a ter vergonha de usar batom que amava porque uma vez escutou que para cobrir o lábio inteiro precisaria de dois frascos de batom.

Era uma vez, o início do costume na infância até a adolescência de prender a boca o dia inteiro para parecer ter a boca menor.

Era uma vez, uma menina que não tinha com quem compartilhar tudo isso.

Afinal como esperar de amigas brancas que elas entendam o que é sentir isso?

Era uma vez, duas, três, quatro e milhares de vezes.

Era uma vez, mulheres pretas ou pardas, ou que não sabem onde se encaixar entre pretas e pardas.

Era uma vez, Maria, Ana, Luisa, Eduarda, Olívia, Júlia, Isabela, Manuela.

Era uma vez, Kassandra.

**(Texto 19)**

Nesse espaço que é nosso, ousou me apresentar: sou uma mulher, preta, cis, graduanda em Psicologia numa faculdade privada na cidade de Salvador. Sou, fui, serei, estou, estarei. Onde? perambulando pelos tempos, pelas minhas linhas de fuga. Abraçando os meus, em comunhão com meus ancestrais.

Abro esse espaço também compartilhando uma grande dor: a dor de não ser, parecer não existir, desumanamente não poder escolher. Por tanto tempo queimou, ardeu, machucou ter olhos brancos que nos desfazem, exercem um lugar de poder e tiram a possibilidade de nos sentirmos vivos, pulsantes. Olhos dominadores e aniquiladores que não querem nos conhecer, nos enxergar, distanciam e repudiam nossa forma de existir. Esses olhos estão em todos os lugares, se esforçando para tirar-nos de todos os lugares e um deles, é a universidade. Não nos querem. E se nos querem é para violentamente roubar-nos, usar-nos, tornar-nos objetos para que seus estudos ganhem nomes sobre nossos corpos tidos como inúteis, descartados. Roubam nossas histórias, as quais viram enfeites, um ponto de vista outro. Se nos querem é para vitrinizar uma história exótica, do preto primitivo, do preto que não é um “erudito”, do preto que é Outro, aflito, história roubada e contada na voz da boa gente branca.

Os olhos brancos lacrimejam se uma preta ocupa seu espaço. O que os olhos brancos fazem? A inferioriza. Ai preta, você só vai ser gente se fizer um esforço para ser que nem eles, estude, se comporte, se cale, se aquiete, se ajuste, não seja você, seja como eles para que, quem sabe, talvez, você chegue lá. E onde é lá? A preta sente ser inalcançável, impossível, não mais almeja tentar. É o que eles querem que seja. Eu sou essa preta. A preta que pisou na faculdade e procurou pelos seus.

Euforia. Os primeiros dias na faculdade despertaram turbilhões. Uma preta curiosa, ai ai ai como eu era. Vontade. Eu desejava o mundo. Pensava grande. Quem ali eu seria? Possibilidade de refazer-me. Reencontro. Fisguei outra eu, mas rapidamente, entristeci. Meus olhos procuravam angustiados outros de mim. Gatos pingados. Nos dedos contados. Onde estavam? Por que não ali? Relações desiguais de poder, cruel exposição racial. Entendia, então, tamanha angústia da minha mãe, preocupação em deixar-me ir ao mundo que tanto silencia os meus. Saudei minha mãe e desejei honrar as suas palavras.

Dói ter que dar sempre mais, correr atrás, por ser uma mulher de cor. Correr atrás não para compreender quem sou, mas para ser como eles, como querem os olhares brancos, como não me querem. Em lugar nenhum! Olhos brancos que atacam nossos corpos, insistem em nos dizer que estamos “fora do lugar”. É um sonho distante pertencer. Encontram mecanismos para marcar nossa pele e fazer de tudo para voltarmos e permanecermos nas margens, no “nosso (não) lugar”, quietas, fora da academia. Se chegarmos “lá”, esses mecanismos violentos fazem ser difícil ficar.

Temem o nosso grito de luta, a nossa realidade, temem que incorporem nossa experiência, que nosso discurso de luta e dor ganhem vida. Questiono-me com Grada Kilomba, em “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” (2020), como eu, mulher negra, posso produzir conhecimento, em espaços que, sistematicamente, constroem os discursos de intelectuais negras/os como menos válidos.

Discursos, fortes discursos, palavras que descrevem nossa realidade, que fazem nossas histórias se cruzarem, que nos fazem produzir sentido. Saberes que falam das nossas vidas, trajetórias de resistência, luta e sobrevivência da comunidade preta, escapam da ordem eurocêntrica, se chocam com o erudito, vão de encontro ao dito conhecimento legítimo, válido e universal. A vida preta emana saber. A voz da mulher preta na universidade é conhecimento. Conhecimento rico a ser contado pela voz preta, que escolhe, nomeia a si, define, autodenomina, concretiza a vida e a humanidade preta, sobrevive, preserva o povo, cuida e lança olhares de amor genuíno, respeito, honra, irmandade e, assim, derruba a mania de grandeza dos olhares brancos que nos fazem ausências. Somos presenças, experiências, vidas que gritam a sede de ser.

(...)

Uma vez, na faculdade, estava no banheiro com uma colega branca, e fomos surpreendidas por uma professora branca que se direcionou a mim tecendo elogios, afirmando como eu estava bonita. No mesmo dia, momentos depois, enquanto descíamos as escadas, um professor branco nos alcançou e me perguntou se eu iria participar de um evento que estava sendo organizado, demonstrando o quanto queria que eu estivesse presente. Minha colega branca, em seguida, impressionou-se, dizendo o quanto eu era querida e reconhecida pelos professores. Confesso, fiquei sem muitas reações.

Estávamos nas semanas iniciais na faculdade, conhecendo as coisas, conquistando espaços, explorando territórios, curiosas com tudo o que a faculdade podia nos oferecer.

Antes de dar continuidade, retornarei brevemente ao meu primeiro dia de aula, momento no qual, como já trouxe no início da carta, angustiei-me à procura dos meus.

Nesse dia, estava muito feliz, refletindo sobre a nova etapa. Enquanto a professora dava aula, aquecia as discussões para serem trazidas pelos alunos, eu ainda observava, (in)quieta, todos os cantos da sala, a cara gente branca que preenchia os espaços, a disposição das cadeiras, as vozes, os tons, os laços que já estavam sendo formados... Lembro que, nesse momento, voltei a mim, perguntava-me quem ali eu gostaria de ser, quem eu poderia ser. Recordei bem, das palavras da minha mãe, na minha primeira grande mudança de escola, quando saí da minha pequena comunidade na Praia do Forte, onde todo mundo era gente, gente que se (re)conhecia, gente que se gostava, gente que se entendia, cuidava e protegia, para uma grande escola em Vilas do Atlântico. Agora era uma escola grande, minha mãe dizia, pessoas desconhecidas, de todas as (real)idades. Hoje, sei bem, ela temia a branquitude, as “boas vidas” de Vilas do Atlântico, onde nem todo mundo pode ser gente, onde tem gente que não se (re)conhece, não se entende, não se protege. Seu medo era de que eu não me encontrasse enquanto menina preta num mundo de tantas artimanhas para que eu não me encaixe. Minha mãe então falou copiosa e firmemente, para que eu sempre desse o meu melhor, mil vezes o meu melhor, continuasse a gostar dos estudos, me esforçar. Ali, naquela sala, questionando-me quem queria ser, encontrei respostas, desejei honrar as palavras da minha mãe. A partir dali, levantei a mão para falar e nunca mais parei. Respondi a minha pergunta, ali não resignaria, consentiria, silenciaria. Ali escolhi a minha voz.

Retornando a história, entendi que aqueles dois acontecimentos seguidos, que aparentavam ser nada demais, muito falaram para mim e para minha amiga branca também, que na voz parecia pedir a receita mágica para ter esse encanto dos professores. A receita mágica não é tão mágica assim, ela fala de ter duramente que dar o seu melhor, fazer sempre mais, correr atrás do que correm ainda mais para tirar de mim, por ser uma mulher de cor.

(...)

Doeu por muito tempo não enxergar o que acontecia.

Mas agora estou pronta.

Apreendi a não ter medo.

Hoje quero falar.

Falar é um ato de libertação e autonomia para a nossa comunidade preta.

Tornamo-nos pretas todos os dias

Travando lutas com nós mesmas e com o mundo que tanto pertence ao branco

Refazendo

Reconhecendo e,

cotidianamente nos despindo das imagens tão cristalizadas sobre quem somos

Caminhamos cada dia

Cada vez mais perto de enlaçar-nos a nossa identidade histórico-existencial

Ganhando força, sendo vida, sendo existência e experiência.

(Texto 20)

A vida é um sopro

B. S., 19 anos, mulher, preta.

A vida é um sopro independente do lado em que se olhe o primeiro sopro de um bebê, pode ser o seu último, um grande começo de toda uma vida, ou a morte de uma genitora que dá seu último suspiro em um sopro.

Eu mesma enquanto mulher, enquanto negra, vejo e percebo o mundo percebo o mundo em diversos aspectos, em dias de Sol, chuvosos, nublados e dias sem gosto. Em dias cinza, enquanto o assédio é constante e conflitante, ainda pode ser um sopro para tirar a vida, mas não!! Não a daqueles que a minha pessoa assedia, a minha. Até por que né, quem mandou sair com essa roupa. Mas não é o machismo, deixemos isso à parte então. Falemos então sobre a solidão. “Do latim *solitas*, a solidão é a falta de companhia. Essa falta (ou carência) pode ser voluntária (quando a pessoa decide estar sozinha) ou involuntária (quando o sujeito se encontra sozinho por circunstâncias diversas da vida)”, mas quem não sente a solidão? É a falta de algo que tivemos? Ou que não tivemos? Mas e a falta de algo que temos a consciência que talvez não possamos ter?

Eu entendo a solidão da mulher **negra**, e para além que começa muito antes, onde quando criança existe a segregação, existe a segregação, eu vi a segregação, e então em um sopro foi tudo mascarado e abafado. Mas não falemos mais sobre solidão, esse assunto causa exaustão. Do que falaremos então? Que tal da tão falada apropriação? NÃO É APROPRIAÇÃO, É ALGO BOM VENDER ESSA CULTURA, DÁ ESPAÇO, E REPRESENTA? A mim? A mim mesma não. Não há representação, é algo que do meu sangue descende, e ainda em sensação de colonização é tomando e me matando, e me deixando o último sopro da vida, para a vida, para a morte. Mas para quê? A idéia de perfeição remeta a paz, que para mim, nada mais é do que uma ilusão. “Já disse, não quero, não vou a nenhum passeio, a nenhuma passeata, não saio, não movo uma palha nem morta, nem que a paz venha aqui bater na minha porta, eu não abro, eu não deixo entrar. A paz está proibida! Proibida. A paz só aparece nessas horas em que a guerra é transferida, agora é que a cidade se organiza? Pra salvar a pele de quem? A minha que não é. Rezar nesse inferno eu já rezo, amém, eu é que

não vou acompanhar andor de ninguém, não vou...”. Poeta: Naruna, em outro dia estava em meio as crises e lutas refletindo, para quê e para quem, eu ainda dou esse suspiro? Esse sopro que forço para dentro dos meus pulmões, que mesmo sem querer, me obrigo a obedecer.

Então por esse sopro, eu me desfaço, me despedaço, mas ainda respiro.

(Texto 21)

## QUE BARULHO A BOLHA FAZ

Vivo dentro de uma bolha, nela toca jazz, pop e rock.  
A minha bolha tem som de risada, de TV ligada, vídeo de artista e  
“plim” do insta.

Não existe mais nada lá fora, pelo menos eu não escuto.  
As paredes da minha bolha são bem fortes, sou eu mesma que  
construo.

BOOM

Estouraram minha bolha.

Uma bala perdida tirou mais uma vida, mas porque isso deveria  
mudar o meu dia.

No meu bairro isso não vai acontecer, colocaram polícia em todas  
as esquinas.

Insegurança

A gente tem que se proteger.

PÁ

Estouraram minha bolha.

Mais uma família virou estatística, foi morta ao tomarem suas  
terras, os indígenas.

Me causa desconforto, não quero mais ver notícias de quem está  
morto.

Bem, agora já era, vou voltar a rolar a tela.

Vivo dentro de uma bolha.

Não me importa tanto o que se passa lá fora.

Minha bolha tem um som de notificação, mas cuidado se prestar  
bem atenção

POW

Estouram sua bolha. (J.E.)

(Texto 22)

ALGO A DIZER

Eu tenho algo a dizer. Não sei como começar, estou no meio, no fim e voltando para o começo quase que num mesmo instante, desafiando as leis da física - vários corpos estão ocupando o mesmo lugar no meu espaço *mental*. Mas eu tenho algo a dizer, muito embora já tenha sido dito de outras maneiras, porque o mundo existe há muito tempo, e eu há pouco. Mas do pouco que vivi, tenho algo a dizer de tudo que ouvi, vi e senti. Tenho algo a dizer e o que será novidade não é a notícia, o conteúdo, é o arranjo. É o meu jeito de dizer. Eu tenho muito a dizer, tenho medo de que não consiga alcançar meu arranjo ideal, tenho medo de que isso seja só mais um material, coisa banal. É clichê, mas não é sem importância, pelo menos não para mim e acredito que para muitas pessoas, porque é matéria de vida. Vida é clichê porque é circular, é *fascia* e faiscante, escapole, se bole. Mas eu quero falar.

Ontem eu morri, de novo. A angústia me enlaçou, o medo se apoderou, meu coração gelou, a garganta secou e vários bolos massudos estavam espalhados em meu corpo. Engasguei-me com a dor, ela não conseguia sair e eu não pude respirar. Doeu, de novo. Eu me irritei, queria acabar comigo, me destruir de tanta raiva por ainda haver resquícios daquilo que eu nem sei o que foi. Noites de lua cheia, sempre tansbordantes, usurpam meu sono, nem sempre por bons motivos.

Acordei de um pesadelo, fiquei com medo de voltar a dormir, a angústia invadiu até meu mundo onírico, com requintes de crueldade. Pulei da cama, ilha macabra, não mais esconderijo inconsciente. Minha mãe estava ouvindo uma missa de Padre Fábio de Melo. O cara é bom, fiquei inspirada a voltar pro TCC - feroz, alegre, ávida! Tenho o que dizer, Fábio Giorgio, tenho o que dizer! E o Sol vai engolir a Terra.

Sabendo que o Sol vai engolir a Terra, não esgote minha atenção à ameaça do fim dos tempos, dizem os cientistas que isso ocorrerá daqui a 5 trilhões de anos. Mas imaginando que o Sol - estrela majestosa, autossuficiente, combustível de vida para a Terra - se extinguirá, dou risada da minha pequenez. Grandes ou pequenos, iremos acabar. "A gente é feito pra acabar e isso nunca vai ter fim", não sabemos como chegamos, como tudo começou, nem como iremos terminar. Só sei que estou a caminhar e nessa parte do caminho, sou obrigada a lidar com

algumas mortes, ainda que não estelares - diante da minha pequenez, são robustas. Não posso aproveitar minhas minúsculas (comparadas ao Cosmos) infinitas (comparadas a intensidade da vida humana) gotas de vida, abaixo do Sol, abraçada às pessoas, lapidando minha existência com os atritos presenciais, as surpresas imateriais dos acontecimentos. Dentro da minha pequenez, a natureza infinita e majestosa, respondendo aos erros da humanidade, reduziu-me ainda mais. Ou nós, humanos, nos reduzimos ao ponto de termos que morrer pra adubar a existência, se não engoliríamos a Terra antes mesmo que o Sol o faça quando se apagar. O paradoxo intergalático me gera um frisson batucante, somos seres tão fortes e tão frágeis - ao mesmo tempo - diante do Universo, como formiguinhas, com vidas curtíssimas, poderíamos ser um nada frente a isso. Mas descobrimos o que acontece no Universo, mesmo com nossa pequenez, o que se passa no Sol, como o Sistema Solar surgiu, entre tantas outras coisas que estão distantes de nós, impalpáveis, gigantescas e majestosas. Abstrações frutíferas, a arte do invisível que faz do ínfimo, infinito. A vida humana é mágica, tem densidade, uma densidade que faz de instantes, infinitos de significantes. Ela é potente, nossas gotas são intensas, marcantes, caudalosas. Por isso, apesar dos poucos anos diante do tempo do Universo, guardamos em nossas existências, universos. Isso me lembra Cora Coralina: "Não sei se a vida é curta, ou longa demais para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas." E mesmo diante das pequenas mortes, dos diversos cortes e privações - na redução, eu me infinitizo na fantasia, na imaginação, ou em cada ação do meu pequeno irmão e da minha grande mãe. Uso minhas lembranças como pó de pirlimpimpim e revisito os abraços, os sorrisos, as paisagens, meus amigos. Conto meus segredos para o céu, faço ele de abrigo, mesmo que entre as janelas, dos diferentes cubículos. Deixo a dor passar, nos infernais domingos, a angústia dos sábados ir pro ralo, junto às lágrimas dos instantes de martírio. Canto, atraindo equilíbrio, danço pra manter a inspiração comigo. E assim vou vivendo, nesse mundo pandêmico, viajando pelo universo nebuloso que se encontra no meu íntimo. Às vezes penso que ele - o mundo pandêmico - está me roubando a vida, mas ela está aqui comigo, uso minha memória de antídoto, a fantasia como reequilíbrio, e assim vou vivendo e morrendo, mas me reanimando de tempos em tempos. Usando o vídeo como ponte, as mensagens como ponches, amortecendo meu coração na ilusão tecnológica, que por muito tempo evitei, mas agora tenho que lhe dar corda. Sinceramente, não posso chamar isso que acontece de presente, também não chamo de

condenação. É, *está sendo* e eu me apoio no amuleto do invisível. Me arranco do futuro, desatolo-me do passado e brinco com o presente - meio embaçado. Faço desenho nos vapores, às vezes me perco nos atalhos... e fico no ir e vir, sem sair do meu quadrado. Ainda bem que minha mente pode ir, ainda que eu não dê nenhum passo.

**(Texto 23)**

Varanda

São seis da tarde, observo as ruas jogadas a verdade. Observo cruzamentos cheios de postes quebrados por saudade. Vejo na ponta, aquele menino que faz de conta que não viu a menina no lastre. É um conjunto tão único, mas repleto de tanta infelicidade. Infelicidade, mas que felicidade? Pontuo a feira de rua que tem colorido chamativo de bonito, mas que vibra tão forte o suor de quem atenta para a realidade.

Vejo arvores, esgotadas e secas, mas não de água. Vejo nuvens, nubladas e carregadas de tanto que necessitam de pouco. Parece que os carros correm das propagandas aceleradas, distribuídas nas calçadas, dos corpos detestáveis. Vejo a solidão, nas ruas cobertas de imperfeição, fazendo com que, quem esteja passando por cima daquele se ache melhor ou coberto de razão.

As calçadas são cobertas de pedras portuguesas, mas quem as ocupa, sentados com a bunda no chão, é um mosaico tão diferente de quem as criou.

E depois o que apenas resta sou eu, em um decimo terceiro andar qualquer, olhando a vazão, percebendo o desgastes das pessoas em questão. Claramente oposta, não exposta, mas, será que disposta? (R.N)

**(Texto 24)**

SANGUE MALDITO

o povo brasileiro carrega na pele o sofrimento de  
culturas assassinadas  
vivemos em cima de uma corda  
e na nossa história sou o assassino e o assassinado

como posso falar da colonização se sei que meus  
parentes vieram de Portugal  
e o país que tanto amo foi invadido por pessoas que  
tem o mesmo sangue que o meu?

as armas e as ideias dos meus ancestrais  
mataram nosso povo  
apagaram nossa cultura  
roubaram nossa terra

pq me sinto desconectada se não sou só eu?  
esse sangue maldito  
ele faz parte de todos nós (J.A.)

**(Texto 25)**

RAÍZES DO SOLO DESCALÇO<sup>108</sup>

Nasci com os pés descalços e tardei a descobrir o desejo do mundo de cobri-los. Nunca sucumbi! Ando colada no solo, no terreiro, na areia, penetro detalhes, diminuo barreiras e permito entrar o que nos conecta.

Ancestralidade se aprende onde? Não sei, mas suspeito que começa nos pés. Meus pais, nunca me obrigaram a andar calçada. Por mais que detalhe, sinto que isso diz de mim hoje. Quase como se desnudar minhas solas fosse um ato regressivo pro que há de mais puro e vivo em mim. O meu eu filhote, criança, bicho, de fê.

Cada toque dos meus pés no terreiro é um reconhecimento da sacralidade do espaço e da presença viva com os que vieram antes de mim. A sabedoria que esse passado guarda. A liberdade que meus antepassados buscavam ao comprar seus primeiros sapatos não estava no objeto em si, mas no que ele representava: a possibilidade de serem

---

<sup>108</sup> Texto de um/a estudante umbandista.

vistos como iguais aos seus  
colonizadores, de serem reconhecidos  
como seres humanos (com direitos).

Hoje, ao escolher caminhar descalça,  
celebro essa liberdade conquistada. Eu  
me despojo não apenas dos sapatos,  
mas também das amarras dos  
preconceitos e da superficialidade.  
Por isso, sigo descalça e faço minha casa  
onde o meu pé tocar. (P. V.)